



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PAULO JOSÉ NORBERTO ALVES

Catequese de Adultos: opções prioritárias
Um olhar sobre a realidade portuguesa e o seu itinerário
de renovação catequética

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga
2019

Agradecimentos

Ninguém vive nem se realiza isoladamente. Deste modo, cumpre-me, neste momento, deixar público agradecimento a todos aqueles que me acompanharam neste itinerário de formação e, de forma particular, prestaram um contributo essencial na realização desta dissertação.

Aos meus pais e irmãos, responsáveis primários pelo meu crescimento humano e cristão, expresso a minha gratidão pelo ânimo que me foram concedendo, especialmente nos momentos de maior incerteza.

Ao Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo e ao Seminário Diocesano de Viana do Castelo, nos quais tenho empreendido um itinerário de configuração a Cristo, agradeço todo o acompanhamento prestado, bem como o cuidado que tiveram em incentivar-me para não ceder perante as sombras que, por vezes, surgiram no caminho.

Aos meus colegas de Seminário e da Faculdade de Teologia, verdadeiros amigos e companheiros de viagem, que nunca deixaram de estar ao meu lado e, naquilo que lhes foi possível, foram prestando uma grande ajuda.

Um agradecimento muito afetuoso ao meu orientador, Cónego Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, cuja total disponibilidade e paciência para com as minhas falhas, assim como a prontidão sempre demonstrada em escutar e fornecer todo o auxílio, me conduzem a afirmar, com todo o merecimento, que, mais que professor, constituiu para mim um verdadeiro mestre e guia.

Por fim, a Deus, pois a Ele devo tudo o que de bom se possa encontrar nestas páginas. A Ele ergo o meu louvor, agradecendo-lhe por todas estas pessoas que Ele colocou no meu caminho. Que estas páginas sirvam para a Sua maior glória!

Resumo

Tendo presente a mudança sociocultural que afeta decisivamente a prática pastoral e, conseqüentemente, contribui para a falência do atual modelo catequético, aponta-se para a urgência de uma conversão pastoral que, assentando na evangelização, procure o estabelecimento da catequese de adultos, como forma de se procurar iniciar à vida cristã todos os cristãos e, por sua vez, revitalizar as comunidades cristãs. Neste sentido, pretende-se refletir sobre as opções prioritárias que contribuirão para a renovação da catequese, em contexto nacional, analisando-se as principais opções tomadas pela Igreja portuguesa nos últimos anos.

Palavras-chave: catequese; comunidade; família; adultos; iniciação cristã.

Abstract

Bearing in mind the sociocultural change that decisively affects pastoral practice and, consequently, contributes to the bankruptcy of the current catechetical model, we point to the urgency of a pastoral conversion that, based on evangelization, seeks the establishment of adult catechesis as a way to seek to initiate all Christians into the Christian life and, in turn, to revitalize Christian communities. In this sense, we intend to reflect on the priority options that will contribute to the renewal of catechesis, in a national context, by analyzing the main options taken by the Portuguese Church in recent years.

Keywords: catechism; community; family; adults; christian initiation.

Introdução

Parte-se do princípio de que «a catequese, “distinta do primeiro anúncio do Evangelho”, promove e faz amadurecer esta conversão inicial, educando a fé do convertido e inserindo-o na comunidade cristã» (DGC 72). Contudo, desde há algumas décadas que a prática catequética tradicional tem sofrido um processo de crise generalizada, a ponto de se declarar a sua falência, resultando ineficaz numa sociedade onde a fé assume cada vez mais um carácter irrelevante e, em não poucos casos, encontra-se alheia da vida e cultura hodiernas¹. Perante este cenário, urge repensá-la, tendo em conta o contexto sociocultural e eclesial atual, desafiando a ação da Igreja a conceber-se numa perspetiva evangelizadora, que abandone uma prática pastoral de conservação para adotar uma pastoral missionária², e que promova uma Igreja em saída, capaz de ir ao encontro dos homens e mulheres deste tempo, nos lugares em que se inserem e vivem.

Desta forma, a reflexão promovida ao longo dos últimos anos na academia acerca das profundas mutações socioculturais e o seu impacto na vida eclesial, explicam a opção desta dissertação, que procura debruçar-se sobre a urgência de uma renovação pastoral e catequética, buscando compreender de que maneira é que tal atitude poderá mover a Igreja lusa a sair da letargia em que se encontra, apontando-se a afirmação da catequese de adultos como a via para tal renovação, capaz de ir ao encontro de tantos batizados que, por diversas razões, se afastaram da fé. Como se depreendeu, a presente exposição circunscreve-se ao espaço português, contexto no qual vive e para o qual é chamado à missão o seu autor.

E porque centrada no contexto nacional, apresenta-se uma das propostas de concretização de catequese de adultos que, desde há alguns anos, tem sido discernida e adotada em muitas comunidades cristãs: trata-se da catequese familiar, realizada por ocasião da catequese de infância. Todavia, a escolha do tema também não possui um carácter totalmente inocente, uma vez que é motivada pelo facto de ter sido pensada e estruturada por um catequeta vianense, que, além de ser o território do qual é oriundo o autor, teve a feliz oportunidade de praticamente acompanhar – ainda que à distância – a sua aplicação e, conseqüentemente, de observar os efeitos positivos e os desafios que a mesma comporta para a renovação das famílias, em primeiro lugar, da catequese de infância e, conseqüente, da própria comunidade cristã.

Assim, ao longo desta exposição pretende-se compreender de que forma é que se poderá ultrapassar a crise com que atualmente se defronta o modelo catequético em voga na maioria das comunidades cristãs, o qual, por resultar cada vez mais ineficaz, não consegue gerar cristãos

¹ Cf. Vasco da Cruz Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011), 12.

² *Ibidem*, 12.

maduros na fé nem comunidades vivas, nas quais se respire viva a fé cristã. Por conseguinte, tem-se em vista sintetizar o pensamento catequético que tem sido desenvolvido em Portugal, desde a década de oitenta do século passado, com o objetivo de se compreender o caminho percorrido em torno da consciencialização de um novo modelo de catequese, e das perspectivas que têm sido estimuladas para a estruturação de catequese dinâmicas e vivenciais, nas quais, mais que uma comunicação de saberes, se procura transmitir a fé cristã na sua integralidade, com vista à geração de cristãos maduros na adesão a Cristo.

Por conseguinte, enquadrar a opção pela catequese familiar no seio da urgência de uma catequese de adultos constitui a temática do primeiro capítulo. Porém, para que tal opção possa ser bem compreendida, importa analisar os motivos que estão na origem desta proposta. Então, ter presente a progressiva situação de crise em que se encontra a prática tradicional de catequese obriga à sua contextualização, sendo que a sua falência se insere na dinâmica de uma profunda e progressiva mutação do ambiente sociocultural, cuja modificação afetou de forma decisiva a realidade familiar e a função educativa da comunidade cristã. Daqui advém a necessidade de, com olhar crítico e simultaneamente esperançoso, encetar um caminho de conversão pastoral das estruturas eclesiais que, assumindo uma linha evangelizadora, coloquem a catequese de adultos – principal forma de catequese – como um dos principais eixos de renovação da catequese, assente no pilar da comunidade eclesial. Consequentemente, a atenção à realidade familiar enquanto autêntico e essencial local de transmissão da vida cristã conduz a reflexão à proposta de catequese familiar.

De seguida, enceta-se uma abordagem a três linhas de reflexão de catequese de adultos, objeto do segundo capítulo. Pese o facto de que a dissertação se detenha no âmbito nacional, a observação e análise destas propostas – catequese intergeracional³, catequese do caminho e catequese generativa – terá como finalidade fornecer pistas que complementem o itinerário de reflexão catequética levado a cabo no capítulo precedente, ou seja, observar-se de que forma é que estas linhas de reflexão de catequese de adultos aportarão elementos novos que alavanquem o caminho de renovação que, embora já se tenha oficializado nos discursos eclesiais, apresenta-se nas diferentes realidades cristãs de forma ainda muito incipiente.

Finalmente, a dissertação encontrará o seu ponto fulcral na abordagem à Carta Pastoral *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, da qual se debruçará o terceiro capítulo. Indica-se a expressão *ponto fulcral* devido ao facto de se tratar do mais recente documento da Conferência Episcopal Portuguesa – CEP – em matéria de catequese. Desta feita, duas linhas

³ Embora se reflita sobre a obra da autora portuense Isabel Oliveira, a sua proposta enquadra-se no Terceiro Paradigma de Denis Villepelet, um catequeta francês.

orientadoras procurão nortear a reflexão. Por um lado, compreender-se a forma como este texto se insere na dinâmica dos mais recentes apelos do Magistério luso, ou seja, aquilo que se pretende residirá em estabelecer o fio condutor que, desde a visita do papa S. João Paulo II a Portugal, no ano de 1981, tem orientado os bispos portugueses no sentido da afirmação da necessidade de se encetar um caminho de renovação da prática pastoral e da catequese. Por outro lado, analisar as afirmações mais importantes da Carta Pastoral, por forma a que, em primeiro lugar, se consiga entrever o percurso de reflexão catequética percorrido em terras lusas – objeto de estudo do primeiro capítulo –; e, em segundo lugar, se tornem nítidas as influências das três propostas de concretização da catequese de adultos nos elementos estruturantes deste documento – temática abordada no segundo capítulo. Porém, esta análise, ao mesmo tempo que se debruça sobre os pilares fundamentais da catequese afirmados pelos bispos portugueses, pretenderá também perspetivar um pouco sobre alguns aspetos que precisarão de ser tidos em consideração, para que se leve a cabo um autêntico caminho de renovação da Igreja portuguesa.

Importa ainda mencionar que a busca por caminhos de renovação será tanto mais eficaz quanto mais os agentes de pastoral e de catequese se consciencializem de que a abertura ao Espírito é condição essencial e primordial para qualquer tipo de reflexão intelectual, convidando-os – assim como a todos os cristãos – a disporem-se às surpresas do Espírito, buscando nos pequenos sinais da sociedade e da vida eclesial a presença da vida divina⁴.

⁴ Cf. Marie-Agnès de Matteo e François-Xavier Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (Prior Velho: Paulinas Editora, 2016), 16-17.

1. A catequese familiar no contexto da renovação da catequese em Portugal

Nas últimas décadas tem-se assistido, em Portugal, a profundas mudanças culturais na sociedade, na família e na prática religiosa das pessoas, que trouxeram dificuldades crescentes à educação da fé⁵. Perante este cenário, urge uma renovação da pastoral, colocando a tónica na nova evangelização, na qual o anúncio missionário e a catequese, em concreto a dos adultos, constituem uma clara prioridade (cf. DGC 26). Porém, esta opção por uma catequese evangelizadora não necessita apenas de uma revisão do seu material de apoio, mas de uma revisão da própria conceção de educação cristã⁶. Na verdade, a catequese «corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão» (DGC 63), sendo que a catequese autêntica é aquela que faz uma «iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo» (CT 22), desenvolvendo, com o auxílio de Deus, uma fé ainda inicial (cf. CT 20).

É neste contexto de renovação da pastoral em Portugal que surge a urgência de uma renovação da catequese, passando-se de uma catequese doutrinal para uma catequese de iniciação à vida cristã, que tem como referência a inspiração catecumenal. Por conseguinte, reclama-se a urgência de uma catequese centrada nos adultos, em torno da qual se organizam as demais formas de catequese, com vista a formar cristãos maduros na fé, capazes de viver cristãmente inseridos num meio cultural alheio e, por vezes, hostil ao evangelho.

Deste modo, tendo em conta que a família é «o espaço ideal do acolhimento da vida, do crescimento harmónico, do desenvolvimento integral e da vivência do amor humano como reflexo do amor de Deus pela humanidade»⁷, conclui-se que a renovação da catequese da infância e adolescência nunca poderá ser eficaz se não envolver a família neste processo, razão que levou à opção por uma catequese familiar, com a qual se pretenderá dar um salto qualitativo, onde o centro de atenção desloca-se dos filhos para os pais, iniciando-se assim um autêntico processo de catequese de adultos, acreditando-se que esta garantirá, simultaneamente, uma melhor eficácia no processo da iniciação cristã dos filhos⁸.

Portanto, com este capítulo pretende-se, de forma sucinta, expor a proposta de catequese familiar em Portugal no contexto da urgência da catequese de adultos, por forma a responder à grave crise de transmissão religiosa que, fruto de inúmeras mudanças socioculturais nas últimas

⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” in *Documentos Pastorais*, vol. 6 (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã), 253.

⁶ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, “Educação Cristã, um itinerário para a vida,” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 5.

⁷ Comissão Episcopal da Educação Cristã, “Nota Pastoral ‘A Família, um bem necessário e insubstituível’,” *Pastoral Catequética*, n.º 6 (Setembro-Dezembro 2006): 8.

⁸ Cf. Vasco António da Cruz Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” *Pastoral Catequética*, n.º 21-22 (Setembro 2011): 163.

décadas, tem grassado por todo o país, levando os agentes de pastoral a questionarem-se sobre a forma como se poderá transmitir a fé numa sociedade que já não permite uma fé herdada no ambiente sociológico.

1.1. Crise do modelo catequético tradicional

Apesar dos ventos de secularização e das linhas de renovação pastoral afirmadas com o Concílio Vaticano II, a verdade é que «a realidade pastoral portuguesa está marcada por um estilo de pastoral que poderemos caracterizar de “tradicional” ou de “conservação” e de “cristandade”»⁹, cujos traços gerais consistem numa prática litúrgico-devocional; numa pastoral intraeclesial e centrípeta, sem cunho missionário e evangelizador; numa visão eclesiocêntrica e autossuficiente que se entende como a única detentora da verdade, preocupando-se com os seus interesses e adotando uma atitude de defesa para com o mundo e a cultura moderna, procurando responder a um mundo que já não existe¹⁰.

Aliada a esta visão pastoral encontra-se a catequese, ainda marcada pela fórmula adotada pela receção do Concílio de Trento, que se pauta por uma conceção intelectualista da catequese, vista como instrução religiosa¹¹, procurando responder à ignorância religiosa dos cristãos e à necessidade de conhecer as verdades necessárias à salvação. Neste contexto, a catequese de adultos é entendida como uma extensão da instrução doutrinal das crianças aos adultos, com a finalidade de formar bons cristãos praticantes, conhecedores da doutrina e dos deveres¹².

Portanto, este modelo de catequese baseia-se na instrução levada a cabo por um catequista na paróquia durante uma hora semanal, auxiliado por um catecismo, um método de assimilação e sob obrigação de assistência¹³. Tal catecismo apresenta-se de forma abstrata, conceptual, escolar e formal, desligado da vida dos catequizandos, em suma, consiste numa pedagogia que privilegia a inteligência a partir de formas e conteúdos estereotipados, em vez de se dirigir à pessoa no seu todo, com a finalidade de assegurar a comunicação da fé e a integração na vida eclesial¹⁴. No passado, a sua eficácia residia no facto de estar ao serviço da

⁹ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 67.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, 68.

¹¹ Cf. Emilio Alberich Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2001): 17.

¹² Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 55.

¹³ Cf. Enzo Biemmi, “O desafio do primeiro anúncio,” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 118.

¹⁴ Cf. Tiago Miguel Fialho Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2016), 108.

iniciação cristã, destinada às crianças com vista à preparação para receberem bem os sacramentos – sendo um círculo intermédio entre a família, na qual se respirava um ambiente pautado pelo religioso, e a paróquia –, eficácia que era assegurada pela paróquia, encarregada do cuidado das almas e organizada como um serviço público da religião para crentes¹⁵. Por seu turno, a paróquia desempenhava a sua missão porque se encontrava situada num contexto de cristandade, no qual o espaço social coincidia com o espaço religioso¹⁶.

Porém, em virtude de ser uma catequese de instrução para as crianças com vista à receção dos sacramentos, ela deixou de considerar os adultos – para os quais surgiu – e deixou de ser uma iniciação à vida cristã¹⁷. Por outro lado, trata-se de uma catequese reduzida à ação do catequista paroquial, constituindo uma espécie de ilha isolada da comunidade, da qual o catequizando não faz experiência¹⁸. Além disso, encontra-se afastada do ambiente familiar, uma vez que os pais delegam única e exclusivamente a formação de fé dos seus filhos na paróquia¹⁹, por considerarem esta tarefa reservada aos especialistas da comunicação religiosa, desconsiderando a sua responsabilidade²⁰.

Todavia, conforme já referido, a sociedade portuguesa tem sofrido profundas alterações nas últimas décadas, num processo contínuo, longe de terminar. Difunde-se um laicismo militante, diminui a prática dominical e a ignorância religiosa grassa na maioria dos batizados²¹. Face a esta realidade complexa, a pastoral tradicional de manutenção entra em crise e, com ela, o sistema clássico de catequese.

É certo que se foi procurando uma renovação, elaborando-se novos materiais catequéticos, nos quais se apostou no conteúdo, auxiliados pela psicologia e pela pedagogia²². Todavia, são muitos os problemas do modelo clássico de catequese da infância e da adolescência, entre os quais se podem ressaltar: a má escolha e formação dos leigos catequistas, sendo que muitos têm uma iniciação cristã reduzida – ou nem a completaram – e não se encontram maduros na fé, além de uma profunda ignorância em relação às verdades da fé; a

¹⁵ Cf. Biemmi, “O desafio do primeiro anúncio,” 119.

¹⁶ Cf. Biemmi, “O desafio do primeiro anúncio,” 119.

¹⁷ Cf. Vasco António da Cruz Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” in *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. L. M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017): 80.

¹⁸ Cf. Paulo Costa Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” *Pastoral Catequética*, n.º 15 (Setembro-Dezembro 2009): 86.

¹⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 72.

²⁰ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 15.

²¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 254-255.

²² Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 149.

deficiente formação dos presbíteros para a catequese e sua importância; a catequese demasiado escolarizada, que segue um programa rígido, centrado na aquisição de conhecimentos e uniformizante; a dificuldade em implicar a família; a concorrência da catequese com outros meios de comunicação – como os *media* e as atividades de tempos livres –; e a secundarização da catequese em muitas paróquias²³. Por outro lado, torna-se bastante difícil, senão impossível, comunicar uma experiência de fé numa hora semanal de catequese, geralmente intervalada entre as muitas atividades em que as crianças estão dispersas, não possuindo grande capacidade de escuta²⁴.

Consequentemente, torna-se cada vez mais difícil para a catequese ser atraente, credível e significativa, ao ponto de se falar da sua falência²⁵, uma vez que, terminados os dez anos de encontros semanais, não se fidelizam praticantes dominicais²⁶, o que evidencia que não se geram cristãos comprometidos com a fé que professam. Portanto, este ciclo de dez anos revela-se ineficaz, uma vez que não consegue uma vida de fé personalizada nem um compromisso cristão, além de não conseguir a inserção na comunidade²⁷, tratando-se de um processo de *conclusão* que termina com um conjunto de tradições religiosas ligadas à infância e condicionadas por práticas socioculturais²⁸. Segundo alertava D. José Policarpo, o facto de cerca de um terço dos batizados não viverem nem celebrarem a sua fé, e de muitos não serem crentes,

«convida-nos a reflectir sobre a facilidade com que se batizam as crianças e sobre a nossa incapacidade de ir ao encontro daqueles que baptizamos, para os introduzir numa verdadeira iniciação cristã, e encontrar caminhos missionários de anúncio de Jesus Cristo a esta multidão de batizados não crentes ou muito pouco crentes»²⁹.

Contudo, Enzo Biemmi alerta que o fracasso desta renovação se deve ao facto de se ter acreditado que se tratava apenas de um problema catequético, quando a questão era sobretudo eclesiológica. De facto, «o que está em causa é examinar e acionar uma nova mentalidade de Igreja na sua forma de estar no mundo e, consequentemente, um novo modelo de inculturação e de transmissão da fé»³⁰. Deste modo, vão-se procurar elencar, de forma muito sucinta, alguns

²³ Cf. José Cardoso de Almeida, “A catequese da infância e adolescência em Portugal,” *Pastoral Catequética*, n.º 5 (Maio-Agosto 2006): 144-145.

²⁴ Cf. Manuel Pelino, “Catequese e catecumenado pós baptismal,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2017): 11.

²⁵ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 148.

²⁶ Cf. Pelino, “Catequese e catecumenado pós baptismal,” 7.

²⁷ Cf. José Francisco Alves, “A pastoral da iniciação cristã – olhares sobre a realidade,” *Pastoral Catequética*, n.º 15 (Setembro-Dezembro 2009): 107.

²⁸ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 47.

²⁹ José da Cruz Policarpo, “Reforma catequética em Portugal,” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 63.

³⁰ Biemmi, “O desafio do primeiro anúncio,” 120.

aspectos que alertam para a urgência de superar o atual modelo de catequese, no interior de uma conversão pastoral e missionária (cf. EG 25) que, olhando para a realidade, a procure discernir à luz dos sinais dos tempos.

1.1.1. Um ambiente sociocultural desfavorável à transmissão da fé

Deve-se ter presente que se está «a viver uma viragem epocal, isto é, uma mudança de época e uma mudança de cultura que ainda não se apresenta com traços definidos, mas apenas em esboço»³¹, sendo a mobilidade a sua grande marca³². Diante destas profundas mudanças – culturais, sociais e territoriais –, tem-se insistido, em vários quadrantes – eclesiásticos, académicos, sociais – em utilizar o termo *crise* para caracterizar esta época. Todavia, afigura-se necessário precisar que, neste estudo concreto, este termo significa

«uma fase difícil na evolução das coisas, dos factos e das ideias ou, especificamente, como uma situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompendo padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade»³³.

Esta crise enquadra-se no contexto de uma sociedade ocidental, urbana, complexa e secularizada, marcada pelo processo de globalização. Tal processo, que anula as distâncias físicas e a pertença, cria a ilusão de se viver numa *aldeia global*, porém, são cada vez mais patentes os seus efeitos: a perda de ligação ao território e à comunidade na qual cada sujeito está inserido, a crise de uma real pertença e o aumento da solidão, levando a auferir que se ganha em extensão, mas perde-se em profundidade³⁴.

Perante esta definição, torna-se evidente que a atual realidade eclesial atravessa um período de notável crise, pautada pelo afastamento em massa das formas herdadas do cristianismo, as quais deixaram de responder às suas aspirações e se tornaram ilegíveis e até inacreditáveis, perdendo o seu sentido³⁵. De facto, a fé e a instituição eclesial passam por uma grave prova, dado o crescente antagonismo entre as expressões tradicionais da fé e a sua realidade ambiental, que tornam a fé questionável e desnecessária para a vida e desprovida de qualquer inteligibilidade, levando à perplexidade, rutura e desconcerto em relação à linguagem religiosa, que surge como restritiva e limitadora das aspirações pessoais³⁶, conduzindo a uma

³¹ António Santos Marto, “Pós-modernidade, retorno do religioso e evangelização,” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 17.

³² Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 75.

³³ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 19.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 21.

³⁵ Cf. André Fossion, “Anúncio e proposta de fé hoje,” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 50.

³⁶ Cf. André Fossion, “Catequesis y inculturación de la fe en el mundo occidental,” in *Nuevo Diccionario de Catequética. Volumen I*, ed. V. M^a Pedrosa, M^a Navarro, R. Lázaro e J. Sastre (Madrid: San Pablo, 1999): 347-348.

generalizada oposição em reconhecer as raízes cristãs das sociedades democráticas que, juntamente com uma mentalidade que rejeita ferozmente a autoridade, produz uma autêntica *cristofobia*³⁷. São, pois, variados os aspetos que evidenciam a rutura entre a expressão religiosa e o homem contemporâneo. Contudo, Vasco Gonçalves apresenta três mudanças verificadas na sociedade hodierna, as quais permitem entender porque é que o ambiente sociocultural se tornou um entrave à transmissão da fé.

1.1.1.1. Mudanças ocorridas na sociedade hodierna

Em primeiro lugar, tem-se o fenómeno da diferenciação e individuação. De uma configuração de comunidades concêntricas, a sociedade passou a organizar-se em torno de uma sociedade de indivíduos, na qual a religião deixou de constituir o seu grande princípio organizador, transformando-se em objeto de mera escolha individual³⁸. Esta sociedade é, pois, diferenciada, porque os seus sistemas tornaram-se autónomos, quase autorreferenciais, perdendo o centro organizador, isto é, o seu vínculo normativo forte, dilatando-se em vínculos mais débeis - como a flutuação, individualidade, mobilidades e capacidade de adaptação – que se tornam seus princípios constitutivos, resultando num pluralismo³⁹. E, em torno de uma sociedade pluralista, pluricultural, plurirreligiosa e secularizada, resultou o enfraquecimento do modelo tradicional da comunicação da fé, a que acresce o racionalismo e mentalidades científica e tecnológica⁴⁰.

A diferenciação dos sistemas da sociedade e a conseqüente individuação dos caminhos de realização pessoal são determinantes, uma vez que, ao afirmarem o valor absoluto da pessoa, a autonomia da consciência, a criatividade, a liberdade e o pluralismo dos projetos de vida, trazem uma mudança radical na vivência das relações identidade-pertença, tornando a adesão pessoal de fé personalizada, movediça, crítica ou indiferente a uma ordem normativa tradicional ou herança recebida⁴¹. Tal mentalidade é compreendida à luz do triunfo da razão, que fez o Homem acreditar que tinha obtido a sua autonomia total e assim ter o seu destino nas próprias mãos, deixando Deus fora da sua realização pessoal, que se torna inútil na vida humana e na

³⁷ Cf. Cristina de Sá Carvalho, “Uma leitura do mundo de hoje,” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 108.

³⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 22.

³⁹ Cf. *Ibidem*, 22-23.

⁴⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 258.

⁴¹ Cf. José Eduardo Borges de Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” *Pastoral Catequética*, n.º 36 (Setembro-Dezembro 2016): 40-41.

sua história⁴². Por outro lado, o pluralismo da sociedade e da cultura dificulta a adesão a uma tradição – e religião – em particular⁴³, uma vez que a formação é parcelar e fragmentária, e o indivíduo está envolvido pelo detalhe, relativo e passageiro, renunciando a qualquer projeto longo que comprometa a vida e requeira grande esforço de descoberta⁴⁴.

Por isso, esta diferenciação e individuação, que resulta num pluralismo, conduz a um drama humano, provocado pela ausência de um horizonte de eternidade, o único que anuncia a plena realização do Homem, levando a que o indivíduo hodierno viva o dia a dia, pensando no transitório e mudando de caminho sempre que lhe pareça conveniente⁴⁵. Por conseguinte, uma tal crise de pertença resume-se a um caminho e espaço de vazio, que se vai tornando um processo de esgotamento e de alienação, pois a possibilidade de escolher tudo de entre tudo rapidamente conduziu a que o sujeito ficasse, como nunca na História, refém de interesses imediatos e pouco humanizantes⁴⁶. Faltam, pois, «perspetivas de futuro»⁴⁷.

Um segundo aspeto que caracteriza a mudança epocal da sociedade consiste na secularização e nova religiosidade. Esta apresenta-se de diversas formas, mas com dois extremos: o laicismo militante, que procura a expulsão das instituições religiosas da vida pública; e o indiferentismo, no qual a religião não tem qualquer significado na vida do Homem⁴⁸. A secularização provocou uma erosão do património linguístico religioso do Homem contemporâneo, esvaziando de sentido todos os instrumentos que tornam viva a relação com Deus, desprovendo-se dos traços fundamentais que alimentam a fé e a identidade religiosa⁴⁹. Face a isto, tem-se assistido, nas últimas décadas, à segunda fase da secularização, isto é, se na primeira fase se procurou excluir a religião do espaço público, nesta fase tem-se a secularização da vida privada, sendo que os indivíduos afastam-se das formas herdadas de cristianismo, pelo facto de estas já não lhes fazerem sentido ou se lhes afigurarem ilegíveis, provocando um

⁴² Cf. José da Cruz Policarpo, “A conversão missionária da catequese. A situação dos fiéis e os desafios da missão hoje na Europa,” *Pastoral Catequética*, n.º 13 (Janeiro-Abril 2009): 26.

⁴³ Cf. André Fossion, “Anunciar o Evangelho nas categorias da cultura contemporânea,” *Pastoral Catequética*, n.º 16 (Janeiro-Abril 2010): 124.

⁴⁴ Cf. Luís Miguel Rodrigues, “Iniciação cristã, um serviço à vida,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 58-59.

⁴⁵ Cf. Policarpo, “A conversão missionária da catequese. A situação dos fiéis e os desafios da missão hoje na Europa,” 29.

⁴⁶ Cf. Cristina de Sá Carvalho, “A Catequese como fidelidade ao ser humano. De uma religião que se usa, para uma religião que se vive,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 37.

⁴⁷ Walter Kasper, “A Nova Evangelização,” *Pastoral Catequética*, n.º 24-25 (Setembro 2012): 89.

⁴⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 27.

⁴⁹ Cf. Luca Bressan, “O que é a Nova Evangelização?,” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 17.

afastamento massivo das instituições religiosas, das suas crenças e práticas, havendo, por isso, uma verdadeira rutura na transmissão da fé cristã⁵⁰.

Porém, o Homem da sociedade pós-moderna continua a ser religioso, surgindo «uma religiosidade difusa, cunhada com o cariz de tempos livres e passatempos e com o cariz emocional»⁵¹, sendo uma espiritualidade e mística que «regressam sobretudo como busca de sabedoria e busca de sentido»⁵². A este fenómeno dá-se o nome de *New Age*. Trata-se de uma espiritualidade holística, do *self*, a qual

«implica, por um lado, a concentração na experiência de si mesmo, em dimensões psicossomáticas diversificadas – com correspondentes práticas de autoexperiência; por outro lado, a experiência das relações com o exterior são sempre reconduzidas à questão fundamental da experiência de si»⁵³.

Portanto, neste tipo de expressão religiosa não se assiste a uma conversão ao Deus pessoal nem esta se move ao nível da razão, tratando-se sobretudo de uma iluminação interior, que pretende ser o conhecimento total do Homem, numa mística que se move mais ao nível da afetividade⁵⁴.

Neste contexto, impõe-se ao cristianismo, e à sua transmissão, três dificuldades: uma mentalidade materialista e pragmática; o imanentismo, consumismo, utilitarismo e hedonismo; e o relativismo, que nega toda a verdade e valores absolutos⁵⁵. Se, por um lado, as representações da fé cristã que permanecem são, frequentemente, estilhaçadas, caóticas e parciais, tornando-a ilegível⁵⁶; por outro lado, os catequizandos são profundamente influenciados pelo ambiente secular, que cria uma cultura alheia e estranha ao cristianismo na família e na sociedade, sendo que, à ausência de Deus se acrescenta um laicismo militante que pretende abolir os sinais religiosos e eliminar as expressões de fé da vida pública em nome da liberdade religiosa⁵⁷.

Por fim, o terceiro aspeto a salientar é a passagem do individualismo à centralidade no indivíduo. De facto, nesta nova forma de construir a identidade, coloca-se a subjetividade no centro, como forma de reagir ao pluralismo e policentrismo cultural e conseqüente relativismo de valores⁵⁸. Promove-se o individualismo ao plano do ideal, nunca atingido no passado, ao

⁵⁰ Cf. André Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” *Pastoral Catequética*, n.º 6 (Setembro-Dezembro 2006): 97.

⁵¹ Kasper, “A Nova Evangelização,” 96.

⁵² Marto, “Pós-modernidade, retorno do religioso e evangelização,” 25.

⁵³ João Manuel Duque, “Desafios contemporâneos ao Cristianismo,” in *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. L. M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 19.

⁵⁴ Cf. Marto, “Pós-modernidade, retorno do religioso e evangelização,” 26.

⁵⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 27-28.

⁵⁶ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 97.

⁵⁷ Cf. Manuel Pelino, “Catequese e catecumenado pós batismal,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 11.

⁵⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 31.

mesmo tempo que, paradoxalmente, se assiste à massificação das pessoas, graças aos *mass media*⁵⁹. Conforme refere João Manuel Duque,

«é uma espécie de articulação de um processo anónimo e ideologicamente neutro com a percepção inerente à perspetiva individualista. Ou seja, a precedência do sistema funciona, precisamente na medida em que dissimula essa precedência e, desse modo, transmite a cada indivíduo a impressão de ser único no mundo e de, por isso mesmo, não ser simples parte do sistema massificado»⁶⁰.

Como consequência do individualismo, tem-se a anulação do princípio de responsabilidade pelo outro e pelo mundo, dado que essa responsabilidade implica a responsabilidade da resposta perante um terceiro – tradicionalmente entendido como Deus –, sendo que, não havendo outra instância a responder pelo outro, tal resposta torna-se aleatória e dependente dos impulsos de cada um⁶¹. Além disso, o próprio ato de fé deixa de ser compreendido como uma resposta a uma alteridade, passando a ser assumido como uma realização autónoma da responsabilidade individual⁶². Consequentemente, o indivíduo autossuficiente foge das questões últimas da vida, ocupando-se com o urgente e o intenso, sendo que, para este, o acontecimento de Jesus não constitui uma boa notícia, e a proposta de doar a vida é-lhe incómoda e ameaçadora⁶³.

1.1.1.2. Porém, olhar a crise como um momento de evolução

Concluindo, Vasco Gonçalves resume deste modo o conjunto de ruturas verificadas na sociedade hodierna, que foram – e têm sido – entre: «*racionalidade e inteligibilidade da fé; as capacidades do homem e a consciência da sua fragilidade e a necessidade da ajuda de Deus; a liberdade e a responsabilidade; a mentalidade científica e a moral; o presente e o futuro definitivo do homem*»⁶⁴. É diante deste complexo contexto sociorreligioso que a transmissão cristã se esbate, vendo-se dificultada por uma *massa* crescente de catequizandos que, imersos nesta nova cultura, vivem na ignorância religiosa ou em profunda indiferença, sendo que muitos iniciam a caminhada catequética sem terem realizado o despertar religioso⁶⁵. Assim, a *crise da catequese* consiste precisamente em tratar-se da crise do seu exercício na transmissão da fé,

⁵⁹ Cf. Marto, “Pós-modernidade, retorno do religioso e evangelização,” 23.

⁶⁰ Duque, “Desafios contemporâneos ao Cristianismo,” 17.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, 13-14.

⁶² Cf. *Ibidem*, 14-15.

⁶³ Cf. Hélder Fonseca Mendes, “Catequese e transmissão da fé,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 28.

⁶⁴ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 224.

⁶⁵ Cf. Luís Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 53.

uma vez que esta deixou de se incarnar na história atual, de ler os sinais dos tempos e de ser colocada em prática, segundo o discernimento da fé⁶⁶.

Todavia, Edgar Morin adverte que o conceito de *crise* não possui apenas o significado de que *as coisas não vão bem* ou de que *está tudo mal*, podendo significar que a crise também comporta um aspeto *revelador*, ou seja, revela a força, a forma e a presença do que se encontra invisível em situações normais, sendo um *momento de verdade*; e, por outro lado, um aspeto *efector*, isto é, a evolução é concebida como um fenómeno marcado por descontinuidades e ruturas, e não apenas como um processo linear⁶⁷. Deste modo, se é verdade que o termo evoca incerteza, o certo é que é na medida em que tal incerteza existe que surge a possibilidade de ação, de decisão, de mudança e de transformação, logo, a crise é, ao mesmo tempo, um momento indeciso e decisivo⁶⁸.

Portanto, o sociólogo indica que em qualquer crise existe «um desbloqueio das actividades intelectuais, que se opera na formação de um diagnóstico, na correcção de um conhecimento insuficiente ou falseado, na contestação de uma ordem estabelecida ou sacralizada, na inovação e na criação»⁶⁹, ou seja, a crise possui uma ambiguidade radical, pois liberta simultaneamente forças de morte e forças de regeneração, criando condições favoráveis para o desenvolvimento de estratégias audazes e criativas⁷⁰. Deste modo, pode-se concluir que o cristianismo participa nesta transformação, ou seja, assiste-se à crise de um certo cristianismo, o que não significa o fim da fé cristã, pois esta encontra-se em reconstrução e reconfiguração, estando-se diante de uma situação simultaneamente incómoda e cativante, entre um mundo que morre e um mundo que nasce⁷¹.

1.1.2. Crise do papel transmissor da família

Tem sido frequente apontar, especialmente no espaço europeu, para uma *crise da família*, refletindo-se sobre inúmeros problemas que afetam o desenvolvimento da vida familiar, tais como: as famílias disfuncionais, situações problemáticas e, muitas vezes,

⁶⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 215.

⁶⁷ Cf. Edgar Morin, *Sociologia*, trad. Maria Gabriela de Bragança (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1984), 114. O autor aponta, mais à frente na sua obra, para a necessidade de se «pôr em crise a noção de crise» (página 116), dada a enorme carga negativa que lhe é atribuída e a generalização do seu uso.

⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 115.

⁶⁹ *Ibidem*, 121.

⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 122-123.

⁷¹ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 96.

dramáticas⁷². No entanto, nesta exposição, aborda-se a expressão «crise da família enquanto via e caminho no âmbito da transmissão na educação da fé»⁷³.

Na realidade, tem-se assistido a uma progressiva quebra da transmissão religiosa no seio da família, sendo que, em muitos casos, a fé já não passa de pais para filhos ou, então, impede-se a sua transmissão⁷⁴. De facto, vai-se assistindo a um crescente número de famílias que vive distante ou alheio da tradicional prática cristã, não frequentando a comunidade cristã, não batizando os filhos, não se empenhando na transmissão da fé nem em inculcar os valores evangélicos⁷⁵, concluindo-se que em muitas famílias já não se *respira* a fé, embora haja, da parte de muitos progenitores, a preocupação em inscrever os seus filhos na catequese⁷⁶. Deste modo, enunciar-se-ão, sucintamente, partindo de Emilio Alberich, alguns dos problemas que descrevem este processo crescente de quebra da transmissão da fé na família.

Em primeiro lugar, convém ter presentes alguns dos problemas estruturais que muitas famílias atravessam. Fruto da expansão do individualismo e do relativismo, as famílias também sofrem profundas mutações, assumindo especial preocupação: o progressivo aumento de separações e divórcios, a descida da taxa de nupcialidade, o aumento do número de abortos e o aumento do número de formas atípicas ou alternativas de convivência sexual – como casais em uniões de facto, famílias monoparentais, casamentos homossexuais, entre outros –⁷⁷. Este aumento de famílias desestruturadas afeta o desenvolvimento humano integral do casal, incluindo a sua dimensão espiritual e religiosa, além de prejudicar a formação da personalidade e da sociabilidade dos filhos⁷⁸.

Por outro lado, tem-se observado uma dupla mutação estrutural na família: «por um lado, o eixo conjugal, mais igualitário, mas também mais precário; por outro, o eixo filial, marcado por maior proximidade, mais comunicação e partilha de direitos, mas igualmente afetado por um decréscimo alarmante de autoridade»⁷⁹. De facto, a opção pelos valores afetivos, em detrimento dos formativos, conduziu a um *puerocentrismo*, isto é, a uma situação em que a

⁷² Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 18.

⁷³ Manel del Campo Guilarte, “A família e o despertar religioso dos filhos,” *Pastoral Catequética*, n.º 7 (Janeiro-Abril 2007): 31.

⁷⁴ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 22.

⁷⁵ Cf. Manuel Madureira Dias, “Iniciar na fé (fazer discípulos) com a intervenção da família,” *Pastoral Catequética*, n.º 15 (Setembro-Dezembro 2009): 99.

⁷⁶ Cf. José Policarpo, “Catequese num mundo em mudança,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 15.

⁷⁷ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 18-19.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 19.

⁷⁹ Cristina Sá Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007), 88.

criança ocupa o posto central, gozando de níveis de decisão por norma reservados aos adultos⁸⁰. Também se assiste, em muitas situações, ao fenómeno de pais *adolescentes*, desprovidos de um modelo de vida plano e orgânico, provocando uma dependência afetiva dos filhos que torna a adolescência um processo infundável, ao mesmo tempo que conduz a uma emancipação cultural precoce das crianças e adolescentes face a comportamentos e convicções dos pais⁸¹. As crianças e adolescentes não conseguem obter de pais *adolescentes* um correto acompanhamento e educação. Tal mentalidade é potenciada pelo mercado que, procurando um cliente livre de responsabilidades para nele criar novas necessidades de consumo, potencia a figura humana com traços adolescentes, em busca da sua identidade e que se realiza em afetos parcos, de teor individualista e narcísico⁸². O que se tem são famílias marcadas pelo culto do sujeito e pela ausência de projetos coletivos⁸³.

Por conseguinte, a partir destes problemas estruturais, torna-se mais fácil entender a atual crise da função educadora e, sobretudo, da transmissão da fé da família – segundo aspeto apontado por Alberich –, que afirma tratar-se de uma «situação deficitária que se pode qualificar de “silêncio educativo”, de “silêncio adulto”, de “absentismo pedagógico” preocupante»⁸⁴. Deve-se ter presente que as mudanças socioculturais, nomeadamente a secularização da cultura e a paganização dos costumes, influenciam fortemente as famílias, que estão a sofrer um processo de erosão, o que dificulta a educação dos filhos, notando-se uma crescente indiferença religiosa e, em muitos casos, a ausência de expressões de fé e de sinais religiosos⁸⁵, conduzindo a uma cosmovisão fechada à transcendência, que resulta, muitas vezes, num obstáculo e até predisposição contra o religioso, impossibilitando a catequese ordinária da infância⁸⁶, uma vez que a fé não entra no quotidiano da vida.

Por isso, o processo de socialização religiosa próprio da família deixou de funcionar, dado que os pais vivem afastados e desinteressados da fé, a ponto de se ter tornado para muitas crianças e adolescentes «uma escola de indiferença e de silêncio religiosos»⁸⁷. Todavia, esta situação denuncia um grande paradoxo: mesmo possuindo as condições para uma educação humana e cristã, as famílias revelam-se incapazes e portadoras de um silêncio educativo⁸⁸. Isto revela que, apesar de não faltarem condições materiais às crianças, falta o carinho e a

⁸⁰ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 21.

⁸¹ Cf. Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” 90-91.

⁸² Cf. *Ibidem*, 82-83.

⁸³ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 19.

⁸⁴ *Ibidem*, 20.

⁸⁵ Cf. Carvalho, “Uma leitura do mundo de hoje,” 112.

⁸⁶ Cf. Guilarte, “A família e o despertar religioso dos filhos,” 32.

⁸⁷ Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 23.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 36.

comunicação dos pais, que é o aspeto mais importante na sua educação e que será determinante na estruturação da personalidade⁸⁹.

Em terceiro lugar, observa-se que, por um lado, existe um terrível e preocupante silêncio educativo, por outro lado, vai-se reparando numa situação muito habitual na maioria das famílias, que consiste em delegar exclusivamente a terceiros a formação cristã dos filhos. Na verdade, trata-se de um problema central para a transmissão da fé: «a família delegou a catequese na paróquia e nos catequistas»⁹⁰, situação que impede o exercício da transmissão da fé, porque, ao reservá-la para quem consideram ser os especialistas, ou seja, os catequistas e presbíteros, os pais isentam-se dessa responsabilidade⁹¹, impossibilitando a encarnação da fé cristã nas crianças, pois esta, não sendo vivida, nunca será significativa nas suas vidas. Aliás, sendo a família a primeira comunidade de comunicação da fé e o lugar da iniciação cristã, esta função é cada vez mais rara, sendo que uma grande percentagem de crianças inscritas na catequese paroquial ainda não teve o primeiro anúncio⁹².

Por fim, e não de menor importância, aponta-se um quarto aspeto preocupante, que consiste nas deficientes respostas dos agentes de pastoral a estas questões. Por um lado, os agentes da catequese ordinária da infância não podem supor o despertar religioso na criança que inicia a catequese paroquial⁹³. Por outro lado, a comunidade de fé – e a catequese – tem de se abrir às famílias, auxiliando-as e criando condições para a existência de momentos de convívio, de vivência humana e de fé, não as devendo abandonar perante os seus inumeráveis problemas e esforços, tais como os económicos, amorosos e educativos⁹⁴. Porém, tais iniciativas implicam que se perca o medo de trabalhar com as famílias, um problema de muitos agentes pastorais, que frequentemente preferem trabalhar sozinhos, por se sentirem desconfortáveis em se relacionar com as famílias, criando um circuito fechado de desinteresse-isolamento-temor, imbuindo-se da ideia – que serve como mecanismo de fuga –, de que os catequizandos serão melhor educados se isolados da influência familiar⁹⁵.

Outra contradição pedagógica na atual prática pastoral e catequética consiste no facto de esta se concentrar no período da segunda infância – 8-14 anos –, ignorando os períodos mais

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 20.

⁹⁰ Juan Ignacio Rodriguez Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” *Pastoral Catequética*, n.º 6 (Setembro-Dezembro 2006): 116.

⁹¹ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé*, 15.

⁹² Cf. Policarpo, “Reforma catequética em Portugal,” 65.

⁹³ Cf. Enrique Carbonell, “O despertar religioso ou do sentido de Deus. Descrição e educação,” *Pastoral Catequética*, n.º 7 (Janeiro-Abril 2007): 52.

⁹⁴ Cf. Cristina Sá Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 34.

⁹⁵ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 38.

decisivos do desenvolvimento educativo, que são precisamente a primeira infância – 0-6 anos –, e o começo da adolescência e da vida adulta⁹⁶.

Assim, deve-se ter presente que a atual situação de crise que muitas famílias atravessam – muitas delas em situações problemáticas e até dramáticas –, acarreta a crise da função educativa dos pais e quebra a transmissão dos valores humanos e cristãos aos filhos. Existe, por isso,

«um real risco de estabelecimento de um ciclo de reprodução do empobrecimento na fé, uma vez que a experiência de fé, e a criadora força do cristianismo, dos actuais adultos, estão de tal forma depauperadas que não reúnem argumentos suficientes para passarem às gerações seguintes»⁹⁷.

1.1.3. Crise da função educativa da comunidade

Este é o terceiro elemento que permite compreender a falência do modelo tradicional de catequese. Na verdade, o trabalho realizado ao longo da catequese de iniciação resulta ineficaz por, além do ambiente sociocultural adverso e da crise de transmissão na família, não existirem comunidades adultas que consigam chamar, acolher e integrar os catequizandos⁹⁸. De facto, «muitas das carências que hoje se observam nas nossas catequese são fruto da ausência de autênticas comunidades cristãs»⁹⁹. Portanto, sem uma comunidade cristã que viva a sua fé, não é possível que a catequese da infância e adolescência resulte eficaz¹⁰⁰.

No entanto, a relação das comunidades cristãs – comumente identificadas com as paróquias – com o meio social envolvente sofreu profundas alterações nas últimas décadas, tornando-se, em muitos locais, uma minoria em vias de envelhecimento, relegada para segundo plano e acantonada no seu próprio espaço, ocupando-se da liturgia e da transmissão da fé, ao mesmo tempo que vai perdendo capacidade de intervenção nas grandes questões da sociedade e de influência nas tomadas de decisão e nos dinamismos do meio social em que se inserem¹⁰¹.

De facto, uma das questões centrais na problemática, e consequência do individualismo levado ao extremo, encontra-se na ausência de afeição para com a Igreja e, conseqüentemente, para com a comunidade local. Muitos têm uma concepção deturpada do que é a comunidade eclesial, havendo muitos batizados que não a concebem como essencial para a vivência da sua

⁹⁶ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 37.

⁹⁷ Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 33.

⁹⁸ Cf. António Coelho de Carvalho, “Catequese de adultos,” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 50.

⁹⁹ Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 49.

¹⁰⁰ Cf. António Braga, “Identidade e diferença na Catequese,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 24.

¹⁰¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 194.

fé¹⁰². Consequentemente, verifica-se que a instituição paroquial tem sido encarada por muitos numa lógica de terciarização, isto é, de *serviço público de religião*, sendo procurada para certas ações rituais que ritmam o percurso da identidade dos indivíduos, e para as iniciativas que respondem a necessidades educativas da família¹⁰³.

Sob este ponto de vista, a atual prática de catequese apresenta inúmeras lacunas, que provocam esta ausência de sentido comunitário: muitas práticas consistem numa mera sensibilidade religiosa e vago anúncio de Jesus Cristo e da mensagem cristã, com omissões graves, nomeadamente da pertença a uma comunidade de batizados; existe uma preocupação unilateral em privilegiar a metodologia em vez de se sintonizar com a situação pessoal e cultural dos catequizandos; a pedagogia nem sempre está fundada na pedagogia da revelação; as comunidades ainda não adotaram a catequese de inspiração catecumenal como processo de iniciação cristã; e assiste-se a uma deficiente formação dos agentes da catequese¹⁰⁴. Na realidade, existem muitos catequistas que necessitam de completar a iniciação cristã, sob pena de se confiar a transmissão da fé a quem não a vive de forma madura e comprometida¹⁰⁵, o que, acrescentado à persistência de uma forte conceção clerical da paróquia, conduz a que o catequista se entenda numa posição subalterna de auxiliar do pároco, notando-se uma fraca ligação dos catequistas com a comunidade e da comunidade com os catequistas¹⁰⁶. Desta forma, depreende-se facilmente a ausência da dimensão comunitária nos catequizandos, lacuna que prejudica seriamente a sua vida de fé.

1.2. Urgência da catequese de adultos

O atual cenário religioso exige uma autêntica mudança nas práticas pastorais da Igreja no mundo ocidental e, no caso em estudo, em Portugal. O filão central, em torno do qual se iniciou esta reflexão, é o conceito de mobilidade, isto é, as profundas mudanças territoriais, sociais, culturais e psicológicas ocorridas nas últimas décadas, que conduziram a uma mudança de mentalidade, muitas vezes contrária às exigências da vida cristã, levando a concluir que o evangelho, apesar de continuar a ser anunciado, não consegue incarnar na vida das pessoas, ou

¹⁰² Cf. Manuel Queirós da Costa, “Comunidade cristã: sujeito, ambiente e meta da catequese,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 116.

¹⁰³ Cf. Alfredo Teixeira, “A instituição paroquial num contexto de ultra-urbanidade,” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 100.

¹⁰⁴ Cf. Costa, “Comunidade cristã: sujeito, ambiente e meta da catequese,” 116.

¹⁰⁵ Cf. Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” 87.

¹⁰⁶ Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1997), 23.

seja, não é eficaz¹⁰⁷. Logo, indicar-se a necessidade de uma reforma do atual modelo catequético não significa levar-se a cabo uma mudança da mensagem catequética, apesar de que esta possa impor uma renovação das pedagogias e das linguagens¹⁰⁸. Então, é preciso uma reforma mais ampla e profunda, não apenas da catequese, mas de toda a pastoral da Igreja, ou seja, torna-se urgente a opção por uma *nova evangelização*, centrando a pastoral no anúncio missionário e na catequese, sobretudo aos jovens e aos adultos (cf. DGC 26).

Portanto, vai-se avançar a reflexão, agora em torno da urgência de uma renovação da catequese, sob a convicção de que «o contexto vital, onde se procura repensar a catequese, é a nova consciência eclesial emergente da *opção evangelizadora*. Num mundo em mudança, a catequese de adultos é assumida claramente como elemento essencial e determinante na evangelização»¹⁰⁹. Em linha com o Magistério, torna-se patente que a catequese dos adultos, dado ser dirigida a pessoas capazes de uma adesão e compromissos responsáveis, é considerada a principal forma de catequese, sendo que as demais formas, como as catequese da infância e adolescência, têm nela o ponto de referência e para ela estão orientadas (cf. DGC 59). Deste modo, pretende-se compreender a catequese de adultos no contexto de mudança do modelo pastoral¹¹⁰, tendo em consideração três elementos centrais que, constituindo em si um modelo integrativo, permitem compreender esta perspectiva: a conversão pastoral exigida, que conduz a uma opção evangelizadora; a catequese de adultos como elemento essencial da evangelização; e, por fim, mas não de menor importância, a comunidade cristã como o ambiente legítimo da catequese de adultos.

1.2.1. A opção pela evangelização

André Fossion indica que não se pode fugir nem descartar o mundo e a sua cultura que, apesar de se encontrarem em crise, encerram os recursos promissores, alertando que toda a cultura é evangelizável, isto é, mesmo diante do secularismo e indiferença religiosa, continua bem presente a disposição para *re-entender* o evangelho de uma maneira nova¹¹¹.

Esta afirmação permite compreender a urgência de uma conversão pastoral, na escuta do que têm sido os mais recentes apelos do Magistério (cf. EG 25)¹¹²: perante a falência do

¹⁰⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 84.

¹⁰⁸ Cf. Policarpo, “Catequese num mundo em mudança,” 13.

¹⁰⁹ Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 574.

¹¹⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 307.

¹¹¹ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 98.

¹¹² No caso português, destaca-se Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral dos Bispos de Portugal ‘Como eu vos fiz, fazei vós também’. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal,” *Documentos Pastorais*, vol. 7 (Moscavide: Secretriado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2011).

modelo tradicional de catequese, e uma mentalidade que torna a fé irrelevante e até alheia à cultura e vida, advém o desafio de repensar a ação pastoral da Igreja numa perspectiva evangelizadora, o que implica a passagem de uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária¹¹³. Desta forma, todos os cristãos são convocados à missão, sendo que esta tem de, no pensamento do papa Francisco, relacionar-se com todos os âmbitos da vida eclesial, fazendo que a ação missionária não se reduza a uma mera ação programática, mas se torne o paradigma de toda a atividade da Igreja (cf. EG 20).

Nessa linha, a *Evangelium Gaudium* sugere que a passagem para uma Igreja missionária se alicerce em duas dimensões fundamentais: por um lado, uma Igreja *em saída*, indo ao encontro das periferias existenciais; e, por outro lado, que consiste no querigma do anúncio evangelizador, que se centra no amor salvífico de Deus manifestado em Cristo morto e ressuscitado¹¹⁴. Trata-se, portanto, de uma ação eclesial que não pressuponha a fé, mas que aposte decisivamente numa opção missionária ao serviço da conversão e da personalização da fé, sendo uma pastoral evangelizadora e missionária, centrada na proposta da fé, e, ao mesmo tempo, uma pastoral capaz de gerar novos cristãos, isto é, que pretenda promover um novo modelo de cristão, um novo modelo de comunidade cristã e um projeto renovado de Igreja¹¹⁵.

Por conseguinte, uma pastoral assente na evangelização não se prende na mera repetição dos modelos tradicionais, encerrados em hábitos e tradições, nem se limita a uma atitude de condenação e de culpabilização do mundo e da sua cultura, num estilo de contraposição e de procura de reconquista do espaço perdido¹¹⁶. Contudo, para se compreender esta opção fundamental, é necessário entender o significado do conceito de evangelização. Partindo de João Manuel Duque, evangelização significa «um determinado *modo de ação* ou comportamento quotidiano que introduz, na vida do mundo, um estilo de vida segundo o evangelho e, dessa forma pragmática, contribui para a configuração do mundo de acordo com esse evangelho»¹¹⁷. Portanto, evangelizar significa para a Igreja fazer do Evangelho a sua razão de ser e, ao mesmo tempo, renovar o entusiasmo no anúncio, procurando fazê-lo numa fidelidade renovada e criativa¹¹⁸.

¹¹³ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 12.

¹¹⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*, 98-102.

¹¹⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 79-80.

¹¹⁶ Cf. José Henrique Pedrosa, “Catequese evangelizadora,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 39.

¹¹⁷ João Manuel Duque, “A Família como fermento evangelizador da sociedade,” *Pastoral Catequética*, n.º 36 (Setembro-Dezembro 2016): 67.

¹¹⁸ O autor descreve, nesta citação, a expressão “nova evangelização”, muito presente nos pontificados de S. João Paulo II e de Bento XVI, que significa, essencialmente, uma reevangelização de zonas que, outrora profundamente cristãs, atravessam desde há décadas uma vaga de secularização, especialmente no mundo ocidental. Porém, o Papa Francisco tem utilizado a expressão “Igreja em saída missionária”. Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*, 97.

De facto, viver como cristão consiste em viver plenamente a sua pertença à história, considerada por Enzo Biemmi como o local do culto cristão¹¹⁹. Precisando a sua definição, João Manuel Duque apresenta o processo evangelizador como uma *fermentação do mundo*, ou seja, um processo onde uma ou mais pessoas, na sua vida e relações quotidianas, se fermentam segundo o evangelho e, conseqüentemente, fermentam o contexto em que vivem¹²⁰. Apenas deste modo se poderá anunciar o evangelho e construir a Igreja numa sociedade desenquadrada dos valores e da compreensão da vida cristãos.

Para que tal aconteça, é necessário que o evangelizador seja primeiro evangelizado, ou seja, o evangelho tem de se tornar eficaz nele para que se torne, posteriormente, eficaz nos seus ouvintes¹²¹. Por outras palavras, o primeiro requisito é a convicção de fé do evangelizador e o entusiasmo com que anuncia e testemunha¹²². A sua tarefa fundamental consiste em compreender e acompanhar as resistências à fé daqueles a quem a anunciam, de modo a remover os obstáculos e a possibilitar as melhores condições para que a fé seja possível, credível e acreditável¹²³. Deste modo, a evangelização acontece, não pela simples transmissão de conteúdos, mas pelo serviço que os cristãos prestam ao mundo, a ponto de impregnar o evangelho na sociedade¹²⁴.

A centralidade na evangelização comporta algumas exigências. A nível eclesiológico, precisa-se de superar o modelo eclesiocêntrico para se fomentar uma Igreja missionária, presente no mundo para o servir e testemunhar a fé; por sua vez, a nível pastoral, urge preocupar-se com o serviço a todas as pessoas, valorizando-se a evangelização através do serviço e da fraternidade, levando a repensar a ação eclesial *ad intra*, que, ao invés de se preocupar com o ideal do fiel praticante, se preocupa em promover um crente adulto e sensível à dimensão social da fé, através do amadurecimento e testemunho da fé¹²⁵. Conforme refere Enzo Biemmi,

«trata-se de um verdadeiro êxodo para a comunidade cristã: uma passagem da linguagem, da organização e da proposta intra-eclesial a uma linguagem laica, a uma desorganização da nossa pastoral auto-referencial com vista a uma reorganização sobre os tempos e os ritmos da vida humana, a uma proposta da fé que toque as necessidades da vida das pessoas»¹²⁶.

¹¹⁹ Cf. Enzo Biemmi, “Crer como adultos, hoje. Desafios teológicos e catequéticos para os cristãos e as comunidades adultas na fé,” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 150.

¹²⁰ Cf. Duque, “A Família como fermento evangelizador da sociedade,” 67.

¹²¹ Cf. Manuel Madureira Dias, “O Catecumenado e a renovação da educação cristã,” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 78.

¹²² Cf. *Ibidem*, 79.

¹²³ Cf. Fossion, “Anunciar o Evangelho nas categorias da cultura contemporânea,” 113.

¹²⁴ Cf. Dominique Rey, “A Nova Evangelização,” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 38.

¹²⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 87.

¹²⁶ Enzo Biemmi, “A catequese, os catequistas e os desafios da secularização,” *Pastoral Catequética*, n.º 20 (Maio-Agosto 2011): 28.

Deste modo, a evangelização, que é tarefa conatural da própria Igreja, a sua razão de ser¹²⁷, exprime-se nestes métodos de adaptação, testemunho e diálogo respeitoso, tendo como principal sujeito o Espírito Santo¹²⁸. É sob os horizontes da graça, da gratuidade e da liberdade, que a evangelização se torna possível na atual sociedade, permitindo um cristianismo que aceita a sua morte sociológica e à Igreja deixar de procurar reconquistar os espaços perdidos, tornando-a «gratuitamente missionária e graciosamente evangelizadora»¹²⁹.

Esta opção pela primeira evangelização, que permita ir ao espaço da cultura onde os homens vivem, apontando caminhos de vida cristãos, exige criatividade pastoral nas várias formas de presença, serviço e de iniciativas que visem esta exigente tarefa de propor o primeiro anúncio¹³⁰, que consiste «nos enunciados da fé cristã, sob as formas variáveis, que, em contextos determinados, favorecem e tornam possíveis os primeiros passos na fé entre aqueles e aquelas que estão afastados dela»¹³¹.

1.2.2. Catequese de adultos no contexto da opção evangelizadora

A opção pela evangelização, isto é, o salto para uma Igreja em saída missionária, enquanto missão essencial da Igreja, traz consigo a catequese de adultos como um dos motores do processo de renovação da pastoral, a qual constitui o momento essencial e determinante no processo evangelizador¹³². Esta urgência tem sido afirmada desde o Concílio Vaticano II, significando o desejo, perante o atual ambiente de incredulidade e secularização, não apenas de uma catequese aos adultos, mas sobretudo de uma catequese adulta¹³³. Dado tratar-se de sujeitos livres e maduros, que se interrogam sobre o sentido da vida e que procuram respostas, além de possuir capacidade para viver a mensagem cristã de forma totalmente desenvolvida, a catequese de adultos consiste na principal forma de catequese¹³⁴.

Por conseguinte, a catequese insere-se no processo de evangelização, intimamente relacionada com os elementos e etapas deste processo, ou seja, a catequese constitui um período

¹²⁷ Cf. José Nunes, “Evangelização – Tarefa de ontem, hoje e sempre,” *Pastoral Catequética*, n.º 5 (Maio-Agosto 2006): 19.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, 25.

¹²⁹ Biemmi, “A catequese, os catequistas e os desafios da secularização,” 30-31.

¹³⁰ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 98.

¹³¹ Andre Fossion, “A conversão missionária da catequese. Proposta da fé e primeiro anúncio,” *Pastoral Catequética*, n.º 13 (Janeiro-Abril 2009): 145.

¹³² Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 79.

¹³³ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 57-58.

¹³⁴ Cf. Maria Helena Calado Pereira, “Catequese de Adultos,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 57.

intensivo da evangelização, sendo um ensino elementar, orgânico e sistemático sobre o mistério de Cristo, ou, por outras palavras, uma iniciação cristã integral que se abre a todos os âmbitos da vida cristã, desde a profissão de fé aos sacramentos e ao apostolado¹³⁵. Deste modo, a catequese de adultos encontra-se na base da renovação da catequese em Portugal, pois, conforme realça o Diretório Geral da Catequese – DGC –, esta, por ser dirigida a adultos, ou seja, a pessoas capazes de uma adesão e compromisso responsáveis, constitui a principal forma de catequese, para a qual todas as outras formas estão orientadas, encontrando nela o seu ponto de referência (cf. DGC 59). Em virtude disso, uma comunidade cristã nunca poderá ter uma catequese de adultos sem a participação direta e experimentada dos adultos, sejam eles seus destinatários ou promotores (cf. CT 43).

Tal ação catequética tem de ter como base as reais interrogações dos adultos, o que implica considerá-los como adultos a partir da sua situação concreta, isto é, a sua história pessoal, para daí a poder iluminar a partir do evangelho¹³⁶. Além disso, o seu itinerário deve evitar a tentação de ser exaustivo, procurando centrar-se no essencial do mistério cristão¹³⁷. Por outro lado, dado serem seus objetivos principais o amadurecimento da fé e a formação de comunidades cristãs adultas, a catequese possui um caráter permanente, acompanhando as fases da vida humana, nas quais se confronta com as experiências de cada um e procura iluminar os seus problemas¹³⁸.

Assim, a catequese de adultos tem como meta a maturidade cristã, procurando, para tal, ter em conta os seguintes objetivos prioritários: ter o apelo à conversão como ponto de partida para um caminho de fé; aprofundar os conhecimentos da fé de forma sintética que permitam ao adulto interpretar a sua vida a partir da fé; possibilitar uma interiorização e amadurecimento das atitudes de fé, realçando-se o sentido de pertença adulta e responsável na Igreja; educar para as diversas formas de vida e de ação na Igreja; e educar para o compromisso cristão nos âmbitos de vida do adulto – tais como a família, o trabalho e a vida social e política¹³⁹. Por outras palavras, a catequese será tanto mais eficaz quando, a par da palavra anunciada, ofereça a palavra vivida, residindo nesta relação a força interpeladora da evangelização¹⁴⁰.

¹³⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 211.

¹³⁶ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 88.

¹³⁷ Cf. Maria Helena Calado Pereira, “Catequese de Adultos,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 63.

¹³⁸ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 44.

¹³⁹ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 88-89.

¹⁴⁰ Cf. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, “A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 71.

Tendo presentes estas características, Vasco Gonçalves alerta que o termo *catequese de adultos* não significa uma extensão da catequese infantil e adolescente, nem uma única proposta, mas sim uma ação constituída por inúmeros itinerários diferenciados, por forma a respeitar o complexo mundo dos adultos¹⁴¹. Neste sentido, define-a como «um processo de formação cristã sistemático e integral, embora de carácter básico e com uma duração definida»¹⁴². Trata-se, portanto, de uma iniciação à vida cristã, que tem o catecumenado como protótipo e modelo de referência.

1.2.2.1. Iniciação à vida cristã

Tendo presente que a fé já não é herdada sociologicamente, urge de facto uma catequese de iniciação, de estilo missionário, a qual, inspirada no modelo catecumenal, proceda à passagem de uma catequese de instrução a uma catequese de iniciação à fé cristã, que alicerce a vida do crente em Cristo¹⁴³. Esta expressão refere-se a uma prática catequética que, não sendo um itinerário obrigatório e tendo em vista a iniciação direta aos sacramentos de iniciação cristã, consiste numa proposta de percursos adaptados aos mais variados tipos de pessoas, nos quais se prima a aprendizagem singular de cada sujeito¹⁴⁴. A finalidade de uma catequese de iniciação à vida cristã consiste precisamente numa escolha livre e consciente, mediante uma iniciação contínua ao conhecimento e prática do Evangelho¹⁴⁵. Tal catequese é «o elo necessário entre a acção missionária, que chama à fé, e a acção pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã» (DGC 64).

Por conseguinte, a catequese de adultos, que promove uma iniciação à vida cristã, permite um salto qualitativo, que consiste em passar de uma catequese de transmissão de conhecimentos a uma catequese que seja educação integral da experiência cristã, na qual estarão presentes as dimensões noética, axiológica, litúrgica, e o compromisso apostólico e missionário¹⁴⁶. Esta forma de catequese deixa de ser um mero processo de aprendizagem de conteúdos para se introduzir nos lugares de vida dos catequizandos, partindo das suas experiências para as iluminar e, assim, transmitir novas experiências, tornando os professores de ensino da doutrina em professores de vida¹⁴⁷.

¹⁴¹ Cf. Vasco da Cruz Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2011), 9.

¹⁴² Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 87.

¹⁴³ Cf. Rodrigues, “Iniciação cristã, um serviço à vida,” 68.

¹⁴⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 153.

¹⁴⁵ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 20.

¹⁴⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 73.

¹⁴⁷ Cf. Kasper, “A Nova Evangelização,” 102.

Tal processo tem sido afirmado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em linha com as orientações do DGC. Na verdade, a iniciação cristã baseia-se numa «introdução progressiva e gradual no mistério de Cristo e da Igreja, acompanhada pela fé pessoal e adulta, esclarecida e convicta»¹⁴⁸. Com a iniciação cristã, o Homem entra no diálogo de salvação, uma vez que Deus o chama e, mediante a sua resposta livre de fé, entra em comunhão de vida e de amor com Ele¹⁴⁹. Então, a catequese de iniciação à vida cristã deve integrar de forma harmoniosa os variados elementos da experiência cristã: «aprofundamento da fé, iluminação pela doutrina, a fé celebrada e praticada na vida moral, a alegria da celebração e da oração, o compromisso na construção de um mundo novo, a experiência de comunhão e de fraternidade na comunidade eclesial»¹⁵⁰. Sob a ação do Espírito Santo, a catequese possibilitará que a revelação volte a ressoar de forma significativa no Homem contemporâneo, por forma a que a sua experiência seja iluminada e interpretada pela Palavra de Deus, e assim lhe dê uma resposta positiva, com as consequentes implicações vitais¹⁵¹. Trata-se, assim, de um modelo que pretende levar os adultos à maturidade humana e cristã, iniciando-os no conhecimento da fé, na intimidade com Deus, na oração, celebração e estilo de vida cristão¹⁵².

A iniciação à vida cristã conduz progressivamente à descoberta da Palavra de Deus, à aprendizagem do silêncio interior que possibilita a oração, e à descoberta das Pessoas divinas no crente, ocupando lugar central a liturgia e os sacramentos, os quais possibilitam uma dimensão comunitária¹⁵³. A sua dinâmica deve ser simbólica, concreta e experiencial, na medida em que se realiza no interior da Igreja, sinal permanente do Reino, que tem o ponto de partida nos sacramentos¹⁵⁴. Portanto, a catequese de iniciação à vida cristã tem como vetores: instruir os catequizandos em conhecimentos seguros e convincentes; iniciar, transformando-os em homens novos através da conversão de toda a personalidade; e educar a pessoa, para que adote novos comportamentos conformes à fé¹⁵⁵. Ao invés de constituir «o termo do caminho, a iniciação introduz os fiéis na fé em tensão para a visão. Os sacramentos iniciam na medida em que introduzem os homens, pela iluminação da graça, no Reino que há-de vir»¹⁵⁶.

¹⁴⁸ Comissão Episcopal de Educação Cristã, “Educação Cristã, um itinerário para a vida,” 5.

¹⁴⁹ Cf. Rodrigues, “Iniciação cristã, um serviço à vida,” 62.

¹⁵⁰ Policarpo, “Reforma catequética em Portugal,” 69-70.

¹⁵¹ Cf. Rodrigues, “A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã,” 67.

¹⁵² Cf. Rui Alberto Almeida, “Catequese, entre a crise e a renovação,” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 39.

¹⁵³ Cf. Pierre-Marie Carré, “A iniciação cristã na perspetiva da nova evangelização,” *Pastoral Catequética*, n.º 24-25 (Setembro 2012): 137.

¹⁵⁴ Cf. Milton Lopes D’Encarnação, “Conceito de Iniciação Cristã,” *Pastoral Catequética*, n.º 2 (Maio-Agosto 2005): 31.

¹⁵⁵ Cf. Rodrigues, “Iniciação cristã, um serviço à vida,” 79.

¹⁵⁶ Rodrigues, “A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã,” 69.

1.2.2.2. Catecumenado como protótipo e modelo de referência

Conforme se referiu, a iniciação à vida cristã compreende o processo através do qual a Igreja gera, por obra do Espírito Santo, o Homem para uma vida nova, à semelhança da gestação de uma criança no seio da sua mãe – imagem utilizada pelos Padres para significar a ação maternal da Igreja no nascimento de novos homens na fé¹⁵⁷. Então, a iniciação à vida cristã é sinal de um ato de amor e de liberdade da parte de Deus, que o crente acolhe livre e confiadamente, para que a sua vida se configure a Ele, sendo, pois, um caminho progressivo de crescimento na fé, o qual se denomina de catecumenado¹⁵⁸.

Por esta razão, compreende-se a necessidade de centrar a atenção no catecumenado e nos seus elementos principais, encontrando neles o modelo e a referência para uma catequese missionária e que desenvolva itinerários de iniciação cristã¹⁵⁹. Na verdade, «sendo a missão *ad gentes* o paradigma de toda a acção missionária da Igreja, o catecumenado baptismal, que lhe está inerente, é o modelo inspirador da sua acção catequética» (DGC 90).

Centrar a atenção no catecumenado revela a preocupação com o regresso às origens da Igreja. De facto, o catecumenado é uma das mais antigas instituições eclesiais, tendo nascido como etapa de preparação para a vida cristã, no qual os convertidos ao cristianismo desenvolviam a sua fé inicial, com vista a uma profissão de fé explícita, celebrada sacramentalmente no seio da comunidade cristã pascal, possuindo, por isso, um carácter catequético, litúrgico e moral¹⁶⁰. Em virtude disso, constitui o paradigma do percurso de iniciação à vida cristã, pois o seu itinerário apontava para os momentos essenciais do caminho de fé: a escuta da Palavra das Escrituras como fonte da fé; a resposta a Deus pela oração; a celebração dos sacramentos como sinais de encontro com Deus que renovam o Homem; e a integração na comunidade crente, que vive e testemunha a fé¹⁶¹. A instituição catecumenal foi, pois, testemunho e lugar da experiência da Igreja quanto à conversão dos adultos, pautando-se por uma caminhada progressiva e ritmada por etapas que, ao mesmo tempo que celebrava a iniciativa de Deus, era também resposta do Homem, que livremente aceitava entrar na história da salvação, significando, por isso, que os sacramentos da iniciação cristã eram, realmente, *ponto de partida* da vida de fé e não apenas *meta de chegada*¹⁶².

¹⁵⁷ Cf. Manuel del Campo Guilarte, “Iniciação Cristã e transmissão da Fé,” *Pastoral Catequética*, n.º 2 (Maio-Agosto 2005): 40.

¹⁵⁸ Cf. Francisco Machado Couto, “O catecumenado: processo de iniciação e de ‘re-iniciação’ cristã,” *Pastoral Catequética*, n.º 17-18 (Maio-Dezembro 2010): 162-163.

¹⁵⁹ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 100.

¹⁶⁰ Cf. Couto, “O catecumenado: processo de iniciação e de ‘re-iniciação’ cristã,” 164.

¹⁶¹ Cf. Pelino, “Catequese e catecumenado pós baptismal,” 13.

¹⁶² Cf. D’Encarnação, “Conceito de Iniciação Cristã,” 25-26.

Em síntese, o catecumenado traduz-se num itinerário de fé, realizado de forma comunitária durante um tempo de amadurecimento que permita uma opção sólida de fé e de vida cristã, balizado por fases e expresso em gestos rituais, com a finalidade de levar a cabo uma educação na vida cristã, pela conversão do coração, pela livre resposta aos apelos do Espírito e pelo compromisso radical de vida a Cristo¹⁶³.

Dadas as características do catecumenado, Vasco Gonçalves refere que, no atual contexto eclesial, no qual um grande número de batizados não foi iniciado à vida cristã, a catequese deve adotar uma cadência catecumenal, tornando-se uma catequese de iniciação à fé¹⁶⁴. Por outras palavras, para que a catequese se torne missionária e propicie uma reapropriação personalizada da fé, esta deve voltar-se para o catecumenado e seus elementos essenciais, tendo-os como modelo e referência¹⁶⁵. Na verdade, apontar-se a importância prioritária da catequese dos adultos consiste em «promover “uma catequese pós-baptismal, na forma de catecumenado, através de uma proposta posterior de certos conteúdos do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, destinados a promover uma maior compreensão e uma vivência das imensas e extraordinárias riquezas e da responsabilidade do Batismo recebido”» (DGC 291). Portanto, propõe-se uma catequese de adultos de inspiração catecumenal, com a finalidade de iniciar o indivíduo aos elementos fundamentais para a vivência da fé cristã, tendo como centro o mistério pascal¹⁶⁶, isto é, o catecumenado inspira os itinerários da catequese de adultos de reiniciação cristã, uma vez que a atual situação eclesial obriga a centrar a atenção na dimensão iniciática da catequese¹⁶⁷.

Por conseguinte, adotando-se alguns elementos do catecumenado, pretende-se uma catequese de caminhada, gradual e intensa, com vista a iniciar a pessoa – criança ou adulto – à vida de fé, com referência a sinais, gestos, ritos e símbolos, sobretudo bíblicos e litúrgicos¹⁶⁸. Assim, tendo o modelo catecumenal como protótipo da catequese, esta insere-se numa clara opção evangelizadora, capacitando-a a propor caminhos de iniciação que propiciem uma reapropriação personalizada da fé¹⁶⁹.

Então, daqui se poderão depreender alguns elementos inspiradores para uma catequese pós-baptismal de iniciação à vida cristã: a tarefa da iniciação cabe a toda a Igreja; por sua vez, esta catequese tem como responsáveis toda a comunidade cristã; inspira-se no mistério da

¹⁶³ Cf. Dias, “O Catecumenado e a renovação da educação cristã,” 66.

¹⁶⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 3.

¹⁶⁵ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 100.

¹⁶⁶ Cf. Dias, “O Catecumenado e a renovação da educação cristã,” 75-76.

¹⁶⁷ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 100.

¹⁶⁸ Cf. Biemmi, “O desafio do primeiro anúncio,” 121.

¹⁶⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 153.

Páscoa de Cristo; é lugar de inculturação; é concebida como um processo de formação e uma escola de fé (cf. DGC 91). Deste modo, compreende-se facilmente que a proposta do RICA, embora seja dirigida a não batizados, constitua o modelo inspirador da catequese de adultos, uma vez que «aponta um percurso articulado em quatro tempos e três ritos de passagem, centrada na comunidade e com uma forte preocupação pela proposta de conteúdos teológico-litúrgicos»¹⁷⁰.

Por outro lado, o modelo catecumenal permite a passagem de uma catequese centrada num mero ensino doutrinal com vista à celebração dos sacramentos em datas previstas – concebidos como prémios de assiduidade e de bom comportamento –, para uma catequese entendida como caminho de conversão, de personalização e de compromisso de fé, com a finalidade de gerar cristãos adultos que vivam, celebrem e testemunhem a sua fé¹⁷¹. É, por isso, paradigma dos percursos de iniciação, pois tem a Revelação como fonte da fé; a oração como resposta à interpelação de Deus; a celebração dos sacramentos como sinais transformadores do encontro com Deus; e a integração e participação ativa na comunidade onde se vive e testemunha a fé¹⁷². Além disso, a inspiração catecumenal promoverá uma progressiva *desescolarização* da catequese¹⁷³.

Portanto, o catecumenado abre os horizontes da catequese, convidando-a a repensar a sua essência e pedagogia. Não se trata, contudo, de uma mera adaptação do modelo catecumenal, mas sim de ter na instituição catecumenal o modelo inspirador da catequese, na medida em que a alerta para o seu carácter iniciático – devendo-se procurar uma catequese que inicie à vida cristã – e, por outro lado, para a noção da responsabilidade de toda a comunidade cristã, ao mesmo tempo que a vincula à vida litúrgica¹⁷⁴. De forma sintética, uma catequese de inspiração catecumenal exige, no quadro da conversão pastoral e catequética, uma catequese

¹⁷⁰ Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 91. O Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos apresenta três degraus – receção na Igreja como catecúmeno; admissão a uma preparação mais intensa à receção dos sacramentos; e receção dos sacramentos de iniciação cristã – constituindo os momentos principais da iniciação, assinalados por três ritos litúrgicos – rito da instituição dos catecúmenos; eleição; e celebração dos sacramentos (Cf. RICA 6). Por sua vez, os degraus preparam ou conduzem a quatro tempos de procura e de amadurecimento: «o do “pré-catecumenado”, caracterizado pela primeira evangelização; o do “catecumenado”, destinado a uma catequese completa; o da “purificação e iluminação”, para obter uma preparação espiritual mais intensa; e o da “mistagogia”, marcado por uma nova experiência dos sacramentos e da comunidade» (RICA 7).

¹⁷¹ Cf. Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” 84.

¹⁷² Cf. Manuel Pelino, “Catequese e catecumenado pós batismal,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 13.

¹⁷³ Cf. Jordi D’Arquer i Terrasa, “A conversão missionária da catequese. Uma provocação a partir do catecumenado,” *Pastoral Catequética*, n.º 13 (Janeiro-Abril 2009): 38.

¹⁷⁴ Cf. Paulo Jorge da Costa Malícia, “A iniciação cristã das crianças em idade de catequese,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 194.

missionária, a aposta na evangelização dirigida primeiramente aos adultos, uma diversidade de itinerários e de propostas que respeitem os ritmos de cada pessoa, e o papel essencial e insubstituível da comunidade cristã¹⁷⁵.

1.2.3. Catequese de adultos centrada na comunidade cristã

A transmissão da fé necessita do testemunho dos crentes, razão pela qual esta carece de ambientes comunitários onde se viva a fé, dado ser na comunidade que os catequizandos testemunham e experimentam a nova vida como discípulos de Cristo¹⁷⁶. Deste modo, a insistência numa catequese de inspiração catecumenal traz consigo a exigência de criar comunidades cristãs acolhedoras e a necessidade de privilegiar a linguagem simbólica e performativa da liturgia, com vista à maturação crente¹⁷⁷. Por conseguinte, a catequese de adultos de inspiração catecumenal «deve configurar-se como dimensão e ação *permanente* da inteira comunidade cristã, onde ganha importância o “crescer juntos”, num tempo marcado pela privatização da fé»¹⁷⁸. Daqui se depreende o lugar cimeiro da comunidade cristã em todo o processo catequético, ambientada pela sua vida litúrgica, na qual converge toda a comunidade.

1.2.3.1. Centrada na comunidade cristã

Uma vez que a catequese é um ato fundamentalmente eclesial (cf. DGC 78 e 105), trata-se da «responsabilidade de toda a comunidade cristã» (DGC 220), dado ser no seio da Igreja que Deus chama o Homem à comunhão consigo¹⁷⁹. A CEP aponta no mesmo sentido, ao referir que a transmissão da fé ocorre no seio de uma comunidade cristã, mediante o seu testemunho vivo, pois é lá que a Palavra de Deus é proclamada, celebrada e vivida¹⁸⁰. Convém precisar que a pertença à comunidade eclesial implica a integração numa comunidade cristã concreta, a partir da qual cada pessoa se expressa, celebra e vive comunitariamente a sua fé¹⁸¹.

¹⁷⁵ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 96.

¹⁷⁶ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, “Educação Cristã, um itinerário para a vida,” 6.

¹⁷⁷ Cf. Henri Derroitte, “Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 141-142.

¹⁷⁸ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 154.

¹⁷⁹ Cf. José Cardoso de Almeida, “Comunidade Evangelizadora na perspectiva de João Paulo II,” in *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. L. M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 58.

¹⁸⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 259.

¹⁸¹ Cf. Manuel Queirós da Costa, “O Grupo de Catequistas como experiência eclesial,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 130.

De facto, a comunidade cristã é o lugar privilegiado da catequese, no qual os catequizados se tornam Povo de Deus e no qual se alimentam do pão da doutrina e do pão da Eucaristia, sendo daí reenviados para a missão nos vários quadrantes da vida (cf. CT 67). Em detrimento disso, urge desenvolver a catequese de adultos no quadro da eclesiologia de comunhão, através de ações pastorais que cimentem a unidade mediante sinais de dinamismo e de reciprocidade¹⁸².

Por isso, a catequese, obra da Igreja, tem na comunidade cristã o seu verdadeiro sujeito, devendo esta ser um sinal de união fraternal – condição imprescindível para a credibilidade da mensagem cristã transmitida na catequese¹⁸³. Assim se compreende que o DGC aponte a comunidade cristã como «a origem, o lugar e a meta da catequese» (DGC 254): *fonte* porque a comunidade cristã é dom divino, cuja origem se encontra no Espírito Santo, enviado pelo Pai em Jesus; *caminho* porque a construção da comunhão implica aceitar os diversos carismas e estados de vida, tratando-se de uma tarefa permanente, centrada na unidade da oração, na escuta e anúncio da Palavra, na confiança na ação do Espírito e na celebração da Eucaristia; e *meta* porque tem como finalidade criar comunidade, procurando viver a comunhão da Trindade, pelo Espírito Santo, vivendo entre o *já* e o *ainda não*¹⁸⁴. Na verdade, a fé nasce da profissão de fé da Igreja numa comunidade crente, pois esta é o lugar onde a mensagem cristã se torna num acontecimento concreto, visível, sendo que a catequese tem como meta a profissão da fé da Igreja por parte de cada catequizando, procurando assim criar comunidade¹⁸⁵.

Dito isto, compreende-se que a comunidade cristã seja apresentada como o ambiente legítimo – devido à sua rede de relações intergeracionais e ao facto de ser constituída maioritariamente por pessoas adultas –, motivando que o discurso sobre a catequese de adultos não seja setorial, mas se expanda para uma reflexão geral acerca da catequese na Igreja hodierna¹⁸⁶. Assim, a catequese de adultos processa-se dentro da comunidade dos fiéis numa caminhada progressiva (cf. RICA 7), motivando a necessidade de se assumir a transmissão da fé como responsabilidade, não apenas de um pequeno grupo de catequistas, mas de todos os membros da comunidade¹⁸⁷. A comunidade cristã é, pois, o principal sujeito da catequese, sendo por meio dela que a Igreja, depositária do Evangelho, cumpre a sua função de mãe e

¹⁸² Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 232.

¹⁸³ Cf. Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 49.

¹⁸⁴ Cf. Costa, “Comunidade cristã: sujeito, ambiente e meta da catequese,” 121-122.

¹⁸⁵ Cf. Guilarte, “Iniciação Cristã e transmissão da Fé,” 49.

¹⁸⁶ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 153.

¹⁸⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 268.

educadora¹⁸⁸, tratando-se de uma ação educativa exercida num contexto comunitário rico de relações, tendo por base a responsabilidade de cada membro¹⁸⁹. A dimensão comunitária da fé precisa de ser considerada, segundo D. José Policarpo, uma prioridade absoluta, sendo, por isso, opção principal da catequese promover o seu enquadramento paroquial¹⁹⁰.

Neste âmbito, convém refletir sobre o tipo de comunidade cristã que se pretende. Primeiro que tudo, trata-se de uma *comunidade imediata*, ou seja, um espaço de vida para a comunhão na fé, na qual cada membro experimente o mistério da Igreja, pautando-se por relações interpessoais próximas e por uma comunicação direta¹⁹¹. Renunciado a elementos infantilizados e acríticos, cada membro possui um forte sentido de pertença e de identificação para com a comunidade, participando nela de forma responsável, consciente e informada, isto é, com um verdadeiro espírito comunitário, que lhe permite um sentido de grupo e de corresponsabilidade na vivência de fé com os outros membros e na sua experiência de Igreja¹⁹².

Em segundo lugar, alerta-se para um perigo que pode ocorrer nas comunidades cristãs, que consiste em isolar a atividade catequética num setor à parte do todo comunitário, fechado sobre si mesmo, como se fosse uma ilha¹⁹³. Tal situação condena os catequizandos a uma caminhada anónima, sem referências, sem rosto e sem expressão de fé, tornando a iniciação cristã uma mera etapa com vista à receção dos sacramentos¹⁹⁴. Por outro lado, urge superar a divisão dos membros da comunidade em duas categorias: duma parte, a *igreja da palavra*, munida de formação, responsável por dirigir e por formar; doutra parte, a *igreja do silêncio*, sem formação e que reduz a vida de fé ao comportamento e à emoção, ausente na discussão e tomada de decisão dos assuntos da comunidade¹⁹⁵.

Em terceiro lugar, salienta-se que uma comunidade unida pelos vínculos do amor fraterno e comprometida para o serviço constitui uma condição de credibilidade da mensagem cristã que a catequese procura transmitir¹⁹⁶. A esse propósito, ressalta-se que muitas das

¹⁸⁸ Cf. Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 49.

¹⁸⁹ Cf. Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” 86.

¹⁹⁰ Cf. Policarpo, “Reforma catequética em Portugal,” 70.

¹⁹¹ Cf. Hélder Fonseca Mendes, “A Catequese na fidelidade à comunidade. Que verdade anunciamos na Catequese?,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 52.

¹⁹² Cf. Cristina de Sá Carvalho, “O perfil do Catequista,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 105.

¹⁹³ Cf. Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” 86.

¹⁹⁴ Cf. Malícia, “A iniciação cristã das crianças em idade de catequese,” 192.

¹⁹⁵ Cf. José Francisco Alves, “A Catequese na Igreja Local,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 150.

¹⁹⁶ Cf. Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 49.

dificuldades que a catequese enfrenta resultam da ausência de autênticas comunidades cristãs¹⁹⁷. Portanto, a eficácia da atividade catequética depende da existência de comunidades cristãs vivas na fé, com cristãos verdadeiramente iniciados¹⁹⁸. Daqui decorre a exigência de se promover uma espiritualidade comunitária, *de Corpo Místico*, desenvolvendo a mentalidade de que a vivência da fé, além de unir o crente a Deus, consiste na criação de comunhão entre membros, caracterizada não apenas por laços de amizade, mas sobretudo por laços divinos¹⁹⁹.

Desta forma, a catequese precisa de se tornar um lugar experiencial, no qual se ensinam os catequizandos a desenvolver as suas capacidades e disposições para o bem dos outros, num autêntico sentido de corresponsabilidade e de participação ativa na vida eclesial, ao mesmo tempo que a comunidade é chamada a acolhê-los e a criar as condições para que eles se tornem sujeitos ativos no dinamismo da comunidade cristã²⁰⁰. Levando a cabo esta passagem de uma catequese estanque a uma catequese transversal a toda a comunidade, tal habilitará os membros de todas as idades a serem, uns para os outros, testemunhas do Evangelho, a serem catequistas e catequizandos²⁰¹.

Perante uma cultura secularizada e diante da ausência de espaços familiares onde se respire o evangelho, urge uma «conversão missionária da comunidade (...) mas para que ela tenha lugar é necessário que a comunidade se torne, ela própria, um lugar iniciático, um meio portador da fé»²⁰². Trata-se de um efetivo *êxodo* para as comunidades cristãs, na medida em que nelas se opera uma passagem da linguagem, organização e propostas intraeclesiais para uma linguagem laica, orientando a pastoral a um abandono da autorreferencialidade para se reorganizar de acordo com os ritmos do Homem²⁰³. Tais comunidades tornam-se assim *profecia do futuro da convivialidade humana*²⁰⁴. Por isso, «o coração de uma catequese renovada é a experiência de vida comunitária»²⁰⁵, o que motiva a afirmar a necessidade de comunidades

¹⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 49.

¹⁹⁸ Cf. Almeida, “A catequese da infância e adolescência em Portugal,” 147.

¹⁹⁹ Cf. Nuno Manuel Santos Almeida, “A Espiritualidade do Catequista,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 119.

²⁰⁰ Cf. Mendes, “A Catequese na fidelidade à comunidade. Que verdade anunciamos na Catequese?,” 51.

²⁰¹ Cf. Henri Derroitte, “Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 138.

²⁰² Biemmi, “A catequese, os catequistas e os desafios da secularização,” 27.

²⁰³ Cf. Vasco António da Cruz Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” in *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. L. M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 82.

²⁰⁴ Cf. Biemmi, “Crer como adultos, hoje. Desafios teológicos e catequéticos para os cristãos e as comunidades adultas na fé,” 150.

²⁰⁵ Mendes, “A Catequese na fidelidade à comunidade. Que verdade anunciamos na Catequese?,” 53.

crístãs que ofereçam a todos os que se sentem atraídos pelo Evangelho um dispositivo iniciático que lhes possibilite uma caminhada de fé acompanhada²⁰⁶.

1.2.3.2. Vitalizada pelo ambiente litúrgico

Dado que a catequese não pode ser reduzida a um grupo de estudo ou de aprendizagem, D. José Policarpo indica que todas as formas de catequese devem possuir o ritmo da Igreja que, de forma comunitária, escuta a Palavra, celebra o mistério, aprende a orar e parte para o anúncio, convergindo para a celebração do mistério pascal, na Eucaristia²⁰⁷. Compreende-se, pois, que a liturgia consista na ocasião habitual de encontro entre os membros da comunidade, logo, é tarefa da catequese inserir o crente na vida eclesial, sendo que a primeira recebe da segunda o seu horizonte e ambiente vital²⁰⁸. Por outro lado, dado que as ações litúrgicas celebram o dom da fé, torna-se necessário que os crentes adquiram uma participação consciente na liturgia, sendo, por isso, missão da catequese promover o conhecimento dos sinais e significados litúrgicos e sacramentais, assim como da dimensão comunitária da celebração²⁰⁹. De facto, pela participação nos variados momentos da vida comunitária onde Deus se revela e se dá, a catequese permite uma introdução na comunhão de vida e amor²¹⁰.

Tal permite afirmar que «a Liturgia é um espaço privilegiado para a Catequese»²¹¹, pois a liturgia *torna presente* a história da salvação anunciada na catequese, convidando os crentes a participar nela como verdadeiros atores e não como meros espectadores, por forma a que a sua história se torne uma história santa²¹². Da mesma forma, os sinais litúrgicos, vividos com fé e na sua globalidade, apresentam-se como uma autêntica catequese²¹³, ou seja, a liturgia aponta para o mistério de Deus e conduz os crentes a viver o que é ensinado na catequese²¹⁴.

Em virtude disso, compreende-se que qualquer forma de catequese necessite de deter uma dimensão litúrgica, encarregando-se, sobretudo, de levar a cabo uma explicação e vivência dos ritos: explicação porque a catequese mostra-lhes o sentido e a história dos ritos; e vivência

²⁰⁶ Cf. Fossion, “Anúncio e proposta de fé hoje,” 68.

²⁰⁷ Cf. José da Cruz Policarpo, “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal,” *Pastoral Catequética*, n.º 20 (Maio-Agosto 2011): 19.

²⁰⁸ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 90.

²⁰⁹ Cf. Luís Miguel Rodrigues, “Catequese e transmissão de fé,” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 99.

²¹⁰ Cf. Policarpo, “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal,” 15.

²¹¹ Teodoro Dias da Silva, “Catequese e Liturgia,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 74.

²¹² Cf. André Fossion, “A catequese ao serviço da competência cristã,” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 181.

²¹³ Silva, “Catequese e Liturgia,” 73.

²¹⁴ Cf. Pelino, “Catequese e catecumenado pós baptismal,” 14.

porque a catequese necessita de celebrações onde os participantes vivam o que aprendem²¹⁵. Desta forma, tal «como a Palavra conduz ao Sacramento, a Catequese conduz à Liturgia»²¹⁶.

Contudo, existem dois perigos ao acentuar-se a vivência litúrgica: o primeiro consiste em limitar a vida comunitária apenas ao elemento do culto, fechando-a em si mesma; e o segundo traduz-se em reduzir cada atividade litúrgica à mera explicação dos seus componentes²¹⁷. Da mesma forma, caso a catequese desvalorize a dimensão litúrgica, isto é, não tenha como meta a celebração, estar-se-ia a promover uma instrução meramente académica das verdades relativas à fé cristã, mas sem a vitalidade da experiência de Igreja, impedindo que os catequizandos possam exprimir a sua fé de forma celebrativa, e permitindo que a liturgia se torne num ritualismo dirigido ao sentimento, mas incapaz de produzir bons frutos²¹⁸.

Quanto aos sacramentos de iniciação cristã, a catequese de adultos deverá auxiliar os catequizandos a descobri-los, não pela mera explicação, mas pela sua vivência, pois eles são catequese na medida em que, celebrados com fé, permitem um encontro com Cristo²¹⁹, ao mesmo tempo que se torna necessário desenvolver uma dimensão mistagógica dos sacramentos, para que estes não se fiquem por uma mera experiência individual²²⁰.

Neste âmbito, importa ainda refletir que a celebração da fé, especialmente na Eucaristia, compreende um aspeto primordial da atividade catequética, uma vez que nela se atualiza e vive o objetivo de qualquer atividade catequética²²¹. Na realidade, a celebração eucarística é o lugar onde cada catequizando observa e questiona a densidade do mistério de Deus, promovendo o desejo de conhecer, entrar e fazer comunidade, e acima de tudo de fazer experiência de relação e comunhão com Deus²²². Além disso, dado que a Eucaristia se apresenta como o cume da iniciação cristã e, ainda, o indicador mais fiel da eficácia da iniciação, precisa-se de ter no horizonte da catequese a participação na sua celebração²²³, pois é aí que a Palavra é proclamada, interiorizada e distribuída por todos, motivando a catequese a entender-se e a viver-se a partir da perspetiva da comunhão que a celebração eucarística gera²²⁴.

²¹⁵ Cf. Silva, “Catequese e Liturgia,” 74.

²¹⁶ *Ibidem*, 79.

²¹⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 155.

²¹⁸ Cf. Silva, “Catequese e Liturgia,” 80.

²¹⁹ Cf. Policarpo, “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal,” 18.

²²⁰ Cf. Carré, “A iniciação cristã na perspetiva da nova evangelização,” 137.

²²¹ Cf. Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” 87.

²²² Cf. João de Oliveira Ribeiro, “Eucaristia e Iniciação Cristã,” *Pastoral Catequética*, n.º 2 (Maio-Agosto 2005): 75.

²²³ Cf. Manuel Pelino, “Catequese e catecumenado pós batismal,” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 16.

²²⁴ Cf. Ribeiro, “Eucaristia e Iniciação Cristã,” 75.

Assim, uma catequese de adultos precisa de promover um enriquecimento recíproco entre catequese e liturgia, sendo, para isso, importante seguir o ritmo do ano litúrgico e centrar-se na proposta bíblica, enquadrando, desta forma, a catequese numa ação orgânica da comunidade²²⁵. Nesta simultaneidade entre caminhada catequética e caminhada litúrgica comunitária, aparece como significativa a valorização dos tempos litúrgicos mais importantes – Advento, Natal, Quaresma e Páscoa – com vista a uma maior adesão dos catequizandos ao mistério cristão e à envolvência de toda a comunidade na sua celebração²²⁶.

1.3. Proposta de catequese familiar no seio da urgência da catequese de adultos

De acordo com o que se tem refletido, pode-se afirmar que, diante da urgência de uma pastoral centrada na evangelização e de uma reforma do modelo catequético – uma vez que o tradicional se encontra em progressiva crise –, tem-se afirmado a urgência de um novo modelo, que tenha a catequese de adultos como centro e referência de toda a catequese, convergindo a catequese com a pastoral querigmática, tornando o processo catequético numa iniciação à vida cristã, centrada na comunidade, de caráter permanente e inserida no projeto global de educação cristã e da pastoral da comunidade²²⁷. Noutros termos, indica-se que a catequese deveria adotar o ritmo catecumenal, tendo como finalidade possibilitar que pais e filhos possam realizar este caminho em conjunto²²⁸.

Todavia, a expressão *catequese de adultos* não pressupõe um modelo único, mas uma variedade de propostas, de acordo com a realidade de cada adulto e de cada comunidade. Neste caso concreto, em que se procura um novo modelo que proceda à transição do tradicional, centrado exclusivamente nas crianças e adolescentes, ressalta a importância da catequese intergeracional, na medida em que permite o encontro e a ajuda mútua entre os adultos e as crianças e adolescentes²²⁹.

Partindo da conceção patrística da família como *Igreja doméstica*, e tendo consciência de que é nela que ocorre a transmissão da fé aos mais jovens, ao mesmo tempo que se observa

²²⁵ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 91.

²²⁶ Cf. António Coelho de Carvalho, “Organização da Catequese Paroquial,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 206.

²²⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 42-44.

²²⁸ Cf. Policarpo, “A conversão missionária da catequese. A situação dos fiéis e os desafios da missão hoje na Europa,” 30.

²²⁹ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 155-156.

que muitas atravessam uma situação de crise generalizada – o que coloca em risco a sua missão –, urge educar na fé os pais, pois são os garantes da transmissão de fé aos filhos²³⁰. Neste sentido, vai-se explanar uma das formas de concretização da catequese de adultos, que é precisamente a catequese familiar, em torno da catequese de infância. Começando por se expor as razões desta opção, que se radica na missão educativa da família, vai-se refletir sobre a essência deste tipo de catequese, apresentando-se, de seguida, o modelo proposto por Vasco Gonçalves, e concretizado na proposta do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

1.3.1. Importância da família na transmissão de fé às novas gerações

Não obstante as inúmeras dificuldades por que atravessam muitas famílias – concretamente com a quebra da transmissão religiosa –, estas continuam a constituir o ambiente ideal para o despertar religioso e o primeiro agente de socialização das novas gerações²³¹. De facto, a família continua a ser o «lugar-charneira nos caminhos de vida das pessoas, de modo particular das crianças e dos jovens, o que vale também para tudo o que diz respeito à fé»²³², o que leva a deduzir que o futuro da fé cristã necessita que a instituição familiar se torne novamente o ambiente genuíno onde se vivam as experiências fundamentais da vida, entre as quais se conta a experiência religiosa²³³.

Cada família constitui, pois, «um microcosmos social único no seu género, no qual se faz a experiência da confiança e do sentido da vida»²³⁴. Portanto, a primeira dedução é que a família ocupa um lugar importante no despertar religioso e na educação da fé, através da vivência humana e das relações afetivas e amorosas entre os seus membros, e também quando é referência de uma determinada vivência religiosa²³⁵. Por outras palavras, a família cumpre a sua missão evangelizadora quando vive como família²³⁶, ou seja, pela capacidade que os pais demonstram em amar os seus filhos, tornando-se imprescindíveis e de difícil substituição para com os filhos, os quais demonstram enorme capacidade de os amar, procurando imitá-los e segui-los²³⁷. Assim, a família torna-se presença ativa e salvífica do amor de Deus no mundo a partir das suas variadas relações²³⁸. Dito isto, compreende-se que a família apenas poderá

²³⁰ Cf. Dias, “Iniciar na fé (fazer discípulos) com a intervenção da família,” 100.

²³¹ Cf. Emilio Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” *Pastoral Catequética*, n.º 21-22 (Setembro 2011): 133.

²³² Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 39.

²³³ Cf. Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 56.

²³⁴ Scheidler, “Para que a vida familiar resulte,” 151.

²³⁵ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 30.

²³⁶ Cf. Duque, “A Família como fermento evangelizador da sociedade,” 68.

²³⁷ Cf. Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” 96.

²³⁸ Cf. Duque, “A Família como fermento evangelizador da sociedade,” 75.

testemunhar a sua fé se for uma fonte de humanização – nos comportamentos, relacionamentos, valores e no modo como encara a vida –, sendo esta a sua tarefa primordial²³⁹, ou, por outros termos, caso seja uma comunidade de caridade que vive a sua fé e a anuncia pela vivência do amor cristão, observado na ajuda e no serviço mútuos²⁴⁰.

A importância da família na vida da Igreja radica no facto desta realizar a sua missão na construção das famílias e, por sua vez, as famílias construírem a Igreja, tornando cada família: uma realidade eclesial, pois manifesta a união de Cristo com a sua Igreja, estando em si presente o mistério da Igreja; uma realidade intergeracional, pela comunhão de gerações que manifesta o amor divino; e, por isso, sinal e sacramento da presença de Deus Trindade, uma vez que a família tem a missão de viver uma unidade profunda no seio duma pluralidade, à imagem da Trindade²⁴¹. Todavia, convém realçar que uma efetiva colaboração das famílias na vida eclesial deve evitar a tentação de as reduzir a mero *objeto* de atenção pastoral, cuidando que elas se tornem *protagonistas*, colaborem na tarefa comum e se coloquem ao serviço das demais famílias²⁴².

O despertar religioso no seio familiar é, pois, insubstituível, tendo lugar quando existem relações de amor entre os seus membros e também quando os pais procuram explicar cristãmente o sentido dos diversos momentos da vida familiar e social (cf. DGC 226), como em períodos de festas religiosas ou momentos de maior dificuldade, por exemplo, derivados da morte de um familiar. Por outro lado, a família é a primeira responsável pelo desenvolvimento da personalidade, sentimentos, comportamentos dos filhos e pela construção de um quadro de referência humana²⁴³. Face a isto, Emilio Alberich afirma claramente que a atual crise da iniciação cristã apenas poderá ser ultrapassada caso se consiga implicar a família, formulando a conceção de que a verdadeira iniciação apenas é possível com a implicação dos pais²⁴⁴. Convém salientar que toda esta formação humana e religiosa ocorre por meio do testemunho dos pais, através de uma «pedagogia da *imersão, do contágio, da osmose*»²⁴⁵, mediante a qual a família se converte no primeiro lugar de geração, transmissão e encarnação da fé cristã²⁴⁶. Assim, a família, enquanto *Igreja doméstica*, constitui-se como espaço de oração, de diálogo e de celebração comunitária e, sobretudo, como um espaço onde possam emergir experiências

²³⁹ Cf. Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 47.

²⁴⁰ Cf. Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” 107.

²⁴¹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 74-75.

²⁴² Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 63-64.

²⁴³ Cf. Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” 96.

²⁴⁴ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 48.

²⁴⁵ Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 139.

²⁴⁶ Cf. Rey, “A Nova Evangelização,” 27-38.

humanas e crentes fundamentais que revistam a vida de sentido e façam transparecer como, não obstante todas as sombras das vidas pessoal e comunitária, estas são acompanhadas pelo Mistério de Deus com um amor misericordioso e com uma força geradora de esperança²⁴⁷.

Por conseguinte, a centralidade da família na educação da fé exige que a Igreja a tome como central, sendo que um dos maiores desafios da pastoral consiste precisamente em tornar a família esse lugar central de transmissão e vivência da fé²⁴⁸. Daqui resulta que a relação entre as famílias e as comunidades cristãs se assuma como uma missão de crucial importância para a ação pastoral, dado ser contraditório proclamar-se a responsabilidade da família na formação cristã sem que esta seja escutada e vista a partir da sua real situação, ou seja, sem que seja valorizada como *sujeito* inserido no seio da comunidade cristã²⁴⁹.

Neste sentido, a família assume-se como o lugar mais propício para uma catequese intergeracional, na qual os pais se assumem como primeiros catequistas, o que exige considerar a família no quadro de uma pastoral estruturada e orgânica²⁵⁰. Na verdade, a renovação da própria catequese de iniciação cristã apenas poderá ser frutífera se precedida e acompanhada pela iniciação à fé na família, ambiente natural onde esta se desenvolve²⁵¹, de forma a que esta se consciencialize de que é o lugar único e imprescindível para a educação religiosa dos mais novos²⁵². De facto, por melhor que sejam os programas e os materiais catequéticos, se, ao fim de uma sessão de catequese semanal, a criança não encontrar em sua casa uma família que respire e viva a fé, de muito pouco valerão os esforços dos catequistas²⁵³. Todavia, não se podem abandonar os pais na sua responsabilidade educativa, mas urge oferecer-lhes locais e momentos de formação, de confronto das suas vidas com o Evangelho – e com as demais famílias – e de acompanhamento²⁵⁴.

Deste modo, a família apresenta-se como o local central da evangelização, sendo tarefa da Igreja criar condições para que os pais se tornem os primeiros e fundamentais educadores na fé dos seus filhos, tendo como horizonte auxiliar os próprios pais a desenvolver uma fé adulta que os faça viver como cristãos na vida quotidiana²⁵⁵. Enfrentando com coragem uma série de eventuais obstáculos – entre os quais se contam a falta de motivação e de preparação, a crise de

²⁴⁷ Cf. Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 54.

²⁴⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 48.

²⁴⁹ Cf. Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 50.

²⁵⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 44.

²⁵¹ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 119.

²⁵² Cf. Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 134.

²⁵³ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 115.

²⁵⁴ Cf. Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 136.

²⁵⁵ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 33-34.

identidade religiosa e de fé, a tradição religiosa e cultural e a situação problemática de muitas famílias – a pastoral catequética familiar tem como principal desafio conseguir que a família se consciencialize da sua essencial função educativa, sobretudo da educação religiosa²⁵⁶. Exige-se, portanto, um importante salto qualitativo: deixar de se olhar para a família como um mero instrumento de cooperação, para que esta seja vista como o espaço central e preferencial da evangelização, não se tendo em vista apenas retirar benefícios da sua eventual participação, mas entendendo-a enquanto núcleo transformador da comunidade cristã²⁵⁷. Em face disto, transparece a necessidade de uma catequese familiar como uma autêntica forma de catequese de adultos.

1.3.2. Relevância da catequese familiar como uma possibilidade de catequese de adultos

Conforme tem sido refletido, a família ocupa um lugar único e insubstituível na educação humana e religiosa das novas gerações. Daí a atenção que o Magistério tem dedicado à família, apelidando-a de *Igreja doméstica*, na qual os pais assumem a responsabilidade em ser os primeiros educadores da fé, mediante a palavra e o testemunho²⁵⁸. Por outras palavras, a sua vocação passa por construírem uma casa de família, acolhedora e fraterna, um espaço comunitário onde a Palavra proclamada se torna ao mesmo tempo educação, ensino e experiência vital, possibilitando que os seus membros se possam sentir como membros do Povo de Deus²⁵⁹.

Daqui resulta que, neste período histórico em que a instituição familiar se encontra numa profunda crise, impedindo-a de se assumir como *Igreja doméstica*, se vá afirmando a necessidade de promover a educação religiosa em família, ou a catequese familiar, como formas concretas dos pais poderem cumprir a sua missão em formar cristãmente os seus filhos²⁶⁰. Nesse sentido, duas afirmações sintetizam as preocupações dos agentes de pastoral: em primeiro lugar, a convicção de que a renovação da catequese necessita da família para que possa frutificar; e, em segundo lugar, a noção de que a iniciação cristã das crianças, de que se ocupa a atual prática catequética da infância e adolescência, se traduz numa oportunidade ímpar de evangelização, não apenas das crianças, mas também das suas famílias e da comunidade que os acolhe²⁶¹.

²⁵⁶ Cf. Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 135.

²⁵⁷ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 33.

²⁵⁸ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 52-53.

²⁵⁹ Cf. Mendes, “A Catequese na fidelidade à comunidade. Que verdade anunciamos na Catequese?,” 51.

²⁶⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 47.

²⁶¹ Cf. Malícia, “A iniciação cristã das crianças em idade de catequese,” 193.

1.3.2.1. A renovação catequética necessita da família

Trata-se, na verdade, de uma convicção que deveria nortear os agentes de pastoral: a renovação da catequese não será possível se não se conseguirem implicar as famílias no processo catequético, fazendo delas o ambiente ideal para as vivências humanas e religiosas fundamentais²⁶², sendo que a missão catequética da família realiza-se sobretudo a partir do testemunho²⁶³. De uma forma geral, um dos grandes desafios da ação pastoral da Igreja reside precisamente em voltar o olhar para a centralidade da família na vivência e transmissão da fé, pois, se os seus membros vivem a fé, mais facilmente nela serão iniciadas as novas gerações²⁶⁴, dado que «a fé não nasce de lições de catecismo mas do que é vivido, do que é visto, do que é testemunhado»²⁶⁵.

Porém, necessita-se, por parte dos agentes de pastoral e das famílias – como condição prévia a um trabalho catequético –, de se entender a Igreja como comunhão e corresponsabilidade, a par de uma consciencialização do contributo e responsabilidade dos pais na educação religiosa dos filhos²⁶⁶, ou, noutros termos, a interiorização de que a vocação catequética da família possui um carácter singular e insubstituível²⁶⁷. Daqui a urgência de se conceber uma catequese que vá ao encontro dos interesses das famílias, respeitando-as como unidade social autónoma e com o seu valor próprio, o que significa que as ofertas catequéticas visam sobretudo o bem da família²⁶⁸.

Em detrimento disso, não se pode limitar a querer ter as famílias apenas do lado dos agentes de formação cristã, mas sim buscar um trabalho de cooperação e partilha entre os dois, para uma efetiva catequese da infância e adolescência²⁶⁹. Esta exigência, de si muito importante, deve conduzir a um desafio ulterior, que consiste em ajudar a família a voltar a exercer a sua função educativa religiosa²⁷⁰, sendo para tal necessária uma tripla tarefa: responsabilizar os pais, por um trabalho de iluminação e convencimento, para que sejam pais cristãos, logo responsáveis pela educação cristã dos seus filhos; motivá-los, com base no seu dever educativo; e acompanhá-los, tarefa de toda a comunidade cristã²⁷¹. Como refere Vasco Gonçalves,

«é fundamental apostar na conversão pastoral das famílias. Uma questão de formação da mentalidade, pois não se trata de aprender a doutrina, mas sim de facilitar uma iniciação cristã,

²⁶² Cf. Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 54.

²⁶³ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 121.

²⁶⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 48.

²⁶⁵ Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 119.

²⁶⁶ Cf. Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 135.

²⁶⁷ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 121.

²⁶⁸ Cf. Scheidler, “Para que a vida familiar resulte,” 157-158.

²⁶⁹ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 41.

²⁷⁰ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 28.

²⁷¹ Cf. *Ibidem*, 29-32.

isto é, que a família se encontre com Cristo, viva no seu amor e fale aos outros d'Ele. Portanto, implica aprender um modo de vida, de viver e viver em família, na perspectiva do Evangelho»²⁷².

Face a isto, a tarefa primordial dos agentes da pastoral e da própria comunidade deverá ser criar nos pais condições para o diálogo com os filhos sobre a fé, de modo a que estes possam interpretar a vida quotidiana à luz dos valores cristãos²⁷³. Então, as ofertas às famílias deverão focar-se no sucesso das suas vidas e no reforço das relações e comunicações entre os seus membros, procurando fornecer os recursos de inspiração e de motivação cristã para que possam *viver juntos* em e na família²⁷⁴.

Para tal, os agentes de pastoral deverão ter a capacidade de se adaptar às diferentes motivações e capacidades dos pais, procurando que os últimos estejam com os primeiros – e não apenas a seu lado –, desenvolvendo uma cooperação mútua, o que implica que haja entre ambos um bom entendimento e, sobretudo da parte dos agentes de pastoral, uma correta e completa informação aos pais sobre o projeto de catequese que os seus filhos frequentam²⁷⁵. Por isso, Emilio Alberich alerta para se ter coragem em despende tempo no momento de convencer e motivar os pais, considerando que a motivação mais convincente reside no dever de educar os filhos e no interesse e preocupação pelo seu futuro²⁷⁶.

Face a isto, convém apontar alguns perigos a evitar, por parte dos responsáveis da pastoral. Primeiro que tudo, as famílias devem ser convidadas, não a ser mero objeto de atenção pastoral, mas a tornarem-se protagonistas e a colaborar com os responsáveis e com as outras famílias²⁷⁷. Para tal, urge superar o que Crista Sá Carvalho denomina de *parentofobia*, ou seja, o medo de trabalhar com as famílias, baseada numa conceção pedagógica *delirante* que considera que as crianças e adolescentes serão melhor educados se *isolados* das influências familiares, uma vez que entendem que os pais não são competentes nos exercícios parentais e religiosos²⁷⁸.

Por outro lado, a relação com a família deve ser cuidada, de modo que esta não seja sobrecarregada com tarefas demasiado exigentes²⁷⁹, acrescentando ainda o perigo, por parte dos agentes da pastoral, de levarem a cabo formas de aproveitamento ou de pressão para com os pais, por os considerarem numa condição de *inferioridade*, ou, então, de conduzirem a situações de discriminação e injustiça, caso se apliquem exigências muito severas, que impossibilitem as

²⁷² Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 73.

²⁷³ Cf. Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 46.

²⁷⁴ Cf. Scheidler, “Para que a vida familiar resulte,” 155.

²⁷⁵ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 40-41.

²⁷⁶ Cf. Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 135-136.

²⁷⁷ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 63-64.

²⁷⁸ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 38.

²⁷⁹ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 118.

famílias de as cumprir²⁸⁰. Assim, requer-se que as famílias – e, conseqüentemente, os adultos – sejam considerados a partir da sua real situação, sendo tratados de forma adulta, frontal e respeitosa para com a sua liberdade, ao mesmo tempo com paciência para aguardar a resposta e preparar diferentes caminhos, cuidando-se a complementaridade das pessoas e a globalidade da proposta, evitando-se delegações dos catequistas nos pais, mas procurando a colaboração mútua²⁸¹. Assim se poderá construir um novo modelo de catequese que englobe os pais no seu processo, não como meros espetadores, mas acima de tudo como protagonistas.

Outra questão a ter em conta reside no contributo da comunidade cristã, que consiste em ajudar a repensar e organizar os recursos necessários para que a família consiga desempenhar a sua missão²⁸², devendo-se interrogar se as comunidades eclesiais, as estruturas eclesiais e as atuais orientações pastorais têm capacidade para sustentar a renovação da prática catequética e promover uma nova relação com as famílias²⁸³. Elas precisam do amparo de comunidades cristãs convincentes e evangelizadoras, que se tornem ponto de referência essencial²⁸⁴.

1.3.2.2. Catequese familiar por ocasião da catequese de infância

Partindo destas considerações, e dada a situação de crise que muitas famílias atravessam, a tarefa da educação religiosa na família, ou catequese familiar, traduzem-se em métodos concretos para consciencializar os pais da sua responsabilidade primeira na educação cristã dos filhos, o que conduz a uma importante questão: como evangelizar os pais para que estes consigam, por sua vez, evangelizar os filhos?²⁸⁵.

É a partir destas reflexões que se aponta a urgência da existência da catequese familiar, entendida como «insubstituível, em virtude do ambiente positivo e acolhedor em que se exerce, graças ao exemplo persuasivo dos adultos, e porque é a primeira sensibilização explícita e prática da fé» (DGC 178). Tal é o caminho que resta à Igreja para formar as novas gerações – dado que o espaço público lhe é cada vez mais indiferente e, em certos casos, hostil –, e que, não dando por adquirida a fé dos pais, pretende que estes possam realizar com os seus filhos uma catequese mais sistemática e específica de iniciação à vida cristã, a partir de um programa

²⁸⁰ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 59-60.

²⁸¹ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 124.

²⁸² Cf. Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” 109.

²⁸³ Cf. Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 51.

²⁸⁴ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 33.

²⁸⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 245.

estabelecido e unido à comunidade cristã, ao mesmo tempo que tal possibilitará uma renovação da catequese paroquial – que vive um profundo declínio devido à ausência do pilar familiar²⁸⁶.

A catequese familiar consiste, portanto, num conjunto de processos de comunicação e de aprendizagem estruturados entre os diversos membros da família – logo, de caráter intergeracional –, tendo como objetivos a criação de uma relação com Deus e com a comunidade de fé, aprendendo a viver de maneira individual e coletiva, através de relações que criem afeto e corresponsabilidade²⁸⁷. Assim, tem-se como finalidade superar a situação de delegação dos pais, ao mesmo tempo que eles se tornam participantes no processo²⁸⁸. Nas palavras de Vasco Gonçalves, trata-se de um elo essencial para que a família construa a Igreja e, por sua vez, a Igreja fortifique a família, podendo-se utilizar a expressão *magistério da vida* para indicar a sua forma de ação, a qual significa que esta forma de catequese se desenrola nas experiências da vida diária e tem como elemento mais importante o testemunho de vida dos pais²⁸⁹, levando a concluir que a catequese familiar não se traduz num mero ensino das verdades de fé, mas consiste, acima de tudo, num estilo de vida dos pais, o qual, cimentado no evangelho, transforma toda a família²⁹⁰.

Todavia, deve-se evitar que a catequese familiar se limite a um setor fechado e isolado no conjunto da ação pastoral da comunidade cristã; ao invés, deve encontrar-se inserida num projeto orgânico de conversão pastoral, constituindo o motor da renovação e de passagem para uma Igreja evangelizadora²⁹¹. Face a isto, uma pastoral orgânica deverá educar os pais para a sua responsabilidade educativa desde a constituição da família, podendo privilegiar-se três momentos: primeiramente, quando os futuros pais requerem à Igreja o matrimônio; de seguida, quando os pais solicitam o Batismo para os seus filhos; e, finalmente, quando inscrevem os filhos na catequese comunitária de iniciação cristã²⁹². Todas estas formas de sensibilização têm em vista promover uma verdadeira catequese familiar, ou seja, uma catequese dos pais ministrada aos filhos, recuperando assim o seu dever primeiro de transmitir a fé, podendo, em certos casos, estabelecer-se com os próprios pais um processo catecumenal, com as vias, catequese e ritos propostos no RICA²⁹³. Portanto, os pais tornar-se-iam verdadeiros catequistas dos seus filhos, tendo a missão quotidiana de interpretar a vida familiar, e dos seus filhos, à luz

²⁸⁶ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 164.

²⁸⁷ Cf. Scheidler, “Para que a vida familiar resulte,” 156-157.

²⁸⁸ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 117.

²⁸⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 76-77.

²⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 79.

²⁹¹ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 62.

²⁹² Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 78.

²⁹³ Cf. Terrasa, “A conversão missionária da catequese. Uma provocação a partir do catecumenado,” 52-53.

da Palavra de Deus, sendo que, mais do que um ensino da doutrina cristã, a catequese familiar traduz sobretudo o estilo de vida de discípulos de Cristo por parte dos pais²⁹⁴.

De um modo geral, a catequese familiar constitui um processo de evangelização que a comunidade cristã oferece às famílias por ocasião da catequese de iniciação cristã dos seus filhos, procurando-se conceber um caminho de crescimento na fé, para o qual se convidam os pais a formarem grupos com outros casais, acompanhados por guias, para adquirirem as bases fundamentais da fé, de modo que seguidamente a possam transmitir aos filhos, ao mesmo tempo que estes se reúnem semanalmente para aprofundar e celebrar aquilo que aprenderam e viveram com os pais em casa²⁹⁵. Com este modelo de catequese é possível ocorrer um *salto qualitativo*, em que o centro de atenção da catequese passam a ser os pais, quando estes se apercebem que, para transmitir a fé aos filhos, necessitam primeiro de amadurecer e aprofundar a sua própria fé, estabelecendo-se desta forma um verdadeiro processo de catequese de adultos aos pais, na esperança de que assim se poderá obter uma maior eficiência na iniciação cristã dos filhos²⁹⁶.

Por conseguinte, a catequese familiar não consiste numa proposta feita aos adultos para colaborarem na catequese paroquial, mas deseja tornar-se um verdadeiro processo de catequese de adultos, acreditando que esta poderá garantir maior eficácia na iniciação cristã dos mais jovens²⁹⁷. Para tal, impõe-se a necessidade de uma catequese de adultos *adulta*, realizada para adultos, envolvendo simultaneamente as crianças, e não de uma catequese infantil que se limite a implicar os adultos, o que exige que os adultos e suas famílias sejam considerados como adultos, num ambiente de verdadeiro diálogo e comunicação, podendo-se, assim, tornar a catequese familiar numa forma consistente de catequese *com os pais e para os pais*²⁹⁸. Tudo isto sem olvidar que o lugar privilegiado para a catequese dos pais e dos filhos é precisamente a comunidade cristã, tendo como centro a sua vida litúrgica²⁹⁹.

Assim, o modelo de catequese familiar, que parte do princípio de que não se pode dar por adquirida a fé dos pais, possibilita uma conversão pastoral das famílias, isto é, uma mudança da sua mentalidade, que as faça readquirir a noção de serem o ambiente ideal para a transmissão religiosa aos seus filhos³⁰⁰. A finalidade que norteia esta forma de catequese centra-se na construção de caminhos de comunhão que reforcem o sentido diaconal, o reforço das relações

²⁹⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 79.

²⁹⁵ Cf. Alberich, “A família, lugar privilegiado de educação religiosa,” 142-143.

²⁹⁶ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 163.

²⁹⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 83.

²⁹⁸ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 61-62.

²⁹⁹ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 163.

³⁰⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 73.

familiares e o fortalecimento da coesão familiar pela criação de uma rede com as demais famílias, além de que, pela inserção nos sacramentos – sobretudo da Eucaristia dominical – abram as famílias à relação com a comunidade cristã³⁰¹.

1.3.3. Proposta de catequese familiar para Portugal

Consciente de que «a catequese familiar, portanto, precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese» (CT 68), vai-se agora apresentar, de forma breve, o modelo de catequese familiar proposto por Vasco Gonçalves e adotado pela CEP, presente nos materiais catequéticos de catequese familiar publicados pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã, desenvolvidos a partir dos catecismos de infância³⁰².

1.3.3.1. Traços gerais do modelo proposto por Vasco Gonçalves

Importa, antes de mais, reforçar que a catequese familiar consiste, sobretudo, num estilo de vida dos pais, o qual, se cimentado em Cristo, poderá conceder uma nova forma à realidade familiar³⁰³. Por outro lado, Vasco Gonçalves alerta que este modelo catequético não deve ser refletido e projetado isoladamente, mas sim inserido num projeto de catequese amplo, que se insira na comunidade cristã e aposte na família e nas novas gerações³⁰⁴.

Deste modo, esta proposta guia-se por dois fios condutores: o primeiro é a noção de que os pais têm um papel insubstituível na transmissão da fé aos filhos; e o segundo radica na

³⁰¹ Cf. Scheidler, “Para que a vida familiar resulte,” 163-164.

³⁰² Até ao presente momento, foram editados materiais catequéticos de catequese familiar até ao 6º volume, correspondentes à primeira e segunda fases da catequese paroquial: Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Jesus Gosta de Mim, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2012); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Jesus Gosta de Mim, Guia dos Pais*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2013); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Ensina-nos a rezar, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2013); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Ensina-nos a Rezar, Guia dos Pais*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Queremos Seguir Jesus, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Queremos Seguir Jesus, Guia dos Pais*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2013); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Tu Tens Palavras de Vida Eterna, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Tens Palavras de Vida Eterna, Guia dos Pais*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Sereis o Meu Povo, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2018); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Sereis o meu Povo, Guia dos Pais*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Creio em Jesus Cristo, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2018); Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Creio em Jesus Cristo, Guia dos Pais*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2016).

³⁰³ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 79.

³⁰⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 290.

urgência de se ultrapassar o modelo escolar de catequese, procurando um modelo que possibilite uma experiência de fé vital e profunda, produzindo uma autêntica iniciação cristã³⁰⁵. Por outras palavras, objetiva-se iniciar um verdadeiro processo de catequese de adultos – e não apenas pedir a colaboração dos adultos na catequese dos filhos – sob a convicção de que por este meio será possível assegurar maior eficácia na iniciação cristã dos filhos³⁰⁶. Deste modo, o modelo que se apresenta pretende responder aos desafios que a atual situação catequética atravessa, considerando a comunidade cristã como lugar de referência para a catequese, e tendo em vista possibilitar aos pais das crianças que iniciam a catequese de iniciação uma catequese de adultos, de caráter missionário³⁰⁷.

Esta proposta de catequese inscreve-se no quadro da urgência de um novo modelo de catequese, superando-se a ilusão de que a renovação catequética apenas necessita de uns retoques para voltar a ter eficácia³⁰⁸. De uma forma geral, a catequese familiar consiste na catequese de adultos ministrada aos pais, por ocasião da catequese dos filhos. Logo, trata-se de uma proposta pautada pelo conceito de *transição*, uma vez que não se pretende uma rutura profunda com o atual projeto catequético nacional, mas sim criar um novo projeto, centrado na catequese dos adultos, mediante o qual se estrutura a catequese das outras etapas da vida, ou seja, apresenta-se um modelo que parte da estruturação nacional da catequese da infância e adolescência, para daí voltar o olhar para a formação cristã dos pais, enquanto adultos³⁰⁹. Portanto, o seu ponto de partida encontra-se na importância que muitos pais conferem – ainda – à Primeira Comunhão dos seus filhos – assim como à festa da Profissão de Fé e ao Sacramento da Confirmação –, pretendendo-se aproveitar esta circunstância para fornecer aos pais e filhos um período de formação cristã intensiva, tencionando-se, desta forma, acompanhar os pais, juntamente com os filhos, durante os primeiros seis anos de catequese, inserindo-os numa catequese sistemática que os conduza a um novo estilo de vida³¹⁰.

Convicta de que a catequese infantil resulta estéril se não for sustentada pelo testemunho da família³¹¹, a catequese familiar tem como critério de fundo colocar a família no centro da catequese, privilegiando os adultos, a partir da sua missão de pais, propondo que estes realizem um caminho ritmado pela iniciação cristã dos filhos, o que possibilita manter o atual percurso

³⁰⁵ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2012), 5.

³⁰⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 83.

³⁰⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 5-6.

³⁰⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 117.

³⁰⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 290-291.

³¹⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 105-106.

³¹¹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 292.

catequético infantil, ao mesmo tempo que leva os pais a abordarem as questões fundamentais da sua vida de adultos³¹². Logo, o centro das atenções passa dos filhos para os pais, permitindo uma autêntica catequese de adultos, com vista a formar adultos na fé³¹³. Assim, «a proposta de CF torna possível realizar em família uma catequese mais sistemática e específica de iniciação cristã segundo um programa já estabelecido e em conjunto com a paróquia»³¹⁴.

1.3.3.2. Modelo dos quatro tempos

Posto isto, esta forma de catequese familiar tem em vista reformular a iniciação cristã das crianças, abandonando o esquema escolar, envolvendo os pais no seu processo e valorizando o domingo³¹⁵. Tendo como ponto de partida a importância que alguns pais conferem aos Sacramentos, pretende-se aproveitar esta ocasião para os conduzir a um caminho de iniciação cristã, sendo acompanhados, juntamente com seus filhos, num percurso estruturado em quatro momentos semanais, preferencialmente ao sábado ou ao domingo³¹⁶.

O *Tempo 1* ocorre na paróquia, em dois momentos ao longo do mês, correspondendo ao encontro dos pais, com vista a que, num grupo de pais dirigido por um catequista ou casal animador, seja possível a sua descoberta da fé³¹⁷. Em segundo lugar, fornecem-se sugestões para os pais comunicarem, em família, aquilo que foi amadurecido no grupo³¹⁸. Deste modo, é-lhes proposto um itinerário de catequese de adultos, seguindo as etapas e programas do catecismo dos seus filhos, sendo que, para tal, o Guia dos Pais procura auxiliá-los a descobrir a pedagogia mais adequada para que possam falar dessa experiência com os filhos³¹⁹.

De seguida, o *Tempo 2* efetua-se em casa, ao longo do mês, consistindo no diálogo em família, entre pais e filhos, sendo o momento central de toda a catequese familiar – de facto, a sua estruturação tem em vista potencializar e possibilitar um diálogo familiar frutífero³²⁰. Para tal, foram fornecidas, no encontro dos pais, propostas simples e materiais de apoio, para que eles adquirissem meios para a sua missão de testemunhar a fé aos filhos, que decorrerá em ocasiões de diálogo, de oração e de confronto com a vida, em ligação com o catecismo das

³¹² Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 166.

³¹³ Cf. *Ibidem*, 166.

³¹⁴ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 294.

³¹⁵ Cf. *Ibidem*, 294.

³¹⁶ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 9.

³¹⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 295.

³¹⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 107.

³¹⁹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 13.

³²⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 295.

crianças e das propostas formativas nele presentes³²¹. Contudo, todos estes materiais deverão ser previamente estudados pelos pais, que necessitam, como ação prévia ao diálogo com os filhos, preparar-se, não apenas com a análise dos materiais fornecidos, mas sobretudo com uma reflexão pessoal, fazendo dela uma oportunidade para o estudo e o crescimento na fé, na qual tem lugar a oração, a leitura da introdução de cada catequese e os textos bíblicos sugeridos, buscando conhecer os objetivos e as metas a atingir com cada encontro³²².

Por sua vez, o *Tempo 3* tem lugar na paróquia, duas vezes por mês, procurando-se que suceda ao diálogo em família e organizado para um período de duas horas³²³. Num primeiro momento, de forma calma e agradável, procura-se um digno acolhimento das crianças, para que estas se sintam integradas no grupo; e, num segundo momento, de forma profunda e extensa, o catequista criará as condições para que todas as crianças partilhem o que viveram em família, sendo seu encargo o de as orientar e motivar, harmonizando o que cada uma vai referindo com os contributos das demais crianças, e chamando a atenção para algum aspeto importante não referido, concluindo o momento com a proclamação da Palavra, lida em grupo, como experiência de Igreja, por forma a que se aprenda a permitir que ela ecoe no coração e na inteligência³²⁴. Os catequistas precisam ter em consideração que as crianças aprenderão mais e melhor quando estão com os pais em casa, devido a três fatores: primeiro, a relevância emocional, na medida em que elas amam e confiam totalmente nos pais; segundo, a descontração e intimidade, que impedem barreiras na comunicação; e, terceiro, a concentração da atenção da criança, pois interage de forma direta com um adulto³²⁵. Sucede, de seguida, um momento de oração; realçando-se que nos encontros poderão participar o pároco, avós, pais voluntários, jovens, ministros da Eucaristia e outras pessoas que possam enriquecê-los com o seu contributo *carismático* – caritativo, lúdico, musical, entre outros³²⁶. Pelo que se depreende, trata-se de um momento frutuoso, após um diálogo proveitoso em família, ao qual deverá seguir-se uma ocasião em que a criança registará a sua vivência num caderno ou *Diário de Bordo*³²⁷.

³²¹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 13.

³²² Cf. *Ibidem*, 6.

³²³ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 295.

³²⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Tens Palavras de Vida Eterna. Guia do Animador Familiar* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 9.

³²⁵ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 14.

³²⁶ Cf. *Ibidem*, 14.

³²⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Creio em Jesus Cristo. Guia do Animador Familiar* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2018), 19.

Por fim, o *Tempo 4* ocorrerá na paróquia, ao final de cada mês, correspondendo à vivência autêntica da Eucaristia, em comunidade, ao domingo³²⁸. Enquanto os pais se encontram, orientados por um animador ou pelo pároco, para avaliar a experiência realizada em família e para aprofundar algumas questões, as crianças preparam um gesto, sinal ou oração para expressar na celebração algo do caminho feito e que possa envolver a assembleia, decorrendo da Expressão de Fé da catequese³²⁹. Trata-se do segundo encontro dos pais e filhos na paróquia, acontecendo duas horas antes da celebração³³⁰.

Assim, este esquema mensal, estruturado em quatro tempos, poderá resumir-se desta maneira: na primeira semana do mês acontece o encontro em família, onde os pais preparam os filhos para o encontro que terá lugar na paróquia; na segunda semana terão lugar, simultaneamente, o encontro com os pais, no qual se abordará um tema e se preparará o encontro em família da semana seguinte, e o encontro das crianças no grupo de catequese; na terceira semana ocorrerá o encontro familiar; e na quarta semana, no domingo se possível, o encontro dos pais para refletir sobre um tema e preparar o diálogo com os filhos a decorrer na primeira semana do mês, ao mesmo tempo que acontece o encontro dos filhos, culminando com a participação de todos na Eucaristia dominical³³¹.

Esta proposta alcança os primeiros seis anos de catequese, que correspondem à primeira e segunda fases do percurso da catequese paroquial, que pretende a inserção na comunidade cristã³³². Quanto aos recursos, em primeiro lugar são necessários catequistas devidamente preparados e coordenados entre si – catequista das crianças e animadores do grupo de pais³³³; em segundo lugar, tem-se publicado diversos subsídios por parte do Secretariado Nacional da Educação Cristã, nomeadamente o Guia do Animador Familiar para a catequese de adultos com os pais e para o catequista das crianças, e o Guia dos Pais para os auxiliar no diálogo com os filhos³³⁴.

1.3.3.3. Proposta que permite a renovação da catequese e da Igreja

Por conseguinte, a catequese familiar pretende promover a família como lugar de comunhão; promover a conversão e a evangelização; estruturar um itinerário catequético

³²⁸ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 15.

³²⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 295.

³³⁰ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 15.

³³¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 231-232.

³³² Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 111.

³³³ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 296.

³³⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 10.

sacramental, tendo como base o modelo catecumenal; promover um novo modelo de cristão, que seja na sociedade fermento evangelizador; e procurar inserir a família na comunidade cristã: origem, lugar e meta de toda a catequese³³⁵. Tal modelo implica a existência de comunidades cristãs acolhedoras e atraentes; o envolvimento dos pastores; a existência de uma ação concreta e organizada de primeira evangelização; uma comunidade ao serviço das pessoas; uma estruturação a nível diocesano e nacional, e não apenas a nível paroquial³³⁶.

Para tal, torna-se premente encontrar um justo equilíbrio entre a implicação dos adultos enquanto pais e a sua evangelização como adultos, o que exige um trabalho de aproximação e acolhimento dos pais, com vista a motivá-los, proporcionando-lhes uma reiniciação que os encete numa forma de vida cristã e os auxilie a serem adultos no mundo hodierno, ao mesmo tempo que se procura o seu envolvimento na vida da comunidade cristã³³⁷. Tal facto requer uma pedagogia da proximidade, na qual se procura acompanhar cada pessoa e cada família, promovendo a conversão permanente dos formadores, convidados a darem testemunho alegre e vibrante da sua fé³³⁸. Também se reveste de grande importância a noção – e prática – de que o sistema de catequese familiar deve ser, simultaneamente, exigente na formação concedida aos adultos envolvidos e flexível para se acomodar às diversas mutações que sofrem as famílias³³⁹.

Sintetizando, trata-se de uma mudança de mentalidade, sendo que

«a mudança de modelo implica passar de uma catequese *infantil* para uma catequese *para todos*; de uma catequese *por idade* para uma catequese *intergeracional*; de uma catequese “*sacramental*” para uma catequese como *caminho permanente*; de uma catequese de *apresentação* para uma catequese *mistagógica*; de uma catequese *temática* para uma catequese *orgânica*; da responsabilidade exclusiva de *alguns catequistas* para a catequese de *responsabilidade comunitária*, incluindo os pais; de uma catequese *obrigatória* para uma catequese *opcional permanente*»³⁴⁰.

Deste modo, a catequese familiar comporta as seguintes características, apontadas por Vasco Gonçalves: trata-se de uma catequese de tipo catecumenal, que procura estabelecer caminhos de iniciação cristã dos pais, inspirando-se no modelo catecumenal; pretende realizar a primeira evangelização, sempre presente no percurso catequético; pretende desprender-se do modelo escolar, privilegiando a dimensão intergeracional; sendo, por isso, uma iniciação cristã sistemática e orgânica, programada e apoiada pela comunidade cristã e por catequistas devidamente preparados; é uma catequese intergeracional, pretendendo o diálogo em família; é

³³⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 89-90.

³³⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 310-311.

³³⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 104-105.

³³⁸ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Queremos Seguir Jesus, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 6.

³³⁹ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Ensina-nos a rezar, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2013), 15.

³⁴⁰ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 310.

uma catequese diferenciada, pois existe a possibilidade de se adotarem outros modelos, conforme as circunstâncias pastorais; poderá ser potenciada por um projeto de *Despertar da Fé* nos primeiros anos de vida das crianças – 0-6 anos –; correspondendo a um modelo que altera o rosto da catequese³⁴¹.

Logo, não se trata de um modelo em que se pede a colaboração dos pais na catequese dos filhos, mas sim um verdadeiro itinerário de catequese de adultos, na esperança de que esta possibilitará uma melhor eficácia na iniciação cristã dos filhos, dado que é missão dos pais ensinar os filhos a orar e a se sentirem filhos de Deus, sendo a paróquia, como comunidade eucarística e centro da vida litúrgica das famílias, o lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais³⁴².

Assim, a proposta apresentada oferece a possibilidade de uma nova experiência eclesial, apostando na passagem de uma Igreja centrada nos clérigos a uma Igreja que valoriza e aposta nos leigos de forma séria, a partir da conceção de uma eclesiologia de comunhão e de serviço, objetivando a promoção da qualidade da comunhão eclesial e, se possível, o florescimento de novas formas de vida comunitária³⁴³. Desta forma se possibilita um salto qualitativo na catequese e na pastoral, pois aponta para uma nova perspectiva pastoral, que passa a centrar-se nos pais, com vista a que estes marquem presença, não apenas para amparar os filhos na sua iniciação cristã, mas sobretudo para que estes sintam necessidade de amadurecer e aprofundar a sua fé³⁴⁴.

1.4. Síntese

Terminado este périplo, no qual se procurou enquadrar a proposta de catequese familiar por ocasião da catequese de iniciação sacramental das crianças, no contexto da urgência de uma catequese de adultos de inspiração catecumenal, como forma de responder aos tempos hodiernos, impõe-se umas breves considerações.

Em primeiro lugar, constata-se que o modelo tradicional de catequese, que segue o modelo tridentino, centrado no ensino da doutrina em sessões de uma hora semanais na paróquia, se encontra em progressiva crise, aliado à falência do modelo eclesiológico de Cristandade, durante o qual a fé se transmitia sociologicamente. De facto, o ambiente cultural encontra-se alheio, e em muitos casos, adverso ao Cristianismo, marcado pelo individualismo levado ao seu extremo, pelo pluralismo e pela procura de realizações pessoais e de sentido,

³⁴¹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 93-98.

³⁴² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 8.

³⁴³ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 118.

³⁴⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*, 8.

perante uma enorme variedade de elementos religiosos, muitos deles contraditórios. Este ambiente influenciou negativamente os dois lugares de transmissão da fé. Por um lado, a família, fruto do ambiente cultural e social e da tradição de delegar a formação religiosa dos filhos à catequese paroquial. Por outro lado, as comunidades cristãs atravessam uma crise de identidade, além de seguirem um modelo de pastoral segmentário, que impede uma ação de formação cristã coordenada. Contudo, ao invés de se adotar uma postura condenatória ou restauracionista, os cristãos são convidados a buscar, no seio da atual crise, as sementes para o florescer de novas formas de Cristianismo.

Face a isto, o Magistério, desde o Concílio Vaticano II, tem afirmado a urgência da prioridade da catequese de adultos, no seio de uma renovação eclesiológica e pastoral, que, em detrimento de se preocupar com a manutenção, tem sofrido uma conversão profunda, centrando-se na evangelização como prioridade da sua ação, primando o primeiro anúncio e a catequese, que caminham lado a lado. Assim, a catequese de adultos pretende ser uma iniciação à vida cristã, e não apenas à celebração dos sacramentos de iniciação, inspirando-se no modelo catecumenal, a partir das orientações do RICA, privilegiando a comunidade cristã como seu ambiente vital e animada pela celebração litúrgica.

Consequentemente, é no seio desta urgência da catequese de adultos em chave evangelizadora que se apresenta a catequese familiar como uma proposta da sua concretização, na consciência de que a família é o lugar primordial e indispensável onde acontece o despertar da fé das novas gerações. Nesse sentido, expôs-se a proposta portuguesa de catequese familiar, teorizada por Vasco Gonçalves e presente nas orientações do Secretariado Nacional da Educação Cristã, que consiste numa catequese de adultos ministrada aos pais, por ocasião da preparação dos seus filhos para a Primeira Comunhão – neste momento até à Profissão de Fé –, num modelo denominado de quatro tempos.

2. Propostas de concretização da catequese de adultos

Tendo presente a proposta de catequese familiar presente em Portugal, na linha da opção prioritária pela catequese de adultos, para a qual devem convergir todas as práticas catequéticas, expor-se-ão, neste capítulo, algumas linhas de reflexão da pastoral catequética, que poderão fornecer elementos para um melhor enquadramento e compreensão da proposta portuguesa de catequese de adultos. Na verdade, os diversos modelos de catequese que as propostas e experiências revelam podem prestar um importante contributo no discernimento dos novos caminhos que a ação catequética deve executar³⁴⁵.

Ao mesmo tempo, a viagem por algumas reflexões permite corroborar a ideia já presente no capítulo anterior de que a expressão *catequese de adultos* não aborda um único modelo, dado que existem diversos itinerários e formas de propor a fé aos adultos, a partir da situação concreta em que cada um se encontra³⁴⁶. De facto, incumbe aos agentes da pastoral, a partir da realidade onde estão inseridos, e tendo presentes as linhas de orientação do Magistério, juntamente com as diversas reflexões catequéticas, implementar um programa de reforma da catequese nas suas comunidades.

Neste sentido, pretender-se-ão estudar três propostas de reflexão e prática catequética: em primeiro lugar, abordar-se-á a catequese intergeracional, a partir do trabalho de Isabel Oliveira, que tem como pano de fundo a compreensão do terceiro paradigma de Denis Villepelet; de seguida, expor-se-á a catequese do caminho, seguindo os pensamentos de Henri Derroitte e de Luc Aereus; e, por fim, prestar-se-á atenção à catequese generativa, tendo-se como ponto de partida a apresentação do modelo da pastoral generativa.

Convém ressaltar que não se objetiva uma descrição exaustiva de cada forma de catequese, pretendendo-se apenas expor as características principais destas linhas de pensamento, que procuram responder à atual crise de transmissão religiosa, a partir da exigência em ultrapassar o atual paradigma pastoral que, conseqüentemente, será capaz de propiciar mudanças na conceção catequética³⁴⁷.

2.1. Catequese intergeracional

Antes de qualquer tipo de reflexão, torna-se premente precisar o significado dos termos em questão: «a palavra *intergeracional* indica a interação de pessoas de idades muito

³⁴⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 135.

³⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 77.

³⁴⁷ É importante ter presente que qualquer prática catequética tem como pano de fundo uma determinada opção pastoral.

diferentes»³⁴⁸, ao passo que «catequese intergeracional é aquela que se realiza em condições donde os que participam representam grupos de idades diferentes, nos quais se favorece a igualdade e a reciprocidade»³⁴⁹.

Conforme foi referido, o sistema de catequese tradicional, com as suas repartições por idades, tem-se revelado insuficiente. Tal insuficiência torna-se cada vez mais visível à medida que crescem os casos de *fora da lei*, expressão que Luc Aerens apresenta para referir os crescentes casos de adolescentes e adultos que se propõe a iniciar um caminho catequético³⁵⁰. Portanto, «muitos dos esforços da renovação da catequese devem passar por experiências de catequese intergeracional»³⁵¹, dado que a implantação de uma catequese de adultos terá mais hipóteses de sucesso se não se separarem os adultos das demais faixas etárias³⁵².

Perante este cenário sociocultural, Denis Villepelet aponta para a necessidade de se adotar um novo paradigma catequético que, ao invés de se centrar em Jesus e na sua encarnação na História, se estruture à volta da ação do Espírito, que revela a identidade de Jesus e ampara os discípulos no seu seguimento³⁵³. Deste modo, o catequeta propõe uma prática catequética que parta da adesão inicial da fé para uma adesão adulta, apontando a pedagogia da iniciação como o caminho que melhor responde às exigências atuais da catequese³⁵⁴. Contudo, ele defende que os paradigmas anteriores persistem, porém, se no caso dos dois primeiros consegue-se realizar uma sistematização coesa, no caso do terceiro não acontece o mesmo, pois este ainda se encontra a ser desenvolvido, dado haverem formas catequéticas ainda em geração³⁵⁵. Neste sentido, a convicção pela intergeracionalidade alicerça-se ainda no facto de que a comunidade cristã é, por sua natureza, uma realidade intergeracional, tendo liturgia, lugar catequético e de iniciação à fé por excelência, como um espaço catequético intergeracional³⁵⁶.

³⁴⁸ Allan Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 60.

³⁴⁹ *Ibidem*, 60.

³⁵⁰ Cf. Luc Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2006), 21-22.

³⁵¹ Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 3.

³⁵² Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 67.

³⁵³ Cf. Solange Maria Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” *Belo Horizonte* 44 (2016): 1413, acedido a 06/01/2019, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2016v14n44p1398>.

³⁵⁴ Cf. Solange Maria do Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*” (Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia e Teologia, 2013), 217.

³⁵⁵ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 140-141.

³⁵⁶ Cf. Isabel Azevedo de Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias* (Porto: Edições Salesianas, 2007), 9.

Por conseguinte, Isabel Oliveira, tendo por base a formulação do terceiro paradigma de Denis Villepelet³⁵⁷, elabora uma reflexão catequética, apresentando um projeto de catequese intergeracional, que a mesma tem vindo a desenvolver na diocese do Porto³⁵⁸. Trata-se de um projeto que «tem como horizonte criar as condições para despertar e amadurecer o desejo de Deus em todos os intervenientes»³⁵⁹. Uma catequese voltada para a ação do Espírito, assente na dinâmica da iniciação, que concebe um lugar fulcral à comunidade de fé, na qual se processa uma formação permanente na fé, tratando-se de chaves de reflexão do pensamento do catequeta francês que influenciam decididamente a proposta de catequese intergeracional.

Deste modo, esta curta exposição, que terá como pano de fundo o trabalho de reflexão desenvolvido por Isabel Oliveira, alinhar-se-á em três momentos: num primeiro momento, buscar-se-á a base do pensamento da catequeta portuguesa, apresentando-se uma síntese da reflexão promovida por Denis Villepelet, cujo trabalho de sistematização dos paradigmas catequéticos conduz à afirmação de que é urgente introduzir o terceiro paradigma na prática catequética; de seguida, explorar-se-á a necessidade da catequese intergeracional e o consequente contributo da comunidade de fé; e, por fim, indicar-se-á, de forma sucinta, o projeto de catequese intergeracional que a referida autora reflete.

2.1.1. Terceiro paradigma catequético de Denis Villepelet

A observação e entendimento dos dinamismos modelares, criadores e reconstrutivos, presentes na catequese hodierna, originam variadas propostas que possibilitam uma nova compreensão da catequese³⁶⁰. Desta forma, o teólogo francês Denis Villepelet fornece um contributo para a teorização dos modelos catequéticos, ao definir e caracterizar três paradigmas catequéticos³⁶¹ – paradigma da cristandade, paradigma da modernidade e paradigma da pós-modernidade – colocando em interação, para cada paradigma, cinco campos do conhecimento – sociológico, antropológico, eclesial e pedagógico³⁶².

Convém salientar que a distinção entre os paradigmas está relacionada com a articulação teológica e pedagógica da dupla polaridade da fé cristã, isto é, como se organizam as formas de relação entre a fé como ato pessoal – *fides qua* – e a fé enquanto conteúdo revelado – *fides quae*

³⁵⁷ Cf. Denis Villepelet, *Les défis de la transmission dans un monde complexe. Nouvelles problématiques dans un monde complexe* (Paris: Desclée de Brower, 2009).

³⁵⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestão*, 234.

³⁵⁹ *Ibidem*, 234.

³⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 124.

³⁶¹ Cf. *Ibidem*, 125.

³⁶² Cf. Villepelet, *Les défis de la transmission dans un monde complexe. Nouvelles problématiques dans un monde complexe*, 391-412.

–³⁶³. Se o primeiro paradigma orienta-se da *fides quae* para a *fides qua*, ou seja, ao ensino da doutrina pela Igreja segue-se a sua recepção pelo catequizando; o segundo paradigma organiza-se da *fides qua* para a *fides quae*, isto é, parte de uma *fides qua iniciante* para uma *fides quae adulta e envolvida* na missão da Igreja, que se apropria da *fides quae creditur*³⁶⁴. Por sua vez, o teólogo francês propõe um novo paradigma catequético, localizado no horizonte da complexidade da sociedade pós-moderna, na qual a fé não aparece como uma evidência para a maior parte dos sujeitos, e a evangelização é preconizada pela proposta da fé³⁶⁵. A catequese, neste sentido, torna-se mediadora permanente do desenvolvimento da orgânica da *fides qua*, possibilitando que o sujeito crente – *fides qua* – possa manter-se como sujeito, levando a situar-se o dinamismo catequético da *fides qua* para a *fides qua*, pela mediação da tradição e da fé da Igreja³⁶⁶. Consiste em encorajar uma autêntica comunicação entre a tradição viva da Igreja, tornada presente por meio dos discípulos, e em sujeitos dispostos para se exporem ao encontro de Cristo³⁶⁷.

O grande objetivo da catequese consiste em promover o encontro com Jesus Cristo, morto e ressuscitado por ação do Espírito; por sua vez, a catequese é desafiada a «proclamar, celebrar e viver o mistério pascal pela ação do Espírito»³⁶⁸. Assim, a uma catequese focada nos mistérios da criação e da encarnação, presente nos paradigmas da cristandade e da encarnação, Denis Villepelet apresenta uma nova linha de reflexão voltada para o mistério pascal cuja plenitude ocorre com o dom do Espírito no Pentecostes³⁶⁹. Note-se, desde já, que se trata de um paradigma em vias de construção, não totalmente concluído e consolidado nas comunidades eclesiais, cujas marcas são possíveis vislumbrar nas ações evangelizadoras da Igreja³⁷⁰.

Deste modo, analisar-se-ão as duas vertentes que este paradigma expõe: por um lado, a aposta numa catequese pneumatológica, que tem no centro a pedagogia da iniciação; e, por outro lado, a consequente imagem renovada da Igreja, entendida como *Templo do Espírito*.

³⁶³ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 136-137.

³⁶⁴ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 204.

³⁶⁵ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 137-138.

³⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 138-139.

³⁶⁷ Cf. Denis Villepelet, “*Comment favoriser aujourd’hui la reconnaissance de soi et le sentiment d’appartenance à la communauté chrétienne?*,” *Lumen Vitae* 56, n.º 1 (2001): 26.

³⁶⁸ Carmo, “*Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet*,” 1403.

³⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 1399.

³⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 1399-1400.

2.1.1.1. Catequese pneumatológica

Em primeiro lugar, a ação catequética deverá encontrar na sociedade complexa e incerta, em contínua mudança, o seu lugar de atuação, proporcionando uma experiência vivificante sempre nova³⁷¹. Para tal, urge iniciar um diálogo humilde, despido de qualquer pretensão de verdade, levando a que a fé cristã possa apresentar-se como pertinente a partir do mistério pascal, força instituinte que a suporta³⁷².

Por outro lado, faz parte da tarefa da catequese promover um trabalho de interioridade, nomeadamente a dimensão espiritual da relação com Deus, com vista a que o Homem contemporâneo sinta a sua presença no mais íntimo do seu ser e, assim, confie no amor incondicional de Deus, que Jesus Cristo revelou³⁷³. Trata-se de uma afirmação crucial, pois «a afirmação da interioridade é hoje nosso maior desafio e a *personalização da fé* se apresenta como o único caminho possível para continuarmos a crer»³⁷⁴, procurando responder ao chamamento e sair, sendo nesta resposta contínua que o sujeito pós-contemporâneo poderá encontrar a verdadeira felicidade e a força para viver³⁷⁵. Portanto, ao invés de ser a vida que acha sentido na fé, neste paradigma é a fé que descobre eco na vida, o que lhe faz possuir uma dimensão funcional, uma vez que pode servir para a construção da identidade global de um indivíduo³⁷⁶.

Estes dois aspetos permitem compreender a necessidade de uma catequese *pneumatocentrada* ou *pneumatoderivada*, isto é, uma catequese centrada na ação contínua do Espírito Santo, enviado por Jesus para que os homens continuem a ser tocados pela graça e entrem em comunhão com o Pai³⁷⁷. Na realidade, o mais importante no exercício da catequese consiste em possibilitar uma imersão no mistério pascal que está acima da lógica da realidade, dado que a fé se encontra ao nível da gratuidade absoluta³⁷⁸. Perante uma situação sociocultural adversa, a fé cristã necessita de mostrar a sua potencialidade e de acompanhar de forma fraternal uma pessoa na descoberta de Cristo e no seu aprofundamento de fé, trazendo à catequese a

³⁷¹ Cf. Carmo, “Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet,” 205-206.

³⁷² Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1410-1411.

³⁷³ Cf. Carmo, “Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet,” 208-209.

³⁷⁴ Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1411.

³⁷⁵ Cf. Denis Villepelet, “Catéchèse d’adultes et maturation de la foi,” *Lumen Vitae* 66, n.º 4 (2008): 394.

³⁷⁶ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 139.

³⁷⁷ Cf. Carmo, “Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet,” 213.

³⁷⁸ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1417-1418.

necessidade de se orientar, não tanto por uma pedagogia de ensino ou de aprendizagem, mas sim de acordo com a pedagogia da iniciação³⁷⁹.

Portanto, «o terceiro paradigma insiste na *pedagogia da iniciação* como a pedagogia própria da catequese»³⁸⁰, uma vez que ela trabalha com a noção de mistério, abrindo as possibilidades para a revelação do Deus misterioso que se dá a conhecer por meio de Jesus mediante a força do Espírito³⁸¹. Antes de mais, entende-se que a iniciação pode constituir um caminho proveitoso de humanização e subjetivação, uma vez que as situações inéditas com que os homens têm de lidar impele-os a começar ou recomeçar³⁸². Pela iniciação, o homem contemporâneo procede a um mergulho no mistério cristão, vivendo a experiência da fé, a presença de Deus na comunidade e alimentando-se da Palavra, ou seja, este mergulho consiste num encontro com Deus que abrange todos os sentidos da sua existência³⁸³. Por conseguinte, este processo de experiência do mistério coloca em lugar cimeiro a liturgia, ação eclesial privilegiada, mediante a qual a Páscoa de Cristo se atualiza, ao trilhar-se, no Espírito, um caminho de Cristo para o Pai³⁸⁴. Por isso, a catequese precisa prolongar a experiência do mistério que a liturgia celebrou, por forma a que, através da prática mistagógica, se possa saborear o amor de Deus³⁸⁵.

Seguindo o pensamento de Denis Villepelet, ganha relevância a importância da repetição litúrgica, concebendo-a de forma dinâmica, própria de uma aprendizagem artesanal, na qual a repetição de um gesto, nunca feita do mesmo modo, aprofunda, aperfeiçoa e aumenta a liberdade com que se executa³⁸⁶. De facto, a iniciação assume-se do tipo da aprendizagem artesanal, por consistir numa dinâmica global que afeta o corpo, a inteligência, o coração e, ainda, a relação com os outros³⁸⁷. Por outro lado, os acompanhantes catequéticos são convidados a conceder, de forma gradual, espaço ao iniciante, tal como é prática do artesão que, após ter realizado uma obra em primeiro lugar, vai cedendo lugar ao aprendiz, de acordo com

³⁷⁹ Cf. Villepelet, “Comment favoriser aujourd’hui la reconnaissance de soi et le sentiment d’appartenance à la communauté chrétienne?,” 26.

³⁸⁰ Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1417.

³⁸¹ Cf. Villepelet, *Les défis de la transmission dans un monde complexe. Nouvelles problématiques dans un monde complexe*, 427-48.

³⁸² Cf. Denis Villepelet, “L’initiation en post-modernité,” *Lumen Vitae* 66, n.º 2 (2011): 129.

³⁸³ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 208-209, 220-221.

³⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 222-223.

³⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 222.

³⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 224-225.

³⁸⁷ Cf. Villepelet, “L’initiation en post-modernité,” 130-131.

a complexidade da tarefa, para que este possa assimilar para si a forma como a obra fora executada e lhe acrescente um elemento pessoal³⁸⁸.

Uma característica fulcral apontada pelo catequeta francês corresponde à noção da catequese como encontro, o qual é possível entre pessoas que se aproximam e entram em relação³⁸⁹. Em consequência, este encontro ocorre através do testemunho da experiência cristã do catequista e de outros participantes, pela Palavra anunciada e repartida, pela celebração, cânticos, gestos, silêncio, símbolos e ritos e, ainda, do compromisso e serviço para com os que se encontram nas periferias, isto é, em cada experiência humana³⁹⁰. Portanto, mais que transmitir uma mensagem, a catequese promove relações interpessoais de comunicação, dialogando e criando comunhão³⁹¹.

Em último lugar, convém salientar que a catequese se encontra estruturada como um movimento concêntrico, dado que os conteúdos da fé consistem em vivências experimentadas e assimiladas ao longo de toda a vida³⁹². Então, deduz-se que a maturidade não corresponde a um estado mas a uma realização permanente, e que, assim, o crescimento na fé é um caminho contínuo, que nunca alcança o seu término³⁹³, sendo que a procura de Cristo constitui uma tarefa permanente, levando-se a afirmar que a plenitude da catequese se encontra na contínua ação de recomeçar³⁹⁴.

Por outras palavras, o movimento de conversão e adesão a Cristo permanece sempre, com a finalidade de retomar a dinâmica do amadurecimento da fé³⁹⁵. Neste sentido, todos – catequizandos e catequistas – mergulham no mistério cristão, sendo que o catequista também se deixa surpreender pelo interlocutor e entra no processo de recomeço da sua fé, o que faz dele um discípulo a caminho do seguimento de Cristo³⁹⁶.

³⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 131.

³⁸⁹ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 225.

³⁹⁰ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1404.

³⁹¹ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 226.

³⁹² Cf. *Ibidem*, 228.

³⁹³ Cf. Villepelet, “*Catéchèse d’adultes et maturation de la foi*,” 386.

³⁹⁴ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 230-231.

³⁹⁵ Cf. Villepelet, “*Catéchèse d’adultes et maturation de la foi*,” 387.

³⁹⁶ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 232.

2.1.1.2. Igreja *Templo do Espírito*

Como se referiu, ao apresentar o terceiro paradigma, Denis Villepelet aponta para uma nova imagem da Igreja, entendendo-a como *Templo do Espírito*, considerada mais leve que as imagens precedentes, uma vez que possuirá poucos entraves institucionais, não será marcada pelo peso das utopias, nem se limitará a imposições de ordem contratual que possam garantir a presença das pessoas³⁹⁷. Consiste numa Igreja que é sinal da profunda união a Deus, onde o Espírito atualiza a presença de Jesus Ressuscitado e onde o cristão faz experiência da ação do Espírito³⁹⁸. Por isso, ela revela-se menos espacial e com limites menos demarcados, sendo um grupo que integra sujeitos experientes na fé, simpatizantes e reiniciantes, numa postura de total abertura para quem quer crescer e desenvolver na presença de Cristo³⁹⁹. Porém, tal não implica o desaparecimento da organização eclesial, mas sim um amenizar de algumas organizações e uma reorganização eclesial em torno do amor, o maior dom do Espírito⁴⁰⁰.

Por conseguinte, a comunidade eclesial realizará a proposta da fé numa atmosfera de intercâmbio, de convívio e de fraternidade, comunicando, em forma de proposta, a sua experiência com o Deus de Jesus Cristo⁴⁰¹, iniciando-se à fé, não pelo exercício de uma autoridade frontal ou por imposições, mas sim pelo diálogo e pelo estabelecimento de uma reciprocidade, colocando a tónica na transmissão de fé por osmose e por simbiose⁴⁰². O diálogo constitui, assim, a sua marca, exigindo aos cristãos que não se acomodem na fé adquirida, mas procurem continuamente revisitá-la e reinventá-la perante a escuta da Palavra, tornando-a na primeira remetente do que anuncia⁴⁰³, sendo, por isso, uma comunidade de irmãos reunidos por Cristo com vista a dar testemunho do seu evangelho, e não uma mera comunidade de eleitos com projetos comuns⁴⁰⁴.

Finalmente, encontra-se atenta à ação de Deus no seio das realidades mais surpreendentes, em estado de conversão permanente e cultivando uma postura de igualdade, por forma a permitir o diálogo, trazendo uma significativa aportação para a catequese:

³⁹⁷ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1415.

³⁹⁸ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 214.

³⁹⁹ *Ibidem*, 214-215.

⁴⁰⁰ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1416-1417.

⁴⁰¹ Cf. *Ibidem*, 1415.

⁴⁰² Cf. Villepelet, “*Catéchèse d’adultes et maturation de la foi*,” 389.

⁴⁰³ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1416.

⁴⁰⁴ Cf. Villepelet, “*Comment favoriser aujourd’hui la reconnaissance de soi et le sentiment d’appartenance à la communauté chrétienne?*,” 26.

convidada a criar companheirismo, cimentado na solidariedade mútua, na fraternidade e no diálogo⁴⁰⁵.

2.1.2. Importância de uma catequese intergeracional

Perante uma sociedade em que a transmissão da fé já não se realiza de forma automática, pois o ambiente sociocultural é-lhe adverso, a prática catequética precisa de adquirir um caráter permanente, abandonando a repartição por idades, uma vez que a vida cristã é um processo contínuo, no qual se deve estar sempre disponível para escutar, refletir e aprender, com vista a que os crentes, individual e coletivamente, se possam configurar progressivamente a Jesus Cristo⁴⁰⁶.

Desta forma, importa precisar que o termo *intergeracionalidade* não significa somente um encontro de pessoas de diferentes idades para uma atividade comum, mas corresponde à vivência, num grupo intergeracional, de um processo consciente, no qual os diversos membros desempenham um contributo ativo nas suas experiências e aprendizagens, e se empenham de forma recíproca pelo crescimento humano e espiritual⁴⁰⁷. Em detrimento disto, qualquer trabalho intergeracional terá de atender a dois critérios: um primeiro refere que devem participar pessoas de, pelo menos, dois grupos diferentes de idade; ao passo que o segundo indica que as experiências compartilhadas pelo grupo animarão a reciprocidade e a cooperação no decurso da aprendizagem, que se realiza sob a marca da mutualidade, ou seja, todos aprendem ao mesmo tempo, aceitando-se com absoluta igualdade as diferentes contribuições⁴⁰⁸.

Portanto, não basta convocar um grupo com pessoas de idades distintas, mas incentivar, de forma consciente, diversos elementos de interação nesses grupos⁴⁰⁹. E se é certo que o grupo apresentará pessoas com diferentes níveis de *maturidade* humana e de fé, esses níveis podem constituir o motor para se descerrarem horizontes de interpretação da vida à luz da fé, gerando um entendimento mútuo e enriquecimento de cada um, viabilizando, desta forma, que a fé possa tatear em locais inesperados da vida, colocando-a na dinâmica de uma criação permanente⁴¹⁰.

As dinâmicas intergeracionais possuem, pois, grande relevância para que tomem parte no diálogo sobre a tarefa educativa das comunidades cristãs, encerrando oportunidades para o

⁴⁰⁵ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1416.

⁴⁰⁶ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 15.

⁴⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 9.

⁴⁰⁸ Cf. Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” 71.

⁴⁰⁹ Cf. Allan G. Harkness, “Intergenerational education for an intergenerational Church?,” *Religious Education* 93, n.º 4, (1998): 432, acedido a 25/09/2019, <https://doi.org/10.1080/0034408980930404>.

⁴¹⁰ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 18.

complemento, ou mesmo trazendo um novo rumo às atuais teorias e metodologias da educação cristã praticada na maioria das comunidades⁴¹¹. Entre as diversas dinâmicas e lugares, é na celebração litúrgica que reside o lugar intergeracional por excelência, dado ser composta por pessoas de diferentes idades que têm a oportunidade de se unir à comunidade, ao mesmo tempo que experimentam o acontecimento litúrgico⁴¹².

2.1.2.1. Pertinência de práticas catequéticas intergeracionais

As comunidades cristãs, uma vez que reúnem os crentes que se juntam para celebrar e viver a fé, têm que ser intergeracionais, sendo que a liturgia é, como foi referido, um lugar catequético e de iniciação ao mistério da fé por excelência, logo, um local catequético intergeracional⁴¹³. Daqui advém o facto de que esta linha de reflexão catequética tenha como meta instituir as condições para que o desejo de Deus possa despertar e amadurecer em todos os participantes⁴¹⁴.

De facto, Denis Villepelet alertava para a necessidade de se ultrapassar uma prática de catequese da herança para se instituir uma catequese da proposta, fazendo com que a fé esteja sempre em constante reiniciação⁴¹⁵. Neste sentido, a catequese intergeracional compreende-se como um lugar de proposta da fé, voltada para todas as pessoas, qualquer que seja a idade de maturidade da sua fé⁴¹⁶, fazendo com que o cuidado com a descoberta, iniciação e maturação da fé se tornem uma questão comunitária e intergeracional⁴¹⁷. Por conseguinte, esta linha de reflexão catequética encontra-se no cruzamento entre a catequese de iniciação e a catequese permanente, num encontro que permite que os grupos catequéticos ganhem consciência da dimensão comunitária da caminhada de fé, tendo ambas a mesma finalidade de criar comunhão em Jesus Cristo⁴¹⁸.

Deste modo, a catequese intergeracional poderá estimular a edificação coletiva que permite que a Igreja viva a sua vocação, pois as atividades fomentarão uma maior compreensão coletiva da vida e da missão da comunidade e permitirão um compromisso mais forte pela sua

⁴¹¹ Cf. Harkness, “Intergenerational education for an intergenerational Church?,” 432.

⁴¹² Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 56.

⁴¹³ Cf. *Ibidem*, 9.

⁴¹⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 234.

⁴¹⁵ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1416.

⁴¹⁶ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 9.

⁴¹⁷ Cf. Henri Derroite, “Les formes de catéchèse communautaire: fondements, balises, évaluations”: 5, acedido a 21/04/2019, <https://updetheux.files.wordpress.com/2015/06/les-formes-de-catec3a9chc3a8se-communautaire.pdf>.

⁴¹⁸ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 18.

edificação⁴¹⁹. Daí se pode compreender a necessidade da catequese se tornar um espaço de diálogo intergeracional, para que todos possam dar e receber algo – como comunidade de crentes – para a sua formação cristã⁴²⁰. Então, tendo a catequese intergeracional como coração da comunidade cristã, possibilita-se que esta, pela descoberta da escuta e do confronto salutar de ideias, no respeito pelo outro, se assuma um lugar de socialização⁴²¹. Uma vez que esta catequese se encontra em estreita relação com a comunidade, é importante referir que ela possibilita a coerência entre a teologia das comunidades eclesiais e os seus esforços práticos a nível da catequese, ou seja, a sua programação testemunha o compromisso da comunidade em articular a reflexão teológica com a prática pastoral⁴²².

Dado que a catequese permanente significa que a vida de fé é um processo em constante evolução, nunca finalizado, mediante o qual o crente se vai configurando à *estatura de Cristo*, a catequese intergeracional tem em conta a caminhada de fé do indivíduo, permitindo um aprofundamento da mesma a partir das experiências, testemunhos, liturgias e ações de formação, que conduzem a uma interpretação da vida à luz da fé, com vista a uma mútua compreensão e a um enriquecimento pessoal⁴²³. Por outras palavras, ela aumenta o potencial da vida de fé dos membros da comunidade, pelo contacto com pessoas de diversas gerações e pela interajuda que estes podem prestar no desenvolvimento da vida cristã⁴²⁴, pois a catequese necessita promover, acima de qualquer transmissão de uma mensagem, relações interpessoais de comunicação, promovendo o diálogo e gerando comunhão⁴²⁵.

Tendo em conta a profundidade da vivência espiritual e humana da fé, esta forma de catequese advém, de modo muito particular, pelo testemunho, sendo que ela constituirá um espaço de iniciação e de conversão permanente se proporcionar espaços comuns de vivência da fé na experiência quotidiana⁴²⁶. Trata-se, de facto, da expressão da essência da autêntica e adequada catequese que deve ser praticada na comunidade eclesial, na medida em que se fomenta a integração entre os diversos membros, através da socialização e da utilização de pedagogias conscientes⁴²⁷.

⁴¹⁹ Cf. Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” 69

⁴²⁰ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 16.

⁴²¹ Cf. Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 156.

⁴²² Cf. Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” 61

⁴²³ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 17-18.

⁴²⁴ Cf. Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” 66.

⁴²⁵ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 226.

⁴²⁶ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 18-19.

⁴²⁷ Cf. Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” 63.

Por fim, é preciso ter em conta que a família é o lugar da intergeracionalidade por excelência, devendo as formas catequéticas pautadas por este modelo de reflexão propor espaços comuns para a vivência e partilha de experiências em família, onde cada membro se oferece ao outro a partir da sua maturidade humana e de fé, tornando a instituição comunitária um agente de formação que, a par da família, apoia, reforça e alarga a sua tarefa, com o grande objetivo de estender à família as experiências vividas nas catequese intergeracionais⁴²⁸. Na verdade, «o grande objectivo da CI é estender, à vida familiar, as experiências desenvolvidas nos encontros catequéticos intergeracionais oferecendo desafios e ferramentas às famílias para que elas possam ser uma “Igreja doméstica”»⁴²⁹. Então, impõe-se o desenvolvimento de «uma pastoral estruturada e orgânica, um verdadeiro e próprio “sistema” de pastoral familiar da primeira idade»⁴³⁰.

Deste modo, pode-se auferir que a catequese intergeracional não se resume a um método pastoral e catequético, mas oferece a ocasião para se refletir de forma ampla sobre a maneira de se fazer Igreja e comunidade, com a finalidade de se abrir caminho a uma nova evangelização descomplexa e radiante⁴³¹.

2.1.2.2. Relevância da comunidade cristã

Em conformidade com o que tem sido vincado, a renovação catequética exige que se faça da catequese o centro da preocupação da comunidade cristã, em linha com a sua responsabilidade missionária⁴³². Numa Igreja que se urge conceber como *Templo do Espírito*, ela é chamada a constituir-se como «o lugar da experiência do Espírito e da troca e partilha dessa experiência»⁴³³, sendo que os indivíduos tanto mais quererão investir na sua comunidade, participando nas suas atividades, quanto mais encontrem nela um motivo que lhes permita crescer na sua identidade e dar sentido às suas vidas⁴³⁴.

Nessa sequência, a comunidade deve realizar uma tríplice evolução: em primeiro lugar, passar de uma comunidade que isola a catequese num grupo concreto para uma comunidade onde todos os membros se consciencializam de que estão num permanente processo de catequização, e que, por sua vez, são chamados a dar razões da sua fé; de seguida, abandonar a

⁴²⁸ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 19-22.

⁴²⁹ *Ibidem*, 21.

⁴³⁰ Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 44.

⁴³¹ Cf. Derroitte, “Les formes de catéchèse communautaire: fondements, balises, évaluations”: 3.

⁴³² Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 34.

⁴³³ Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 216.

⁴³⁴ Cf. *Ibidem*, 216.

prática paroquial de se programar a atividade catequética em torno da transmissão de conhecimentos religiosos, procurando-se delinear um projeto integral que procure relacionar o aprofundamento da fé com a caminhada de *fides qua* mais amadurecida, e com a vida comunitária e com o ambiente sociocultural envolvente; e, por fim, passar de uma comunidade que confere pouca relevância e voz aos catequistas, para os conduzir aos lugares cimeiros de debate e de decisão da vida paroquial⁴³⁵.

Pode-se, assim, entrever o lugar primordial da comunidade nesta proposta catequética, uma vez que se desenvolve no seu seio, tornando-se um espaço de vivência e de testemunho da fé, ao mesmo tempo que acolhe e atesta a fé de quem a ela quer aderir, aprendendo a viver num contínuo processo de catequização⁴³⁶. A comunidade cristã, sendo intergeracional na sua estruturação, precisa que as suas estratégias pedagógicas sejam expressão da diversidade que marca os seus membros, respeitando-se os variados pontos de vista mediante uma comunicação eficaz⁴³⁷, de maneira que se possibilite um aumento do sentido de unidade e se desenvolva uma solidariedade afetiva⁴³⁸.

Refletir sobre a comunidade implica, necessariamente, que se aborde a celebração litúrgica, sendo que ela, «nas suas características teológicas, antropológicas e didáticas, é uma dinâmica catequética de iniciação comunitária à fé. Nela, se dá a ver, sentir, partilhar e a celebrar a fé. A catequese inicia-se na e com a liturgia»⁴³⁹. Em virtude disso, a catequese intergeracional é incitada a redescobrir na liturgia, elemento central da vida comunitária, a sua força catequética, sendo que, ao permitir que membros de diversas idades possam realizar, de forma simultânea, a mesma experiência de fé, leva a concluir de que se trata do espaço intergeracional por excelência, constituindo-se uma verdadeira catequese comunitária⁴⁴⁰.

A partir desta convicção sobre a premência da comunidade – na qual a liturgia é um elemento central – torna-se importante, segundo Isabel Oliveira, ter a preocupação de refletir e ter em conta os elementos desta reflexão catequética na programação e nos objetivos da paróquia, situação que permitirá desenvolver a consciência para a dimensão teológica da comunidade e, ao mesmo tempo, colocar a catequese no seu centro⁴⁴¹. Para que a comunidade possa efetivamente produzir esta transição, devem-se ter em consideração duas atitudes fundamentais: por um lado, informar e, simultaneamente, formar os membros; e, por outro lado,

⁴³⁵ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 34-35.

⁴³⁶ Cf. *Ibidem*, 36.

⁴³⁷ Cf. Harkness, “Una catequesis intergeneracional,” 64-65.

⁴³⁸ Cf. Derroite, “Les formes de catéchèse communautaire: fondements, balises, évaluations”: 6.

⁴³⁹ Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 36.

⁴⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 37.

⁴⁴¹ Cf. *Ibidem*, 39.

elaborar um programa pastoral que tenha no centro das preocupações a missão catequética intergeracional da comunidade⁴⁴². Importa referir que, na medida em que cada comunidade é única, os agentes pastorais são convidados a encontrar nela as oportunidades naturais, presentes nos programas já existentes⁴⁴³.

Por fim, convém ressaltar que as metodologias de carácter intergeracional adotadas devem ser ativas, fazendo dos protagonistas recetores e autores das experiências partilhadas, e possibilitando o nascimento de lugares de testemunho e de vida comunitária⁴⁴⁴. Quanto ao catequista, a sua missão consiste em ser um iniciador, que convoca, orienta, acompanha e, ainda, oferece uma leitura crente da vida⁴⁴⁵.

Posto isto, é possível deduzir que a opção por uma catequese intergeracional comunitária poderá constituir um importante veículo para a revitalização dos projetos pastorais e, conseqüentemente, das próprias comunidades, através da partilha e do testemunho de vida de fé, podendo constituir uma resposta à atual crise de transmissão da fé e ao esmorecimento das comunidades cristãs⁴⁴⁶. De facto, poderá resultar num enriquecimento das paróquias, permitindo uma evangelização diária, pelo facto dos seus membros se tornarem capazes de fazer da comunidade família, cuja vivência do amor e prática da hospitalidade poderão contagiar outras pessoas⁴⁴⁷.

2.1.3. Projeto de catequese intergeracional apontado por Isabel Oliveira

Pode apontar-se, desde já, que a partilha da fé na comunidade – como uma forma de experimentar uma conversão contínua – constitui o pilar principal de toda a catequese da comunidade⁴⁴⁸. Para se compreender melhor a essência desta proposta catequética, é necessário atender à definição que Isabel Oliveira apresenta:

«A Catequese Intergeracional é uma *catequese de iniciação e de educação permanente* à vida da fé, da liturgia e da caridade. Dirige-se a todas as idades onde conflui a catequese de iniciação e a educação permanente da fé para um mútuo testemunho e acompanhamento em ordem à maturação da fé do grupo. Este processo catequético, ocasional ou sistemático, proporciona à comunidade uma formação que pode ser “*orgânica e sistemática*” (DGC 67) ou *ocasional* (DGC 72) de acordo com os objetivos a que se propõe»⁴⁴⁹.

⁴⁴² Cf. *Ibidem*, 39.

⁴⁴³ Cf. Harkness, “Intergenerational education for an intergenerational Church?,” 442.

⁴⁴⁴ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 46.

⁴⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 46.

⁴⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 135.

⁴⁴⁷ Cf. Bill Huebsch, *La catequesis de toda la comunidad*, trad. Ramón Alfonso Díez Aragón e José Luis Saborido (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2005): 104.

⁴⁴⁸ Cf. *Ibidem*, 52.

⁴⁴⁹ Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 23.

Portanto, abandonam-se atividades destinadas unicamente para a catequese de infância e adolescência – onde os adultos apenas seriam meros espectadores –, para se proporem atividades pensadas para todos os participantes, na confiança de que poderão enriquecer, ainda que de maneira diferenciada, o caminho de fé de cada geração⁴⁵⁰.

Importa mencionar que a catequese intergeracional surge e decorre na comunidade, a qual se encontra em processo de catequização, por forma a tornar-se um local que, pela sua forma de ser e pela qualidade das relações existentes, poderá certificar a sua própria fé e a dos que desejam aderir⁴⁵¹. De facto, «a catequese intergeracional promove a comunidade e, nesta, a liturgia como espaços de encontro e crescimento na fé, porque a comunidade “é, por natureza, intergeracional”»⁴⁵². Este linha de reflexão considera que todos os membros da comunidade são, simultaneamente, agentes e destinatários da catequese⁴⁵³, pois cada membro da catequese, desde o mais jovem ao mais idoso, participa como sujeito da ação catequética, através do seu testemunho, participação e acompanhamento⁴⁵⁴.

De seguida, a catequeta acrescenta:

«Nesta dinâmica enquadra-se a “catequese intergeracional familiar”, como processo de formação em que a família (re)descobre e assume a sua identidade e função de “*Igreja doméstica*” (LG 11). A catequese oferece, assim, espaços comuns de partilha de saberes e experiências e, ao mesmo tempo, instrumentos para o “amadurecimento” da vida familiar alicerçada e compreendida na fé»⁴⁵⁵.

Com efeito, qualquer tipo de catequese familiar é, por natureza, intergeracional, dado implicar um trabalho com gerações diferentes⁴⁵⁶. Sendo desenvolvida no encontro entre os catequizandos e as suas famílias, pretende oferecer aos adultos a capacidade de se formarem e de adquirirem os elementos necessários – conteúdos e experiências – para que possam tornar-se *Igreja Doméstica* (cf. ChL 62). Para tal, é necessário atender às necessidades humanas e espirituais das famílias, e levar a cabo uma tarefa de acompanhamento personalizado de cada uma, tendo uma particular solicitude por aquelas que atravessam momentos de crise⁴⁵⁷.

⁴⁵⁰ Cf. Aereus, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 51.

⁴⁵¹ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 36.

⁴⁵² Gonçalves, “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência,” 156.

⁴⁵³ Cf. Jane E. Regan, “Une catéchèse de toute la communauté pour tous les ages de la vie,” *Lumen Vitae* 63, n.º 1 (2008): 11.

⁴⁵⁴ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 23-24.

⁴⁵⁵ *Ibidem*, 24.

⁴⁵⁶ Cf. Aereus, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 23.

⁴⁵⁷ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 24.

2.1.3.1. Itinerário de catequese intergeracional

A partir da definição apresentada, Isabel Oliveira apresenta um itinerário de catequese intergeracional, o qual não segue uma estrutura rígida, podendo ser alvo de adaptações aos destinatários e objetivos propostos, sendo que ela segue, com alguns ajustes, o esquema proposto por Anne-Marie Aitken⁴⁵⁸, o qual se concretiza em quatro etapas: primeiro, parte-se das experiências comuns, isto é, aquelas que são experienciadas no mesmo lugar e ao mesmo tempo, ponto de partida para a comunicação; na segunda fase propõem-se aprendizagens diferenciadas sobre temas comuns e com métodos apropriados a cada faixa etária; a terceira fase consiste na partilha do que foi aprendido nas fases anteriores, tratando-se do momento central para a existência de experiências comuns que permitam o crescimento humano e de fé; e, por fim, a partilha e intercâmbios interativos, ou seja, procura-se a reciprocidade na partilha de pensamentos e sentimentos para que cada geração possa compreender e enriquecer-se a partir da outra⁴⁵⁹.

Face a isto, a catequeta apresenta uma sugestão para a programação de um projeto de catequese intergeracional, que consta de quatro fases: na primeira, a realizar a longo prazo, deve-se elaborar uma agenda paroquial, de modo a definirem-se os objetivos pastorais, as grandes linhas de orientação e, por conseguinte, serem escolhidos os projetos intergeracionais a realizar; quanto à segunda fase, realizada a médio prazo e na agenda dos diferentes grupos, tem-se em conta os objetivos, convites, solicitações de colaboração, distribuição de tarefas e preparação dos espaços; por sua vez, na terceira fase, de curto prazo, realizado na agenda dos diferentes grupos, concretiza-se o projeto; e, finalmente, na quarta fase, e a realizar ao longo do processo, na agenda dos diferentes grupos, procede-se a uma avaliação das atividades⁴⁶⁰.

Quanto aos espaços onde se realiza esta catequese, apresenta-se uma grande variedade: grupos de famílias, ateliers – ao longo de um dia realizam-se um conjunto de atividades a partir de um determinado tema –; a celebração litúrgica; um programa que permite unir a catequese e a liturgia; e um conjunto de atividades intergeracionais ao longo de uma semana em campos de férias⁴⁶¹.

Aponta-se ainda que os projetos catequéticos intergeracionais podem ser sistemáticos ou ocasionais. Por um lado, denominam-se sistemáticos se implicam uma planificação regular, realizando-se atividades contínuas ao longo do ano⁴⁶². Por outro lado, classificam-se de

⁴⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 53.

⁴⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 53-55.

⁴⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 40-41.

⁴⁶¹ Cf. *Ibidem*, 55-56.

⁴⁶² Cf. *Ibidem*, 57.

ocasionais se consistirem em catequeses esporádicas realizadas em determinados momentos do ano⁴⁶³. A partir desta dupla classificação, Isabel Oliveira apresenta um conjunto de propostas de catequeses intergeracionais, mais concretamente: nove projetos de catequeses intergeracionais sistemáticas e cinco projetos de catequeses intergeracionais ocasionais.

2.2. Catequese do caminho

Esta linha de reflexão catequética reúne, no parecer de Vasco Gonçalves, «as potencialidades de um novo modelo catequético e torna-se inspiradora para uma proposta de catequese familiar»⁴⁶⁴. Deste modo, neste subcapítulo far-se-á uma breve descrição da conceção e linhas orientadores desta proposta catequética, tendo presentes o estudo de Henri Derroitte, que apresenta um projeto de catequese intergeracional para toda a comunidade⁴⁶⁵, e a reflexão de Luc Aerens, cuja investigação pretende, nas suas palavras, apresentar pedagogicamente a aplicação desta proposta, com vista a auxiliar as comunidades cristãs na sua introdução, fornecendo subsídios, e para que estas possam ter elementos para avaliar tecnicamente o trabalho realizado⁴⁶⁶.

Será conveniente ressaltar que Luc Aerens utiliza uma pedagogia pastoral baseada na experiência vivida em muitas comunidades que têm procurado adotar este modelo catequético, pretendendo fornecer contributos para que se possa encetar uma harmoniosa *revolução catequética* nos locais onde se pretenda implementar⁴⁶⁷.

Portanto, a apresentação deste modelo catequético enquadra-se no contexto da urgência de uma renovação pastoral e, conseqüentemente, da prática catequética, procurando-se ilustrar uma forma de implementação da catequese de adultos, de caráter comunitário e intergeracional, que pretenda constituir o centro de toda a prática pastoral de cada comunidade cristã.

Neste sentido, a presente exposição constará de três momentos: num primeiro, vai-se refletir sobre o seu enquadramento no processo de renovação da catequese e na conseqüente urgência de instaurar uma catequese de adultos, sendo um modelo que se caracteriza pelo seu caráter intergeracional, permanente, e por não se encontrar compartimentado; num segundo momento, proceder-se-á a uma apresentação sumária da proposta da catequese do caminho, a partir do pensamento de Henri Derroitte; sendo que o terceiro momento pretenderá apresentar,

⁴⁶³ Cf. *Ibidem*, 57-58.

⁴⁶⁴ Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 32.

⁴⁶⁵ Trata-se de um projeto desenvolvido na diocese de Liège, apresentado por Henri Derroitte e preambulado por Gilbert Adler. Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 135.

⁴⁶⁶ Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 12.

⁴⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 13.

a partir do conceito de *transição*, os elementos que as comunidades e seus agentes pastorais devem prestar atenção ao implantar este modelo.

2.2.1. Uma forma de concretização da catequese de adultos

Entre as várias propostas de renovação catequética que têm surgido nas últimas décadas, com vista a uma catequese que tenha como pilares a liberdade de escolha pessoal da fé, as formas de comunicação e o papel da comunidade cristã⁴⁶⁸, Henri Derroitte lança um marco para um novo projeto catequético, ao apresentar a catequese do caminho, através da qual cada adulto poderá descobrir a Palavra de Deus⁴⁶⁹. Desta forma, traça um novo modelo, que abandona uma catequese fechada em si, separada e incapaz de comunicar, sendo bastante distanciado do paradigma tradicional tridentino⁴⁷⁰.

Partindo de um inquérito sobre a organização da catequese na diocese de Liège, o catequeta pôde observar a situação real da catequese, colocando-a diante de uma nova conceção, de uma nova forma de entender o mundo e a vida na sociedade hodierna⁴⁷¹. Tendo concluído que existia grande preocupação com a catequese da infância e adolescência, observou que os resultados eram muito frouxos, mesmo com o grande esforço de testemunho e de competência pedagógica tido pelos catequistas, devido a inúmeros fatores: a situação minoritária de jovens cristãos nas escola; uma catequese que não encontra eco e inserção na paróquia; pais com motivações muito variadas; dificuldade de se acharem catequistas preparados para encarar a cultura das crianças; a expansão de métodos que obriga o catequista a um constante esforço de adaptação; e uma prática catequética que impeça a continuidade e sua conceção como uma necessidade permanente⁴⁷².

2.2.1.1. Catequese situada perante novos desafios

Dadas as dificuldades crescentes na prática de catequese tradicional, Derroitte afirma que se está diante de uma situação missionária que exige novas abordagens, e não de uma simples alteração de métodos, dadas as profundas alterações da realidade pastoral⁴⁷³. Tal renovação depende de quatro condições: em primeiro lugar, deixar de se pressupor que as

⁴⁶⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 136.

⁴⁶⁹ Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 71.

⁴⁷⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 32.

⁴⁷¹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 136.

⁴⁷² Cf. *Ibidem*, 136.

⁴⁷³ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 33.

peças já receberam o primeiro anúncio, começando-se pelo anúncio de Jesus Cristo e do evangelho; segundo, abandonar uma aprendizagem *standard* para se privilegiar uma aprendizagem singular de cada pessoa; terceiro, colocar as pessoas em contacto com a vida eclesial com vista à sua integração na comunidade; e, em quarto lugar, envolver a comunidade na catequese⁴⁷⁴.

Ao repensar a prática catequética das paróquias, procede-se a uma incidência particular na catequese familiar, na linha da prioridade da catequese de adultos, a partir de um conjunto de motivações: o adulto é aquele que tem capacidade de se interrogar e de se mover numa busca de sentido; a evangelização supõe uma autoevangelização de todos os batizados, sem exceção, a partir de todos os aspetos da vida cristã; a contínua procura espiritual é própria de pessoas adultas, além de que a sua formação deve ser contínua; e a catequese, pela sua mensagem de socialização e de libertação, deve elucidar os adultos de que o itinerário existencial é o local próprio para a dilatação do seu ser interior⁴⁷⁵. Por isso, uma catequese dos adultos constituirá um auxílio imprescindível para o crescimento e maturação da fé, e também para a sua durabilidade, além de permitir a sua inculturação no ambiente sociocultural envolvente, através de uma aprendizagem transformadora, conduzindo à revisão e conversão da forma de estar na vida social e política⁴⁷⁶.

2.2.1.2. Desafios para um novo projeto catequético

A partir desta necessidade, o catequeta lança os desafios para o novo modelo de catequese: torna-se imperioso modificar a forma tradicional de transmissão da fé; olhando a fé como uma adesão pessoal, deve-se primar o exercício da liberdade; torna-se necessário ter em conta a renovação da linguagem, a qual não deve estar confinada à expressão verbal, centrada na repetição de fórmulas antigas, incompreensíveis para a maioria dos catequizandos; torna-se também urgente tornar a catequese aberta a todos; finalmente, deve-se atender ao modelo pedagógico, que deverá partir das motivações dos catequizandos, baseada no respeito, escuta e abertura do espírito à realidade de cada catequizando⁴⁷⁷.

⁴⁷⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 137.

⁴⁷⁵ Cf. Henri Derroite, “Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 129-133.

⁴⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 133-135.

⁴⁷⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 137-138.

Na verdade, a atual sociedade, pautada pela democracia, o pudor e a tolerância é convidada a empreender uma evangelização marcada pelo testemunho e por uma catequese do caminho, mas não a uma atitude de mudez ou de ficar inexistente⁴⁷⁸.

É neste sentido que se aponta para um novo modelo de catequese, que deverá ter por base um projeto diocesano de catequese que a todos envolva⁴⁷⁹, a partir de seis elementos indispensáveis: em primeiro lugar, adotar uma espiritualidade de desprendimento, na qual se pretendem criar condições para a transmissão da fé a todas as gerações, respeitando as suas consciências; promover uma catequese intergeracional; insistir nos processos catecumenais, que reclamam o acolhimento da comunidade e a valorização da linguagem simbólica; realizar a transição de modelo a partir das formas da tipologia da catequese de adultos; e, por fim, organizar um projeto catequético no seio de uma pastoral global⁴⁸⁰. Portanto, a catequese do caminho surge a partir da necessidade de repensar as práticas catequéticas, sob a urgência de uma aposta na comunidade cristã, como ambiente natural para a transmissão e formação da fé, dado o seu caráter intergeracional.

2.2.2. O projeto da *catequese do caminho*

A partir do que foi referido acima, Henri Derroitte, inspirando-se nas indicações do DGC, sobre a necessidade de um projeto diocesano de catequese que envolva todos os seus membros⁴⁸¹, «apresenta um modelo de catequese e orienta para um itinerário, apontando seis fundamentos prioritários que fundamentam o bom sucesso do caminho catequético, sendo os seis indispensáveis para o projeto»⁴⁸².

A primeira prioridade consiste em estabelecer a catequese do caminho, na qual os adultos são convidados a encontrar a Palavra de Deus no seio da comunidade paroquial, sendo que esta forma de catequese possibilitará colocar em prática uma catequese de adultos, consistindo na estrutura pastoral de conjunto da catequese⁴⁸³. Com efeito, trata-se de uma catequese aberta a todas as pessoas, independentemente da idade, sendo definida como comunitária; de proposta, dado conceder espaço à liberdade individual de aceitar ou declinar o convite a participar; bíblica, pois pretende-se descobrir Deus na palavra; permanente, uma vez

⁴⁷⁸ Cf. Henri Derroitte, “Una catequesis en la misión de la Iglesia,” in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 239.

⁴⁷⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 34.

⁴⁸⁰ Cf. Henri Derroitte, “Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 140-143.

⁴⁸¹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 138.

⁴⁸² Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 34.

⁴⁸³ Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 71.

que se trata de um serviço oferecido de forma contínua, sob modos diferentes e tendo a paróquia como o lugar dos encontros; e intergeracional⁴⁸⁴.

É importante referir as pessoas são livres de participar, sempre que o desejarem, não havendo nem data nem idade fixa⁴⁸⁵. Também se oferecem atividades que apontam para a Eucaristia, a formação litúrgica e o serviço caritativo⁴⁸⁶.

Por conseguinte, esta primeira prioridade constitui, no parecer de Vasco Gonçalves,

«a substância da proposta, que se apresenta original e criativa, sendo, depois, completada por outras cinco prioridades pastorais, sobre vários pontos, com particular acento nos espaços de primeira evangelização, formação dos operadores e, especialmente, de uma equipa de coordenadores a nível diocesano»⁴⁸⁷.

Deste modo, a segunda prioridade aponta para o estabelecimento de uma catequese familiar, através da qual os adultos serão acompanhados pela comunidade nas práticas de fé que realizam em família, numa atitude de profundo respeito⁴⁸⁸. Cabe uma especial atenção aos pais jovens – dos 25 aos 40 anos – e aos seus filhos – dos 0 aos 6 anos –⁴⁸⁹, todavia, sem excluir os adultos que não são pais – ou avós –, e tendo a preocupação de se criar uma *catequese de carácter familiar* que envolva todos os membros da comunidade num espírito de fraternidade⁴⁹⁰. Acrescenta-se ainda que não seria correta uma catequese familiar que olhasse para as crianças como *vasos vazios* com que fosse necessário ter de os chamar constantemente, favorecendo um caminho para a autonomia⁴⁹¹.

Por sua vez, a terceira prioridade prende-se com a criação de lugares-espço de aprofundamento de sentido, isto é, espaços de encontro, de formação e de partilha de diferentes discursos e ideias, com vista à promoção da vida e dignidade humana e ao despertar do sentido religioso da vida⁴⁹², sendo um *serviço público* que a comunidade cristã oferece à sociedade, ao mesmo tempo que consciencializa os cristãos para a sua missão de serem companheiros dos demais homens⁴⁹³.

Quanto à quarta prioridade, esta alerta para o imperativo de se desenvolver um catecumenado batismal, cabendo à comunidade um papel importante no acolhimento e formação de todos os adultos que, na busca de sentido para as suas vidas, se aproximam do

⁴⁸⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 35.

⁴⁸⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 138.

⁴⁸⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 35.

⁴⁸⁷ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 138-139.

⁴⁸⁸ Cf. Aereis, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 71-73.

⁴⁸⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 35.

⁴⁹⁰ Cf. Aereis, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 72.

⁴⁹¹ Cf. Derroitte, “¿Qué futuro tiene la catequesis de la familia?.” 168.

⁴⁹² Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 35.

⁴⁹³ Cf. Aereis, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 73.

cristianismo⁴⁹⁴. Esta prioridade conduz à quinta, que aponta para a criação de um serviço diocesano com a missão de promover e de orientar este novo projeto catequético⁴⁹⁵. Desta forma, chega-se à última prioridade, que alude à necessidade de oferecer formação para a introdução deste modelo, devendo-se atender a uma nova formação inicial e ao acompanhamento, de modo a que se aumente o conhecimento da Escritura e da liturgia – refere-se à primeira prioridade –, das características da educação religiosa das crianças – alude à segunda prioridade –, e da inculturação da fé na sociedade plural – remete para a terceira prioridade⁴⁹⁶.

De referir que esta linha de reflexão catequética dirige-se aos adultos em primeiro lugar, para que estes encontrem, individualmente e em grupo, o sentido da sua vida e a riqueza da mensagem cristã⁴⁹⁷. Pauta-se pela flexibilidade nas suas estruturas e ritmos, aumentando o desejo de unir-se à vida da comunidade cristã e de revitalizar os seus agentes pastorais responsáveis⁴⁹⁸.

2.2.2.1. Potencialidades desta linha de reflexão

Esta proposta catequética é portadora de um conjunto significativo de potencialidades: oferece a todos a possibilidade de fazer a experiência de Cristo; valoriza o papel da comunidade cristã; promove uma catequese intergeracional, ao centralizar a sua ação no adulto e sua família; apresenta-se como proposta, e não como obrigatória; orienta-se pelo ano litúrgico; valoriza o papel da comunidade; permite um novo diálogo entre catequese e liturgia, Bíblia e caridade; atende à pedagogia e à linguagem; a atenção à infância e adolescência permite-lhe ser um lugar bem preciso entre a família e a escola; e cuida dos catecúmenos, procurando inseri-los na comunidade e valorizando os espaços simbólicos de primeira evangelização⁴⁹⁹.

Importa referir que a base da catequese do caminho se refere à catequese permanente, abrindo horizontes à catequese e permitindo alterações que sejam possíveis realizar, não podendo pensar-se esta forma de catequese apenas como uma série de mudanças que se podem operar na catequese paroquial⁵⁰⁰. Consiste, pois, num projeto de carácter global e que precisa de

⁴⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 74.

⁴⁹⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 36.

⁴⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 36.

⁴⁹⁷ Cf. Derroitte, “Una catequesis en la misión de la Iglesia,” 254.

⁴⁹⁸ Cf. Flavio Pajer, “Una catequesis en la que la comunidade cristiana en su conjunto es a la vez catequizante y catequizada,” in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 40.

⁴⁹⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 36-37.

⁵⁰⁰ Cf. Joël Molinario, “Una catequesis permanente,” in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 108.

se converter na tarefa de toda a comunidade no seu infatigável afã de anunciar o evangelho entre as pessoas da comunidade e as que estão à sua margem⁵⁰¹.

Na verdade, nesta linha de reflexão não se pretende levar a cabo uma preparação direta para alguma das mais importantes etapas da fé da pessoa, mas sim fornecer um acompanhamento permanente para todos os que queiram caminhar com a comunidade cristã, isto é, viver numa comunhão fraterna⁵⁰². Portanto, consiste numa forma de se viver em comunidade, cedendo lugar a uma liberdade de eleição, de adesão e de saída⁵⁰³.

Por outro lado, a catequese do caminho altera de forma profunda os processos tradicionais de preparação para os sacramentos da primeira comunhão e da confirmação, situando a catequese em diversos aspetos: comunitário, bíblico, de proposta, intergeracional e permanente⁵⁰⁴. Isto porque corresponde à pessoa decidir iniciar a preparação para a receção dos sacramentos, cabendo à comunidade oferecer-lhes encontros de catequese próximos para sua preparação, podendo, ainda, possibilitar-se que a paróquia pudesse refletir novamente sobre a sua vivência do sacramento⁵⁰⁵.

2.2.3. Implantação deste projeto nas comunidades cristãs

Não obstante as potencialidades desta prática catequética, Luc Aereus refere que muitos responsáveis pela catequese têm sentido imensas dificuldades na transição do sistema de catequese iniciado a partir do Concílio Vaticano II para a catequese do caminho⁵⁰⁶.

Face a essas dificuldades, o autor utiliza o termo *transição* para salvaguardar que esta passagem no modo de trabalhar a catequese não postula uma rutura radical, mas consiste, concretamente, numa evolução, realizada em três tempos: o primeiro tempo corresponde à análise do funcionamento da atual catequese paroquial; por sua vez, no segundo tempo procede-se a uma análise prospetiva, que tem como fundo as realizações experimentais e as simulações teóricas do novo modelo, neste caso da catequese do caminho; para, finalmente, num terceiro tempo, proceder-se à análise dos elementos da atual situação que poderão constituir a base para se lançar a mudança⁵⁰⁷.

⁵⁰¹ Cf. *Ibidem*, 108-109.

⁵⁰² Cf. Aereus, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitaria e intergeracional*, 40.

⁵⁰³ Cf. Derroite, “Una catequesis en la misión de la Iglesia,” 254.

⁵⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 255.

⁵⁰⁵ Cf. Derroite, “Una catequesis en la misión de la Iglesia,” 255.

⁵⁰⁶ Cf. Aereus, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitaria e intergeracional*, 17.

⁵⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 18.

Por conseguinte, Aereus procede a uma identificação dos aspetos da prática catequética tradicional que poderão servir de apoio para a realização da transição para a catequese do caminho, aos quais aplica o modelo ternário acima referido⁵⁰⁸. Tratam-se, pois, de sete elementos de transição: de uma catequese infantil para uma catequese que se dirige às diferentes idades, através de um conjunto de atividades que as envolvam; de uma catequese realizada por faixas etárias para uma catequese intergeracional, a qual é, por natureza, uma catequese familiar, através da programação de atividades intergeracionais; de uma catequese centrada na receção dos sacramentos para uma catequese permanente do caminho, concebendo-se os sacramentos de modo permanente na vida e na catequese, com destaque para a liturgia dominical; de uma catequese temática e expositiva, na qual se procuram transmitir conhecimentos religiosos, a uma catequese mistagógica, sob a convicção de que a experiência deve preceder a explicação, isto é, o mistério deve ser explicado; de uma catequese temática a uma catequese em conjunto, ou seja, colocar em correspondência elementos de uma situação da vida do catequizando, com um elemento cognitivo portador de sentido e motivador de novas questões, a partir da leitura comunitária das experiências vividas em relação a um determinado tema; da responsabilidade única dos catequistas na catequese para a estruturação de uma catequese confiada à responsabilidade comunitária, através da criação de uma equipa responsável pela coordenação da catequese que, por sua vez, encontre e convide membros da paróquia para auxiliar a consecução das atividades; e de uma catequese obrigatória e de inscrição para uma catequese opcional permanente, na qual se privilegia o acompanhamento⁵⁰⁹.

Um elemento fundamental para a realização desta transição consiste, no parecer de Aereus, na função a desempenhar pelo Conselho Pastoral Paroquial. De facto, cabe-lhe a tomada de decisões, entre as quais se destaca a criação de uma equipa diretiva central, a quem corresponderá a coordenação direta das atividades catequéticas⁵¹⁰. Deste modo, na relação entre os agentes pastorais e os membros da comunidade, o diálogo, na vida de fé, não constitui um mero instrumento pedagógico ou uma tática para se encostar em momentos difíceis, mas faça parte da constituição da estrutura da vida humana e da fé cristã⁵¹¹. Outro aspeto fundamental prende-se com o imperativo de tornar públicas todas as decisões tomadas, juntamente com o

⁵⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 18-19.

⁵⁰⁹ Limita-se a uma exposição sumária das sete plataformas de transição enunciadas e desenvolvidas por Luc Aereus, pretendendo-se apenas apresentar as plataformas de transição que, pela aplicação do modelo ternário, poderão contribuir para uma transição pacífica do modelo tradicional de catequese para este modelo. Cf. *Ibidem*, 19-40.

⁵¹⁰ Cf. *Ibidem*, 41.

⁵¹¹ Cf. Pajer, “Una catequesis en la que la comunidade cristiana en su conjunto es a la vez catequizante y catequizada,” 40.

esclarecimento dos motivos das mudanças⁵¹². Por outro lado, requer-se uma boa informação inicial e, progressivamente, uma sólida formação dos promotores desta proposta de catequese⁵¹³.

Assim como Isabel Oliveira expôs, após a reflexão teológica, variadas propostas de catequeses intergeracionais, o mesmo realiza Luc Aerens, ao longo da segunda parte da obra a que esta breve exposição tem aludido, expondo algumas sugestões práticas que auxiliam a concretização da referida transição da prática de catequese tradicional para a catequese do caminho⁵¹⁴. O fio condutor de cada etapa reside na passagem de uma catequese paroquial tradicional para uma catequese do caminho, a partir da seguinte metodologia: parte-se da apresentação do esquema do sistema catequético, que visualiza o ajuste dos diversos elementos da catequese do caminho; apresenta-se a ideia com que partem os responsáveis da catequese; de seguida, abordam-se as perspectivas de mudança para se passar para uma catequese do caminho e para se esclarecer o seu sentido; segue-se a apresentação das ações e das sugestões técnicas que advêm destas perspectivas de mudança; finalizando-se com a necessária disposição que é necessário possuir, mostrando que, apesar dos esforços, o resultado acaba por escapar das suas previsões, tratando-se de um trabalho de longo prazo, dirigido à liberdade de cada pessoa ao longo do seu caminho⁵¹⁵. Desta forma, tem-se um sistema pastoral completo, num esquema de sistema⁵¹⁶, pretendendo-se fornecer elementos para que as comunidades, a partir das suas características e necessidades, possam construir o seu próprio projeto⁵¹⁷.

Numa breve síntese, pode-se depreender, a partir da consideração de Vasco Gonçalves, que

«A “catequese do caminho” é uma proposta profundamente inovadora que repensa uma forma de fazer catequese exigida pelo contexto sociocultural presente, assim como por uma nova visão da Igreja testemunhada pelos documentos do magistério e das reflexões teológico-pastorais»⁵¹⁸.

Assim, esta linha de reflexão catequética coloca a Igreja perante o novo paradigma, que se delinea nos itinerários catequéticos propostos e nos métodos de acompanhamento, sendo um colocar-se em marcha de forma livre por parte de pessoas das mais variadas idades e opiniões, que desejam edificar e viver juntas numa comunidade fraterna⁵¹⁹.

⁵¹² Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 41.

⁵¹³ Cf. *Ibidem*, 41.

⁵¹⁴ Cf. *Ibidem*, 95.

⁵¹⁵ Cf. *Ibidem*, 95-96.

⁵¹⁶ Cf. *Ibidem*, 96.

⁵¹⁷ Cf. *Ibidem*, 96.

⁵¹⁸ Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 36.

⁵¹⁹ Cf. Derroitte, “Una catequesis en la misión de la Iglesia,” 254.

2.3. Catequese generativa

As profundas mutações socioculturais e religiosas conduziram à urgência de uma profunda conversão pastoral, sendo que, no seu centro, encontra-se a já referida opção pela evangelização, da qual se salienta a centralidade da catequese, cuja missão consiste em equacionar a credibilidade da proposta cristã⁵²⁰. De facto, diante desta singular época histórica, pautada por profundas mutações, o Magistério, teólogos e agentes pastorais têm procurado encontrar possíveis perspectivas pastorais⁵²¹.

Nesse âmbito, tem-se apontado para uma situação de transformação, isto é, tem-se procurado entender o momento de crise eclesial, por um lado, como um espaço de rutura, pois está-se diante de uma certa forma de cristianismo que atravessa uma crise profunda; por outro lado, como um espaço de generatividade, na medida em que não se está diante do fim da fé cristã, mas da sua reconfiguração nas sociedades ocidentais hodiernas⁵²². Deste modo, vários teólogos têm apontado para a pertinência de se adotar a dinâmica da *pastoral de gestação*, que não consiste propriamente num modelo de pastoral, mas sim no cultivo de um estilo pastoral em que se procura modelar a Cristo, através da busca de uma forma de estar baseada nas relações interpessoais, caracterizadas pela gratuidade, amor e reciprocidade, onde prima a ação do Espírito, com a finalidade de que cada pessoa se possa gerar na sua identidade humana e espiritual⁵²³.

Por conseguinte, a urgência de uma mudança na transmissão da fé conduz à imperiosa necessidade de se conduzir uma renovação catequética. De facto, é neste «âmbito onde se sente de forma acutilante a urgência da passagem de uma pastoral da reprodução e de enquadramento a uma pastoral da gestação»⁵²⁴. Na verdade, não se pretende uma pastoral de conservação, desesperada por proteger as práticas tradicionais, mas exige-se uma pastoral generativa, ou seja, um modelo de pastoral que se coloca ao serviço de tudo o que está para nascer⁵²⁵, uma vez que «o que está em jogo na nossa sociedade e na Igreja é deixar-se “gerar” para essa vida nova, graças à Palavra de Deus, que ressoa nos relatos primordiais. A “pastoral de gestação” tem a sua fonte de inspiração nesta convicção de fé»⁵²⁶.

⁵²⁰ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 11.

⁵²¹ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 14.

⁵²² Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 96.

⁵²³ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 16.

⁵²⁴ Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 15.

⁵²⁵ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 98.

⁵²⁶ Philippe Bacq, “Preâmbulo,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho. Para uma pastoral de gestação*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 5.

Assim, ao longo deste subcapítulo pretender-se-á expor esta linha de reflexão catequética, que parte do modelo da denominada pastoral generativa – ou pastoral de gestação –⁵²⁷, constando de três momentos: primeiro, procurar-se-á descrever sucintamente em que consiste esta opção pastoral; para que, no segundo momento, se possa obter uma melhor compreensão do que poderá constituir uma renovação catequética que se abra à geração da fé e à renovação das comunidades cristãs; terminando-se com uma breve consideração sobre a espiritualidade que a renovação catequética segundo este estilo pastoral deverá ter em conta, para que, na linha das suas opções de fundo, possa encontrar-se continuamente aberta às novidades do Espírito.

2.3.1. Definição de pastoral generativa

Pastoral generativa corresponde à atitude pastoral adequada a este momento histórico, o qual é entendido como uma oportunidade para o anúncio do evangelho, ajudando a entrever a novidade nos momentos de crise e de corte, sendo fruto das reflexões levadas a cabo por teólogos europeus da zona francófona, ligados à espiritualidade inaciana, mais precisamente através do Instituto *Lumen Vitae* de Bruxelas⁵²⁸.

De acordo com os autores desta linha de reflexão pastoral, o termo *gestação* encontra-se pleno de significados, os quais remetem para a existência humana, muito concretamente: o dom da vida, a complementaridade entre os géneros masculino e feminino, as trocas recíprocas, o nascimento de uma nova identidade, entre muitas outras⁵²⁹. Neste sentido, as características deste estilo pastoral relacionam-se com a gestação da vida, procurando-se realizar um exercício de discernimento que tenha em vista entrever o agir de Deus nas sociedades contemporâneas e na vida das pessoas que as compõem⁵³⁰. Na verdade, a fé cristã encontra-se num estado generalizado de recomeço, ou seja, assiste-se simultaneamente à morte de uma certa forma de

⁵²⁷ Excetuando as citações diretas, utilizar-se-á o termo “generativo” para nomear este modelo de pastoral e de catequese. Tal opção prende-se a tradução do termo francês *engendrement*, que corresponde ao termo latino *ingerare*, que significa *fazer nascer*, podendo ser traduzido por *gerar*; sendo que o termo *generativo* advém do latim *generativus*, sendo esta a opção utilizada na tradução do texto do artigo de André Fossion. Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 95 (nota de rodapé número 1).

⁵²⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 143.

⁵²⁹ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 19-20.

⁵³⁰ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 178.

Cristianismo e ao germinar de novas formas de vivência da fé noutros lugares e com formas diferentes⁵³¹.

Portanto, trata-se de um tipo de pastoral «que, à escuta das aspirações presentes, se põe ao serviço, com competência e discernimento, daquilo que está para nascer, aceitando, assim, uma certa depreciação e desvirtuação»⁵³². Os cristãos são convidados, pelo Espírito que entendem estar a atuar nas evoluções mais importantes deste tempo, a levarem a cabo mudanças de perspectiva, por forma a que as opções pastorais se tornem mais significativas num futuro próximo⁵³³.

2.3.1.1. Centralidade da releitura das Escrituras

Perante a atual situação de crise que atravessa a Igreja, a teologia aponta para um «discernimento *kairológico* que vê a história e o tempo presentes como oportunidades inesperadas, salutares e propícias para o anúncio do Evangelho»⁵³⁴. Desta forma, salienta-se a convicção de que a escuta da Palavra de Deus presta um importante contributo para a renovação do Homem contemporâneo nas diversas dimensões: afetividade, inteligência, sensibilidade e vontade⁵³⁵. Portanto, uma vez que a pastoral generativa aponta para a centralidade da Escritura, afirma-se que o evangelho constitui o primórdio e alicerce de toda a ação pastoral⁵³⁶. Pretende-se, pois, que ela possa tornar-se no pilar e pólo estruturante da pastoral da Igreja⁵³⁷.

Deste modo, a leitura dos relatos bíblicos tem como ponto de partida a centralidade na pessoa de Jesus Cristo, visto como pastor – *pasteur* – e como um barqueiro – *passieur* – que conduz as pessoas para a outra margem, ou seja, como um transmissor que produz relações significativas com as pessoas com quem se cruza⁵³⁸. Assim, a Escritura assume a vida real dos leitores, procurando cruzar pequenos pedaços dos relatos de vida pessoal numa geração

⁵³¹ Cf. André Fossion, “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? *O desafio da inculturação da mensagem cristã*,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 94-95.

⁵³² Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 99.

⁵³³ Cf. Odile Ribadeau Dumas, Philippe Bacq, “Palavra de Deus e pastoral de gestação,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, trad. Maria do Rosário Pernas Christoph Theobald (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013),

⁵³⁴ Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 265.

⁵³⁵ Cf. Dumas, Bacq, “Palavra de Deus e pastoral de gestação,” 124.

⁵³⁶ Cf. *Ibidem*, 161.

⁵³⁷ Cf. Dumas, Bacq, “Palavra de Deus e pastoral de gestação,” 114-115.

⁵³⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 162.

mútua⁵³⁹, permitindo que os acontecimentos históricos tornados *kairos* possam adquirir um significado teológico, conduzindo os seus leitores a uma nova e frutífera inteligência da fé⁵⁴⁰.

Por sua vez, Christoph Theobald alerta para a necessidade de se evidenciar como a leitura das Escrituras poderá aproximar os agentes pastorais dos lugares da sociedade onde a fé pode renascer, e a compreender as condições que possibilitam esse nascimento⁵⁴¹. Conseqüentemente, continua, a Igreja é reconduzida ao «princípio da “pastoralidade” do Vaticano II»⁵⁴², fazendo-o num momento em que se assiste a uma acelerada exculturação do catolicismo, a qual provoca a inexistência de uma relação prévia entre a sociedade e a proposta da fé⁵⁴³. E o princípio da pastoralidade consiste, fundamentalmente, em centralizar-se naquilo que possibilita o nascimento e amadurecimento da fé, procurando-se, num ambiente de erosão cultural e institucional da Igreja, a possibilidade de *novos partos*⁵⁴⁴. Na verdade, seria bastante difícil assimilar o princípio da pastoralidade sem uma determinada leitura das Escrituras que, desta feita, se converteria em realidade para aqueles que a meditam, caso estes se tornem sensíveis aos começos e à sua fecundidade⁵⁴⁵.

2.3.1.2. Evangelização

Desta forma, urge uma modificação de tónica na ação pastoral, insistindo sobretudo em criar as condições que possibilitem o encontro pessoal de cada Homem com Jesus Cristo, correspondendo aos agentes pastorais tornarem-se *reveladores* da ação que o Espírito desenvolve em cada ser de forma oculta⁵⁴⁶. Então, a evangelização precisa de conceder «um lugar essencial ao inesperado, ao acontecimento e à surpresa»⁵⁴⁷.

Por conseguinte, o ato de evangelizar traduz-se por cuidar as condições que tornam possível a fé de forma compreensível, desejável e praticável, situando esta ação, não no resultado dos esforços do evangelizador, mas na ordem da surpresa, sendo fruto da graça e da liberdade⁵⁴⁸. Este dado é elementar, trazendo à pastoral generativa o seu sentido primordial de

⁵³⁹ Cf. Odile Ribadeau Dumas, Philippe Bacq, in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 131.

⁵⁴⁰ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 227.

⁵⁴¹ Cf. Christoph Theobald, “Hoje é o ‘tempo favorável’”. *Para um diagnóstico teológico do tempo presente*, in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 82.

⁵⁴² *Ibidem*, 82.

⁵⁴³ Cf. *Ibidem*, 82.

⁵⁴⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 198-199.

⁵⁴⁵ Cf. Theobald, “Hoje é o ‘tempo favorável’”. *Para um diagnóstico teológico do tempo presente*,” 83.

⁵⁴⁶ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 133.

⁵⁴⁷ Fossion, “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? *O desafio da inculturação da mensagem cristã*,” 99.

⁵⁴⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 152.

que esta se encontra ao serviço da fé, a partir de um duplo sentido de gratuidade: não cabe a ela produzir a fé, ao mesmo tempo que é convidada a maravilhar-se pelos sinais de Deus que encontra nas pessoas que encontra, não considerando tais encontros obra sua⁵⁴⁹.

A Igreja não possui o poder de comunicar a fé, mas isso não significa que se abstenha de propor a experiência de Deus a todos os batizados, no interior da sociedade incerta em que vivem, propondo a todos, de forma audaciosa e determinada, ao mesmo que resposta a liberdade dos interlocutores de aceitarem – ou não – de iniciar uma peregrinação para o essencial⁵⁵⁰. A este respeito, importa referir que propor a fé não se limita a acolher quem se encontra, mas sim em tomar a iniciativa, anunciando-a publicamente no seio de uma sociedade hostil, procurando a sua humanização⁵⁵¹.

Uma vez que este estilo pastoral convida a voltar a atenção para o que nasce, necessita-se de discernir sobre as boas surpresas que Deus faz nascer em todos os meandros da sociedade, ao mesmo tempo que se precisam de encontrar critérios que permitam fazer da atual situação de crise uma ocasião para remontar às origens evangélicas, que entendem vida e fé como uma bênção⁵⁵². De facto, o evangelho convida os homens a uma vida autêntica, convidando-os a uma vida de acordo com as bem-aventuranças, levando à conclusão de que a proposta do evangelho constitui o eixo central desta atitude pastoral⁵⁵³.

Convém salientar que, embora seja arte do evangelizador discernir e permitir o reconhecimento dos sinais divinos a atuar nas pessoas e locais com quem se cruzam, muitos dos quais onde é menos esperado, ele precisa, constantemente, de se deixar evangelizar por aqueles que evangeliza⁵⁵⁴. Portanto, a evangelização consiste em semear de forma abundante, acompanhando de forma atenta e competente a regeneração da fé, a qual os agentes pastorais não dominam, colocando em relação estes pequenos sinais do Espírito no seio do mundo, assumindo, desta forma, uma *espiritualidade de tricô*⁵⁵⁵. Por outras palavras, a pastoral generativa assume-se como uma pastoral do *cosido à mão*, na medida em que assume os inúmeros sinais e emergências do Reino que vão germinando nos diversos locais, com vista a

⁵⁴⁹ Cf. Theobald, “Hoje é o ‘tempo favorável’. *Para um diagnóstico teológico do tempo presente*,” 86.

⁵⁵⁰ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 50-51.

⁵⁵¹ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 13.

⁵⁵² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 266.

⁵⁵³ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 33.

⁵⁵⁴ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 104.

⁵⁵⁵ Cf. François-Xavier Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” *Review of philosophy and theology of Fribourg* 60 (2013): 207, acedido a 25/09/2019, <https://www.e-periodica.ch/cntmng?pid=fzp-003:2013:60::526>.

integrá-los numa pastoral de conjunto, coordenando-as, isto é, fiando-as num tecido que não se compara a um fabrico em série, mas a uma obra de artesanato⁵⁵⁶.

Pelo que se depreende, a tarefa da evangelização é convidada a adotar uma atitude que ceda lugar ao inesperado e às surpresas do Espírito, cabendo aos agentes pastorais provocar essas surpresas e aproveitar todos as oportunidades que possam revestir-se de fecundidade⁵⁵⁷. Por outras palavras, é-se convidado a «pensar na evangelização dando um lugar essencial ao inesperado, ao acontecimento e à surpresa»⁵⁵⁸.

Por fim, convém referir que a arte pastoral deve promover uma qualidade relacional nas comunidades cristãs, a qual será um importante sinal do Reino⁵⁵⁹, requerendo que os agentes de pastoral adotam as mesmas atitudes que Jesus tinha nos seus múltiplos encontros evangélicos, as quais constituem a substância da reflexão teológica e da prática pastoral⁵⁶⁰. Convicta de que a geração se baseia na reciprocidade, urge velar, no interior da ação pastoral, de uma reciprocidade de relações que geram para a vida⁵⁶¹.

2.3.1.3. Favorecimento do nascimento e amadurecimento da fé

Seguindo o pensamento de André Fossion, serão apresentadas, de forma sucinta, algumas atitudes que promovem o despertar e o crescimento da fé⁵⁶².

Na base destas atitudes encontra-se a postura de serviço, mediante a qual a Igreja procede um despojamento, imbuindo-se da convicção de que deve abandonar qualquer postura de conquista ou de nostalgia do passado, sendo o conceito que deve animar a obra de evangelização e o acompanhamento dos que se iniciam – ou recomeçam – na vida de fé⁵⁶³. Portanto, «*uma pastoral generativa* que, à escuta das aspirações presentes, se põe ao serviço, com competência e discernimento, daquilo que está para nascer, aceitando, assim, uma certa depreciação e desvirtuação»⁵⁶⁴. A esta postura associa-se a disponibilidade por acompanhar e

⁵⁵⁶ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 24.

⁵⁵⁷ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 204.

⁵⁵⁸ Fossion, “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? *O desafio da inculturação da mensagem cristã*,” 99.

⁵⁵⁹ Cf. Dumas, Bacq, “Palavra de Deus e pastoral de gestação,” 134.

⁵⁶⁰ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 62.

⁵⁶¹ Cf. Benoît Malvaux, “O acesso aos sacramentos. Praticar a abertura sem os depreciar. *Defender uma abordagem positiva da diversidade*,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 157-158.

⁵⁶² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 198-199.

⁵⁶³ Cf. Fossion, “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? *O desafio da inculturação da mensagem cristã*,” 98.

⁵⁶⁴ Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 99.

escutar quem se aproxima⁵⁶⁵, buscar criar-se vínculos fortes, com vista a produzir-se uma humanização recíproca na escola de Jesus de Nazaré⁵⁶⁶.

Por conseguinte, a primeira atitude consiste em mover-se para os outros, comportando as seguintes consequências: os anunciadores do evangelho correspondem aos primeiros destinatários daquilo que anunciam, abandonando uma postura de mestres; mover-se para os outros significa uma atenção à voz de Cristo que ensina a abandonar a zona de conforto para ir aos locais onde Ele se encontra e precede; significando também deixar-se acolher por eles⁵⁶⁷. Como se depreende, o agente pastoral deverá exercer um acolhimento interpelante, capaz de entusiasmar e motivar o desejo de progredir na descoberta da fé⁵⁶⁸. Daqui se depreende que o acompanhamento seja considerado como a atitude pastoral por excelência, na medida em que torna possível a existência de uma liberdade singular e intransmissível, sendo, para tal, necessária a credibilidade do evangelizador, mas uma credibilidade pautada pela humanidade⁵⁶⁹. Munido desta arte, o agente de pastoral será capaz de possibilitar a transmissão do evangelho por contágio⁵⁷⁰.

De seguida, a segunda atitude corresponde ao encontro da solidariedade e do diálogo, ou seja: procura-se desenvolver uma fraternidade, o que leva a concluir que a evangelização começa por um trabalho de humanização, vista como um fim em si mesma, de forma prévia ao anúncio do evangelho, e não como uma mera estratégia; a este aspeto associa-se a necessidade de se distinguir e articular a pregação de Jesus, presente nos evangelhos, na qual Jesus convida a uma maior humanidade, e a pregação sobre Jesus, centrada na sua morte e ressurreição, que promove uma humanização e fraternidade; procura-se, ainda, um trabalho sobre as representações de Deus, com vista a que uma correta representação de Deus promova uma autêntica imagem do Homem; salienta-se, também, a necessidade de se favorecer um debate público relacionado com a memória cristã, favorecendo-se a liberdade de apropriação; por fim, dado que a proposição da fé está sujeita à livre análise e deliberação dos ouvintes, deve-se permitir a sua liberdade na apropriação da fé e nos auxílios que ela possa prestar à sua vida e à sociedade⁵⁷¹.

⁵⁶⁵ Cf. Marie-Jo Deniau, Christoph Theobald, “Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida. *Percursos de formação para jovens adultos*,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 248.

⁵⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 256.

⁵⁶⁷ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 200-201.

⁵⁶⁸ Cf. Malvaux, “O acesso aos sacramentos. Praticar a abertura sem os depreciar. *Defender uma abordagem positiva da diversidade*,” 149.

⁵⁶⁹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 238-239.

⁵⁷⁰ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 26-27.

⁵⁷¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 201-203.

Na verdade, o evangelho ensina que tudo começa pela humanização, ou seja, pretende-se contribuir para a eliminação da violência e de tudo o que oprime para que possa surgir o humano, e assim se criem laços de fraternidade, pautados por um reconhecimento mútuo e estima incondicional para com o outro⁵⁷². Na realidade, será através do reconhecimento dos mais frágeis que a Igreja poderá assumir-se como perita em humanidade, adotando uma solidariedade afetiva e ativa, que procura combater as injustiças e combater por uma humanidade mais digna, abrindo assim caminho para o anúncio do evangelho⁵⁷³. A par disto, o serviço à humanização da pessoa implica que a Igreja adote uma postura de hospitalidade e proximidade incondicionais que lhe permitam aproximar-se de qualquer sujeito, dando crédito à vida e tornando possível o contágio da fé e da vida⁵⁷⁴.

Finalmente, a terceira atitude baseia-se em compreender as resistências ao evangelho como uma oportunidade, implicando: primeiro, que as resistências ao anúncio se tornem oportunidade para a inculturação da fé, inventando-se formas originais de pensar, viver e celebrar que tornem a Cristianismo desejável e praticável; de seguida, que se distinga a expressão *crer com* de *crer como*, concedendo-se espaço para o surgimento de uma biodiversidade eclesial, uma vez que a transmissão se processa como uma apropriação inventiva, sendo os agentes pastorais convidados a acompanhar o que vai surgindo de novo, articulando a diversidade com a unidade e procurando que cada sujeito se aproprie da fé de forma criativa e singularizada; e, finalmente, mas não menos importante, a necessidade de se aprender a pedir a ajuda e a abrir-se aos fatores imprevisíveis, dos quais depende a evangelização, mas que fogem ao controlo dos evangelizadores e das suas programações⁵⁷⁵.

De facto, a pastoral generativa presta-se ao serviço dos começos da fé, presente de forma estilizada em muitos locais da sociedade secularizada e indiferente, sendo convidada a abrir-se às surpresas do Espírito⁵⁷⁶, consciente de que a transmissão da fé escapa ao poder do evangelizador, sendo que um novo crente nunca será objeto de conquista ou resultado do seu esforço, mas uma surpresa feliz⁵⁷⁷. Por outras palavras, recolocando a tarefa da evangelização

⁵⁷² Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 106.

⁵⁷³ Cf. Fossion, “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? *O desafio da inculturação da mensagem cristã*,” 102-103.

⁵⁷⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 262.

⁵⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 203-205.

⁵⁷⁶ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 16-17.

⁵⁷⁷ Cf. André Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 9, acedido a 18/02/2019, https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwipndW8kLz1AhU5AGMBHXV_AkUQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.diocese47.fr%2Fsite%2Fim_user%2F1155_%24_defis_fossion.pdf%3Fw%3D1155.html%26wf%3Ddefis_fossion.pdf&usg=AOvVaw3peUYgje05IkXYfCa4KcTt.

nas mãos de Jesus Cristo, a Igreja é chamada a adotar uma postura de *descontrole feliz*, embora tal não signifique que não se necessite de uma ação pastoral refletida e organizada⁵⁷⁸.

2.3.2. Catequese generativa

Como foi exposto, a pastoral generativa é animada por uma íntima conexão entre a gestação da vida e a gestação da fé, procurando-se gerar a fé como se gera a vida, isto é, a transmissão da vida implica a transmissão da fé na vida⁵⁷⁹. Conseqüentemente, a comunicação da fé não se reduz à mera transmissão de uma doutrina, consistindo num processo espiritual e mistagógico, que inicia os homens no mistério da sua própria existência pessoal⁵⁸⁰. Desta forma, adotando uma atitude de discernimento que ensine a olhar de forma diferente a vida quotidiana, deve-se cultivar a convicção de que a transmissão da fé realiza-se, sobretudo, pela transmissão da experiência pessoal de Deus, e não com discursos eloquentes sobre Ele⁵⁸¹.

Por conseguinte, refletir a catequese sob o prisma da pastoral generativa supõe renovar a visão para uma perspectiva pastoralmente adequada da profunda crise que afeta a transmissão da fé e os processos de iniciação cristã que a catequese procura fortalecer⁵⁸². Uma vez que a prática da catequese tradicional se encontra em falência, impõe-se estimular a geração da fé em momentos escassos mas robustos, suportada pelo testemunho em primeira pessoa, ao mesmo tempo que se assume nada saber da fé dos outros e se procura, por parte dos agentes de pastoral, abandonar atitudes de julgamento, procurando-se anunciar afirmações de fé que possam ecoar no coração dos nossos contemporâneos⁵⁸³.

Face às contínuas e profundas mudanças socioculturais, a catequese tem procurado renovar-se, tendo-se tornado «um campo de inovação, experimentação e criação bastante notável»⁵⁸⁴. Uma das tentativas de renovação procurou utilizar a linguagem dos valores cristãos, por forma a tornar a mensagem cristã perceptível, contudo, torna-se premente referir que a atividade catequética deve abandonar uma linguagem moralizante – que nada possui de

⁵⁷⁸ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 48.

⁵⁷⁹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 213.

⁵⁸⁰ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 52.

⁵⁸¹ Cf. Pierrette Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 182-183.

⁵⁸² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 218.

⁵⁸³ Cf. Jean-Marie Donegani, “Inculturação e gestação do crer,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 54.

⁵⁸⁴ Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 1.

novidade – para reencontrar os elementos que concedem força à mensagem evangélica⁵⁸⁵. Por outro lado, a procura de criatividade corresponde à exigência de se responder à profunda crise que afeta a transmissão da fé, não sendo, por isso, garantida ou triunfalista⁵⁸⁶.

Desta forma, no espírito da pastoral generativa, procura-se compreender a crise que afeta a catequese como uma oportunidade, sendo que esta se constitui uma espécie de laboratório onde se vivem as dificuldades e resistências, assim como os esforços e as surpresas em criar condições que possibilitem a geração e a apropriação da fé, tentando-se, para tal, refletir as práticas catequéticas que possam tornar a fé desejável e inteligível⁵⁸⁷. Portanto, «é neste contexto de crise que surge um novo paradigma de catequese»⁵⁸⁸, animado pelo estilo da pastoral generativa que, voltando a atenção ao princípio evangélico que abandona o pessimismo e destrói as seguranças das estruturas tradicionais, coloca-se ao encargo da transmissão do intransmissível, protegendo a liberdade de adesão à fé por cada pessoa e colocando-se em prol do que nasce e de observar os sinais da passagem de Deus⁵⁸⁹.

2.3.2.1. Desafios para a catequese

Analisando a evolução da reflexão e prática catequética na Europa, André Fossion procura colocar a sua reflexão no contexto geral de mutação profunda da imagem do Cristianismo, tendo em vista adotar uma forma de se manter pastoralmente na crise, em atitude de esperança por aquilo que morre e o que nasce⁵⁹⁰. Nesse sentido, refere que se está a assistir ao nascimento de um novo modelo catequético, embora muito pautado pela incerteza, por não ter totalmente estabelecidos e claros a fundamentação teórica e as diretrizes pastorais⁵⁹¹. Acreditando que este período de crise encerra inúmeras oportunidades para o anúncio do evangelho e para a catequese, a análise das práticas catequéticas existentes possibilita entrever sinais de geração da fé, a qual tem em vista um serviço à humanidade e um anúncio da Boa Nova de bondade que é Deus⁵⁹².

⁵⁸⁵ Cf. Olivier Fröhlich, “‘Para que a nossa alegria seja completa’ (1Jo 1,4). *Propor a Boa-Nova aos jovens*,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 199-200.

⁵⁸⁶ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 598.

⁵⁸⁷ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 219-220.

⁵⁸⁸ Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 1.

⁵⁸⁹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 265-266.

⁵⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 221.

⁵⁹¹ Cf. André Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” *Nouvelle revue théologique* 126, n.º 4 (2004): 598, <https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-theologique-2004-4-page-598.htm>.

⁵⁹² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 263.

Tendo presente a necessidade de fazer da atividade catequética lugar de geração da fé, o teólogo jesuíta aponta alguns desafios práticos para a reconfiguração da catequese, alertando que eles já se encontram em geração no terreno, com a finalidade geral de cuidar dos laços sociais, por forma a que as ligações entre pessoas e com a sociedade sejam experienciadas como espaços de acolhimento para a ligação a Deus⁵⁹³.

O primeiro desafio volta-se para a comunidade, tendo-se em vista o desenvolvimento de uma catequese permanente das comunidades, direcionadas para a proclamação da fé na Páscoa, consistindo na principal alavanca da renovação catequética, pois considera as comunidades como destinatárias da catequese⁵⁹⁴. A necessidade de comunidades catequizadas comporta uma grande exigência, procurando-se que, pela sua forma de existir, favoreçam a geração da fé e a sua transmissão às gerações mais jovens⁵⁹⁵. Desta forma, as comunidades cristãs serão mais catequizantes, conscientes da sua responsabilidade catequética e de que a catequese não se limita à iniciação à fé, mas acontece de forma contínua com vista ao seu amadurecimento⁵⁹⁶, viabilizando a geração da fé de todos os seus membros⁵⁹⁷. Então, apostar na catequese permanente nas comunidades passaria por se criarem apostas catequéticas intergeracionais, abertas de forma livre a todos os seus membros⁵⁹⁸, tendo como ponto de apoio essencial o ciclo litúrgico e orientadas para o anúncio da fé da comunidade na vigília pascal e no dia de Páscoa, fortificando a profissão de fé pascal de toda a comunidade⁵⁹⁹.

De seguida, o segundo desafio prende-se com o conceito de diversidade, pretendendo-se uma catequese diversificada, que ofereça às diferentes crentes e grupos um dispositivo apropriado que lhes permita desenvolver-se⁶⁰⁰. Neste sentido, a catequese, tendo em vez a situação cultural que valoriza a singularidade dos caminhos individuais, procura considerar as pessoas e os grupos na sua peculiaridade e especificidade, isto é, implica que a catequese parte ao encontro das pessoas individuais, tentando adaptar a cada pessoa uma forma de anúncio que lhe possa ressoar como significante⁶⁰¹. Portanto, a pedagogia catequética entende que uma das suas dimensões principais reside no contacto pessoal, promovendo uma forma catequética

⁵⁹³ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 599.

⁵⁹⁴ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 2.

⁵⁹⁵ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*, 223.

⁵⁹⁶ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 600.

⁵⁹⁷ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*, 234.

⁵⁹⁸ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 601.

⁵⁹⁹ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 3.

⁶⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 3.

⁶⁰¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*, 235.

relacional que decorre de forma inesperada, e não programada, mediante um clima de hospitalidade e de pregação informal, mediante um diálogo pessoal que permita ao destinatário tomar a palavra e exprimir as suas vivências⁶⁰².

Pelo que se depreende, o acompanhamento das pessoas constitui uma «verdadeira prioridade pastoral»⁶⁰³, exigida pela necessidade de um anúncio personalizado da fé, ao mesmo tempo que garante a liberdade única e intransmissível do interlocutor, comportando a responsabilidade de que a credibilidade do pedagogo, em termos de atitudes humanas, constitui a condição principal de toda a pedagogia catequética⁶⁰⁴. Deste modo, o acompanhamento e a abertura à diversidade concede um espaço a que a transmissão da fé se processe mediante uma apropriação inventiva, abrindo espaço para uma biodiversidade eclesial que atende às diversas aspirações e singularidades das pessoas⁶⁰⁵. Logo, as comunidades cristãs são desafiadas a pensar e implementar uma variedade de fórmulas catequéticas que se ajustem às diversas aspirações e condições das pessoas, evitando *forçá-las* a adequar-se a um modelo estabelecido⁶⁰⁶.

Em terceiro lugar, surge o desafio da missão, com a finalidade de se promover uma catequese dos começos e dos recomeços da fé, aberta à sociedade⁶⁰⁷. Sabe-se que a prática catequética é convidada a participar de perto no trabalho da evangelização, tanto no seu pensamento como na sua organização⁶⁰⁸, pois esta é levada a adotar um carácter missionário, que se encontra em íntima conexão com a prática do catecumenado, nomeadamente pelo acompanhamento dos novos crentes ou das pessoas adultas que descobrem ou redescobrem a fé⁶⁰⁹. Trata-se de uma necessidade fundamental numa sociedade cada vez mais emancipada da tutela clerical, inclusive hostil a qualquer manifestação de fé⁶¹⁰. De facto, o catecumenado traduz um itinerário de experiência e de transformação daqueles que se deixam trabalhar pela graça de Deus, pontuando-se por etapas e celebrações⁶¹¹, levando a concluir que a pastoral

⁶⁰² Cf. *Ibidem*, 236-237.

⁶⁰³ Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 26.

⁶⁰⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 238-239.

⁶⁰⁵ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 110.

⁶⁰⁶ Neste campo, são inúmeras as ofertas catequéticas que se podem desenvolver: desde catequeses que variam de acordo com as funções – iniciação, recomeço ou maturação – ; que variam com as dimensões da vida cristã – crer, celebrar, viver, fé, esperança, caridade –; que variam de acordo com as pessoas; e que variam de acordo com as diversas modalidades técnicas e organizacionais. Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 602-603.

⁶⁰⁷ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 4.

⁶⁰⁸ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 604.

⁶⁰⁹ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 4.

⁶¹⁰ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 604.

⁶¹¹ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 54.

catecumenal se insere no interior de uma catequese missionária e de proposição da fé, na medida em que os catequizandos assumem uma condição peregrina, auxiliando a geração de uma fé livre e pessoal, mediante um acompanhamento na fé, pautado pelo encontro, pela partilha e pelo diálogo⁶¹².

Seguidamente, o quarto desafio aponta para a iniciação das gerações mais jovens, ou seja, para a configuração de uma catequese inicial marcada pelo tipo iniciático⁶¹³. Dado ser impraticável gerar para a fé numa sessão semanal de catequese de uma hora, urge encontrar percursos de renovação que adotem uma pedagogia de iniciação, por forma a melhor responder ao pluralismo e à liberdade dos sujeitos, trabalhando-se arduamente por favorecer as condições necessárias para a transmissão da fé, sob a consciência de que a iniciação parte de Cristo, logo é necessário conceder espaço para a ação de Deus, correspondendo à Igreja o papel de mediadora⁶¹⁴.

Uma catequese de iniciação comporta alguns desafios para a catequese. Por um lado, trata-se de uma ação que tem o suporte de toda a comunidade eclesial⁶¹⁵, pois procura conceder uma imagem verdadeiramente iniciante à catequese da infância e adolescência⁶¹⁶. Porque inicia a um mistério, a aprendizagem catequética será tanto mais eficaz quanto mais se promovam métodos de aprendizagem por imersão, possibilitando que se viva uma experiência de fé que conduza o catequizando a emergir na realidade que habita, e que é chamado a habitar – a comunidade cristã e seu ambiente litúrgico –, sendo, portanto, relevantes, mas insuficientes, as práticas didáticas⁶¹⁷.

Todavia, os agentes da catequese são convidados a promover a catequese das crianças e adolescentes, com o cuidado de proteger e assegurar a sua liberdade de decisão, concedendo-lhes a possibilidade de, partindo do seu desejo, das ofertas e da conexão com o grupo, decidir o momento apropriado para avançar de um estágio de iniciação para outro⁶¹⁸. Desta maneira, poderão assimilar na sua vida que a fé cristã será tanto mais autêntica quanto mais promover a liberdade e dignidade humanas⁶¹⁹, exigindo, da parte dos agentes da catequese, um certo

⁶¹² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 256-257.

⁶¹³ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 6.

⁶¹⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 249.

⁶¹⁵ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 6.

⁶¹⁶ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 606.

⁶¹⁷ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 6.

⁶¹⁸ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 607-608.

⁶¹⁹ Cf. Fossion, “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? O desafio da inculturação da mensagem cristã,” 106-107.

distanciamento que, abandonando a meta do número ou da procura de rápida eficácia⁶²⁰, conceda espaço e tempo para que o catequizando decida os passos seguintes da sua caminhada de fé.

Importa ainda apontar para a importância de uma catequese mistagógica, que ensine a viver a recepção dos sacramentos no meio da jornada, e não ao final, concedendo oportunidades para que os catequizandos possam reler os mistérios que celebram⁶²¹, pautando-se pela intergeracionalidade, que permite a criação de um espaço de diálogo entre jovens e adultos com a finalidade de um testemunho mútuo no mundo da fé⁶²². A pedagogia de imersão conduz à mistagogia, isto é, a uma pedagogia que sucede à experiência, explicando o seu sentido e alargando o seu entendimento, abrindo ainda espaço a outras experiências de diálogo e partilha entre as gerações⁶²³.

Por fim, um quinto desafio convida a uma catequese que permita uma renovação da inteligência da fé na sociedade hodierna, com vista a desenvolver-se uma reflexão sobre o mistério do Deus vivo que adote uma linguagem compreensível e coerente, no seio da proposta de fé, diante de uma sociedade marcada pela pluralidade religiosa⁶²⁴. Convém, por isso, partir em direção ao *terreno do* outro, com a finalidade de criar um verdadeiro diálogo com os interlocutores, partindo da *gramática de Deus* presente neles, mediante atitudes de empatia e solicitude, que respeite as suas sensibilidades⁶²⁵. Encontrar uma linguagem nova que seja permeável à inteligência da fé e encontre pontos comuns consiste num grande desafio para os agentes pastorais⁶²⁶, sendo precisa uma catequese baseada numa teologia simples, compreensível, acessível, coerente no seu todo e que confira plausibilidade à fé, o que exige o acompanhamento da evolução da sociedade hodierna⁶²⁷, ao mesmo tempo que se esforce por construir uma linguagem apropriada perante as interrogações e obstáculos para a fé, tornando-a decifrável, acessível e atraente⁶²⁸.

⁶²⁰ Cf. Fröhlich, “‘Para que a nossa alegria seja completa’ (1Jo 1,4). *Propor a Boa-Nova aos jovens*,” 203.

⁶²¹ Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 212.

⁶²² Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 608.

⁶²³ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 252-253.

⁶²⁴ Cf. *Ibidem*, 259.

⁶²⁵ Cf. Sophie Tremblay, “O diálogo pastoral revisitado,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 170.

⁶²⁶ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 174.

⁶²⁷ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 260.

⁶²⁸ Cf. *Ibidem*, 261.

2.3.2.2. Um conceito alargado de catequese

Tendo em conta o que se refletiu anteriormente, André Fossion expõe um conceito alargado e mais preciso da catequese, segundo o qual corresponde a uma atividade eclesial que pertence à função profética da Igreja, sendo um exercício da palavra sobre a fé e a vida cristã, realizada de forma dialogal, inserindo-se num processo pedagógico pensado e pontuado por etapas, inserido num dispositivo instituído e organizado, com vista a que as pessoas e comunidades descubram, entendam e aceitem livremente a mensagem cristã naquilo que ela é de essencial – crer, celebrar e viver –, ao mesmo tempo que auxiliam a construção de uma comunidade de cristãos livres que se localizam no seio do mundo e servem em nome do evangelho⁶²⁹.

Assim, um dos elementos basilares da sua pedagogia reside no contacto pessoal, fundando uma rede de relações que surgem de maneira inesperada e surpreendente, pedindo uma atenção particular para com as situações onde a vida necessite de ser originada e revitalizada⁶³⁰. Daqui se depreende a pertinência em ser repensada a missão do catequista, não se tratando meramente de um professor, facilitador e testemunha da fé, mas sobretudo de um *mediador* e *transmissor*, que possibilita que a comunidade seja catequizante⁶³¹. Na verdade, a sua tarefa corresponde a, numa ótica de pedagogia de acompanhamento, criar as condições necessárias para a imersão na vida eclesial⁶³². Portanto, seria errado limitar a sua formação a fundamentos metodológicos⁶³³.

Assim, repensar a atividade catequética em termos de eficiência significa que é preciso permitir a qualidade do serviço concedido às pessoas na sua peregrinação de fé, sob a convicção de que a transmissão da fé não cabe ao catequista, mas a Deus, cabendo-lhe velar pelas condições que a tornará exequível, acessível e atraente, convidando, ainda, a ver-se cada pessoa que se aproxima como uma surpresa, e não como o resultado de uma conquista ou empreendimento pessoais⁶³⁴.

⁶²⁹ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 610.

⁶³⁰ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 236-237.

⁶³¹ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 607.

⁶³² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 252.

⁶³³ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 144.

⁶³⁴ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 9.

2.3.3. Espiritualidade generativa

A pastoral generativa consiste, como se tem refletido, num estilo pastoral que procura reler e reformular o agir da Igreja neste período de crise, não se encontrando vinculada a nenhum modelo pastoral precedente, mas podendo integrar harmoniosamente diversos elementos desses modelos, podendo-se, a partir daqui, deduzir que este estilo pastoral se entende como uma atitude espiritual, ou seja, é mais da ordem de um ajustamento espiritual, moldado na contemplação da presença de Deus em todo o lado, e de que o Homem contemporâneo continua a ser capaz de Deus⁶³⁵.

A este respeito, convém salientar que uma das carências que a pastoral eclesial atravessa situa-se a nível da espiritualidade, ou seja, desde há muitos séculos que se assiste a uma atenção forte para com os aspetos legalistas, institucionais e morais, negligenciando-se a espiritualidade, a ponto de se cair numa situação de *vazio espiritual*⁶³⁶. Então, perante um cenário social e eclesial de interrogação e de mudança, aquilo que os atores pastorais se questionam relaciona-se com o tipo de espiritualidade que a pastoral generativa deve acolher, ou seja, que atitudes espirituais se devem adotar para um estilo pastoral centrado na apropriação da Boa Nova evangélica?⁶³⁷.

2.3.3.1. Interioridade e abertura às surpresas do Espírito

Uma vez que esta arte pastoral tem a finalidade de se colocar ao serviço dos começos – e recomeços – da fé, deve cultivar uma atitude de disposição para acolher as surpresas do Espírito, tratando-se de um convite para regressar à fonte da fé e, conseqüentemente, de se deixar moldar por ela⁶³⁸. Desta maneira, a vida espiritual convida cada um a alcançar de forma mais consciente o seu próprio caminho humano e espiritual e a interrogar-se sobre os rastros da passagem de Jesus no seu caminho de vida⁶³⁹.

Portanto, a espiritualidade encontra-se no coração da experiência pessoal de cada sujeito, o qual, como um viajante, aceita um risco quotidiano e põe-se a caminho, buscando o mistério de si mesmo, dos outros e de Deus, num constante processo de nascimento para si mesmo, para os outros e para Deus, pautado por um ato de liberdade repetido perante tudo o

⁶³⁵ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 264.

⁶³⁶ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 30.

⁶³⁷ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 176-177.

⁶³⁸ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 16-17.

⁶³⁹ Cf. Deniau, Theobald, “Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida. *Percursos de formação para jovens adultos*,” 240-241.

que destrói a pessoa⁶⁴⁰. Por outras palavras, trata-se de uma espiritualidade em que a pessoa busca a autenticidade consigo, com os outros, com Deus e com o cosmos, descendo até ao mais profundo e verdadeiro de si mesma⁶⁴¹.

Na medida em que no começo da fé não se encontra o esforço dos agentes pastorais, mas sim o próprio Cristo, que chama e gera os homens para a vida, a espiritualidade que anima esta arte pastoral procura um encontro amoroso com Cristo, mediante as Escrituras e o rosto do irmão que interpela, com vista a estabelecer-se um *caminho da interioridade*⁶⁴². A procura de união a Cristo constitui, assim, a fonte de toda a pastoral generativa e a origem da fecundidade, pois, quanto mais profunda for a união a Cristo, maior será a difusão humana e eclesial, orientando para uma pastoral do perfume, que deixa um rasto de odor da passagem de Deus⁶⁴³.

Assim, uma espiritualidade generativa traduz-se num estilo de vida legível, isto é, mediante as expressões corporais e as atitudes, valores, ideias, atividades, imagens e crenças, será possível para o indivíduo exprimir a sua vida interior, tratando-se, pois, de uma espiritualidade que se desenvolve no contexto da vida e que envolve todas as dimensões do ser, desde as relações consigo próprio, com a sociedade, com a natureza e com Deus⁶⁴⁴. Então, a busca de Deus acarreta «uma participação fundamental, a da abertura vivificante à obra do Espírito»⁶⁴⁵. Face a isto, as instituições eclesiais e seus agentes são convidados a um *feliz domínio* que, não dispensando a concertação de orientações pastorais, se orienta para o vento do Espírito, procurando inflamar-se por Ele, para que assim possam preparar o caminho que crie as condições que tornem a fé perceptível e desejável⁶⁴⁶.

Neste sentido, urge, por parte dos agentes pastorais, de possibilitarem um acompanhamento espiritual que permita uma pedagogia estruturante e paradigmática da personalidade crente, dado que a proposta de fé implica a singularidade de cada pessoa⁶⁴⁷. Em detrimento disto, o acompanhamento ocupa um lugar cimeiro nesta proposta pastoral⁶⁴⁸, dado pretender que os indivíduos passem a existir a partir de um espaço original e singular, auxiliando-os a tornar-se naquilo que ela aspira a ser, adotando uma espiritualidade em ação,

⁶⁴⁰ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 178.

⁶⁴¹ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 178.

⁶⁴² Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 17.

⁶⁴³ Cf. *Ibidem*, 126-127.

⁶⁴⁴ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 179.

⁶⁴⁵ Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 74.

⁶⁴⁶ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 204.

⁶⁴⁷ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 242-243.

⁶⁴⁸ Cf. Paul-André Guigère, “Trabalho autobiográfico e novo nascimento,” in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, ed. Philippe Bacq, Christoph Theobald, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 233.

que faz deles atores da sua caminhada de fé, a partir de um itinerário espiritual encarnado na sua caminhada humana⁶⁴⁹.

2.3.3.2. Vetores para uma espiritualidade generativa

A procura de uma vida espiritual, que oriente para um novo nascimento em Cristo, ocupa o lugar central na proposição de fé e da pastoral generativa⁶⁵⁰. Por conseguinte, os agentes deste estilo pastoral necessitam, em primeiro lugar, de revivificar a sua fé de batizados, sendo um ato que antecede qualquer renovação da linguagem e das estruturas eclesiais e teológicas⁶⁵¹. Desta forma, elencar-se-ão, de forma breve, os principais vetores que orientam a procura de uma vida espiritual generativa, por forma a possibilitar as condições que permitam um novo nascimento em Cristo, dado que, se a Igreja pretende renovar-se em torno da geração do evangelho e da proposta da fé, é invitada a viver uma profunda e fecunda experiência espiritual⁶⁵².

Em primeiro lugar, urge uma pedagogia da santidade para todos, o que significa pautar as orientações pastorais em torno da santidade, na medida em que é pela união a Cristo que resulta a verdadeira força de amor e vida que possa renovar o mundo⁶⁵³. De facto, a relação individual e comunitária a Cristo abre à geração no Espírito, sendo que, sem esta abertura, não será possível qualquer mudança na pastoral⁶⁵⁴. Deste modo, assume importância fundamental a formação dos acompanhantes espirituais, por forma a que sejam, depois, para aqueles que acompanham, companheiros espirituais, sabendo discernir no Espírito e iniciando-os nos variados aspetos de uma rica e consistente vida espiritual que unifique a sua existência⁶⁵⁵, exigindo-lhes o enraizamento numa relação individual e comunitária com Jesus, a partir do mistério da santidade a que são vocacionados pelo batismo⁶⁵⁶.

De seguida, pretende-se uma espiritualidade dos começos e recomeços, abandonando uma postura voluntarista para reconhecer que é Deus quem gera para a vida e para a fé, passando-se a semear e a acompanhar de forma vigilante e competente a regeneração que já ocorre, colocando em relação, como uma teia, estes microprojectos do Espírito no seio do

⁶⁴⁹ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 190.

⁶⁵⁰ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 133.

⁶⁵¹ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 176.

⁶⁵² Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 18.

⁶⁵³ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 205.

⁶⁵⁴ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 17-18.

⁶⁵⁵ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 206.

⁶⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 202.

mundo, gerando assim uma espiritualidade de *tricotó*⁶⁵⁷. Assim deve ser a postura dos agentes da pastoral generativa: promoverem, com humildade e ausência de controlo, os começos inesperados da fé, acompanhando-os mediante a manutenção da memória cristã na cultura, expondo nos debates atuais aquilo que o Evangelho presenteia de novo, dando lugar à criatividade numa expressão de fé crítica e consciente, e voltando-se para a prática da caridade⁶⁵⁸.

Esta atitude espiritual ensina a encontrar os homens deste tempo de maneira personalizada e desinteressada, tal como Cristo, escutando as suas necessidades mais profundas⁶⁵⁹, tendo presente que cada relação conduz a uma experiência única com o Ressuscitado⁶⁶⁰. Daqui a importância de se promover uma espiritualidade personalizada, pois, dado que cada sujeito possui a sua história, vivência, necessidades e desejos próprios, os agentes pastorais não lograrão com a imposição de estruturas rígidas para o acompanhamento, mas sim com atitudes personalizadas, procurando-o onde ele se encontra, amando sem julgar e procurar apenas caminhar a seu lado, sem que se procure a todo o custo um objetivo concreto⁶⁶¹.

Em terceiro lugar, impõe-se uma espiritualidade de progressão e desenvolvimento iniciático mistagógico. Tendo por base uma intuição catecumenal para a ação pastoral e catequética, cabe à Igreja sustentar, amparar e robustecer o nascimento da vida de fé, assim como acompanhar o desenvolvimento da vida cristã⁶⁶². De facto, o catecumenado permite à Igreja sair ao encontro da condição peregrina do Homem da cultura hodierna, adotando uma postura de serviço para com a geração da fé livre e pessoal, mediante a oferta de locais de acolhimento, encontro, partilha e diálogo⁶⁶³. Uma vez que a instituição catecumenal traduz-se num caminho atravessado pelos homens que se abrem para que a graça trabalhe neles, sendo pautado por etapas e celebrações, requer-se uma pedagogia iniciática, que torne a Igreja em estado de iniciação permanente⁶⁶⁴, condição para que possa cumprir a sua missão de partilha do evangelho⁶⁶⁵. A pedagogia da iniciação permite à pastoral e à catequese «centrar “no coração

⁶⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 207.

⁶⁵⁸ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 60.

⁶⁵⁹ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 208.

⁶⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 208-209.

⁶⁶¹ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 176-177.

⁶⁶² Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 210.

⁶⁶³ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 256-257.

⁶⁶⁴ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 210.

⁶⁶⁵ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 55.

da fé”, em que a Vigília Pascal é como que a “matriz” constitutiva⁶⁶⁶. Por isso, pede-se uma conversão dos agentes pastorais e catequéticos, para que abandonem a lógica de exposição e assim adotem uma dinâmica de iniciação, cultivando disposições pedagógicas e pastorais que sejam também atitudes espirituais⁶⁶⁷.

Por conseguinte, o quarto vetor aponta para a importância de uma espiritualidade comunitária de comunhão, que, pelas relações de fraternidade, de solidariedade e de unidade, surge como um elemento importante de desenvolvimento das comunidades⁶⁶⁸, que constituem o ambiente vital onde ocorre a iniciação e a geração da fé em Jesus Cristo, sendo sua função crucial acolher e acompanhar os seus membros na sua vida de fé, no interior da mesma e junto do ambiente onde eles vivem e trabalham⁶⁶⁹. Assim, uma espiritualidade assente na geração da fé tem como centro atitudes de solidariedade, de compaixão e de preocupação por auxiliar os homens na sua peregrinação individual e comunitária, sendo que o compromisso diaconal surge como um critério de autenticidade para uma autêntica espiritualidade⁶⁷⁰, favorecendo o estabelecimento de redes de solidariedade que, deixando de fora a *grade* burocrática, cria espaços de diálogo e reflexão, num estilo de hospitalidade e amizade que não exclui ninguém⁶⁷¹, mas, pelo contrário, favorece a inserção dos que vivem marginalizados e nas periferias territoriais e humanas.

Finalmente, aponta-se para uma espiritualidade pascal, ou seja, a adoção de uma forma de estar em diáspora, que faz dos cristãos estrangeiros, numa sociedade onde o cristianismo tem sido afastado, a qual se pauta pelas atitudes espirituais da paciência e da confiança na fidelidade de Deus, fidelidade vivida na sociedade plural e laica, procurando-se iluminá-la, sendo, por isso, essencial unificar a existência cristã no coração do mistério pascal⁶⁷². Ao mesmo tempo, a diversificação que se exige à ação pastoral implica que a Igreja respeite as consciências e, assim, se despoje de formas de domínio e de poder, para que esta possa ser trabalhada pelo mistério pascal da vida⁶⁷³, numa evidente espiritualidade da kenosis e do luto sobre qualquer tentativa ilusória de restauração⁶⁷⁴.

⁶⁶⁶ *Ibidem*, 15.

⁶⁶⁷ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?” 210.

⁶⁶⁸ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 38.

⁶⁶⁹ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?” 213.

⁶⁷⁰ Cf. Daviau, “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral,” 188.

⁶⁷¹ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?” 213-214.

⁶⁷² Cf. *Ibidem*, 214.

⁶⁷³ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 33-34.

⁶⁷⁴ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?” 214-215.

2.4. Síntese

A opção clara do Magistério por uma conversão pastoral que permita a passagem de uma prática tradicional de enquadramento – típica da época da Cristandade – para uma pastoral evangelizadora, que tem como elemento central a catequese de adultos, na qual deve estar centrada toda a comunidade cristã, constituiu o mote para a exposição acima apresentada.

Na verdade, os três modelos de catequese apresentados – intergeracional, do caminho e generativa – constituem uma resposta à urgência de se superar o modelo de catequese tradicional. Todos têm como ponto de partida a constatação de que esse modelo está em contínua crise, o que entreveem da análise das suas realidades eclesiais, apontando, por conseguinte, para a premência de se pensarem modelos de catequeses de adultos, que tenham na comunidade cristã e na intergeracionalidade os seus principais alicerces. Posto isso, apresentam um conjunto diversificado de propostas catequéticas que podem ser adotadas nas comunidades, a partir das linhas de orientação de cada modelo catequético.

Quanto à catequese intergeracional, temática que Isabel Oliveira tem estudado e, inclusive, procurado implementar na diocese do Porto, tem como base o terceiro paradigma de Villepelet. Este, de facto, procede a uma teorização dos três paradigmas catequéticos, aludindo para a importância de se adotar o terceiro, caracterizado pela abertura ao Espírito, numa catequese pneumática, pautada pela pedagogia da iniciação e pelo seu carácter permanente. Assim, a catequeta portuense parte da necessidade de se criarem laços entre as diversas gerações, para apontar a comunidade cristã como o lugar fundamental da catequese, no qual todas as pessoas são convidadas a participar, sendo que se pretende um crescimento pessoal e comunitário da fé a partir da partilha de vida e das motivações de fé de cada pessoa. Deste modo, a sua proposta de catequese intergeracional encontra-se no cruzamento entre a catequese da iniciação e a catequese permanente, com o objetivo de que os membros dos diversos grupos catequéticos se consciencializem da importância da dimensão comunitária no itinerário de fé⁶⁷⁵.

Por sua vez, a catequese do caminho, a partir das reflexões de Henri Derroitte e de Luc Aereus, pretende levar a cabo uma transição do modelo tradicional de catequese para uma catequese comunitária de carácter intergeracional, que procura realizar, na comunidade, um caminho de crescimento na fé. Promovendo a liberdade dos intervenientes em aceitarem participar, esta linha de reflexão catequética coloca em caminhada pessoas de todas as idades e condições, sendo uma forma de se viver em comunidade⁶⁷⁶.

⁶⁷⁵ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias* 18.

⁶⁷⁶ Cf. Derroitte, “Una catequesis en la misión de la Iglesia,” 254-255.

Por fim, a catequese generativa, consequência da aposta numa prática pastoral generativa, que procura reler o tempo de atual crise social, cultural e eclesial como uma oportunidade para o evangelho, promovendo uma abertura às surpresas do Espírito. Mais uma vez, parte-se da necessidade de ultrapassar o paradigma pastoral de enquadramento, para se apostar numa prática pastoral que possa gerar a fé nas pessoas e a vida autêntica, sendo que a catequese consiste no lugar mais apropriado para se levar a cabo uma transição. À maneira de Jesus, os cristãos, e agentes de pastoral, são convidados a tornarem-se pastores e passadores, partindo ao encontro para se deixarem acolher pelo interlocutor e adotando uma atitude de serviço⁶⁷⁷. De facto, cabe à catequese criar as condições para que os cristãos se possam gerar numa nova vida em Cristo, numa catequese centrada na comunidade, diversificada, aberta para a missão, de tipo iniciático e valorizando a inteligência da fé. Dado que este estilo pastoral consiste fundamentalmente numa atitude espiritual de abertura e confiança no Espírito, houve a necessidade de se refletir sobre as principais atitudes espirituais a adotar, na medida em que da vivência espiritual dependem a subsequente visão eclesial e pastoral.

Assim sendo, procurou-se uma breve apresentação destas linhas de reflexão, tendo como fio condutor a constatação de que é urgente repensar novos modelos catequéticos, cujas características – intergeracional e comunitária – conduzem, necessariamente, à temática do contributo e lugar da família na transmissão da fé. Na verdade, a família compreende-se como o lugar intergeracional por excelência e a célula da comunidade, fazendo parte da sua missão gerar nos seus filhos a semente da fé e da vida nova em Cristo.

⁶⁷⁷ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 199.

3. Contributos para a proposta de catequese familiar portuguesa a partir da Carta Pastoral Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo.

Ao longo dos capítulos precedentes procuraram-se compreender os elementos que possibilitam uma ampla contextualização da proposta – ainda recente – de catequese familiar, estruturada em quatro tempos. De facto, perante a convicção de que urge uma renovação da prática catequética em contexto nacional, em linha com a necessidade de adoção de uma nova prática pastoral, e não apenas de um mero ajustamento de modelos antigos⁶⁷⁸, refletiu-se sob a falência do sistema catequético atual, preso ainda a uma prática de pastoral de manutenção, afirmando-se a necessidade de se estabelecer uma pastoral evangelizadora, que tenha a catequese de adultos como seu momento essencial. Consequentemente, a catequese familiar surgiu como uma proposta de catequese de adultos, por ocasião da catequese de infância. De seguida, foram expostas três linhas de reflexão da catequese de adultos, em contexto europeu, com vista a um conhecimento mais alargado das diferentes propostas que se vão apresentando.

Por conseguinte, o magistério português não se tem alheado a todo este progressivo desenvolvimento de reflexões pastorais e catequéticas. Na verdade, desde há pouco mais de três décadas que se têm publicado alguns documentos, nos quais se anuncia a necessidade de se encetar um caminho de renovação da pastoral e, consequentemente, da catequese. E é na sua continuidade que, no ano de 2017, publicaram a *Carta Pastoral Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, no qual referiram o desejo de que «a renovação passe de sinais mais ou menos incipientes e isolados e seja plenamente assumida em todas as comunidades cristãs»⁶⁷⁹. Desta forma, a reflexão chega ao seu culminar, pois trata-se do documento mais recente emanado pelo episcopado luso, o qual aponta algumas linhas de atuação para os próximos anos. Ponto culminante porque se levará a cabo uma consideração sobre alguns dos elementos considerados fundamentais para a renovação da prática catequética, no seio da qual se inscreve a proposta de catequese familiar.

Conforme referido acima, a referida carta pastoral é consequência de um conjunto de documentos que, após a visita do papa S. João Paulo II a Portugal, ocorrida no ano de 1981, iniciaram um processo progressivo de reforma da prática pastoral e da atividade catequética. Neste sentido, no primeiro subcapítulo serão apresentados alguns dos documentos que se inscrevem nesta dinâmica de apelo de renovação, os quais permitirão compreender que o documento em análise tem como pano de fundo todos estes pronunciamentos anteriores da CEP.

⁶⁷⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 103.

⁶⁷⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 12.

De seguida, abordar-se-ão três noções que o documento enuncia e que vão ao encontro da exposição levada a cabo nos capítulos precedentes. A opção fundamental pela catequese de adultos surge de forma nítida, sendo objeto de abordagem no segundo subcapítulo, na qual se enquadra a importância concedida à catequese familiar, enquanto uma proposta de concretização da catequese de adultos, tendo em vista a iniciação à vida cristã da família, por ocasião da catequese de infância. De seguida, no terceiro subcapítulo ter-se-á em consideração que a catequese é entendida como um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, recordando-se, assim, que a catequese de adultos é concebida como uma catequese de inspiração catecumenal, sendo missão dos catequistas tornarem-se companheiros de viagem e transmissores da fé. Por isso, urge, como condição prévia a qualquer reforma pastoral ou catequética, cuidar da sua formação, temática refletida no quarto subcapítulo, pois serão eles a colocar em prática a reforma pensada e proclamada.

Estas importantes conceções serão enquadradas no quadro de toda a reflexão precedente, por forma a que se torne perceptível que esta Carta Pastoral representa um ponto de chegada, onde confluem de modo particular as últimas três décadas, para que se assuma como um ponto de partida para o alavancar de uma séria conversão catequética que, sem temor perante a novidade, possibilite a descoberta de meios que assegurem a transmissão de fé às novas gerações.

3.1. Sinopse dos documentos pastorais emanados pelo Magistério

Português

Conforme se apontou no início desta dissertação, os novos ventos que o Concílio Vaticano II fez soprar na Igreja, concretamente no que respeita à vida e missão dos leigos e à formação dos adultos, tiveram o seu impacto no contexto nacional⁶⁸⁰. Todavia, tais ventos apenas começaram a fazer-se sentir de forma bastante intensa após a democratização do país, sendo possível encarar o ano de 1982 como decisivo para os futuros percursos pastorais da Igreja lusa, graças à visita do papa S. João Paulo II, cujos apelos à renovação eclesial motivaram o despertar de novos desafios⁶⁸¹.

Neste sentido, a atenção dos responsáveis eclesiais começou a centrar-se na urgência da catequese de adultos, convicção que motivou a emanação de documentos e catecismos⁶⁸², os

⁶⁸⁰ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 71.

⁶⁸¹ Cf. *Ibidem*, 91.

⁶⁸² Cf. *Ibidem*, 70.

quais procuraram encetar uma verdadeira conversão pastoral⁶⁸³, procurando ultrapassar-se a prática de uma pastoral de manutenção para se adotar uma pastoral evangelizadora e missionária⁶⁸⁴.

Assim, proceder-se-á a uma apresentação sumária dos documentos da CEP que, na linha desta reflexão, procuram consciencializar e tornar realidade uma Igreja pautada pela pastoral evangelizadora e missionária, em cujo centro se encontra a preocupação pela catequese de adultos. Esta análise pretende fornecer o contexto no qual surgiu a mais recente pronúncia dos bispos portugueses. Neste sentido, Vasco Gonçalves alerta que «não devemos entender estes documentos de forma isolada, desencarnados da realidade portuguesa e propostos indiscriminadamente pela CEP, mas entendidos e enquadrados como fazendo parte de um todo, ao qual podemos justamente chamar: *magistério da CEP*»⁶⁸⁵.

3.1.1. Sacramentos da Iniciação Cristã

Desde logo, o documento, escrito em 1982, aponta para o grande desafio que a Igreja precisa de enfrentar: tornar possível que os cristãos possam redescobrir o verdadeiro significado da sua fé, reconhecendo o sentido profundo dos sacramentos da iniciação e a subsequente exigência que eles acarretam⁶⁸⁶. Afirmar ainda que este tema permitirá que os agentes de pastoral realizem uma profunda reflexão teológica e pastoral necessárias a uma séria renovação da vida cristã⁶⁸⁷. De facto, este texto indica a necessidade de uma prática catequética voltada para a iniciação cristã, logo, ao catecumenado e a itinerários de inspiração catecumenal⁶⁸⁸.

Então, tendo como base uma sociedade que atravessa momentos de mudança, a pastoral eclesial é convidada a acompanhar todos os elementos que moldam a transformação social e cultural e, de modo especial, aqueles que se repercutem na vida religiosa⁶⁸⁹. Tendo em conta os desafios lançados, por um lado, pela situação sociocultural e, por outro lado, pelas indicações doutrinais e pastorais do Concílio Vaticano II, a Igreja é chamada a voltar-se para a evangelização e para uma pastoral global que promova o crescimento, a instrução e o exercício da fé⁶⁹⁰. Credo que meros ajustamentos superficiais são insuficientes para uma efetiva renovação pastoral, os bispos proclamam a necessidade de uma

⁶⁸³ Cf. *Ibidem*, 88.

⁶⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 71.

⁶⁸⁵ *Ibidem*, 89.

⁶⁸⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Sacramentos da Iniciação Cristã,” *Lumen*, n.º 43 (Outubro 1982): 371.

⁶⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 372.

⁶⁸⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 77.

⁶⁸⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Sacramentos da Iniciação Cristã,” 373.

⁶⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 374.

«séria pastoral da fé que permita a cada um operar um verdadeiro crescimento e amadurecimento pessoal da fé, e igualmente permita às comunidades cristãs edificar-se como Povo de Deus e Corpo de Cristo e à nossa sociedade libertar-se do risco de ficar irremediavelmente privada do fermento evangélico e da força de promoção que vem da fé»⁶⁹¹.

Constituindo o primeiro, em relação à catequese, que apresenta um pensamento inovador, o documento afirma ser preciso opar pela redescoberta da energia que a Iniciação Cristã comporta, reformulando a prática pastoral de acordo com as necessidades dos tempos atuais, em termos de evangelização, catequese e mistagogia⁶⁹². Por outras palavras, a iniciação cristã é apresentada como um processo global que busca a inserção gradual e plena na vida cristã⁶⁹³, ou seja, não foi pretensão dos bispos apelar à tradicional iniciação aos sacramentos, mas sim a uma iniciação à vida cristã, independentemente da idade⁶⁹⁴, conduzindo à afirmação de que a iniciação cristã dos adultos constitui o paradigma de toda a iniciação cristã⁶⁹⁵.

Em segundo lugar, o documento frisa o lugar e contributo da comunidade na iniciação cristã, para depois explicar como ele pode ser expandido⁶⁹⁶. Uma vez que a iniciação cristã não se limita a uma questão unicamente individual, mas sim a toda a Igreja, como dádiva que Deus lhe confia, é referido que, sem o envolvimento e intervenção ativos da comunidade cristã não poderá ocorrer uma autêntica iniciação cristã⁶⁹⁷. Trata-se, na verdade, de uma responsabilidade missionária permanente, competindo-lhe anunciar e acolher de forma fraterna aqueles que se queiram tornar discípulos de Cristo⁶⁹⁸, de modo a que estes sintam uma atmosfera que os anime nas suas decisões, os apoie na conversão necessária, lhes indique o caminho e os encoraje⁶⁹⁹. Além disso, é também mencionada a missão dos pais, que «assume cada vez mais, mesmo na prática, a importância que lhes é devida como primeiros educadores da fé dos seus filhos, principalmente na Iniciação Cristã das crianças»⁷⁰⁰.

Portanto, a comunidade cristã é convocada para exercer o seu dever maternal, procurando educar os novos membros para que atinjam a maturidade cristã, levando a que, na iniciação cristã, seja toda a Igreja a empenhar-se para uma adesão cada vez mais fiel a Cristo⁷⁰¹. Desta forma, a própria Igreja «se edifica como novo Povo de Deus em contínuo crescimento e como Corpo de Cristo, organismo vivo que, por sua natureza, cresce e se renova»⁷⁰²,

⁶⁹¹ *Ibidem*, 375.

⁶⁹² Cf. *Ibidem*, 376.

⁶⁹³ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 72.

⁶⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 93.

⁶⁹⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Sacramentos da Iniciação Cristã,” 377.

⁶⁹⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 94.

⁶⁹⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Sacramentos da Iniciação Cristã,” 380.

⁶⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 381.

⁶⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 381.

⁷⁰⁰ *Ibidem*, 383.

⁷⁰¹ Cf. *Ibidem*, 385.

⁷⁰² *Ibidem*, 386.

consciencializando-se de forma progressiva da missão profética que é chamada a realizar mediante o testemunho de vida e, seguidamente, pelo anúncio explícito de Jesus Cristo⁷⁰³. De mencionar ainda que os bispos consideram a Eucaristia da comunidade adulta como o ponto máximo da iniciação⁷⁰⁴.

3.1.2. Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo

Esta carta pastoral, publicada em 1984, constitui um dos mais importantes documentos programáticos emanados pela CEP, na medida em que, sintetizando os elementos centrais da mensagem que o papa S. João Paulo II transmitira, na visita à terra lusa dois anos antes, tenta colocar a Igreja num ritmo de renovação, tendo como pano de fundo o Concílio Vaticano II⁷⁰⁵. Com base nas respostas a uma consulta realizada às dioceses e instâncias nacionais da Igreja, os bispos proclamam a sua opção pela «prioridade à pastoral da fé como *linha de força* do movimento de renovação conciliar da Igreja em Portugal nos próximos anos»⁷⁰⁶.

Tendo como ponto de partida os sinais de esperança e, ao mesmo tempo, os sinais de dificuldades que a realidade sociocultural evidencia, requerendo-se uma atenção redobrada⁷⁰⁷, os bispos indicam que estes sinais constituem a hora oportuna, optando por uma metodologia fundada no discernimento da realidade, entendida como *kairós*, voltando-se para a real situação dos cristãos, com as suas necessidades e interrogações⁷⁰⁸. A aposta numa única linha de força – evangelizar e renovar a fé do povo cristão – tem como finalidade permitir uma centralização das atenções naquilo que é de mais essencial e urgente, indo ao essencial da vida e missão da Igreja e, também, uma dinamização dos variados campos da ação pastoral⁷⁰⁹.

A referência à prioridade da pastoral da fé leva à necessidade de se considerar a pedagogia catecumenal como paradigmática⁷¹⁰, objetivando-se que todos os membros da

⁷⁰³ Cf. *Ibidem*, 386.

⁷⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 388.

⁷⁰⁵ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 94.

⁷⁰⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo,” in *Documentos Pastorais*, vol. 3 (Lisboa: Editora Reis dos Reis, 1991), 47.

⁷⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 48.

⁷⁰⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 95.

⁷⁰⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo,” 49.

⁷¹⁰ Cf. *Ibidem*, 53.

comunidade possam realizar uma verdade iniciação cristã, inseridos na comunidade dos crentes, dado se tratar de uma experiência eclesial⁷¹¹.

O documento salienta a necessidade de se terem em conta, no diálogo pastoral, os destinatários, por meio do estabelecimento de contactos pessoais, com os quais se procura escutá-los, acolhê-los e adaptar a linguagem, o que requer o estabelecimento de relações humanas e de formas de comunicação⁷¹². Por conseguinte, a pastoral da fé desdobra-se em três áreas específicas: uma vertente missionária, que procura evangelizar os não crentes; uma vertente catequética, visando a maturidade cristã de cada fiel e da comunidade; e uma vertente apostólica, tratando o apostolado de animação cristã das realidades temporais⁷¹³.

Quanto à evangelização, os bispos, além de referirem que todas as pessoas são destinatárias, têm a preocupação de alertar que muitas crianças vivem à margem da Igreja, assim como afirmam que muitas pessoas que possuem uma fé pouco esclarecida e sólida, realçando a importância cimeira do testemunho, pois só pode anunciar Cristo quem o descobriu⁷¹⁴. Quanto à catequese, a carta pastoral indica ser premente uma catequese de carácter sistemático, orgânico e permanente, que possa dirigir-se aos jovens e adultos e acompanhar as suas vidas⁷¹⁵, salientando, ainda, o lugar especial da família cristã em relação à transmissão e crescimento da fé⁷¹⁶. Por fim, uma fé madura, finalidade da iniciação cristã e da catequese permanente, conduz o cristão ao apostolado, procurando, acima de tudo, animar o ambiente social no qual cada um se insere com a luz do evangelho⁷¹⁷.

Outra das grandes declarações deste documento prende-se com a importância da formação dos cristãos, cujo défice constitui a lacuna mais crítica da Igreja lusa⁷¹⁸, afirmando que «formar o Povo de Deus (...) é grande dever, mais importante, muitas vezes, que assegurar certos serviços religiosos e assistenciais»⁷¹⁹.

Por fim, o texto refere que a renovação da Igreja reclama uma atualização das estruturas eclesiais e das opções pastorais⁷²⁰, colocando a catequese, entendida como pastoral da fé, como

⁷¹¹ Cf. *Ibidem*, 53.

⁷¹² Cf. *Ibidem*, 55.

⁷¹³ Cf. *Ibidem*, 56.

⁷¹⁴ Cf. *Ibidem*, 57.

⁷¹⁵ Cf. *Ibidem*, 58.

⁷¹⁶ Cf. *Ibidem*, 61.

⁷¹⁷ Cf. *Ibidem*, 61.

⁷¹⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 88.

⁷¹⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo,” 65.

⁷²⁰ Cf. *Ibidem*, 68.

motor para essa renovação⁷²¹, para a qual se necessitará de uma visão de conjunto e atualizada da fé e dos seus componentes, no seio de uma nova evangelização⁷²².

3.1.3. Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos

Este texto, emanado em 1994, retoma o conceito de formação cristã de base pauteada pela catequese de adultos, em linha com o conceito que dela é apresentado na exortação pós-sinodal *Catechesi Tradendae*⁷²³ – como uma formação sistemática, com a duração de um período de tempo que permita assimilar os elementos fundamentais da fé cristã e conduza à conversão pessoal, ao crescimento nos vários âmbitos da fé e à inserção na comunidade cristã (cf. CT 21) – reclamando a urgência de se promover a formação cristã dos leigos adultos, com vista a que estes possam adotar uma intervenção mais ativa e mais esclarecida na vida e missão da Igreja⁷²⁴.

A necessidade de tornar a formação cristã dos adultos uma prioridade urgente decorre de cinco motivos: em primeiro lugar, o dinamismo da vida cristã, em crescimento até atingir a maturidade, pressupõe a formação cristã; de seguida, a necessidade de se promover a eclesiologia de comunhão e a responsabilidade eclesial; por outro lado, a necessidade de se cultivar uma fé adulta, esclarecida e firmada em convicções pessoais que permitam conviver e responder às profundas mudanças sócio-religiosas; em quarto lugar, a nova evangelização aponta para um desenvolvimento de atividades eclesiais que apenas podem ser executadas pela Igreja na sua totalidade, o que exige uma formação programada e séria; e, por fim, porque os adultos são convocados a dar testemunho da sua fé com vista a uma maior eficácia da catequese dos mais novos⁷²⁵.

Perante uma sociedade cada vez mais alheada da tradição cristã, urge «consolidar a identidade cristã, hoje questionada na vida eclesial, moral e cultural»⁷²⁶, além de que «para formar animadores ou iniciar na espiritualidade peculiar dos movimentos, é necessário cuidar da base da vida cristã comum a todos os fiéis»⁷²⁷. Logo, pretende-se uma formação cristã de base, voltada para a consolidação da fé, com vista à maturidade da vida cristã de cada um e a uma participação ativa na vida eclesial, por meio de uma iniciação cristã integral que abranja

⁷²¹ Cf. *Ibidem*, 72.

⁷²² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 40-41.

⁷²³ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 73.

⁷²⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” in *Documentos Pastorais*, vol. 4 (Lisboa: Editora Reis dos Reis, 1996), 261.

⁷²⁵ Cf. *Ibidem*, 262-263.

⁷²⁶ *Ibidem*, 264.

⁷²⁷ *Ibidem*, 265.

todas as componentes da vida cristã e que realize o aprofundamento da mensagem cristã mediante as experiências concretas das pessoas⁷²⁸.

Desta forma, a formação de base insere-se na dinâmica da nova evangelização, com vista a possibilitar o crescimento de uma fé clara e profunda, realçando a necessidade de, sem descurar diversas iniciativas, se cuidar do alicerce da vida cristã, o que leva a organizar a iniciação cristã, de caráter integral e permanente, em três perspetivas importantes para a formação elementar da identidade cristã⁷²⁹.

A primeira perspetiva indica a necessidade de se conceber a formação em processo de crescimento integral e de conversão pessoal, segundo a lógica do mistério da encarnação e da eclesiologia de comunhão e participação, concedendo atenção a cada pessoa, ao seu ritmo e experiência de vida, procurando-se, assim, uma pedagogia adaptada e que permita a adequação à comunidade, com vista a uma participação ativa na mesma⁷³⁰.

Em seguida, indica-se que a formação cristã é estruturada numa integração de todas as dimensões da fé, a saber: a componente doutrinal, pretendendo-se combater o analfabetismo religioso e a permitir que as convicções seguras sejam fundamentadas; a dimensão espiritual, pois o conhecimento de Jesus Cristo implica o crescimento da vida espiritual, numa busca de comunhão com Ele; uma vertente moral e social, pois a fé precisa ser traduzida num estilo de vida concreto; uma dimensão comunitária, pois a fé cristã leva a que a pessoa se incorpore e faça membro ativo de uma comunidade cristã; e uma dimensão missionária, pois a vida comunitária abre-se para a missão⁷³¹.

Por fim, requer-se a inserção na comunidade cristã, declarada como sujeito, objeto e fim da formação de adultos⁷³². De facto, deverá ser meta de cada comunidade cristã a formação dos adultos, sendo que todos os seus membros são responsáveis pela evangelização e pelo desenvolvimento da fé⁷³³. Realça-se ainda que a formação cristã é um facto comunitário, isto é a comunidade é sujeito da formação, o que exige a sua renovação pastoral, que a torne realmente evangelizadora⁷³⁴. Por outro lado, a comunidade cristã também se assume como objetivo da

⁷²⁸ Cf. *Ibidem*, 267.

⁷²⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 105-106.

⁷³⁰ Cf. *Ibidem*, 106.

⁷³¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” 270-272.

⁷³² Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 106-107.

⁷³³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” 274-275.

⁷³⁴ Cf. *Ibidem*, 275.

formação, pois contribuirá para uma renovação pastoral, na medida em que requererá a presença de cristãos adultos que possam testemunhar a sua fé à sociedade⁷³⁵.

Concluindo, foi pretensão dos bispos portugueses conceber a formação cristã dos adultos como uma iniciação e formação básica, caracterizando-se como: um processo permanente, mas que implica o querigma; personalizado; diferenciado, dado prever itinerários e processos de formação variados; comunitária, dado que a comunidade é sujeito e finalidade; e missionária, por conceber leigos com uma autêntica identidade cristã que capacite para o testemunho da sua fé⁷³⁶. Desta forma, não se colocando de lado a dimensão cognitiva, afirma-se que a catequese procura suscitar cristãos que acreditam, estruturando e alicerçando a adesão a Jesus Cristo, com a finalidade da pessoa afirmar *eu creio*, ou seja, a confiar absolutamente em Deus⁷³⁷.

3.1.4. Para que acreditem e tenham Vida. Orientações para a catequese actual

Neste documento, escrito em 2005, os bispos de Portugal, tendo em vista a renovação dos materiais catequéticos, procedem a uma reflexão sobre os principais elementos que devem nortear a ação catequética, tendo em conta a situação sociocultural, que anima a uma renovação que torne a catequese de adultos referência para toda a catequese⁷³⁸. Assumindo as profundas mudanças socioculturais, formulam orientações para a catequese que objetivam aplicar as perspectivas apresentadas pelo DGC⁷³⁹.

O documento refere que, apesar das mudanças que se vão observando, o Homem contemporâneo é capaz de um ato de fé, sendo necessário criar novas condições favoráveis para o despertar da fé, sendo que a transmissão da fé, além do contributo insubstituível dos pais, precisa, sobretudo, de se associar ao testemunho vivo da comunidade cristã⁷⁴⁰.

Portanto, a renovação catequética faz-se com a adoção de uma ação pastoral em perspectiva evangelizadora, o que implica para os agentes pastorais não pressupor a fé de quem se aproxima, mas sim procurar despertá-la e converter quem vive afastado da fé cristã⁷⁴¹. Uma vez que a catequese se apresenta como um momento estruturante da evangelização, importa

⁷³⁵ Cf. *Ibidem*, 276.

⁷³⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 107.

⁷³⁷ Cf. Maria Helena Calado Pereira, “Catequese de Adultos,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 59.

⁷³⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 73.

⁷³⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 256.

⁷⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 259.

⁷⁴¹ Cf. *Ibidem*, 261.

que ela conheça as características da evangelização na situação atual e se situe no seu interior prestando-lhe um contributo particular⁷⁴². Neste sentido, uma catequese evangelizadora assumirá as seguintes qualidades: possuir um caráter missionário; centrar-se na apresentação do querigma; e convidar de forma permanente à conversão⁷⁴³.

Por conseguinte, tendo-se presente que o crescimento na fé se opera de forma gradual e progressiva, os bispos referem a iniciação cristã como uma fase fundamental, ou seja, a catequese, dado encontrar-se ao serviço da iniciação cristã, necessita de se estruturar como um itinerário que introduz nos diversos elementos da vida cristã⁷⁴⁴. Em consequência, aponta o catecumenado «como o modelo de toda a Iniciação Cristã, inspirando também os processos de reiniciação para jovens e adultos»⁷⁴⁵, trazendo algumas implicações práticas para a ação catequética, entre as quais se contam: a necessidade de uma formação orgânica e sistemática na fé com vista a uma educação a toda a vida cristã; um caminho de conversão pessoal ao Deus vivo, promovendo a comunhão com Cristo; um itinerário balizado por fases; a promoção de uma relação mais intensa entre a catequese e a liturgia; o fortalecimento de uma ligação mais profunda entre a catequese e a comunidade cristã, convocada ao trabalho de acolhimento e de acompanhamento do itinerário de crescimento na fé; e uma prática catequética que procure aumentar a adesão amorosa a Deus e aos irmãos, e ainda promover o empenho de cada um em tornar-se fermento do Reino de Deus no mundo⁷⁴⁶.

Portanto, o documento pretende ilustrar que a renovação catequética passará por adotar a pedagogia catecumenal, vista como uma inserção progressiva no mistério de Cristo e na vida comunitária⁷⁴⁷. Por sua vez, as comunidades cristãs devem consciencializar-se de que a transmissão da fé é da responsabilidade de todos os seus membros, sendo que a adesão a Cristo também se processa pelo cultivo de uma sadia afetividade, acompanhamento interessado e relação fraterna⁷⁴⁸. Esta responsabilidade comunitária exige uma conversão eclesial, em termos de comunhão e de participação⁷⁴⁹, sendo marca deste texto a clareza com que refere que a ação catequética envolve e implica toda a comunidade, isto porque ela se encontra em relação direta com a sobrevivência da própria comunidade⁷⁵⁰.

⁷⁴² Cf. *Ibidem*, 261.

⁷⁴³ Cf. *Ibidem*, 262.

⁷⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 265.

⁷⁴⁵ Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 109.

⁷⁴⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 266-267.

⁷⁴⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 110.

⁷⁴⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 268.

⁷⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 270.

⁷⁵⁰ Cf. Almeida, “Catequese, entre a crise e a renovação,” 40.

Por fim, mas não de menor relevância, os bispos declaram a necessidade de se criarem diferentes percursos de catequese, uma vez que esta se dirige a pessoas de todas as idades, pois todas precisam de ser evangelizadas⁷⁵¹. Face a isto, indicam que se deve adaptar a catequese às variadas situações⁷⁵², mas sem ignorar que «a catequese dos adultos é verdadeiramente a referência para toda a catequese, é como um eixo ou princípio organizador, em volta da qual se estrutura a catequese das diferentes idades»⁷⁵³. Então, o episcopado avança com um conjunto de propostas catequéticas para as diversas pessoas e situações, entre as quais se salienta a proposta de uma catequese de iniciação ou catecumenado para adultos, acreditando-se que o catecumenado se apresenta como um dos principais trajetos para a catequese, isto é, como uma forma concreta para se estabelecer a iniciação cristã⁷⁵⁴. Na verdade, «é significativo que a Iniciação Cristã seja claramente assumida, na linha do DGC, como matriz e pedra angular da catequese»⁷⁵⁵.

3.1.5. Repensar juntos a Pastoral da Igreja em Portugal – Instrumento de trabalho

Neste texto, emanado em 2010, o episcopado luso pretende encetar um caminho de renovação da ação pastoral, tentando adequá-la da melhor forma ao mandamento de Cristo e ao contexto atual, procurando colocar os agentes pastorais das diversas dioceses num caminho sinodal, segundo o método do discernimento pastoral, ou seja, de leitura e interpretação dos sinais de Deus na sociedade e na Igreja⁷⁵⁶. Tem em vista atingir três objetivos: em primeiro lugar, consciencializar-se do que move a Igreja no seu agir eclesial e de que qualquer ação eclesial precisa, como atitude prévia, de uma confiança sólida e de uma comunhão profunda a Cristo; de seguida, procura discernir os sinais divinos presentes na sociedade hodierna, pelos quais a Igreja encontrará o horizonte para o qual se deve conduzir; e, por fim, identificar e acolher o auxílio de Deus, pelo qual a Igreja encontra novos itinerários e possibilidades para desenvolver a sua missão pastoral⁷⁵⁷.

⁷⁵¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 270-271.

⁷⁵² Cf. *Ibidem*, 271.

⁷⁵³ *Ibidem*, 272.

⁷⁵⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 110.

⁷⁵⁵ João Manuel de Oliveira Ribeiro, “Catequese e iniciação cristã,” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 47.

⁷⁵⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Repensar juntos a pastoral da Igreja em Portugal – Instrumento de trabalho,” acedido a 13/02/2019, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/repensar-juntos-a-pastoral-da-igreja-em-portugal-instrumento-de-trabalho/>.

⁷⁵⁷ Cf. *Ibidem*.

Embora se trate de um instrumento de trabalho, que enuncia os critérios para um posterior discernimento nas diferentes dioceses portuguesas, o mesmo reconhece as dificuldades presentes na encarnação da comunhão na vida e missão da Igreja, lamentando o facto da Igreja e suas instituições se encontrarem dispersas em inúmeras atividades, parecendo estar cerradas no seu âmbito próprio, sem que tenham ligação entre si e comportem uma vitalidade e inovação significativas na vida dos cristãos⁷⁵⁸. Por outro lado, admite que os documentos pastorais emanados anteriormente não têm conseguido produzir os efeitos ambicionados, assim como observa que, embora se tenha reformado a estruturação da catequese da infância e adolescência, o certo é que, no final, uma grande maioria abandona a Igreja⁷⁵⁹.

Não obstante, o texto refere a existência de «sinais evidentes de que persistem nos corações humanos os anseios pela espiritualidade e pela comunhão com o mistério divino»⁷⁶⁰, os quais convidam a Igreja a promover uma comunicação atrativa do evangelho e a formular propostas sedutoras, numa postura de serviço generoso que, pelo seu testemunho e veracidade das propostas, seja fermento do evangelho na sociedade⁷⁶¹.

Desta forma, emergem, segundo os bispos, três elementos que ajudam a vislumbrar o itinerário de renovação da ação pastoral: a necessidade da formação cristã, para promoção da fidelidade e do testemunho do evangelho; o empenho imaginativo, ardente e frutuoso na nova evangelização, apresentando um novo modo de se estar e atuar na sociedade; e prioridade em se reorganizarem as comunidades cristã, mediante a descoberta de formas inovadoras de desempenho do ministério presbiteral e a promoção da diversidade de ministérios eclesiais⁷⁶².

3.2. Opção pela catequese de adultos

A catequese de adultos constitui «a principal forma de catequese, para a qual todas as demais, nem por isso menos necessárias, estão orientadas» (DGC 59). Por conseguinte, o episcopado português retoma esta afirmação, em linha com os pronunciamentos precedentes, repetindo a necessidade de «uma visão de conjunto e atualizada da fé e seus elementos integrantes, inserida numa nova evangelização»⁷⁶³.

Todavia, importa desde já precisar que o DGC, ao apresentar os destinatários da catequese, na quarta parte, capítulo segundo, coloca a catequese dos adultos em primeiro lugar,

⁷⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

⁷⁵⁹ Cf. *Ibidem*.

⁷⁶⁰ *Ibidem*.

⁷⁶¹ Cf. *Ibidem*.

⁷⁶² Cf. *Ibidem*.

⁷⁶³ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 40-41.

acrescentando, de seguida, a catequese das crianças e dos adolescentes, a catequese dos jovens e a catequese das pessoas idosas. Nesta linha, a catequese de adultos assume-se como centro de referência inspirador para toda a atividade catequética, sendo ponto de apoio para a catequese das demais idades⁷⁶⁴.

Por sua vez, a Carta Pastoral, ao abordar os destinatários da catequese, no quinto capítulo, apresenta, respetivamente, as crianças da primeira infância, as crianças da infância, os adolescentes e jovens e, por fim, os adultos. Daqui se depreende que, pese o facto de procederem a uma opção teórica pela catequese de adultos, apontando-a como a *principal forma de catequese*, deduzem a sua reflexão a partir da catequese paroquial tradicional, organizada em torno dos dez anos de catequese, sendo que, embora apontada como a forma *principal*, encontra-se compartimentada, a par das demais ofertas catequéticas para as outras idades.

Contudo, neste momento pretender-se-á identificar, a partir da carta pastoral, os principais elementos que cimentam a opção preferencial pela catequese de adultos no contexto nacional, tendo presente a reflexão antecedente. Deste modo, num primeiro momento ter-se-á em conta a contextualização da catequese de adultos no quadro da urgência de renovação da prática pastoral; para, num segundo momento, intersetar as características que os bispos apontaram para esta forma catequética com a proposta de catequese familiar que tem sido adotada no país, ou seja, pretende-se compreender de que forma é que esta proposta de catequese anima uma renovação catequética que pretende ultrapassar o modelo escolar e instaurar uma catequese de adultos.

3.2.1. Catequese de adultos em linha com a urgência da renovação pastoral

Conforme se referiu acima, o episcopado luso afirma que «a catequese de adultos “é a principal forma de catequese”»⁷⁶⁵, porque nos coloca ante uma pessoa madura, livre, ativa e com a capacidade de se questionar sobre o sentido da vida, possuindo em si a capacidade para uma vivência inteiramente desenvolvida da mensagem cristã⁷⁶⁶. Desta forma, a catequese de adultos tem em consideração pessoas livres e ativas que, nas suas interrogações sobre o sentido

⁷⁶⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 42.

⁷⁶⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 40.

⁷⁶⁶ Cf. Maria Helena Calado Pereira, “Catequese de Adultos,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 57.

da vida, buscam respostas, embora parciais; e que tentam produzir conhecimentos plausíveis para minimizar a sua sede de sentido⁷⁶⁷.

Por outro lado, convém recordar que a catequese não se limita a uma idade, pois consiste num processo ininterrupto do cristão e da comunidade eclesial⁷⁶⁸. A catequese de adultos constitui, pois, o modelo referencial para toda a prática catequética, a partir do qual se organiza a catequese das diferentes idades⁷⁶⁹.

A grande finalidade de uma catequese de adultos autêntica consiste em formar discípulos⁷⁷⁰, isto é, pessoas adultas na fé, convidando-as a entrarem num caminho de conversão que não se restringe a um ensino, mas envolve toda a vida do discípulo, promovendo nele um genuíno seguimento de Cristo⁷⁷¹. A tónica, portanto, coloca-se na necessidade de uma catequese de adultos que seja verdadeiramente adulta⁷⁷², com vista a possibilitar crentes adultos e que se ponha ao serviço de uma Igreja adulta, buscando-se, para tal, a noção de maturidade e a consequente superação de qualquer forma de infantilismo⁷⁷³. Consequentemente, para educar cristãos adultos necessita-se de configurar a identidade cristã com uma formação integral que os faça compreender, celebrar e colocar em prática o evangelho⁷⁷⁴, sendo, portanto, sua finalidade estar ao serviço da maturação adulta da fé dos crentes e do subsequente crescimento e renovação da Igreja⁷⁷⁵.

3.2.1.1. Catequese de adultos ao ritmo da nova evangelização

Referida a importância da catequese de adultos, a carta pastoral insere-a no ritmo de «numa nova evangelização»⁷⁷⁶. Na verdade, a opção pela evangelização confere à catequese de adultos o seu contexto vital e a imbuí dos seus requisitos⁷⁷⁷, provocando uma autêntica conversão pastoral, ou seja, procura-se abandonar uma pastoral de manutenção para se

⁷⁶⁷ Cf. Gilles Ruthier, “*Catequesis de Adultos*”, in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Savorido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 45.

⁷⁶⁸ Cf. Policarpo, “Reforma catequética em Portugal,” 69.

⁷⁶⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 272.

⁷⁷⁰ Cf. Dias, “Iniciar na fé (fazer discípulos) com a intervenção da família,” 98.

⁷⁷¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 135.

⁷⁷² Cf. Emilio Alberich Sotomayor, Ambroize Binz, *Catequesis de adultos. Elementos de metodologia* (Madrid: Editorial CCS, 1991), 29.

⁷⁷³ Cf. *Ibidem*, 29.

⁷⁷⁴ Cf. Amadeo Rodríguez Magro, “Identidad de la catequesis de adultos en España,” *Actualidad Catequética*, n.º 172 (Outubro-Dezembro 1996): 99.

⁷⁷⁵ Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 55.

⁷⁷⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 41.

⁷⁷⁷ Cf. Sotomayor e Binz, *Catequesis de adultos. Elementos de metodologia*, 35.

aventurarem novas ações evangelizadoras que despertem a fé, causando a experiência pessoal com Deus, cabendo à catequese sugerir a radical novidade que o evangelho comporta⁷⁷⁸. Portanto, é missão da catequese iniciar os cristãos para um compromisso evangelizador, tendo presente que se trata de possibilitar que eles sejam efetivamente crentes – pois a motivação para evangelizar advém de uma experiência profunda de fé –, e, conseqüentemente, missionários – sendo que tal missão não se restringe a um mero entretenimento ou capacitação para realizar algumas tarefas⁷⁷⁹. Desta maneira, uma catequese de adultos em chave evangelizadora implica – e auxilia – a que a Igreja se situe no horizonte missionário⁷⁸⁰, procurando renovar-se na sua relação com a sociedade e a cultura, condição prévia a qualquer projeto⁷⁸¹.

Por conseguinte, uma renovação pastoral e catequética em linha evangelizadora desloca o centro de atenção do ideal do praticante para a promoção do crente, isto é, tem como objetivos a maturação da fé e o seu testemunho, colocando a Igreja em permanente estado de missão e de evangelização, enquanto dimensão intrínseca e permanente da sua ação que a leva a uma contante escuta da Palavra e sequente conversão⁷⁸². Na verdade, a catequese assume-se como um serviço abertamente missionário, com vista a uma renovação do ser cristão, inserindo-se no horizonte global da experiência de fé da comunidade, na qual se integram a experiência da oração e da celebração e a prática do compromisso cristão na sociedade, o que exige o abandono da atual prática catequética, que a cerra nos seus módulos organizativos tradicionais⁷⁸³. Este abandono implica, também, que os agentes de pastoral e de catequese se consciencializem de que «evangelizar é estar aberto à surpresa inesperada e sempre nova do Espírito»⁷⁸⁴, sendo que o evangelizador é aquele que se encontra em permanente estado de conversão, deixando-se evangelizar pelas pessoas que acolhe⁷⁸⁵.

Portanto, perante uma sociedade cada vez menos cristã impõe-se da Igreja uma proposta audaz de uma dinâmica missionária que se centre no primeiro anúncio⁷⁸⁶, o que implica um

⁷⁷⁸ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 191.

⁷⁷⁹ Cf. Anastasio Gil García, “Dimensión misionera de la catequesis,” *Actualidad Catequética*, n.º 192 (Outubro-Dezembro 2001): 45-46.

⁷⁸⁰ Cf. Magro, “Identidad de la catequesis de adultos en España,” 88.

⁷⁸¹ Cf. Maria Helena Calado Pereira, “Catequese de Adultos,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 60.

⁷⁸² Cf. Emilio Alberich Sotomayor, *La catequesis en la Iglesia. Elementos de catequesis fundamental* (Madrid: Editorial CCS, 1991), 33.

⁷⁸³ Cf. *Ibidem*, 237.

⁷⁸⁴ Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 203-205.

⁷⁸⁵ Cf. Fossion, “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho,” 104.

⁷⁸⁶ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 186.

voltar-se para o essencial da fé⁷⁸⁷. Contudo, não basta exercer uma prática de primeiro anúncio no contexto de uma primeira evangelização, mas sim dinamizar todo o itinerário catequético com a presença de uma ação de primeiro anúncio, pois não se deve dar por adquirida a fé de quem se aproxima da catequese⁷⁸⁸. Por sua vez, a catequese de adultos em chave de evangelização procurará amadurecer a opção por Jesus Cristo, procurando o desenvolvimento de uma fé adulta⁷⁸⁹. Desta maneira, se é verdade que a evangelização conduz à catequese, também se verifica que uma catequese eficaz promove uma Igreja evangelizadora, que evangeliza⁷⁹⁰.

3.2.1.2. Caráter permanente

Uma vez afirmada a necessidade de uma catequese de adultos ao sabor da nova evangelização, os bispos acrescentam que ela deve possuir um caráter «permanente»⁷⁹¹. O mesmo havia sido afirmado em pronunciamentos anteriores do episcopado, consciente de que a formação cristã precisa de caminhar a par da vida dos crentes, por forma a que o crescimento da fé acompanhe o crescimento em idade e em experiência, motivando-a a precisar constantemente alimentada e atualizada⁷⁹². De facto, não se pode afirmar em nenhum momento que um conhecimento sobre a fé deve estar fechado nem que uma experiência de fé não pode ser objeto de nova leitura e esclarecimento⁷⁹³.

Então, a abordagem a uma catequese permanente traz consigo uma noção dinâmica da vida de fé, a qual consiste numa atualização permanente que desafia a contínuos questionamentos, reflexões e encarnação da mesma, num processo em devir⁷⁹⁴. Assim considerada, a catequese de adultos torna possível que todos os integrantes evoluam na sua vida espiritual, numa contínua aproximação a Deus e aos homens⁷⁹⁵, isto porque ela pode ocorrer em qualquer momento da vida do adulto, sendo que, em cada etapa da vida, ela procura responder às diferentes exigências do crescimento na fé, não se limitando a tentar suprir as carências da formação levada a cabo na infância⁷⁹⁶. Logo, sendo objetivo da catequese auxiliar

⁷⁸⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 41.

⁷⁸⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 93-94.

⁷⁸⁹ Cf. Magro, “Identidad de la catequesis de adultos en España,” 94-95.

⁷⁹⁰ Cf. Regan, “Une catéchèse de toute la communauté pour tous les ages de la vie,” 12.

⁷⁹¹ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 40.

⁷⁹² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” 269.

⁷⁹³ Cf. Molinario, “Una catequesis permanente,” 96.

⁷⁹⁴ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 17.

⁷⁹⁵ Cf. Aereus, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 63.

⁷⁹⁶ Cf. Sotomayor e Binz, *Catequesis de adultos. Elementos de metodologia*, 38.

as pessoas na maturação da sua fé, fica claro que a maturidade não consiste num estado, mas numa realização permanente, pois a fé cresce de forma contínua, sem nunca chegar ao fim⁷⁹⁷, logo, a procura de Cristo assume-se como uma tarefa permanente, sendo que a plenitude da catequese se encontra numa ação contínua de recomeçar⁷⁹⁸.

Neste sentido, torna-se necessária a promoção de uma continuidade entre as diferentes fases da atividade catequética, com vista a uma catequese intergeracional, estruturada num projeto diocesano de catequese⁷⁹⁹. E isto implica que se abandone a repartição por idades⁸⁰⁰, assim como se considere a catequese permanente de comunidades voltadas para a proclamação da fé, o que permite deduzir que, se as comunidades são o lugar intergeracional por excelência, então elas mesmas são destinatária da catequese, encontrando-se aqui a principal alavanca para a renovação catequética⁸⁰¹ e um dos fatores fundamentais para a transmissão da fé⁸⁰².

3.2.1.3. Adaptação à diversidade de destinatários

Uma catequese permanente de adultos ao ritmo da nova evangelização requer que esta seja «adaptada ao nível de conhecimento e vivência da fé dos seus destinatários e das circunstâncias de vida em que se encontram»⁸⁰³. De facto, tendo presente a sociedade complexa na qual os cristãos vivem e se movem, exige-se uma contínua aprendizagem e adaptação da fé, para que ela possa encarnar no mais íntimo dos homens⁸⁰⁴. Por outras palavras, a «diversidade de itinerários pessoais obriga a catequese a trabalhar considerando uma diversificação de pedagogias»⁸⁰⁵, pois o adulto não é uma tábua rasa que precisa de ser preenchida de conteúdos doutrinários, pelo contrário, ele apresenta-se à Igreja com um passado preenchido de uma educação e de experiências, o que requer uma pedagogia interativa que possa renovar o que cada um já sabia⁸⁰⁶.

Por conseguinte, tendo em conta a diversidade de estados de vida das pessoas que se apresentam à Igreja, urge que a catequese encontre caminhos diversificados que cruzem as suas

⁷⁹⁷ Cf. Villepelet, “Catéchèse d’adultes et maturation de la foi,” 386.

⁷⁹⁸ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 230-231.

⁷⁹⁹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 43.

⁸⁰⁰ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 15.

⁸⁰¹ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 2.

⁸⁰² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*, 223.

⁸⁰³ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 40.

⁸⁰⁴ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 15-16.

⁸⁰⁵ Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 197.

⁸⁰⁶ Cf. Dominique Sentucq, “Adultos y educación de la fe,” *Actualidad Catequética*, n.º 192 (Outubro-Dezembro 2001): 74.

vidas e assim permitam que a mensagem cristã e a pedagogia da fé sejam as mais adequadas⁸⁰⁷. Requer-se, assim, que a catequese valorize as pessoas na sua singularidade, procurando encontrar-se com cada pessoa, estabelecendo uma forma de anúncio individual que lhe ressoe como significativa⁸⁰⁸. Perante uma mentalidade sociocultural que aponta e valoriza a complexidade e a diversidade de cada pessoa, urge desenvolver uma pluralidade de pedagogias, impedindo o mero consumo das verdades da fé e impelindo nos sujeitos da catequese a noção de que esta deve ser experimentada como um todo⁸⁰⁹.

Por isso, os agentes da catequese deverão ter em conta esta necessidade de diversificar a catequese, adotando uma variedade de percursos para a proposta e o desenvolvimento da fé, de acordo, não só segundo as idades ou condições de vida, mas também de acordo com as diferentes interrogações, gostos, interesses e ambições⁸¹⁰. Só uma catequese diferenciada permitirá o cumprimento da sua missão⁸¹¹, logo, este apelo vai ao encontro de outros apelos dos bispos, no sentido de se estruturarem diversos percursos de catequese, dado que a evangelização se destina a todas as pessoas⁸¹².

Na verdade, uma prática catequese monolítica, isto é, que não considere a diversidade de indivíduos, não aberta a interrogações, e que apresente a doutrina cristã como um valor absoluto que dispense posteriores complementos, acaba por falhar no objetivo de formar as pessoas para uma fé adulta⁸¹³. Em contraposição, uma catequese marcada pela diversificação parte da situação de partida das pessoas e grupos, possibilitando que se liberte de falsas expectativas, que seja fiel aos destinatários concretos e assim encete um caminho de fé encarnado na história concreta e específica de cada pessoa⁸¹⁴, organizando-se um conjunto de atividades, sob uma pedagogia pastoral diferenciada, colocando num projeto de crescimento da fé adultos com distintas relações com a fé e com a Igreja⁸¹⁵.

⁸⁰⁷ Cf. Darío Castrillón, “Presentación del Directorio General para la Catequesis. Lectura teológico pastoral del Directorio General para la catequesis,” *Actualidad Catequética*, n.º 176 (Outubro-Dezembro 1997): 22.

⁸⁰⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 235.

⁸⁰⁹ Cf. Carvalho, “A Catequese como fidelidade ao ser humano. De uma religião que se usa, para uma religião que se vive,” 36.

⁸¹⁰ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 235.

⁸¹¹ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 97.

⁸¹² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 273.

⁸¹³ Cf. José Eduardo Borges de Pinho, “Catequese e Ecumenismo,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 224.

⁸¹⁴ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 97.

⁸¹⁵ Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 63.

3.2.2. Catequese familiar como uma forma de catequese de adultos, em linha com a renovação da catequese de iniciação cristã das crianças

Entre as diversas modalidades de catequese de adultos, a carta pastoral em análise aponta a catequese familiar como uma das suas formas⁸¹⁶. Em linha com a *Catechesi Tradendae* e o DGC, é afirmado que «a família é “insubstituível” (...), nas fases etárias em que os catequizandos mais dependem dos pais ou outros responsáveis pela sua educação»⁸¹⁷.

Daqui se depreendem alguns elementos para a reflexão. Em primeiro lugar, ter em consideração de que um dos grandes desafios para a ação pastoral da Igreja prende-se com a centralidade da família na vivência e transmissão da fé, uma vez que se trata do local favorável para a humanização e para a educação integral em todas as dimensões da vida⁸¹⁸. Então, daqui resulta um importante desafio para os agentes pastorais: auxiliar a família a consciencializar-se de que presta um contributo ímpar, indispensável, na educação da fé, assumindo-se como o seu lugar primordial⁸¹⁹. Deste modo, numa atitude de responsabilidade missionária, a Igreja precisa de adotar uma programação conjunta e articulada de pastoral familiar, apoiando a família a desenvolver a sua dimensão evangelizadora, com a finalidade de que esta se torne, não apenas objeto da evangelização, mas sujeito evangelizador⁸²⁰.

Conforme se tem refletido, a família presta um importante contributo para o despertar da fé, na medida em que se assume como um espaço de afeto, de respeito e de ternura, exercendo uma influência determinante na formação humana e cristã dos filhos⁸²¹, pois um ambiente de amor permitirá a descoberta de Deus presente na família, proporcionando, de forma simultânea e em ambiente informal, uma catequese de adultos e uma catequese de iniciação cristã às crianças⁸²². Sendo a família lugar insubstituível, dadas as profundas relações de amor e confiança que se estabelecem entre pais e filhos, levando a que os segundos procurem imitar o testemunho dos primeiros⁸²³, reforçando-se a noção de que a transmissão da fé processa-se, acima de tudo, pelo testemunho direto de uma experiência de vida cristã, pela qual os pais tornam Cristo presente aos filhos⁸²⁴, permitindo, desta forma, que a família se torne uma

⁸¹⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 41.

⁸¹⁷ *Ibidem*, 31-32.

⁸¹⁸ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 48.

⁸¹⁹ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 27.

⁸²⁰ Cf. García, “Dimensión misionera de la catequesis,” 52.

⁸²¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 269.

⁸²² Cf. Sebastiá Taltavull Anglada, “‘Iniciación cristiana y familiar: la catequesis familiar’,” *Actualidad Catequética*, n.º 189 (Janeiro-Março 2001): 112.

⁸²³ Cf. Carvalho, “A família e o seu insubstituível papel educativo,” 96.

⁸²⁴ Cf. Anglada, “‘Iniciación cristiana y familiar: la catequesis familiar’,” 110.

pequena igreja doméstica e primeira comunidade de base da Igreja, sendo que esta terá o encargo de a apoiar⁸²⁵.

É, por isso, elementar centrar a atenção na conversão pastoral das famílias, promovendo que estas iniciem um caminho de uma formação cristã, que permita o seu encontro com Jesus Cristo, aprendendo um novo modo de vida, e testemunhando-o⁸²⁶. Primeiros responsáveis e os agentes mais qualificados, os pais precisam de se consciencializar de que ninguém os pode substituir na sua tarefa de educar humana e cristãmente os seus filhos⁸²⁷. Sob estas convicções descritas compreende-se a pertinência da proposta de catequese familiar, refletida por Vasco Gonçalves e concretizada nos materiais catequéticos entretanto publicados, a qual foi desenvolvida a partir dos primeiros seis anos de catequese, com uma pedagogia que tem em vista um conjunto de tarefas a serem desenvolvidas em família, na família e com a família, procurando-se envolver a família e a paróquia de forma simultânea⁸²⁸. Esta proposta assume-se como uma proposta de catequese de adultos, uma vez que existe uma clara opção preferencial pelos adultos⁸²⁹, dado que o centro de atenção é deslocado dos filhos para os pais, além de constituir «um nó fundamental para que a família possa construir a Igreja, e a Igreja possa fortificar a família, pois, apesar de duas realidades, vivem dum mesmo coração»⁸³⁰.

3.2.2.1. Catequese que parte dos filhos para alcançar os pais

Nesta linha de reflexão, os bispos lusos referem que não será possível uma implicação dos pais com uma mera chamada de atenção, quase imposição para que adotem uma prática de vida que não lhes diz nada, pois é preciso respeitar a sua liberdade⁸³¹. Consequentemente,

«O caminho mais fácil e eficaz tem, a nosso ver, de partir daquilo, ou melhor, daqueles que são a razão de ser de qualquer pai ou mãe que se preze: os filhos, o amor que têm por eles e o bem que lhes querem. Na grande maioria dos casos é isso, aliás, que os leva a inseri-los na catequese: reconhecerem o bem que são para eles os valores que nela se transmitem e cuja aceitação o Evangelho facilita. (...) hoje têm de ser os filhos a levar os pais ao (re)encontro com Deus, convencendo-os a participar em tudo o que faz parte da catequese que pedem para os filhos»⁸³².

Por conseguinte, tendo como ponto de partida a atenção para com os filhos, a catequese familiar possibilitará centrar-se na família, importando, acima de tudo, a evangelização dos

⁸²⁵ Cf. Cristophe Dufour, “La necesidad de una comunidad cristiana en el proceso de iniciación,” *Actualidad Catequética*, n.º 210 (2006): 105.

⁸²⁶ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 73.

⁸²⁷ Cf. Otero, “Uma nova situação, uma nova Catequese,” 56.

⁸²⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 36.

⁸²⁹ Cf. Anglada, “‘Iniciación cristiana y familiar: la catequesis familiar’,” 113.

⁸³⁰ Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 76.

⁸³¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 32.

⁸³² *Ibidem*, 32.

pais, na medida em que estes são valorizados, não apenas como destinatários, mas sobretudo como protagonistas ativos na educação cristã aos seus filhos⁸³³. Daqui resulta que o primeiro objetivo desta proposta catequética reside no investimento nos pais, amparando-os na sua missão de pais e na sua vida afetiva, sendo desta forma que se poderá deslocar a preocupação para os pais, realizando primeiro a catequese aos adultos e depois às crianças⁸³⁴, constituindo um projeto intergeracional que rejeita a escolarização da catequese, confinada a uma hora semanal na paróquia⁸³⁵. Uma vez que esta forma de catequese tem como pano de fundo a preparação das crianças para a Primeira Comunhão, será de todo pertinente que ela se inspire numa catequese mistagógica, procurando uma prática catequética que, em ambiente de diálogo entre os adultos e os mais jovens, siga os sacramentos, ao mesmo tempo que se prepara para eles⁸³⁶. Neste sentido, com a catequese baseada num diálogo intergeracional, será possível uma mútua descoberta e aprofundamento da fé⁸³⁷.

Tendo em conta algumas experiências e testemunhos de introdução do modelo de catequese familiar, o episcopado português aponta algumas vantagens da inserção dos pais na catequese dos filhos. Então, refere que «a primeira a ganhar é a própria família que assim se torna mais “igreja doméstica”. Impelidos pelo amor de Cristo, aumenta entre os seus membros a comunhão de que necessitam e que, na sociedade de hoje, está cada vez mais ameaçada»⁸³⁸. De facto, a catequese familiar pretende o reforço das relações entre os membros da família, a formação da personalidade de todos os membros alinhavada na relação com Deus e a melhoria da competência dos pais na responsabilidade de educar na fé cristã os filhos⁸³⁹. Estas relações reforçam-se pela vivência mútua de amor que lhes vem de Deus, dos pais para os filhos e entre os pais⁸⁴⁰, melhorando a sua qualidade de vida e, assim, reforçando a sua identidade, ao mesmo tempo que insere as famílias numa projeto orgânico, animado por uma conversão pastoral de uma Igreja convidada a uma permanente saída missionária⁸⁴¹.

⁸³³ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 103.

⁸³⁴ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 82.

⁸³⁵ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Sereis o Meu Povo, Guia do Animador Familiar*, (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2018), 8.

⁸³⁶ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 608.

⁸³⁷ Destaca-se que, na catequese familiar que segue o modelo a quatro tempos, o momento central encontra-se no Tempo 2, que consiste no diálogo em família, em casa. Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 17-18.

⁸³⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” *Pastoral Catequética*, n.º42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 33.

⁸³⁹ Cf. Scheidler, “Para que a vida familiar resulte,” 160.

⁸⁴⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 33.

⁸⁴¹ Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 100.

Por outro lado, este modelo permite que os pais, enquanto procuram catequizar os filhos, sejam também catequizados nas mesmas temáticas que ensinam, ou seja, se é com o amor recebido dos pais que os filhos melhor crescerão humana e cristãmente, também os pais se consciencializam de que são necessitados e dependentes, sendo esta a atitude fundamental para a fé em Deus e para o exercício do papel de educador⁸⁴². Mediante o estabelecimento de uma relação mútua, ambos aprendem a confiar em Deus e entendem melhor os elementos essenciais da mensagem cristã, gerando-se sadios vínculos familiares e, assim, criando-se uma autêntica Igreja doméstica, na qual Jesus estará presente, sobretudo na oração comum⁸⁴³.

3.2.2.2. Alguns critérios a ser observados

De acordo com os bispos, o número de pais que acompanham os filhos tem aumentado, havendo nalgumas comunidades o cuidado por os preparar para uma participação ativa, embora ainda ocorra de forma incipiente⁸⁴⁴. Na verdade, chegada a altura de envolver as famílias na catequese dos filhos, os agentes de catequese defrontam-se com inúmeras dificuldades, entre as quais se contam: a existência de famílias disfuncionais; uma participação débil, marcada pelo absentismo dos pais que se limitam a delegar a sua tarefa educativa nos pais; uma preparação e motivação incipientes para a comunicação religiosa, havendo, em muitos casos, necessidade de um primeiro anúncio da fé⁸⁴⁵.

Por outro lado, a função educativa da família tem sido afetada por um conjunto de influências – desde o ambiente social e cultural até ao ambiente escolar – que apresentem, em muitas ocasiões, visões da vida e da fé cristã contraditórias⁸⁴⁶, não havendo uma linha de continuidade entre a família, a escola, a sociedade e a catequese. Além disso, a catequese familiar é, também, obstaculizada pela falta de horários e de motivação dos pais dada a sua dispersão por vários compromissos; pelas deficiências educativas, culturais e materiais; pelo crescente fenómeno de famílias divididas; e, sobretudo, como primeiro e grande obstáculo, a carência de agentes de catequese preparados, de forma concreta para liderar grupos de adultos, e de pastores sensíveis e disponíveis⁸⁴⁷.

Contudo, a presença destes limites não deve constituir ocasião de desânimo, pois, de acordo com o episcopado, «não são obstáculos intransponíveis. A preparação e a sensibilização,

⁸⁴² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 37.

⁸⁴³ Cf. *Ibidem*, 37.

⁸⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 32.

⁸⁴⁵ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 58.

⁸⁴⁶ Cf. Pinho, “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja,” 30-40.

⁸⁴⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 37.

com tempo e persistência, podem fazer-se. E que o modelo é tão adaptável como outros a todos os graus de cultura e a situações familiares menos habituais»⁸⁴⁸. Tendo em conta as experiências de catequese familiar já adotadas, importa ter em conta as vantagens e as dificuldades verificadas, para que cada agente pastoral possa, na sua realidade, encontrar formas para promover e valorizar esta proposta de catequese de adultos aos pais. Neste sentido, importa observar algumas atitudes a ter em conta, como condição prévia a qualquer instauração deste projeto.

A primeira atitude a ser cultivada é a de proporcionar aos pais um bom acolhimento, gerando um ambiente marcado pela familiaridade e pela proximidade, o que exige uma cuidada preparação do espaço, uma atitude de interesse e de abertura e um momento para o convívio⁸⁴⁹. De seguida, os agentes da catequese necessitarão de procurar iluminar e responsabilizar os pais para aderirem a este projeto⁸⁵⁰, devendo ter em conta que «para convencer os pais há que abordá-los pessoalmente e começar por expor-lhes, não as dificuldades, mas as vantagens do modelo para eles e, sobretudo, para os filhos»⁸⁵¹. Este aspeto reveste-se de muita importância: os pais precisam de ser devidamente informados sobre a proposta catequética que é oferecida aos filhos, permitindo a sua reflexão crítica⁸⁵². Com esta informação pretende-se incitar os pais a serem, efetivamente, pais cristãos, procurando uma conversão das atitudes e um discernimento da vida a partir do evangelho⁸⁵³, para que, assumindo uma parentalidade humana e cristã, se tornem os primeiros catequistas dos seus filhos⁸⁵⁴. Importa referir que a motivação mais eficaz está vinculada à exigência de educar os filhos e ao interesse pelo seu futuro, conscientes de que a redescoberta e afirmação da sua identidade é condição para o exercício eficaz da responsabilidade educativa⁸⁵⁵.

Exige-se, também, uma planificação que promova o compromisso e a responsabilidade de toda a comunidade cristã, e esteja ao serviço das famílias⁸⁵⁶. Da mesma forma que o eixo central da ação pastoral reside na proposta do evangelho⁸⁵⁷, assim os agentes da catequese

⁸⁴⁸ *Ibidem*, 37.

⁸⁴⁹ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Jesus Gosta de Mim, Guia do Animador Familiar*, 21.

⁸⁵⁰ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 30.

⁸⁵¹ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 38.

⁸⁵² Cf. Amadeo Rodríguez Magro, “Pastoral de la iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 175 (Julho-Setembro 1997): 114.

⁸⁵³ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 29.

⁸⁵⁴ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Jesus Gosta de Mim, Guia do Animador Familiar*, 21.

⁸⁵⁵ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 31.

⁸⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 40.

⁸⁵⁷ Cf. Philippe Bacq, “Para uma pastoral de gestação,” 33.

deverão propor aos pais – como oferta e como desafio – a oferta de catequese familiar, respeitando a sua liberdade de decisão⁸⁵⁸.

Outro aspeto a cuidar pelos agentes da catequese familiar consiste em considerar os adultos e, conseqüentemente, as famílias, tais como se apresentam, tendo em conta as suas situações reais, juntamente com suas histórias⁸⁵⁹, com uma disponibilidade e acolhimento em todo o momento⁸⁶⁰, o que os colocará perante uma diversidade de famílias que, por sua vez, exigirão uma diversificação das ofertas catequéticas, de acordo com as suas necessidades específicas⁸⁶¹. Assim, devem-se pensar «itinerários adequados: personalizados, salvíficos para cada pessoa»⁸⁶².

Por fim, realça-se o contributo da comunidade cristã, em primeiro lugar, pelo cuidado em tratar das condições espirituais, humanas e materiais que permitam auxiliar os pais na sua missão, preparando-os, aconselhando-os, orientando-os e acompanhando-os⁸⁶³. Por outras palavras, a comunidade carece de momentos e locais para a formação, o confronto de vida e de acompanhamento⁸⁶⁴, sendo que este último corresponde a uma tarefa urgente a fornecer, por forma a prestar um importante instrumento de ajuda às famílias⁸⁶⁵. Em detrimento disto, urge cuidar a relação da comunidade com a família, para que esta não seja sobrecarregada com exigências que não conseguem suportar⁸⁶⁶. Todavia, a catequese familiar, embora procure não ser demasiado exigente para com os pais, deverá oferecer pontos de referência que vão além dos interesses dos indivíduos, apresentando de maneira frontal regras de conduta moral, normas e princípios, o que se traduz, simultaneamente, numa grande dificuldade e responsabilidade⁸⁶⁷.

Assim, perante as experiências realizadas e a conseqüente reflexão, os bispos concluem que necessitam de «apelar uma ainda maior implementação deste modelo nas nossas dioceses. O caminho já percorrido é suficiente para nos mostrar que é, dos modelos que conhecemos, o mais comunitário, o menos escolar e o mais adaptado a todas as crianças»⁸⁶⁸.

⁸⁵⁸ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Jesus Gosta de Mim, Guia do Animador Familiar*, 22.

⁸⁵⁹ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 123.

⁸⁶⁰ Cf. Juan Ignacio Rodríguez Trillo, “Exigencias pastorales para una parroquia al servicio de la iniciación cristiana,” *Actualidad catequética*, n.º 210 (2006): 134.

⁸⁶¹ Cf. Henri Derroitte, “¿Qué futuro tiene la catequesis de la familia?,” in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 171.

⁸⁶² Trillo, “Exigencias pastorales para una parroquia al servicio de la iniciación cristiana,” 134.

⁸⁶³ Cf. Carvalho, “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias,” 43.

⁸⁶⁴ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 32.

⁸⁶⁵ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 27.

⁸⁶⁶ Cf. Trillo, “A família e a iniciação sacramental das crianças,” 118.

⁸⁶⁷ Cf. Derroitte, “¿Qué futuro tiene la catequesis de la familia?,” 172.

⁸⁶⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 38.

3.3. Catequese concebida como encontro pessoal com Jesus Cristo

Em sintonia com o DGC, que alude «ser necessário que a Igreja desenvolva uma catequese que propicie o encontro com Deus e fortaleça um vínculo permanente de comunhão com Ele» (DGC 23), a Carta Pastoral refere que «ao catequista e a toda a comunidade é pedido para passar do modelo escolar ao catecumenal: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde»⁸⁶⁹. Nesta dinâmica do encontro, importa mencionar que é como ressuscitado que Jesus se apresenta aos homens, conquistando-os e provocando uma transformação de vida⁸⁷⁰.

Sabe-se que a catequese corresponde a um período de tempo no qual se procuram lançar as bases da fé, por meio de um encontro com Jesus Cristo que promova uma conversão à sua pessoa⁸⁷¹, fazendo com que a catequese, de índole missionária, se volte para a adesão da fé com vista a um permanente aprofundamento e crescimento dessa adesão⁸⁷². Perante isto, convém recordar o que já foi referido acerca da urgência de uma catequese de caráter evangelizador, que, não presumindo a fé dos catequizandos, procede a um primeiro anúncio, partindo da sua vida, num percurso individual que procura valorizar o acompanhamento, tornando-a num espaço expressivo que facilite o encontro pessoal com Cristo⁸⁷³, a partir do qual nasce a fé, sendo que no cerne da evangelização reside a proposta e a criação das condições de possibilidade para esse encontro pessoal⁸⁷⁴. Em consequência, qualquer catequese que pretenda a iniciação à vida cristã deve estruturar-se como um percurso de fé para esse encontro⁸⁷⁵, sendo que a catequese é desafiada a centrar-se na proclamação, celebração e vivência do mistério pascal de Cristo por meio da ação do Espírito, ou seja, deve proporcionar o encontro com Jesus Cristo que, pela sua fidelidade ao Reino foi morto, mas ressuscitado pelo Pai e que se encontra vivo e presente na homens pela ação do seu Espírito⁸⁷⁶.

Deste modo, volta-se a precisar a urgência de uma autêntica conversão pastoral, apostando-se em ações evangelizadoras que despertem a fé, favorecendo a experiência pessoal

⁸⁶⁹ *Ibidem*, 9.

⁸⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 12.

⁸⁷¹ Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 79.

⁸⁷² Cf. Maria Helena Calado Pereira, “Catequese de Adultos,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 59.

⁸⁷³ Cf. Pedrosa, “Catequese evangelizadora,” 51.

⁸⁷⁴ Cf. Rey, “A Nova Evangelização,” 33.

⁸⁷⁵ Cf. Guilarte, “Iniciação Cristã e transmissão da Fé,” 50.

⁸⁷⁶ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1403.

com Deus, em Jesus Cristo⁸⁷⁷, ou seja, um centrar na pessoa de Jesus que, diante de um autêntico redescobrimento da sua pessoa e missão salvífica, seja capaz e fascinar os indivíduos⁸⁷⁸. É neste contexto que se situa a aposta num novo paradigma catequético, perante a intuição de que se deve ultrapassar uma catequese cognoscitiva, limitada à transmissão de conteúdos doutrinários, favorecendo-se uma catequese que seja encontro com Jesus, motivando uma transmissão vivenciada, no seio deste encontro, pelo qual é gerada a fé⁸⁷⁹. Logo, importa assegurar que todos os que se encontram no processo catequético, agentes e catequizandos, tenham uma relação pessoal com Jesus no presente do Indicativo, isto é, no agora e aqui de cada momento, o que leva a depreender que a catequese que pretenda favorecer o encontro com Cristo precisa de configurar-se num contexto de oração, no qual se proclama um texto evangélico marcado por uma relação *tu a tu* com Jesus e que permita que aos ouvintes dirigir-se livremente a Jesus⁸⁸⁰.

A consciência da necessidade de propor o encontro pessoal com Cristo vivente⁸⁸¹ reside no facto de que a fé cristã corresponde a um ato pessoal e livre, motivado pelo encontro íntimo entre Deus, que se dá, e o sujeito que O acolhe e a Ele se converte, tendo no seu cerne a pessoa de Jesus, que permite e sustém a fé como uma realidade dinâmica, interrelacional e dialogante⁸⁸². Por conseguinte, conhecer Jesus Cristo não se reduz à aquisição de um conjunto de conhecimentos biográficos, mas compreende a necessidade de uma comunhão profunda com ele⁸⁸³, condição para seja possível celebrar a sua presença e anunciá-lo de forma oportuna⁸⁸⁴.

Consequentemente, um primeiro sinal de renovação implica deixar de se referir a expressão *aulas de catequese* – ou lições –, adotando-se a expressão *encontros de catequese*, pois o que se pretende é, precisamente, o encontro entre Deus, em Jesus Cristo, e as pessoas que aderem ao grupo de catequese – catequizandos e catequistas – de forma a que se tornem próximos e entrem em relação⁸⁸⁵. Realça-se que é necessário não esquecer que é Cristo que parte para o encontro, suscitando nas pessoas o desejo de entrarem em diálogo de amizade com Ele⁸⁸⁶. Por outro lado, este encontro processa-se por meio do testemunho da experiência cristã

⁸⁷⁷ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 191.

⁸⁷⁸ Cf. Julián López Martín, “*JesuCristo Nuestro Salvador en la iniciación cristiana y en la fe de la Iglesia*,” *Actualidad Catequética*, n.º 173 (Janeiro-Março 1997): 76.

⁸⁷⁹ Cf. Aura Miguel, *Conversas em Altos Voos* (Lisboa: Paulus, 2017), 93.

⁸⁸⁰ Cf. Xavier Morlans, “*Pedagogía del primer anuncio para una nueva evangelización*,” *Actualidad Catequética*, n.º 235-236 (Janeiro-Julho 2012): 54.

⁸⁸¹ Cf. *Ibidem*, 51.

⁸⁸² Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 132.

⁸⁸³ Cf. Martín, “*JesuCristo Nuestro Salvador en la iniciación cristiana y en la fe de la Iglesia*,” 76.

⁸⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 93.

⁸⁸⁵ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 226.

⁸⁸⁶ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 17.

do catequista e dos participantes, pela Palavra escutada e partilhada, pela celebração comunitária, pela qualidade das relações entre os membros da comunidade e por uma variedade infinita de experiências humanas, pelas quais Deus se torna presente em Seu Filho por ação do Espírito⁸⁸⁷.

Neste contexto situa-se a já referida urgência em alterar a tónica da ação pastoral da Igreja, procurando-se criar as condições que possibilitem o encontro pessoal de cada pessoa com Cristo, correspondendo aos agentes de pastoral catequética serem os *reveladores* da ação do Espírito já presente em cada um⁸⁸⁸, apresentando a fé incarnada na sua cultura, manifesta em exemplos e sinais concretos e testemunhada pela comunidade cristã⁸⁸⁹. Assim, o catequista precisa de se entender como um acompanhante que, tendo por missão favorecer o encontro, se encontra de passagem na vida dos catequizandos⁸⁹⁰, correspondendo à sua missão convidar os catequizandos a conhecer Cristo, como um amigo que convida outro a conhecer uma pessoa, permitindo o começo de uma relação pessoal⁸⁹¹, tendo ainda o cuidado de testemunhar a sua própria experiência de encontro com Cristo, ao mesmo tempo que acompanha os catequizandos em todos os momentos da sua vida, sob uma relação de amor e confiança⁸⁹². Então, a passagem para uma catequese entendida, não como meramente cognoscitiva, mas como encontro pessoal com Cristo vivo, implica que esta seja animada pelo espírito catecumenal, tendo como alicerce e finalidade a comunidade cristã.

3.3.1. Catequese de inspiração catecumenal

A proclamação da necessidade de se adotar o modelo de catequese catecumenal⁸⁹³ vai ao encontro de apelos precedentes do Magistério luso, uma vez que na *Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal* já se encontrava patente a afirmação do catecumenado como paradigmático, pois a pedagogia da fé consiste numa progressão da fé em Jesus Cristo, desde o ato de confiar, seguido do conhecimento, até ao compromisso⁸⁹⁴. Por outro lado, tem-se presente que o DGC refere que «o modelo de toda a catequese é o catecumenado baptismal,

⁸⁸⁷ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1404.

⁸⁸⁸ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 133.

⁸⁸⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 259.

⁸⁹⁰ Cf. Fröhlich, “‘Para que a nossa alegria seja completa’ (1Jo 1,4). *Propor a Boa-Nova aos jovens*,” 213.

⁸⁹¹ Cf. Mendes, “Catequese e transmissão da fé,” 22.

⁸⁹² Cf. Malícia, “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese,” 87.

⁸⁹³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 9.

⁸⁹⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo,” 53.

que é a formação específica através da qual o adulto, convertido à fé, é levado à confissão da fé baptismal, durante a vigília pascal”. Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese, nos seus objectivos e no seu dinamismo» (DGC 59). De facto, a catequese de adultos, enquanto momento da evangelização, visa reavivar e recompor as raízes da vida cristã, propondo a fé e procurando despertá-la e reconfigurá-la, ou seja, visa, sobretudo, despertar o batismo adormecido, levando aqueles a quem se dirige a descobrirem – ou redescobrirem – as profundas riquezas do batismo que receberam⁸⁹⁵.

Daqui a importância da instituição catecumenal no processo de conversão dos adultos, uma vez que o seu carácter celebrativo, visível no encadeamento da preparação para a receção dos sacramentos de iniciação cristã, implica a existência de uma fase mais ou menos longa de preparação, ritmada por etapas; ressaltando ainda que o catecumenado celebra, simultaneamente, a iniciativa de Deus e a resposta do Homem; assim como realça que os sacramentos da iniciação cristã, que marcam a entrada na história da salvação, constituem um *ponto de partida*, e não uma *meta de chegada*⁸⁹⁶. Outra característica da inspiração catecumenal reside na atenção que é dedicada à conversão dos sujeitos que iniciam um processo catequético, o que implica não a supor *a priori*, mas procurar estimulá-la, verificando a adesão pessoal de cada um⁸⁹⁷, exigindo que se vá ao encontro da condição de peregrino das pessoas, sendo ainda função do catecumenado promover lugares de encontro, de intercâmbio e de diálogo no seio da sociedade, favorecendo a geração de uma fé livre e pessoal, incarnada na sua cultura⁸⁹⁸.

Perante o actual cenário sociorreligioso, marcado pelo aumento gradual dos batizados que se encontram alheios da fé cristã, urge oferecer uma prática catequética que favoreça o recomeço da sua fé, de inspiração catecumenal e centrada no anúncio do querigma, escutada como um *segundo* primeiro anúncio, porém, tendo em conta a sua história de fé, concretamente as razões que os levaram a afastar-se, sob a convicção de que eles fornecerão pistas para se compreender o nascimento e o recomeço da fé nesta época histórica⁸⁹⁹. Na verdade, a necessidade de uma catequese querigmática é motivada pela actual situação de descristianização da sociedade, o que leva a que a prática catequética desvie a sua atenção principal do pólo antropológico, pelo qual se suponha a fé dos indivíduos, para o pólo querigmático, consciente

⁸⁹⁵ Cf. Magro, “Identidad de la catequesis de adultos en España,” 96.

⁸⁹⁶ Cf. D’Encarnação, “Conceito de Iniciação Cristã,” 25-26.

⁸⁹⁷ Cf. Almeida, “A catequese da infância e adolescência em Portugal,” 146.

⁸⁹⁸ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 604.

⁸⁹⁹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 257-258.

de que experiência da fé se apresenta como estranha a muitos dos indivíduos desta época⁹⁰⁰. Face a isto, precisa-se de promover um verdadeiro *catecumenado catequético*, ou seja, alavancar autênticos itinerários de iniciação à vida cristã⁹⁰¹, dado o facto de se verificar a existência de um número considerável de batizados que não foi iniciado à vida cristã⁹⁰².

Então, integrada no ritmo de uma Igreja em saída, que procura centrar toda a sua ação na evangelização, a catequese precisa de se estruturar como uma iniciação à vida cristã, procurando descobrir a riqueza dos sacramentos da iniciação cristã, num itinerário de descoberta e de fidelidade, realizado na comunidade cristã, ambiente vital no qual se descobre simultaneamente Cristo e a sua Igreja, e onde se vive o amor, a comunhão e a alegria de recomeçar uma vida nova⁹⁰³. Assim se compreende que a catequese de adultos, que tem em vista o recomeço da fé, não tenciona preparar para a receção dos sacramentos – pois, na maioria dos casos, foram recebidos na infância e adolescência – mas, tendo-os como ponto de partida, procura explorar as suas riquezas, favorecendo uma iniciação integral à vida cristã.

3.3.1.1. Catequese que visa a iniciação à vida cristã

A fé é transmitida pela Igreja por meio da iniciação cristã, ao mesmo tempo que é pela iniciação cristã que a Igreja transmite a vida que vive e gera nela quem entra nesse caminho de crescimento⁹⁰⁴. Por outro lado, a catequese concebe-se como um itinerário que, de forma gradual e progressiva, procura a conversão ao Deus vivo e a configuração a Jesus Cristo, com a finalidade de promover uma vida cristã adulta, patente na participação na Eucaristia e, intimamente relacionada com esta, na vida e missão da comunidade⁹⁰⁵.

Bebendo influência da restauração do catecumenado, a catequese de inspiração catecumenal procura tornar a catequese um itinerário de iniciação integral à vida cristã⁹⁰⁶, ou seja, organiza-se, não como um mero ensino de dogmas e de preceitos, mas como uma aprendizagem de toda a vida cristã, prolongada de acordo com o crescimento de fé de cada

⁹⁰⁰ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 190.

⁹⁰¹ Cf. Terrasa, “A conversão missionária da catequese. Uma provocação a partir do catecumenado,” 49-50.

⁹⁰² Cf. Gonçalves, *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*, 3.

⁹⁰³ Cf. Policarpo, “A conversão missionária da catequese. A situação dos fiéis e os desafios da missão hoje na Europa,” 30.

⁹⁰⁴ Cf. Manuel del Campo Guilarte, “Transmisión de la fe e Iniciación Cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 199 (Julho-Setembro 2003): 45.

⁹⁰⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 264.

⁹⁰⁶ Cf. Jesús López Sáez, “Catecumenado e inspiração catecumenal,” in *Nuevo Diccionario de Catequética. (A-I)*, editado por Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre (Madrid: San Pablo, 1999), 291.

adulto, que tem como finalidade a união a Cristo, seu mestre⁹⁰⁷. Tem em vista, pois, a iniciação nas dimensões fundamentais da vida cristã: procura iniciar na palavra viva de Deus, para que se possa adentrar no mistério de Cristo; em segundo lugar, inicia na justiça nova do evangelho, conduzindo a um processo de conversão; de seguida, inicia na oração e na celebração viva da fé; por outro lado, inicia no compromisso missionário; e, por fim, produz discípulos inseridos em comunidades vivas⁹⁰⁸.

De ressaltar que a catequese de inspiração catecumenal não pode ser considerada como mais um grupo da comunidade, em paralelo com os demais grupos e movimentos, mas deve estar inserida no seu seio, favorecendo um itinerário de crescimento global da comunidade, mediante um conjunto de experiências educativas que abarcam todas as dimensões da vida eclesial – primeiro anúncio, aprofundamento da mensagem cristã, favorecimento da oração e da vida litúrgica, integração na vida comunitária, e consciencialização para o compromisso político e social – as quais precisam estar harmoniosamente interligadas, e não separadas umas das outras, por forma a fomentar-se a unidade⁹⁰⁹. Por outro lado, precisa-se ter presente que se abandona uma catequese cognoscitiva, baseada na transmissão de um conjunto de saberes, para se avançar para uma catequese mais ampla, de iniciação à fé cristã, que procura fundamentar a vida em Cristo⁹¹⁰.

Em jeito de síntese, a catequese de inspiração catecumenal consiste num «itinerário educativo cristão comunitário, orgânico e sistemático, integral, elementar, essencial, significativo e temporal»⁹¹¹, exigindo uma pedagogia que auxilie cada pessoa a acolher o dom de Deus, mediante, por um lado, pelo favorecimento de condições necessárias que permitam a experiência espiritual em cada situação de vida; por outro lado, auxiliando a participação na experiência cristã no interior da comunidade cristã; assim como propondo itinerários que conduzam à incorporação no Mistério Pascal, por meio da catequese e da liturgia, realizados de forma gradual⁹¹². Deste modo, a catequese de adultos encontra o ponto de partida, a focagem metodológica e o horizonte na iniciação, dado pretender uma iniciação à vida cristã dos adultos batizados⁹¹³, procurando-se uma iniciação na vida cristã por meio dos sacramentos, centrada nos adultos, mas sem desvalorizar catequese infantil, favorecendo assim uma catequese em

⁹⁰⁷ Cf. Gonçalves, *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*, 114.

⁹⁰⁸ Cf. Sáez, “Catecumenado e inspiração catecumenal,” 292-293.

⁹⁰⁹ Cf. Magro, “Identidad de la catequesis de adultos en España,” 97.

⁹¹⁰ Cf. Rodrigues, “A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã,” 69.

⁹¹¹ Magro, “Identidad de la catequesis de adultos en España,” 97.

⁹¹² Cf. Javier Salinas Viñals, “La iniciación cristiana en la dinámica de la fe. La pedagogía de iniciación en la catequesis,” *Actualidad Catequética*, n.º 235-236 (Junho-Dezembro 2012): 32.

⁹¹³ Cf. Lluc Riera i Coll, “Iniciación cristiana de adultos: la catequesis de adultos,” *Actualidad Catequética*, n.º 189 (Janeiro-Março 2001): 123.

caminhada, que tem como finalidade apropriar-se *em Igreja* de uma experiência o mais alargada possível, na qual se inserem os gestos, ritos, sinais e símbolos bíblicos e litúrgicos⁹¹⁴.

Esta importante conceção de catequese comporta algumas exigências. Em primeiro lugar, os agentes de catequese deverão cultivar uma pastoral de proximidade e simpatia, proporcionando encontros que sejam motivantes, animando os adultos a iniciar um caminho de iniciação, sob um clima de total franqueza e de respeito pela sua liberdade de questionamento e de decisão⁹¹⁵. Então, tem-se como fundamental levar a cabo um primeiro acolhimento, no qual se proponha um itinerário catequético, discernindo-se as variadas questões formuladas pelos adultos⁹¹⁶.

À necessidade de uma proposta clara e respeitadora da liberdade dos adultos relaciona-se outra exigência, que consiste em acompanhar cada um, procurando ir ao encontro da sua vida real, que constituirá o ponto de partida para todo o caminho catequético: tendo em conta a sua real situação de fé, a sua situação pessoal, familiar, profissional e social, levar-se-á a cabo um acompanhamento personalizado, marcado pelo respeito do ritmo de cada um e por um caminho em comum, baseado em procuras e descobertas, em vivências e interpretações, em encontros e celebrações⁹¹⁷. Esta noção é nuclear, pois o adulto não se apresenta como uma *página em branco*, que necessita ser cumulada de conhecimentos doutrinários, ao invés, surge com uma experiência de vida, com um passado e uma educação, o que comporta a adoção de uma pedagogia interativa, que consiga transformar a sua vida a partir daquilo que ele já era e sabia⁹¹⁸.

Por fim, aquilo que é exigido aos agentes da catequese consiste em favorecer o encontro dos adultos com Cristo, residindo aqui o sentido do caminho de iniciação à vida cristã, evitando a sua redução apenas à dimensão intelectual ou emocional⁹¹⁹. Desta forma, a catequese de adultos, concebida na interação das dimensões da experiência crente – conhecimento, celebração, vivência e contemplação do mistério de Cristo – proporcionará a estruturação de uma personalidade crente⁹²⁰.

Assim, num contexto de secularização da sociedade, a inspiração catecumenal alavancará a passagem de uma prática pastoral de manutenção para uma pastoral que procura

⁹¹⁴ Cf. Biemmi, “O desafio do primeiro anúncio,” 121.

⁹¹⁵ Cf. Coll, “Iniciación cristiana de adultos: la catequesis de adultos,” 127.

⁹¹⁶ Cf. Sentucq, “Adultos y educación de la fe,” 73.

⁹¹⁷ Cf. Pedrosa, “Catequese evangelizadora,” 47.

⁹¹⁸ Cf. Sentucq, “Adultos y educación de la fe,” 74.

⁹¹⁹ Cf. Guilarte, “Transmisión de la fe e Iniciación Cristiana,” 53-54.

⁹²⁰ Cf. Antonio M^o. Alcedo Ternero, “Adultos, Catequesis de,” in *Nuevo Diccionario de Catequética. (A-I)*, ed. Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre (Madrid: San Pablo, 1999), 130.

gerar os indivíduos para a fé, no seio de um ambiente cada vez mais alheio ao cristianismo⁹²¹. Deste modo, uma catequese concebida como catecumenado catequético, além de recordar a toda a Igreja a função da iniciação e a responsabilidade de toda a comunidade cristã, assume-se como o local privilegiado para a inculturação da fé e, conseqüentemente, como uma verdadeira escola de fé⁹²².

3.3.1.2. Relevância da catequese mistagógica

Referiu-se, acima, que a catequese de adultos de inspiração catecumenal, ou seja, com a finalidade de promover uma iniciação à vida cristã, compreende os sacramentos de iniciação cristã como ponto de partida para o itinerário catequético. Por outro lado, também se refletiu da necessidade de que a catequese de adultos seja ambientada pelo ambiente litúrgico, com especial destaque para a celebração da Eucaristia catecumenal. Face a isto, o episcopado português aponta para a relevância da «catequese mistagógica, isto é, o conhecimento vivencial dos ritos e símbolos, do silêncio, da linguagem e do canto que, nas celebrações, nos põem em contacto com o mistério da presença de Cristo»⁹²³, sendo um itinerário que implica todas as dimensões da pessoa – cabeça, coração e mãos – permitindo a interpretação dos ritos segundo os acontecimentos salvíficos, iniciando no sentido dos sinais que os ritos contêm, e referindo o significado que os ritos têm nas diversas dimensões da vida cristã⁹²⁴. Na verdade, a mistagogia revela-se um itinerário firme para se aprofundar no conhecimento do mistério de Cristo, promovendo-se uma compreensão mais efetiva e, ao mesmo tempo, afetiva da celebração⁹²⁵.

Esta afirmação enquadra-se na proposta de itinerários de inspiração catecumenal, dado que a última etapa do catecumenado consiste precisamente na mistagogia – ou etapa pascal –, momento de aprofundamento dos mistérios vividos e celebrados na comunidade cristã pela pessoa que recebeu os sacramentos da iniciação cristã na Vigília Pascal, pretendendo que cada um se familiarize com a vida cristã e com a necessidade de ser testemunha, inserindo-se na comunidade, que o auxiliará no crescimento progressivo na fidelidade a Cristo⁹²⁶. De facto, é pela imersão no mistério que se saboreia o amor de Deus revelado na pessoa de Jesus Cristo

⁹²¹ Cf. André Fossion, “Una catequesis catecumenal,” in *Nuevos caminos para la catequesis*, ed. Henri Derroitte, trad. José Luis Saborido Cursach (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 119.

⁹²² Cf. Malícia, “A iniciação cristã das crianças em idade de catequese,” 194.

⁹²³ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 27.

⁹²⁴ Cf. *Ibidem*, 27.

⁹²⁵ Cf. Joaquim Ganhão, “Ser Catequista hoje – As dimensões da formação,” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 72.

⁹²⁶ Cf. Couto, “O catecumenado: processo de iniciação e de ‘re-iniciação’ cristã,” 173.

sob ação do Espírito⁹²⁷, motivando a que se ofereçam aos indivíduos diversas oportunidades para relerem a celebração dos mistérios⁹²⁸. Logo, a prática mistagógica que se propõe tem em vista acompanhar cada adulto na descoberta do mistério já existente na sua vida, iniciando-o a uma introspeção e a um pressentimento da presença maravilhosa e incrível de Deus⁹²⁹.

Por conseguinte, a catequese de adultos terá em conta de que a catequese é uma mistagogia, procurando cimentar a relação de cada um com Jesus Cristo, mediante a reflexão e o aprofundamento do mistério recebido no batismo, que rasgará novos horizontes de interpretação e expressão da vida⁹³⁰. Seguindo-se à experiência, a mistagogia leva ao seu aprofundamento, reflexão e partilha, favorecendo momentos de encontro entre pessoas de diversas gerações⁹³¹. Por isso, a catequese mistagógica favorece a inserção no mistério e na descoberta de Deus, da Igreja e da vida cristã, a partir da experiência do encontro com Cristo, da alegria que provoca e das questões que suscita⁹³².

Assim, para que a catequese de adultos de iniciação à vida cristã se possa configurar como mistagógica, precisa de se centrar na procura de um encontro, progressivamente mais profundo e autêntico, com a pessoa de Jesus Cristo, não somente para o compreender – como aconteceria numa catequese cognoscitiva –, mas sobretudo para o experimentar, num processo catequético vivido em comunidade, que conduz à experiência amorosa de Deus em Jesus Cristo⁹³³. Auxiliando quem se insira neste processo catequético a integrar a graça vivida, quando receberam os sacramentos da iniciação cristã, e sempre que participam na vida litúrgica da comunidade, a partir da sua experiência interior desses acontecimentos; e apoiando um crescimento da inteligibilidade da graça recebida e a um contínuo enraizamento na comunidade cristã⁹³⁴, a prática catequética obterá maior tecido e diversidade, articulando-se de acordo com as diversas etapas e lugares da vida dos seus membros, assim como em torno do ano litúrgico e da celebração da Eucaristia dominical, ou ainda em torno dos passos sacramentais⁹³⁵.

⁹²⁷ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 223.

⁹²⁸ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 212.

⁹²⁹ Cf. Kasper, “A Nova Evangelização,” 98.

⁹³⁰ Cf. Policarpo, “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal,” 14.

⁹³¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 252-253.

⁹³² Cf. Aereens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 30.

⁹³³ Cf. Policarpo, “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal,” 15.

⁹³⁴ Cf. Sentucq, “Adultos y educación de la fe,” 77.

⁹³⁵ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 212.

3.3.2. Encontro pessoal com Cristo no seio da comunidade

Tem-se presente de que a geração e iniciação da fé encontram o seu *ambiente nutritivo* no seio da vida eclesial, lugar onde ocorre a experiência de fé em Jesus Cristo⁹³⁶. Neste sentido, compreende-se que a Carta Pastoral em análise afirme que «a Igreja, como comunidade de crentes, é o lugar por excelência para encontrar Jesus Cristo»⁹³⁷. De facto, é na comunidade que se desenvolve o itinerário da iniciação cristã, dado que se nasce e cresce na nova identidade de filhos de Deus pela ação maternal da Igreja, cuja missão reside em acompanhar e apoiar cada pessoa nesse processo, implicando-se, em consequência, a existência de comunidades iniciáticas⁹³⁸.

Por conseguinte, a transmissão da fé é responsabilidade de toda a comunidade cristã, e não apenas do pároco, catequistas ou outras pessoas especializadas⁹³⁹, além de que o seu contributo na iniciação à vida cristã não se prende com elementos metodológicos, mas sim a sua própria realidade da iniciação, uma vez que a iniciação ao mistério pascal de Cristo traduz-se na iniciação ao mistério da Igreja, Corpo místico de Cristo⁹⁴⁰. Em detrimento disto, a prática pastoral das comunidades cristãs é convidada a entrar num processo de renovação, procurando configurar-se segundo Jesus Cristo, o que implica uma melhoria e enriquecimento do conceito de iniciação, consciencializando-se de que não se localiza apenas no início da vida de fé, porém, que se integra numa dimensão mais ampla de inserção e configuração a Cristo e de educação para a maturidade cristã⁹⁴¹. Encontrando-se no seio da experiência comunitária da fé, a catequese deixa de ser pensada como mera caminhada individual, para se conceber como uma caminhada realizada em comunidade, na Igreja que, sendo comunhão, vive, celebra, cresce e busca o encontro com Jesus Cristo⁹⁴². Por essa razão, a catequese procura mergulhar os seus membros na fé professada e vivida pelos cristãos reunidos na Igreja⁹⁴³.

Em resultado do que se tem exposto, situa-se o renovado apelo dos bispos portugueses a que as comunidades cristãs, em atitude de alegria e de afeto de mãe, saibam convocar e acolher os filhos gerados pelo batismo e auxiliá-los a crescer por meio da escuta da Palavra, do alimento

⁹³⁶ Cf. *Ibidem*, 213.

⁹³⁷ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 19.

⁹³⁸ Cf. Magro, “Pastoral de la iniciación cristiana,” 97.

⁹³⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 268.

⁹⁴⁰ Cf. Javier Salinas, “La necesidad de la comunidad en la iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 210 (2006): 96.

⁹⁴¹ Cf. Trillo, “Exigencias pastorales para una parroquia al servicio de la iniciación cristiana,” 133.

⁹⁴² Cf. Policarpo, “Catequese num mundo em mudança,” 16.

⁹⁴³ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 203.

do Pão eucarístico e da caridade praticada e recebida⁹⁴⁴. De facto, a iniciação cristã é uma experiência verdadeiramente eclesial, pois realiza-se como um itinerário no interior da comunidade dos fiéis, os quais acompanham, ao mesmo tempo que também tomam parte nesse caminho, favorecendo um aprofundamento da sua fé e uma integração positiva⁹⁴⁵.

Deste modo, as comunidades cristãs, assumindo-se como vivas e dinâmicas, procuram o acolhimento fraterno de todas as pessoas que manifestem desejo em conhecer Jesus Cristo⁹⁴⁶, desenvolvendo processos de formação cristã de adultos, cujo esforço conduzirá a uma construção da Igreja, mediante a geração de pedras vivas para o Templo do Senhor⁹⁴⁷. Por outras palavras, além do acolhimento de quem se apresenta diante de si para iniciar um caminho de fé, a comunidade cristã tem como missão acompanhar nas diversas fases da formação cristã e de inserção na vida eclesial⁹⁴⁸, uma vez que, «exercendo a sua função de mãe, a comunidade cristã não só enriquece o Povo de Deus e Corpo de Cristo e novos membros, mas também se compromete a educá-los até chegarem à plena maturidade cristã e atingirem a medida da estatura de Cristo»⁹⁴⁹. Estes apelos do Magistério português elucidam para a convicção de que, se, por um lado, a comunidade cristã se configura como o lugar de catequese por excelência; então, por outro lado, esta precisa de se pautar por uma comunhão fraterna e sincera.

3.3.2.1. Lugar por excelência da catequese

Dado que «é sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e mulheres à conversão e a seguirem Cristo» (DGC 254), esta precisa de se assumir como comunidade iniciadora, na medida em que toda a iniciação à vida cristã é sua tarefa permanente⁹⁵⁰. Desta forma, readquirindo-se a noção de que a iniciação cristã possui um carácter comunitário, é possível obter um olhar mais amplo do ministério catequético, concebendo-se como uma realidade que compete a toda a comunidade eclesial⁹⁵¹, a qual «é a primeira catequese e, de longe, a mais importante»⁹⁵². De facto, a finalidade de qualquer prática catequética reside na integração dos catequizandos na comunidade cristã, pois esse é o lugar

⁹⁴⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 26.

⁹⁴⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo,” 53.

⁹⁴⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Sacramentos da Iniciação Cristã,” 381.

⁹⁴⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” 276.

⁹⁴⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Sacramentos da Iniciação Cristã,” 382.

⁹⁴⁹ *Ibidem*, 385.

⁹⁵⁰ Cf. Magro, “Pastoral de la iniciación cristiana,” 113.

⁹⁵¹ Cf. Salinas, “La necesidad de la comunidad en la iniciación cristiana,” 98.

⁹⁵² Stijn Van den Bossche, “Hacia una iniciación catecumenal en la catequesis y los sacramentos,” *Actualidad Catequética*, n.º 250 (Abril-Junho 2016): 304.

por excelência para o encontro com Jesus Cristo, mediante a escuta da Palavra, a celebração litúrgica, com enfoque especial para a Eucaristia, e o exercício da caridade⁹⁵³.

Entendendo-se a comunidade como a destinatária da catequese, levou-se a cabo uma mudança na sua conceção, na medida em que se procurou ultrapassar uma prática catequética reduzida às crianças e adolescentes para se procurar uma catequese que se volta para a comunidade em si, motivando a reflexão e estruturação de propostas catequéticas intergeracionais, que buscam todos os membros da comunidade, para que esta se torne um tecido comunitário fraterno, simultaneamente catequizado e catequizador⁹⁵⁴. Na verdade, enquanto a pessoa que atravessa um itinerário de iniciação cristã recebe da comunidade cristã os elementos que lhe permitem a transformação de vida, fazendo-os próprios, pois esta constitui-se como o espaço do diálogo entre a ação de Deus e a resposta humana⁹⁵⁵; também a comunidade ingressa num contínuo processo de reiniciação⁹⁵⁶. Neste caminho que insere o catequizando na experiência global da vida cristã, a comunidade não se limita a fazer catequese, sendo lá que se experienciam as diferentes facetas da prática eclesial: celebração, comunhão, serviço e missão⁹⁵⁷.

Por conseguinte, a atual renovação catequética requer que o estabelecimento de uma catequese como proposta da fé se insira no âmago da missão da comunidade, numa responsabilidade que implica a consciência pessoal e eclesial da missão evangelizadora de todo o cristão e, conseqüentemente, a necessidade de participação no planeamento e consecução de um projeto catequético da comunidade⁹⁵⁸. Saindo de uma catequese voltada somente para a endoutrinação e sacramentalização, a comunidade cristã precisa de assumir uma mentalidade iniciadora, para que as diferentes ofertas catequéticas se estruturem com os critérios iniciáticos, ou seja, tornando a catequese da comunidade um itinerário de maturação e de aprofundamento⁹⁵⁹. Então, ela fornecerá ao catequizando a oportunidade de se *submergir* na Igreja, descobrindo-a como realidade sacramental, encontrando no seu sentido e valor os bens de vida que ela possui – a Palavra, os sacramentos, a comunhão fraterna, os carismas e ministérios e os testemunhos de santidade –, e permitindo uma aprendizagem por *osmose* dos mistérios da fé e da vida cristã⁹⁶⁰. Por outras palavras, a comunidade cristã não possui um papel

⁹⁵³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 26-27.

⁹⁵⁴ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 2.

⁹⁵⁵ Cf. Viñals, “La iniciación cristiana en la dinámica de la fe. La pedagogía de iniciación en la catequesis,” 31.

⁹⁵⁶ Cf. F. Xavier Morell i Rom, “La pedagogía catequética al servicio de la Iniciación Cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 189 (Janeiro-Março 2001): 68.

⁹⁵⁷ Cf. Sotomayor, *La catequesis en la Iglesia. Elementos de catequesis fundamental*, 200.

⁹⁵⁸ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 34.

⁹⁵⁹ Cf. Magro, “Pastoral de la iniciación cristiana,” 120.

⁹⁶⁰ Cf. Guilarte, “Transmisión de la fe e Iniciación Cristiana,” 55.

de *cumpridora passiva*, no entanto, torna-se testemunha da própria experiência da glória de Deus, operada por Jesus Cristo⁹⁶¹.

Convém ter presente de que a comunidade antecede sempre o ato de fé daqueles que acolhe, uma vez que a geração da fé não resulta de um mero empenhamento individual, mas da presença de uma comunidade crente que relê e autentifica a experiência de diálogo com Deus de cada um⁹⁶². Por isso, urge o desenvolvimento de uma ação pastoral coerente que permita à comunidade cumprir a sua missão de educador na fé e conduzir um acompanhamento espiritual, levando a um aprofundamento da sua identidade comunitária e maternal, assim como de conversão e revitalização interna, ou seja, como um percurso pedagógico de crescimento que Deus abre para o Homem⁹⁶³. Tem-se, assim, a edificação de uma Igreja catecumenal, que gera o Homem, o acompanha, alimenta e o auxilia no processo de crescimento⁹⁶⁴.

Todavia, precisam-se de atender a alguns requisitos que permitam a renovação das comunidades, nomeadamente na estruturação da catequese. Acima de tudo, importa mencionar que é necessária uma cuidada informação e formação que viabilize uma tomada de consciência da tarefa catequética da comunidade⁹⁶⁵, ou seja, precisa-se de uma sensibilização antecipada e de uma orientação global para a evangelização, condição para que a comunidade seja capaz de convocar os adultos⁹⁶⁶. Por outro lado, a comunidade tornar-se-á iniciadora caso ofereça os meios para evangelizar a experiência vivida e para incluir a dimensão emocional numa revelação que não se resume a um mero sentimento⁹⁶⁷. De mencionar ainda que a comunidade ensina sobretudo pelo testemunho⁹⁶⁸, sendo que esta, amadurecida na fé e consciente da sua responsabilidade catequética, tornar-se-á cada vez mais catequizante e apta para gerar na fé todos os que dela se aproximam⁹⁶⁹. Outro aspeto a ter em conta é o de que a comunidade cristã, procurando não entrar numa lógica de suplência dos pais, mas colaborar com eles na educação dos filhos, deverá esclarecê-los para esta missão, mediante um projeto de consciencialização e

⁹⁶¹ Cf. Manuel del Campo Guilarte, “La Iniciación Cristiana. Perspectivas catequéticas y pastorales,” *Actualidad Catequética*, n.º 182 (Abril-Junho 1999): 77.

⁹⁶² Cf. Dumas, Bacq, “Palavra de Deus e pastoral de gestação,” 128.

⁹⁶³ Cf. Manuel del Campo Guilarte, “Iniciación cristiana, La,” in *Nuevo Diccionario de Catequética (A-II)*, ed. Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre (Madrid: San Pablo, 1999), 1257-1258.

⁹⁶⁴ Cf. Guilarte, “La Iniciación Cristiana. Perspectivas catequéticas y pastorales,” 80.

⁹⁶⁵ Cf. Oliveira, *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, 39.

⁹⁶⁶ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” 275.

⁹⁶⁷ Cf. Javier Salinas, “La necesidad de la comunidad en la iniciación cristiana,” 100.

⁹⁶⁸ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 45.

⁹⁶⁹ Cf. Fossion, “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives,” 3.

de formação dos pais que apresente propostas adequadas às suas variadas situações e possibilidades⁹⁷⁰.

Portanto, a afirmação da comunidade como ambiente catequético por excelência visa levar as comunidades no seu conjunto à maturidade da fé, nas suas variadas dimensões; assim como pretende favorecer uma atmosfera comunitária fraterna que desenvolva um sentimento de pertença, o qual significa iniciar-se num processo de adoção⁹⁷¹. Além disso, é a partir da noção de corresponsabilidade na comunidade cristã que se deverão compreender os agentes da pastoral catequética⁹⁷². Finalmente, importa acrescentar que o grande repto para as comunidades consiste em evitar *adequar* os indivíduos a um modelo instituído de fé, mas a, em atitude de serviço, refletirem e proporem uma variedade de fórmulas catequéticas, com vista a que se possa adaptar o melhor possível às suas situações e aspirações, permitindo-lhes crescer livremente na fé⁹⁷³.

3.3.2.2. Construção e vivência da comunhão

O contributo fulcral da comunidade cristã na transmissão e vivência da fé apenas será exequível se esta procurar uma união a Cristo, pois só desta forma terá alimento que permita gerar na fé, se na sua essência viver *em e para* o Senhor⁹⁷⁴. Consequentemente, assume um carácter determinante a atenção à vida comunitária, buscando-se o cultivo de uma progressiva comunhão a Cristo e, por sua vez, entre os diversos membros que compõem a comunidade, com vista ao estabelecimento de relações afetuosas, fraternas e simples⁹⁷⁵, sendo que «esta comunhão tinha e tem um enorme potencial evangelizador e atrativo»⁹⁷⁶.

Desta forma, importa a convicção de que é insuficiente limitar-se apenas a fazer parte da comunidade; urge, pois, fazer comunidade, mediante a aptidão de cada pessoa em comunicar e transmitir a sua experiência de fé, o que conduz a outra noção relevante: sendo verdade que a catequese brota da fé da comunidade, o certo é que ela mesma constrói a comunidade, dado tratar-se de um itinerário de busca permanente e inacabada, no qual se conjuga a escuta orante

⁹⁷⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual,” 269-270.

⁹⁷¹ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação* 224.

⁹⁷² Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 40.

⁹⁷³ Cf. Fossion, “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” 602.

⁹⁷⁴ Cf. Guilarte, “La Iniciación Cristiana. Perspectivas catequéticas y pastorales,” 76-77.

⁹⁷⁵ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos,” 273.

⁹⁷⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 17.

da Palavra, as experiências vivenciais pessoais e comunitárias, e os sinais dos tempos⁹⁷⁷. Na realidade, uma comunidade que, simultaneamente, catequiza e é catequizada, vai crescendo para uma comunidade cristã adulta, que não se limita a professar um conjunto de afirmações doutrinárias, mas que se torna geradora da fé mediante a sua vivência da mesma, pela experiência de encontro e fidelidade a Jesus Cristo⁹⁷⁸. Face a isto, tenha-se presente de que qualquer proposta evangelizadora e catequética resultará ineficaz se não existir uma comunidade ancorada na união a Cristo⁹⁷⁹.

Neste sentido, é adulta na fé uma comunidade revestida de um tecido solidário e fraternal, convertida num espaço de revelação e de experiência da fé, aberta à sociedade e disponível para acolher crentes de todas as faixas etárias, oferecendo-lhes meios para viverem e alimentarem a sua fé, mediante a existência de relações inspiradas pelo evangelho⁹⁸⁰. Por outras palavras, assinala-se uma comunidade que gere em si redes de solidariedade, possibilitando lugares de diálogo e reflexão, com atitudes hospitaleiras e amigáveis que acolham com facilidade – e sem grandes burocracias – todas as pessoas, em especial os que advêm das periferias existenciais, ou que se encontram em situações irregulares – como o caso dos divorciados, recasados e feridos da vida⁹⁸¹. Logo, pretende-se que todos se sintam em casa, exigindo-se que as estruturas eclesiais se assumam como autênticas comunidades cristãs, pelo cultivo do amor e serviço fraterno, pela comunhão e pela participação de todos os membros, e pela estruturação de diversos serviços eclesiais⁹⁸², por forma a que se tornem o espaço para uma educação gradual do assumir de responsabilidades pela parte de todos⁹⁸³.

Por conseguinte, reafirma-se a necessidade de se estabelecerem comunidades de fé, nas quais floresça a comunhão fraterna e cresça o fervor apostólico, diante das quais todos os membros se assumem ativos e corresponsáveis uns pelos outros, abandonando-se a redução da paróquia a mero centro de serviços religiosos e assistenciais⁹⁸⁴. Objetiva-se, pois, um espaço de experiência do Espírito e de partilha dessa experiência, no qual os seus membros encontrarão

⁹⁷⁷ Cf. Pajer, “Una catequesis en la que la comunidade cristiana en su conjunto es a la vez catequizante y catequizada,” 37-38.

⁹⁷⁸ Cf. Juan Ignacio Rodríguez Trillo, “La familia y la iniciación sacramental de los niños,” *Actualidad Catequética*, n.º 209 (2006, 1): 56.

⁹⁷⁹ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 205.

⁹⁸⁰ Cf. Sotomayor e Binz, *Catequesis de adultos. Elementos de metodología*, 109.

⁹⁸¹ Cf. Amherdt, “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?,” 213-214.

⁹⁸² Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 34.

⁹⁸³ Cf. Fröhlich, “‘Para que a nossa alegria seja completa’ (1Jo 1,4). *Propor a Boa-Nova aos jovens*,” 206.

⁹⁸⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo,” in *Documentos Pastorais*, vol. 3 (Lisboa: Editora Reis dos Reis, 1991), 69.

nas diversas atividades pastorais um sentido para as suas vidas e um fator de crescimento da sua identidade⁹⁸⁵, gerando-se, desta feita, não somente uma grupo de eleitos com determinados projetos idênticos, mas sim uma comunidade de irmãos unidos por Jesus Cristo com a finalidade de testemunharem o seu evangelho⁹⁸⁶.

Centrando as atenções na atividade catequética, depreende-se desde já que a comunidade, para que se torne catequizadora, necessita *a priori* de se pautar por relações qualificadas pelo olhar da fé⁹⁸⁷, uma vez que a transmissão da fé, isto é, a experiência com Deus, por meio de Jesus Cristo, realizada sob a forma de proposta, se processa numa atmosfera de convivialidade, de fraternidade e de intercâmbio⁹⁸⁸. Ambientada por esta qualidade de relações fundadas em Cristo, sinal de vivência da fé, a comunidade cristã converte-se num sinal capaz de atrair, de interpelar, podendo assim transmitir a vida nova em Cristo e progredindo na autenticidade⁹⁸⁹. Então, sabendo-se como a primeira destinatária da palavra de Deus, a comunidade também se encontra em constante processo de conversão, buscando, mediante o acolhimento dessa palavra, uma contínua revisão e reinvenção⁹⁹⁰, isto é, adotando um persistente caminho de renovoamento e de revitalização interna e refletindo sobre a sua identidade comunitária e maternal⁹⁹¹.

Este caminho de renovação contínua assume um caráter determinante para que as comunidades cristãs se tornem efetivamente catequizadoras, dado ser ao nível do seu testemunho vivo, ou seja, nos diversos sinais da vida cristã, que se geram as condições para a transmissão e desenvolvimento da fé, pois correspondem ao ambiente vital de proclamação, celebração e vivência da Palavra de Deus⁹⁹². Por conseguinte, para se convertam neste ambiente que torna Jesus Cristo presente, importa cuidar o estabelecimento de relações saudáveis entre os seus membros, uma vez que «a forma de existir e a qualidade da relação tornam-se primordiais: elas serão sinais»⁹⁹³. Além do cuidado a ter com este aspeto, as comunidades são

⁹⁸⁵ Cf. Carmo, “*Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet*,” 216.

⁹⁸⁶ Cf. Villepelet, “*Comment favoriser aujourd’hui la reconnaissance de soi et le sentiment d’appartenance à la communauté chrétienne?*,” 26.

⁹⁸⁷ Cf. Pajer, “*Una catequesis en la que la comunidade cristiana en su conjunto es a la vez catequizante y catequizada*,” 34.

⁹⁸⁸ Cf. Carmo, “*Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet*,” 1415.

⁹⁸⁹ Cf. Javier Salinas, “*La necesidad de la comunidad en la iniciación cristiana*,” 97.

⁹⁹⁰ Cf. Carmo, “*Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet*,” 1416.

⁹⁹¹ Cf. Guilarte, “*La Iniciación Cristiana. Perspectivas catequéticas y pastorales*,” 79.

⁹⁹² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “*Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual*,” 259-260.

⁹⁹³ Dumas, Bacq, “*Palavra de Deus e pastoral de gestação*,” 134.

convocadas a ir ao encontro dos filhos batizados que, por diversas circunstâncias, se afastaram do seu seio, interpelando-os e acolhendo-os com total solicitude, possibilitando um processo de revitalização, não só na quantidade dos seus membros, mas sobretudo na qualidade da vida cristã, caso seja possível originar nos seus membros – entre os quais se contam os que regressam e os que chegam pela primeira vez – uma fé mais convicta e esclarecida⁹⁹⁴.

Finalmente, indicam-se dois aspetos a ter em conta, para que seja possível gerar cristãos maduros e inseridos numa comunidade catequizadora. Em primeiro lugar, qualquer projeto pastoral não deve ter o número como critério pastoral, assim como deve-se evitar a procura de eficácia a toda a pressa, ao invés, urge adotar uma atitude de desapego e de distanciamento em relação aos catequizandos, por forma a que seja possível educar para a liberdade⁹⁹⁵. De seguida, precisa de se ter em conta de que o catequista é, acima de tudo, uma testemunha, um companheiro de viagem, que auxilia os catequizandos a iniciarem uma experiência de amor, resultante do encontro com Jesus Cristo, empenhando-se no crescimento mútuo da comunidade cristã⁹⁹⁶. Assim se enquadra o apelo a que a vida comunitária, mediante a experiência e o testemunho de vida dos catequistas e catequizandos, assim como de outros membros envolvidos em diferentes ministérios ou funções, necessita de penetrar e refletir na atividade catequética, tornando, pois, a mensagem cristã mais fascinante e convincente⁹⁹⁷.

3.4. Formação dos agentes de pastoral catequética

Uma vez analisados os principais vetores que exortam para a renovação da catequese, em chave evangelizadora, urge analisar a figura do catequista, o qual «é figura chave na catequese (...) É o rosto da comunidade, seu mediador e porta-voz. (...) E torna-se, para os catequizandos, a referência concreta e próxima do Evangelho que lhes transmite, para os conduzir à comunhão e intimidade com Jesus Cristo»⁹⁹⁸. De facto, a catequese não depende unicamente da existência de materiais catequéticos, mas sim do catequista, que se assume como o elemento central para a existência do encontro de catequese, sendo, por isso mesmo, o seu principal agente⁹⁹⁹.

⁹⁹⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 26.

⁹⁹⁵ Cf. Fröhlich, “‘Para que a nossa alegria seja completa’ (1Jo 1,4). *Propor a Boa-Nova aos jovens*,” 203.

⁹⁹⁶ Cf. Policarpo, “Catequese num mundo em mudança,” 15.

⁹⁹⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 26-27.

⁹⁹⁸ *Ibidem*, 30.

⁹⁹⁹ Cf. Fernando Sebastián Aguilar, “Nueva evangelización, nueva catequesis, nuevos catequistas,” *Actualidad Catequética*, n.º 233-234 (Janeiro-Julho 2012): 66.

Face a isto, os responsáveis pelas comunidades precisam de encetar um esforço em despertar vocações para a catequese (cf. DGC 233), tendo presente o perfil que o catequista deve possuir, sendo que, mais que um professor ou um mestre hábil na transmissão de saberes, precisa de ser um acompanhante espiritual, que guia os catequizandos para o encontro com Cristo, tendo sido, aliás, a partir desse mesmo encontro que nasceu a sua vocação¹⁰⁰⁰. Uma vez que a vocação do catequista nasce no seio da comunidade cristã, em nome da qual exerce a sua missão, e para ela tende, importa que se estabeleça uma frutífera relação entre os catequistas e os demais agentes da pastoral, com vista a uma ação evangelizadora global, que insira a atividade catequética no coração da comunidade (cf. DGC 233).

Dado o seu contributo imprescindível, urge cuidar a sua formação, a qual precisa ser considerada como uma absoluta prioridade da ação pastoral da Igreja, sendo que a formação do catequista encontra a sua fundamentação no encontro com Cristo, que o motiva a encetar um caminho de conhecimento progressivo da sua pessoa¹⁰⁰¹. Indo ao encontro do contexto nacional, no qual esta dissertação se debruça, convém referir que a formação dos catequistas assume-se como uma das prioridades da catequese¹⁰⁰², uma vez que são estes que darão corpo à tão proclamada renovação da catequese¹⁰⁰³. Consequentemente, nenhuma atividade pastoral resultará eficaz se não for realizada com pessoas verdadeiramente formadas e preparadas, mesmo que os instrumentos de trabalho sejam os melhores¹⁰⁰⁴. Por outro lado, os desafios com que a catequese se debruça, cada vez mais pautada pela complexidade e pela necessidade de diferenciação de itinerários, aumentam a urgência de se reconsiderar a formação, que permita uma mudança da fisionomia interior dos catequistas¹⁰⁰⁵.

Tendo como ponto de partida a profissão de fé batismal, a formação dos catequistas deverá permitir uma exposição orgânica e sistemática dos conteúdos essenciais da fé e da vida cristã, com vista a que eles possam consolidar a sua fé e preparar-se para se constituírem testemunhas e transmissores dessa mesma fé, ao mesmo tempo que possibilita o seu crescimento na comunidade eclesial¹⁰⁰⁶. Por conseguinte, a formação terá como modelo a catequese de adultos, uma vez que se encontrará ritmada por etapas, com carácter progressivo,

¹⁰⁰⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 30.

¹⁰⁰¹ Cf. *Ibidem*, 30.

¹⁰⁰² Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, “Plano de Formação de Catequistas,” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 45.

¹⁰⁰³ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 11.

¹⁰⁰⁴ Cf. Jaime Pujol, Francisco Domingo, Anastasio Gil e Mateo Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe* (Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2001), 420.

¹⁰⁰⁵ Cf. Carvalho, “O perfil do Catequista,” 109.

¹⁰⁰⁶ Cf. Rodrigues, “A Formação de Catequistas,” in *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 111.

sistemático e orgânico, possibilitando um itinerário de contínuo crescimento humano e espiritual, constituindo, por isso mesmo, um percurso contínuo de maturação da fé, de renovação do seu chamamento à vida cristã e de um discernimento daquilo que os motiva a este ministério eclesial¹⁰⁰⁷. Embora realizada em grupo, a formação de catequistas terá em consideração cada membro, com vista a promover um acompanhamento personalizado, cuidando-se, por conseguinte, da sua direção espiritual¹⁰⁰⁸.

Esta formação inclui, em linha com o DGC, a dimensão do *próprio ser* do catequista, ou seja, a sua identidade humana e cristã; a dimensão do *saber*, referindo-se à mensagem transmitida e ao seu destinatário; e a dimensão do *saber fazer*, uma vez que se trata de um ato de comunicação (cf. DGC 238). Contudo, tendo presente que se refere a uma comunicação amorosa, geradora de comunhão, a Carta Pastoral aponta mais duas dimensões da formação do catequista: o *saber estar em*, ou seja, no seio da comunidade cristã, que representa, e partilhando o seu trabalho com os demais catequistas; e o *saber estar com*, que alude à relação estabelecida entre o catequista e os catequizandos, a fim de que a mensagem lhes seja inteligível e próxima, verosímil e atraente¹⁰⁰⁹.

Importa realçar que a identidade do catequista não possui um caráter meramente individual, mas sim comunitário, pois os catequistas são-no enquanto unidos em torno do grupo¹⁰¹⁰, chamado a constituir uma comunidade fermento no seio da comunidade cristã. E é no seu interior que se processa a formação, a qual deve possibilitar que os catequistas façam experiência de várias formas de desenvolver o espírito comunitário, como em eventos sociais, em momentos de retiro em conjunto, na celebração litúrgica e nas atividades apostólicas¹⁰¹¹. Logo, dado constituir-se como o ambiente no qual se gera e alimenta a fé, a formação da comunidade acompanha a formação de catequistas, na qual é determinante o testemunho da comunidade¹⁰¹². Além disso, a formação possui um caráter permanente, quer pela participação constante na vida litúrgica e de oração da comunidade, quer pela preparação dos encontros de catequese, pela qual será possível alimentar, primeiro que tudo, a própria fé do catequista, convertendo o momento de preparação um itinerário semanal de reflexão, de crescimento na fé e de conversão permanente¹⁰¹³.

¹⁰⁰⁷ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, “Plano de Formação de Catequistas,” 46.

¹⁰⁰⁸ Cf. Rodrigues, “A Formação de Catequistas,” 115.

¹⁰⁰⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 30.

¹⁰¹⁰ Cf. Paolo Sartor, “Objetivos, métodos y contenidos de la formación de catequistas de iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 249 (Janeiro-Março 2016): 89.

¹⁰¹¹ Cf. Catherine Dooley, “La formación de los catequistas,” in Henri Derroitte, *Nuevos caminos para la catequesis hoy* (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 204.

¹⁰¹² Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Formação de Catequistas. Plano de Acção*, 49.

¹⁰¹³ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 31.

Todavia, convém evitar, na formação, dois perigos: por um lado, o do funcionalismo, preocupado em recrutar catequistas para a prestação de um trabalho em função das necessidades – com a finalidade única de se garantirem catequistas que assumam todos os grupos de catequese –; e, por outro lado, o do profissionalismo, que considera de forma quase exclusiva a competência individual, praticamente autónoma em relação com a Igreja¹⁰¹⁴.

De facto, a formação, que parte da pessoa do catequista e do seu contexto¹⁰¹⁵, não pretende um mero crescimento pessoal do indivíduo ou somente o exercício do serviço eclesial que lhe compete, mas orienta-se para a missão, isto é, pretende tornar o cristão capaz de anunciar e testemunha a fé na comunidade e na sociedade¹⁰¹⁶. Logo, não se pretendem formar *técnicos de catequese*, mas voltar os catequistas para a experiência concreta, amadurecendo neles a arte de fazer catequese, a qual reside na síntese das capacidades para o apostolado, do conhecimento da fé e dos destinatários do anúncio¹⁰¹⁷. Não se trata de um recipiente vazio que precisa de ser cumulado de conhecimentos doutrinários para, depois, os transmitir aos catequizandos, pelo contrário, a focagem no catequista – e não nos conteúdos ou formadores – tem como finalidade permitir que ele se assuma como sujeito da sua própria formação, para que compreenda a sua missão de agente da evangelização e de mediador pedagógico¹⁰¹⁸.

Assim, embora o Diretório aluda a três dimensões da formação – juntamente com as duas dimensões acrescentadas pela Comissão Episcopal de Educação Cristã e Doutrina da Fé – , neste último subcapítulo abordar-se-á a dimensão do *próprio ser* do catequista que a formação deve proporcionar, refletindo-se sobre a sua identidade. Esta opção reside no facto de que tudo parte do ser¹⁰¹⁹, isto é, da personalidade do catequista, dado tratar-se da sua dimensão mais profunda, pois apela à sua maturidade humana e cristã, sendo que, como condição prévia a qualquer formação em torno dos conteúdos ou das formas de transmissão, importa auxiliar o catequista a amadurecer-se enquanto pessoa, crente e apóstolo¹⁰²⁰. Na verdade, torna-se determinante a maneira de ser, caminhar e testemunhar do que a forma de fazer catequese,

¹⁰¹⁴ Cf. Cesare Nosiglia, “La formación de catequistas,” *Actualidad Catequética*, n.º 171 (Julho-Setembro 1996): 41.

¹⁰¹⁵ Cf. Jonh Jairo Marín Tamayo, “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos,” *Actualidad Catequética*, n.º 247-248 (Julho-Dezembro 2015): 220.

¹⁰¹⁶ Cf. Nosiglia, “La formación de catequistas,” 42.

¹⁰¹⁷ Cf. Rodrigues, “A Formação de Catequistas,” 117.

¹⁰¹⁸ Cf. Tamayo, “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos,” 224.

¹⁰¹⁹ Cf. Sartor, “Objetivos, métodos y contenidos de la formación de catequistas de iniciación cristiana,” 89.

¹⁰²⁰ Cf. Manuel López López, “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita,” *Actualidad Catequética* n.º 233-234 (Janeiro-Julho 2012): 130.

revestindo-se de uma enorme importância que o catequista saiba caminhar com os catequizandos, por forma a que eles também assumam para si a condição de peregrinos¹⁰²¹.

3.4.1. Identidade do catequista

D. José Policarpo referiu que o catequista «é, a seu modo, um pastor, sacramento de Cristo, Bom-Pastor, que conduz um grupo de cristãos a aprofundarem a sua identidade cristã»¹⁰²². Por isso, volta-se a realçar a importância da formação pessoal dos catequistas, com vista à sua maturidade enquanto pessoas, crentes e evangelizadores, chamados a testemunhar a fé cristã pela sua ação e palavras¹⁰²³. Na realidade, ele constitui-se como um pedagogo, sendo um cristão comprometido na vida eclesial que, pela sua formação, desenvolve as suas capacidades e mune-se dos conhecimentos doutrinários indispensáveis para acompanhar os catequizandos e a comunidade cristã no seu caminho de amadurecimento da fé¹⁰²⁴. À comunidade cristã cabe despertar e discernir esta vocação eclesial, suscitando no seu seio pessoas capazes de catequizar, sendo que a sua vocação comporta os níveis de responsabilidade, de entrega e de compromisso¹⁰²⁵. Este aspeto reveste-se de importância crucial, pois é a partir da sua consciência de chamado e enviado para realizar uma função e a tornar-se um membro responsável e ativo no interior da comunidade cristã que o catequista viverá a sua vocação como uma autêntica missão¹⁰²⁶.

Como condição *a priori* do exercício da missão de catequista, ele deve-se entender e viver como discípulo de Cristo, como um guia espiritual que pretende encaminhar para o encontro com o Senhor¹⁰²⁷, requerendo-se que, no grupo de catequese, seja o primeiro a assumir-se como o primeiro dos convertidos, cultivando um estilo de vida pautado pelo discipulado e pelo espírito comunitário¹⁰²⁸. Convocado para ser artífice de comunhão, dada a relação intrínseca que possui com a comunidade cristã, o catequista é um mediador, não apenas

¹⁰²¹ Cf. Paulo José Ribeiro Campino, “O Catequista Discípulo Acompanhante,” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 110.

¹⁰²² Policarpo, “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal,” 19.

¹⁰²³ Cf. Dooley, “La formación de los catequistas,” 202.

¹⁰²⁴ Cf. Tamayo, “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos,” 221.

¹⁰²⁵ Cf. Dooley, “La formación de los catequistas,” 200.

¹⁰²⁶ Cf. Ángel Pérez Pueyo, “Cómo ‘vocacionalizar’ la catequesis,” *Actualidad Catequética*, n.º 233-234 (Janeiro-Julho 2012): 174.

¹⁰²⁷ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, “Plano de Formação de Catequistas,” 46.

¹⁰²⁸ A redundância da expressão utilizada pretende realçar que, antes de chamar os catequizandos à conversão, o catequista deve empreender um trabalho de conversão, para que, no encontro de catequese, se assuma como o primeiro dos convertidos do grupo, capaz de orientar os demais membros nesse itinerário. Cf. *Ibidem*, 47.

mandatado pela comunidade, enquanto testemunha da sua vivência de fé, mas como um elo que possibilita a articulação da comunidade com o grupo de catequese¹⁰²⁹.

Perante o que se acaba de refletir, compreende-se que a primeira finalidade da formação resida na construção da identidade cristã do catequista, isto é, da sua vida enquanto discípulo e apóstolo da Palavra, comprometido em tornar presente no mundo o Reino de Deus a partir do ministério catequético¹⁰³⁰.

Consequentemente, a Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé elencou as diversas abordagens que a formação dos catequistas deve possuir, com vista a fomentar a sua identidade de discípulo missionário, inserido na comunidade cristã. Em primeiro lugar, uma abordagem querigmática, dado o catequista ser o destinatário privilegiado do anúncio, uma vez que o encontro com Cristo provoca um desejo de o aprofundar e de viver em comunhão com Ele. De seguida, uma formação de carácter mistagógico, pois a experiência formativa vivida e fomentada pelo catequista possui um carácter progressivo, no qual ele valoriza todos os elementos que favoreçam o encontro, concretamente os momentos de oração pessoal e litúrgica e a vivência dos sacramentos, nomeadamente a Eucaristia e a Reconciliação. Em terceiro lugar, uma formação fundamentada na Palavra de Deus, ou seja, na totalidade da revelação e da tradição cristã, especialmente com a Sagrada Escritura, promovendo-se uma constante introdução à prática da *lectio divina*, pela qual se escuta a interpelação do Senhor e se permite transformar pelo seu Espírito, leitura espiritual que precisa de ser complementada pelo estudo do texto bíblico. Seguidamente, uma formação que se volte para a dimensão eclesial e para o acompanhamento pessoal, por forma a que o catequista se torne companheiro de viagem, como um crente a caminho juntamente com os catequizandos e todos os que a eles se relacionam, ao mesmo tempo que se constitui como testemunha da experiência cristã e apóstolo convocado a percorrer um itinerário de fé juntamente com toda a comunidade. Por fim, aponta-se para a necessidade de uma formação específica, ou seja, embora a sua formação contenha em si elementos e características da catequese de adultos, e partilhe com outros ministérios algumas dimensões teológicas e pastorais, a singularidade da sua missão requer um plano formativo com características próprias¹⁰³¹.

Em jeito de súmula, a formação de catequista tem como desígnio fundamental a estruturação de uma vida de testemunho e de missão, e não na mera aquisição de conhecimentos teológicos ou metodológicos¹⁰³². É, pois, um itinerário: permanente e global, pois pretende

¹⁰²⁹ Cf. *Ibidem*, 48.

¹⁰³⁰ Cf. Tamayo, “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos,” 221.

¹⁰³¹ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, “Plano de Formação de Catequistas,” 50-55.

¹⁰³² Cf. Dooley, “La formación de los catequistas,” 209.

acompanhar o processo de desenvolvimento da sua fé até atingir a maturidade; sistemático e orgânico, uma vez que reúne os diversos níveis de formação; gradual e alargado; possibilitando a experiência de diversos níveis de exercício da missão catequética no conjunto da Igreja, assim como desenvolvê-la noutras dimensões, como a comunidade e a família; realista e situado, que respeita a condições socioculturais e o ritmo dos catequistas, oferecendo um projeto de catequese criativo e adaptado; e essencial e vital, tendo o seu centro no anúncio da pessoa de Cristo, que manifesta o Deus do amor, que o chama à união com Ele, e que educa para o discipulado de Cristo nas várias dimensões da vida cristã¹⁰³³.

De tudo o que foi apontado, salienta-se ainda que a formação integral tem presente o que já se encontra na existência dos destinatários e o que se realiza na dinâmica total da vida eclesial e social, assim como a apresentação de uma adequada percepção do mundo e da história¹⁰³⁴, sendo que a formação deverá conduzir à encarnação da fé na vida pessoal, familiar e social dos catequistas¹⁰³⁵.

Todo este itinerário educativo objetiva consciencializar os catequistas de que a transmissão da fé consiste num processo recíproco, ou seja, ao mesmo tempo que iniciam os catequizandos na vida de fé, eles também amadurecem a sua própria fé, catequizando os outros na medida em que se catequizam primeiro a si mesmos¹⁰³⁶. A ação catequética consiste precisamente na colaboração com a maternidade original e fecunda da Igreja, tarefa na qual os catequistas ocupam um lugar imprescindível, ao gerarem um ambiente materno dentro da comunidade cristã que possibilite o crescimento e amadurecimento na fé dos catequizandos¹⁰³⁷. Não se precisam, pois, de catequistas com perfil de mestre, ou de professor, mas sim catequistas peritos na arte de acompanhar, estabelecendo-se uma catequese de acompanhamento¹⁰³⁸. Então, necessita-se de uma formação sólida que origine catequistas constantemente insatisfeitos com o trabalho desenvolvido, encontrando-se em permanente busca, evolução e recriação, por forma a que se adaptem à realidade da comunidade que servem, procurando, por isso, aperfeiçoar-se cada vez mais no exercício da sua missão de discípulos e apóstolos da Palavra¹⁰³⁹.

¹⁰³³ Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, “Plano de Formação de Catequistas,” 55.

¹⁰³⁴ Cf. Paolo Sartor, “Claves para la formación del catequista de iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 249 (Janeiro-Março2016): 81.

¹⁰³⁵ Cf. Nosiglia, “La formación de catequistas,” 43.

¹⁰³⁶ Cf. Dooley, “La formación de los catequistas,” 209.

¹⁰³⁷ Cf. Pujol, Domingo, Gil e Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 425.

¹⁰³⁸ Cf. Campino, “O Catequista Discípulo Acompanhante,” 113.

¹⁰³⁹ Cf. Tamayo, “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos,” 228-229.

3.4.1.1. Maturidade cristã

Tendo presente que a formação de catequistas tem em vista a sua identidade, promovendo-se um crescimento humano e espiritual rumo à maturidade cristã, importa realçar a formação espiritual do catequista, que tem em vista uma experiência de primeiro anúncio, em torno do encontro pessoal com Cristo, promovendo a prática da *lectio divina*, apontando um discernimento sobre a própria vida e vocação, continuado por um acompanhamento espiritual durante o estágio¹⁰⁴⁰.

Na verdade, antes de mais, o catequista, educador da fé, precisa de deter uma vigorosa e convincente vida de fé e uma certa maturidade cristã, por forma a que se apresente aos catequizandos como testemunha e não apenas como mestre de um conjunto de saberes doutrinários; sendo que, por outro lado, necessita de possuir o sentido e experiência de Igreja, numa postura interiorizada de pertença e de sentido comunitário; além de se requerer que seja um indivíduo do seu tempo, que se identifique com os seus contemporâneos, abrindo-se aos problemas reais das pessoas e cultivando uma consciência social e política¹⁰⁴¹. Consciente de que se encontra vocacionado por Deus para empreender a tarefa de evangelização, germina no catequista a certeza de que precisa de se tornar uma pessoa profundamente religiosa, encetando um caminho de união ao Senhor¹⁰⁴².

Desta forma, o catequista sabe que transmite a fé, não pela credibilidade por ser catequista, mas porque é um discípulo convertido, ou seja, alguém que respondeu com alegre fidelidade ao chamamento de Jesus Cristo¹⁰⁴³. Daqui se depreende que a sua atitude de base consiste em ser a de um crente que partilha a sua fé, objetivo que norteia toda a sua ação catequética, ajudando-se assim a superar o medo paralisante de tentar cumprir tudo o que seria necessário ser e fazer¹⁰⁴⁴.

Então, a formação do catequista pretenderá melhorar a sua vida de fé, proporcionando a comunhão com Jesus Cristo, para que depois, se torne companheiro daqueles que a Igreja confiar, capaz de testemunhar a sua fé e de responder às ânsias mais profundas da existência humana¹⁰⁴⁵. A espiritualidade consiste na vida do Espírito, isto é, numa vivência pautada pela sua ação, que conduz e guia por Ele¹⁰⁴⁶, logo, a espiritualidade do catequista melhorará imenso

¹⁰⁴⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,” 31.

¹⁰⁴¹ Cf. Sotomayor, *La catequesis en la Iglesia. Elementos de catequesis fundamental*, 239.

¹⁰⁴² Cf. Pujol, Domingo, Gil e Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 422-423.

¹⁰⁴³ Cf. Mendes, “Catequese e transmissão da fé,” 23.

¹⁰⁴⁴ Cf. Sotomayor e Binz, *Catequesis de adultos. Elementos de metodología*, 138.

¹⁰⁴⁵ Cf. Rodrigues, “A Formação de Catequistas,” 112.

¹⁰⁴⁶ Cf. César A. Franco Martínez, “El catequista y su vida en el Espíritu. Espiritualidad del catequista,” *Actualidad Catequética*, n.º 177 (Janeiro-Março 1998): 79.

se este tiver a possibilidade de expressar a sua própria fé, compreendendo que a sua vida ressoa na tradição cristã reconhecendo os sinais da presença de Deus na sua vida quotidiana¹⁰⁴⁷. De facto, «a vida espiritual é caminhar sob a luz e força do Espírito Santo»¹⁰⁴⁸, sendo que a espiritualidade do catequista encontra-se repleta de atitudes evangélicas e verdadeiramente humanas, alicerçada na comunhão eclesial e na sociedade onde ele atua, motivando-o na sua identidade e sustentando-o no seu serviço¹⁰⁴⁹.

Consequentemente, o catequista é aquele que fez a experiência de encontro com Jesus Cristo, a qual o transformou num crente, capaz de testemunhar a bondade de Deus Pai e de se entender como discípulo do Filho, sendo este seguimento que estrutura a sua identidade de crente e que torna a sua tarefa catequética uma participação e continuação da missão de Jesus, do qual é testemunha¹⁰⁵⁰. Esta experiência do encontro causa no catequista uma sensação de júbilo, pois encontrou Deus e, nele, o sentido da sua vida, tornando-se semeador da alegria e da esperança pascal¹⁰⁵¹; além de que aqui resultam algumas características próprias da vida espiritual que fomentam a identidade do catequista: uma constante disposição em escutar, meditar e aceitar possuir-se pelo Espírito, que lhe cria as condições para o encontro¹⁰⁵².

Urge, portanto, auxiliar os catequistas a viverem a sua vocação cristã, por forma a que valorizem a vida no espírito, consciencializando-se de que a tarefa essencial da Igreja consiste em alimentar e desenvolver essa vida, já presente nos batizados, sendo que uma das suas tarefas catequéticas reside em favorecer, nos catequizandos, a descoberta da ação do Espírito já presente em si, possibilitando-os para um maior entendimento da sua existência e do seu lugar na Igreja, o que exige que o catequista viva na docilidade e sensibilidade ao Espírito¹⁰⁵³. Dado que a comunhão com Jesus Cristo é a finalidade da catequese, o catequista precisa de ser testemunha e sinal dessa união de vida a Ele¹⁰⁵⁴. Daqui surgem algumas características que a sua formação espiritual deve cultivar.

Em primeiro lugar, é necessário iniciar os catequistas na oração interior, educando para uma autêntica interioridade¹⁰⁵⁵, razão pela qual são recomendáveis um conjunto de atividades de cariz espiritual, tais como os retiros ou alguma celebração inserida num tempo ou festa

¹⁰⁴⁷ Cf. Catherine Dooley, “La formación de los catequistas,” in Henri Derroitte, *Nuevos caminos para la catequesis hoy* (Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008), 203.

¹⁰⁴⁸ Martínez, “El catequista y su vida en el Espíritu. Espiritualidad del catequista,” 82.

¹⁰⁴⁹ Cf. Nosiglia, “La formación de catequistas,” 43.

¹⁰⁵⁰ Cf. Pujol, Domingo, Gil e Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 422.

¹⁰⁵¹ Cf. *Ibidem*, 423.

¹⁰⁵² Cf. *Ibidem*, 423.

¹⁰⁵³ Cf. Martínez, “El catequista y su vida en el Espíritu. Espiritualidad del catequista,” 82.

¹⁰⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 84.

¹⁰⁵⁵ Cf. Matteo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*, 139-140.

litúrgica¹⁰⁵⁶. Seguidamente, tem-se a referência à comunhão eclesial, sendo que o catequista, dado testemunhar a Igreja, também testemunha a comunhão que resulta da Eucaristia e que se estende a todas dimensões eclesiais¹⁰⁵⁷. A este respeito, o catequista alimenta-se na comunidade eclesial, dado receber dela a sua missão e de a exercer em seu nome, comportando para ele a responsabilidade para com o que constitui a Igreja, isto é, a santidade¹⁰⁵⁸. Por outro lado, o catequista, tendo como base a vivência evangélica de enviado a proclamar a salvação aos homens, precisa de se notar pela profunda sensibilidade social¹⁰⁵⁹.

Logo, o encontro com Jesus Cristo na catequese ocorre em cada experiência humana, por mais singela que seja: mediante o testemunho da experiência cristã do catequista e dos catequizandos, pela Palavra proclamada e compartilhada, pela celebração e orações, cantos e gestos, silêncio e meditação, pela vivência da comunhão, pelo serviço humilde ao próximo e pelo compromisso com os sofredores¹⁰⁶⁰. E o seu testemunho será tanto mais eficaz – e, conseqüentemente, mais catequizandos serão educados na fé – quanto mais genuína e profunda for a sua vida espiritual¹⁰⁶¹. Assim, os sacerdotes são interpelados a entenderem os catequistas acima de tudo como crentes, cuja fé deve ser alimentada mediante momentos de oração e de retiros espirituais, e não apenas como colaboradores da paróquia para o exercício de um serviço¹⁰⁶².

3.4.1.2. Maturidade humana

A par da maturidade cristã, a formação da identidade do catequista objetiva também a maturidade de humana. Na verdade, neste âmbito tem-se em conta o «equilíbrio afetivo, no sentido crítico, na unidade interior, na capacidade de relação e de diálogo, no espírito construtivo e no trabalho de grupo. Tratar-se-á de ajudar o catequista a crescer no respeito e no amor para com os catecúmenos e catequizandos» (DGC 239).

Por conseguinte, a formação de catequistas pretende auxiliá-los a crescerem enquanto seres humanos, gerando um novo estilo de catequista e cultivando certas posturas que facilitem o anúncio e transmissão da fé, entre as quais se destacam a proximidade, a abertura ao diálogo,

¹⁰⁵⁶ Cf. Pujol, Domingo, Gil e Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 433.

¹⁰⁵⁷ Cf. Martínez, “El catequista y su vida en el Espíritu. Espiritualidad del catequista,” 91.

¹⁰⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 88.

¹⁰⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 95.

¹⁰⁶⁰ Cf. Carmo, “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet,” 1404.

¹⁰⁶¹ Cf. López, “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita,” 133.

¹⁰⁶² Cf. Enrique Benavent Vidal, “Actitudes del evangelizador/ catequista (II),” *Actualidad Catequética*, n.º 251 (Julho-Setembro 2016): 29.

a paciência e o acolhimento fraterno que não julga¹⁰⁶³. Tendo-se presente que a qualidade das relações é condição essencial para a geração da fé, importa precisar que esse espírito fraterno manifestar-se-á na atenção para com a situação humana, familiar, social e cultural dos catequizandos, assim como no respeito pelas suas aspirações, inquietações e problemas¹⁰⁶⁴.

De facto, a formação para a maturidade humana deverá munir os catequistas de um espírito de abertura e de preocupação para com a situação da sociedade, com as suas necessidades e problemas, precisando-se de catequistas enraizados no contexto vital dos seus contemporâneos, no qual se vive a indiferença, o afastamento da fé e a insolidariedade, com uma fé firme na eficácia da palavra que provoque frutos de salvação¹⁰⁶⁵.

Neste sentido, para que o encontro de catequese seja uma ocasião para os catequizandos se encontrarem com Jesus Cristo, o catequista deverá possuir um conjunto de qualidades humanas que constituam um terreno favorável à confiança e à vivência da fé. Requer-se, em primeiro lugar, de uma coerência e autenticidade de vida, isto é, antes de anunciar a Palavra, o catequista torna-a sua e segue o exemplo de Jesus Cristo, estando assim familiarizado com o que anuncia¹⁰⁶⁶; além de se exigir uma conduta franca, sem qualquer tipo de duplicidade, que possibilite que a verdade seja sempre referida sem qualquer tipo de aceção de pessoas¹⁰⁶⁷. Um segundo elemento que o catequista precisa ter presente é que se deve assumir como justo e defensor da justiça, colocando o Homem acima de qualquer bem ou lei e condenando todo o tipo de injustiças¹⁰⁶⁸. De seguida, pauta-se pela liberdade em relação a todo o tipo de culto e rito vazio, aos poderosos, ricos e a críticas e prejuízos, assim como respeita a liberdade de consciência de cada catequizando¹⁰⁶⁹. Acrescenta-se ainda a solidariedade que o deve marcar, preocupando-se com as situações das pessoas e procurando auxiliá-las nas suas dificuldades¹⁰⁷⁰. Por fim, o catequista precisa de ser um Homem de vivência de valores profundos, cimentando a sua vida de fé em posturas sérias e profundas, e não em meros ritos e práticas externas¹⁰⁷¹.

A par destas características humanas, que ajudam a criar o ambiente favorável no qual a fé terá condições para germinar, importa realçar a importância do acolhimento por parte do

¹⁰⁶³ Cf. Javier Salinas Viñals, “Catequistas al servicio de la iniciación cristiana,” *Actualidad Catequética*, n.º 245-246 (Janeiro-Junho 2015): 50.

¹⁰⁶⁴ Cf. Pujol, Domingo, Gil e Blanco, *Introducción a la Pedagogía de la fe*, 425.

¹⁰⁶⁵ Cf. *Ibidem*, 426.

¹⁰⁶⁶ Cf. López, “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita,” 133-134.

¹⁰⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 134.

¹⁰⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 134.

¹⁰⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 134.

¹⁰⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 134.

¹⁰⁷¹ Cf. *Ibidem*, 134.

catequista. O acolhimento sintoniza-o com o catequizando¹⁰⁷², pressupondo «assumir o risco de ser acolhido pelo outro numa ótica de reciprocidade e hospitalidade, onde uns e outros se dão e se recebem»¹⁰⁷³. Esta é a condição para o estabelecimento de uma fecunda relação pessoal, a educação na fé não se processa tanto pelos métodos, mas pela existência de uma qualidade de relações e pela comunicação da convicção de fé e da adesão a Cristo e à Igreja¹⁰⁷⁴. Todavia, o estabelecimento de uma relação com o catequizando resulta de um acolhimento caloroso e fraterno, que implica uma enorme disponibilidade para escutar, compreender e valorizar todos os aspetos positivos de quem se apresenta, colocando, assim, o catequista no âmbito das vivências, dos interesses, dos problemas e alegrias de cada catequizando e do próprio grupo¹⁰⁷⁵.

Acolhendo com total disponibilidade e alegria, o catequista que empreendeu um caminho de maturidade humana terá sempre presente um conjunto de atitudes a cultivar, para que se possa fazer companheiro de viagem dos catequizandos. Em primeiro lugar, aproxima-se, torna-se presente na vida das pessoas e oferece a amizade, escutando-as com atenção e encetando um diálogo no qual procura conhecer as suas aspirações¹⁰⁷⁶. Por outro lado, adota uma postura de confiança nos catequizandos, animando-os a superar as diversas dificuldades, valorizando-os sempre que estes vencem um desafio ou mostram gestos de bondade e agradecendo o dom que eles são para ele¹⁰⁷⁷. Em terceiro lugar, caracteriza-se por uma profunda gratuidade, não querendo ser o centro das atenções nem em lograr com os êxitos obtidos¹⁰⁷⁸. Por outro lado, mostra-se capaz de criar uma comunidade dotada de um espírito de corresponsabilidade e não um mero grupo de amigos¹⁰⁷⁹. Finalmente, deve-se consciencializar de que, sendo o Espírito Santo o evangelizador, ele encontra-se ao seu serviço, sendo que acompanhar também implica saber retirar-se, cedendo espaço à ação do Espírito e à autonomia dos indivíduos¹⁰⁸⁰. Sintetizando, a formação do catequista tornará possível o amadurecimento das suas qualidades humanas, procurando ser «dialogante, equilibrado, com capacidade de escuta, e testemunha: discípulo do Senhor, inserido na comunidade, possuidor duma síntese de fé personalizada e, sobretudo, bom educador e bom catequista»¹⁰⁸¹.

¹⁰⁷² Cf. *Ibidem*, 140.

¹⁰⁷³ Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 200-201.

¹⁰⁷⁴ Cf. López, “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita,” 140.

¹⁰⁷⁵ Cf. José Cardoso de Almeida, “Catequese e Inculturação,” in *Forum de Catequese*, ed. José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003), 183-184.

¹⁰⁷⁶ Cf. López, “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita,” 141.

¹⁰⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 141.

¹⁰⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 141.

¹⁰⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 142.

¹⁰⁸⁰ Cf. Campino, “O Catequista Discípulo Acompanhante,” 121.

¹⁰⁸¹ Costa, “O Grupo de Catequistas como experiência eclesial,” 133.

Constituindo-se como companheiro de viagem, que auxilia os membros do seu grupo de catequese a relerem as suas vidas à luz da Palavra de Deus¹⁰⁸², o catequista cultivava uma profunda competência de apresentação, de diálogo, de proposta de sentido e de tolerância, transmitindo a mensagem cristã à pessoa no seu todo com total honestidade e convicção¹⁰⁸³. Assim, ultrapassa-se a noção do catequista como um professor de um conjunto de afirmações doutrinárias, para passar a ser visto pelos catequizandos como um irmão mais velho na fé, cuja missão radica no estabelecimento das condições que possibilitam a imersão na vida eclesial, exercendo o papel de mediador entre a comunidade e o grupo de catequese e de transmissor da vida de fé, manifestada na sua experiência de encontro com Jesus Cristo¹⁰⁸⁴.

3.5. Síntese

Terminado este périplo, importa avançar com algumas noções sintéticas. Em primeiro lugar, sabe-se que a Carta Pastoral *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo* enquadra-se num conjunto de apelos do magistério português nas últimas três décadas, que progressivamente foram afirmando a necessidade de se iniciar um processo de renovação da pastoral e da catequese, assim como foi gradualmente deslocada a atenção da catequese infantil para a catequese de adultos. Abandonar uma prática catequética centrada na transmissão de conteúdos doutrinários para uma catequese que seja espaço vivencial, tem constituído um dos grandes apelos. Contudo, reconhecem que o trabalho realizado até ao momento é muito incipiente. Neste sentido, apontaram para algumas linhas de renovação da prática catequética a implementar nos próximos anos.

Em primeiro lugar, torna-se primordial a opção pela catequese de adultos, em linha com a urgência de renovação da prática pastoral, inserida no ritmo da nova evangelização – ou pastoral em saída, caracterizada pelo seu carácter permanente. Trata-se, pois, da principal forma de catequese, para a qual todas as demais formas se ordenam. Neste campo, tornou-se necessário abordar a proposta de catequese familiar, referida na Carta Pastoral, a qual lança um apelo para a adoção desse modelo nas diversas comunidades cristãs do país.

De seguida, teve-se presente que a catequese precisa de deixar de ser entendida como uma aula de transmissão de uma mensagem doutrinária, para se conceber como um momento de encontro com Jesus Cristo, o que conduziu a abordar-se a necessidade de que toda a catequese tenha como finalidade a iniciação à vida cristã, e a importância da catequese mistagógica como um processo de inserção no mistério cristão mediante a vivência dos ritos e da liturgia. Contudo,

¹⁰⁸² Cf. Gonçalves, “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos,” 88.

¹⁰⁸³ Cf. Mendes, “Catequese e transmissão da fé,” 26.

¹⁰⁸⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*, 252.

se o encontro com Cristo é pessoal, o certo é que este encontra na comunidade cristã o seu ambiente ideal, constituindo, por isso, o espaço por excelência para a catequese – recusando-se, deste modo, a redução da catequese a um mero setor da vida da comunidade –, implicando o estabelecimento de laços fraternos geradores de comunhão, condição para que a comunidade exerça o seu papel de mãe e mestra.

Por fim, uma vez que os catequistas são os mediadores entre a comunidade eclesial e a catequese e os transmissores da fé em Jesus Cristo, atendeu-se à urgência de se promover a sua formação, como condição prévia e essencial a qualquer renovação catequética. Neste sentido, importa atender a todas as dimensões da formação, que deve revestir um caráter permanente. Porém, especial menção merece a dimensão do ser do catequista, pois é fundamental que a sua identidade seja cultivada, com vista a uma maturidade cristã e humana, que será determinante no estabelecimento – ou não – de uma relação de confiança para com os catequizandos, mediante a qual ele poderá iniciar um caminho de crescimento na adesão a Jesus Cristo.

Conclusão

A urgência de uma conversão pastoral que, conseqüentemente, possibilite uma renovação autêntica da prática catequética, constituiu a linha orientadora de todo este périplo, que agora se finaliza. De que forma se poderão encetar novos rumos para a catequese, por forma a que esta readquirira o seu lugar fundamental na vida da Igreja, enquanto espaço de transmissão da fé e de geração da vida cristã, correspondeu à questão fundamental desta dissertação.

Face a isto, três são os pilares fundamentais que urge aprofundar e colocar em prática para que toda a catequese possa ultrapassar a atual situação generalizada de crise, que a releva para um lugar segredado da comunidade, condenando-a a uma lenta agonia: a clara opção pela catequese de adultos; o seu entendimento como encontro pessoal com Cristo; e a importância fulcral de se formarem convenientemente os agentes de pastoral catequética. Estas afirmações são resultado de todo um longo itinerário de reflexão catequética, da mesma forma que alavancarão a tão desejada e proclamada renovação da catequese em Portugal.

Na verdade, a prioridade pela catequese de adultos assume-se como a primeira alavanca de renovação, pois refere claramente que tipo de catequese se pretende construir e quais os objetivos que a deverão nortear. Pretende-se, pois, o estabelecimento de uma prática catequética que tenha os adultos como os principais destinatários, o que não significa que se vote para um papel secundário a catequese da infância e adolescência. Indicar-se que a catequese de adultos é a principal forma de catequese significa que todas as demais formas deverão alinhar-se com ela, ou seja, terão como finalidade a estruturação de crentes adultos, capacitados para viverem e testemunharem a sua fé no meio onde se movem e inseridos na comunidade cristã, também esta chamada a amadurecer na fé.

Trata-se de uma das linhas orientadoras de toda a exposição. De facto, ao longo do primeiro capítulo procurou-se fundamentar a urgência desta opção no quadro da urgência em ultrapassa-se uma prática pastoral de manutenção, apelando-se à sua opção no seio de uma pastoral evangelizadora. Por sua vez, no segundo capítulo puderam entrever-se as diferentes propostas de catequese de adultos – intergeracional, do caminho e generativa – pautadas por esta convicção de que os adultos, pelas suas características, são os primeiros destinatários da catequese, apresentando-se, por conseguinte, diversos tipos de atividades formativas, que se pautam pelo caráter permanente, gradual, de inspiração catecumenal e de inserção na comunidade eclesial, lugar intergeracional por excelência, onde se viverá a fé cristã pela comunhão manifesta na qualidade de relações existente entre os seus membros.

Seguindamente, uma vez constatada a ineficácia de uma catequese cognoscitiva, marcada por encontros semanais onde se procura comunicar um conjunto de verdades

doutrinais, urge concebê-la como um encontro pessoal com Jesus Cristo. E se é encontro pessoal, significa que se processa no campo das experiências vitais de cada pessoa. Desta forma, o encontro com Jesus Cristo tocará no mais íntimo dos catequizandos, motivando-os a iniciarem um itinerário que lhes permita aprofundar esta experiência vital. Por conseguinte, a catequese recebe inspiração no modelo catecumenal, possibilitando que o catequizando realize um percurso de iniciação à vida cristã, tendo-se em conta a valorização da mistagogia, na medida em que esta lhe permite compreender o mistério celebrado. E se o encontro com Jesus Cristo possui um caráter individual, na medida em que Ele se encontra com cada pessoa, o certo é que a comunidade cristã é o âmbito vital no qual se processa esse encontro. Consequentemente, as comunidades deverão ser capazes de criar as condições essenciais para que cada catequizando possa realizar esta experiência, exigindo-se delas a vivência de relações fraternas, que permitam a comunhão entre os seus membros. Neste sentido, trata-se de uma catequese pneumatoderivada, na medida em que se concebe como uma ação do Espírito, responsável pelo encontro com o Senhor.

Por outro lado, dado corresponder à comunidade cristã ser o lugar catequético por excelência, no qual ocorre o encontro com Jesus Cristo, importa mencionar o contributo dos catequistas. Assumindo-se como mediadores da comunidade com a catequese, e como transmissores da fé cristã, os catequistas que a renovação catequética precisa consistem em crentes adultos, com uma atitude de permanente abertura ao Espírito, sendo que a sua vocação radica no encontro com o Senhor, da mesma forma que a finalidade da sua missão baseia-se no testemunho da sua experiência de encontro. Daqui resulta a imperiosa necessidade de se focarem as atenções na sua formação, uma vez que qualquer estratégia de renovação catequética fracassará se não estiver firmada em catequistas devidamente preparados para as novas exigências. Conscientes de que são companheiros de viagem – irmãos mais velhos na fé –, e não professores de um conjunto de doutrinas, os catequistas precisam de ser inseridos num processo de formação permanente, animado pela catequese de adultos, por forma a que lhes seja possível aprofundar a sua vocação e prepará-los para a renovação que se pretende. Deste modo, dever-se-á pensar uma formação com caráter gradual e progressivo, que procure articular as diversas dimensões – *ser, saber e saber fazer*, a que se juntam o *saber estar em* e o *saber estar com* –. Todavia, o nível do *ser* assume um caráter primordial, pois, acima de tudo, pretende-se a formação da identidade do catequista, favorecendo o seu amadurecimento cristão e humano, dotando-o das características necessárias que lhe possibilitem estabelecer um acolhimento fraterno e um conseqüente acompanhamento dos catequizandos.

Diante destas afirmações, com maior facilidade se depreende a necessidade de se investir na proposta de catequese familiar. Pela sua natureza comunitária e intergeracional, urge

promover uma catequese de carácter familiar que envolva todos os membros da comunidade em espírito de fraternidade¹⁰⁸⁵. Todavia, todos os agentes de pastoral são convidados a implementar, nas suas comunidades, o modelo de catequese familiar desenvolvido por Vasco Gonçalves, animados pela noção de que apenas investindo na família se poderá efetivar uma renovação da catequese, dado que a sua ausência no itinerário de catequese dos filhos se assume como um entrave à transmissão da fé. Trata-se, de facto, de um autêntico itinerário de catequese de adultos, tendente à inserção na vida comunitária e litúrgica, promovendo a sua renovação contínua.

Não obstante, importa esclarecer que este trabalho não se debruçou acerca de uma contradição pedagógica verificada na atual prática pastoral e catequética, que consiste no facto de esta se concentrar no período da segunda infância – 8-14 anos –, ignorando os períodos mais decisivos do desenvolvimento educativo, que são precisamente a primeira infância – 0-6 anos –, e o começo da adolescência e da vida adulta¹⁰⁸⁶. Tal situação advém do facto da proposta de catequese familiar se cingir aos primeiros seis anos da catequese paroquial.

Portanto, a presente exposição teve como pano de fundo expor as principais reflexões catequéticas desenvolvidas em Portugal, tendo a recente Carta Pastoral como um ponto de chegada, dado assumir muitas das convicções já anunciadas anteriormente, apresentando-se as alavancas para uma renovação eclesial. E se é certo que foi possível abordar um conjunto diversificado de autores e documentos publicados em contexto nacional – assim como se estudaram alguns trabalhos de investigação publicados por autores do contexto europeu –, a verdade é que a dissertação não se deteve na elaboração de uma investigação prática, que permitisse auscultar o testemunho direto de agentes de pastoral catequética e, porque não, das famílias envolvidas na catequese familiar. De facto, tal investigação poderia ter oferecido contributos importantes que complementariam a reflexão estudada.

Assim, aberta às surpresas do Espírito, a catequese que se pretende renovar implicará um trabalho persistente e positivo, de maneira que esta possa conviver com a sociedade hodierna, em atitude de diálogo recíproco capaz de interperlar os seus ouvintes. Na verdade, inserir as famílias num itinerário de iniciação à vida cristã constituirá um dos meios mais eficazes para que as comunidades cristãs e, por conseguinte, a Igreja, se renovem, na fidelidade ao Espírito e às exigências desta época.

¹⁰⁸⁵ Cf. Aerens, *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*, 72.

¹⁰⁸⁶ Cf. Sotomayor, *A Família, lugar de educação na fé?*, 37.

Bibliografia

MAGISTÉRIO

- Comissão Episcopal da Educação Cristã. “Nota Pastoral ‘A Família, um bem necessário e insubstituível’.” *Pastoral Catequética*, n.º 6 (Setembro-Dezembro 2006): 7-11.
- _____. “Educação Cristã, um itinerário para a vida.” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 5-7.
- _____. *Formação de Catequistas. Plano de Acção*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1997.
- Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé. “Plano de Formação de Catequistas.” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 45-62.
- Conferência Episcopal Portuguesa. “Carta Pastoral dos Bispos de Portugal ‘Como eu vos fiz, fazei vós também’. Para um rosto missionário da Igreja em Portugal.” In *Documentos Pastorais*, vol. 7, 137-152. Moscavide: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2011.
- _____. “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo.” In *Documentos Pastorais*, vol. 3, 45-75. Lisboa: Editora Reis dos Reis, 1991.
- _____. “Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo.” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 7-43.
- _____. “Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos.” In *Documentos Pastorais*, vol. 4, 261-277. Lisboa: Editora Reis dos Reis, 1996.
- _____. “Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual.” In *Documentos Pastorais*, vol. 6, 253-278. Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2006.
- _____. “Repensar juntos a pastoral da Igreja em Portugal – Instrumento de trabalho.” Acedido a 13/02/2019. <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/repensar-juntos-a-pastoral-da-igreja-em-portugal-instrumento-de-trabalho/>.
- _____. “Sacramentos da Iniciação Cristã.” *Lumen*, n.º 43 (Outubro 1982): 371-391.
- Congregação para o Clero. *Directório Geral da Catequese*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1997.
- Franciscus, “Adhortatio Apostolica ‘*Evangelii Gaudium*’,” *AAS* 105 (2013), 1019-1137.
- Ioannes Paulus II, “Adhortatio Apostolica ‘*Catechesi Tradendae*’,” *AAS* 71 (1979), 1277-1340.
- _____. “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis ‘*Christifideles Laici*’”, *AAS* 81 (1989), 393 – 521.

Sagrada Congregação do Culto Divino, *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos*, in *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica*, ed. Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 1998, 34-56.

LIVROS

Aerens, Luc. *La catequesis del camino. Una apuesta práctica familiar, comunitária e intergeracional*. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2006.

Almeida, José Cardoso de. “Catequese e Inculturação.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 179-184. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

_____. “Comunidade Evangelizadora na perspetiva de João Paulo II.” In *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, editado por L. M. Figueiredo Rodrigues, 50-74. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.

Almeida, Nuno Manuel Santos. “A Espiritualidade do Catequista.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 119-126. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Alves, José Francisco. “A Catequese na Igreja Local.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 147-152. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Bacq, Philippe. “Para uma pastoral de gestação.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 7-34. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

_____. “Preâmbulo.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho. Para uma pastoral de gestação*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 5-6. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Braga, António. “Identidade e diferença na Catequese.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 19-27. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.

Carmo, Solange Maria do. “Catequese num mundo pós-cristão: estudo do terceiro paradigma catequético formulado por Denis Villepelet.” Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia e Teologia, 2013.

- Carvalho, António Coelho de. “Organização da Catequese Paroquial.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 197-207. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Carvalho, Cristina de Sá. “A Catequese como fidelidade ao ser humano. De uma religião que se usa, para uma religião que se vive.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 35-45. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- _____. “O perfil do Catequista.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 97-109. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Costa, Manuel Queirós da. “O Grupo de Catequistas como experiência eclesial.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 127-134. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Daviau, Pierrette. “Espiritualidade de gestação e práxis pastoral.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 175-190. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Deniau, Marie-Jo, e Christoph Theobald. “Quando o gosto pelo Evangelho suscita opções de vida. *Percursos de formação para jovens adultos.*” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 235-256. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Derroitte, Henri. “¿Qué futuro tiene la catequesis de la familia?.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derroitte, 162-179. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- _____. “Una catequesis en la misión de la Iglesia.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derroitte, 231-257. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Donegani, Jean-Marie. “Inculturação e gestação do crer.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 35-56. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Dooley, Catherine. “La formación de los catequistas.” In Henri Derroitte, *Nuevos caminos para la catequesis hoy*, 199- 210. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.

- Dumas, Odile Ribadeau, e Philippe Bacq. “Palavra de Deus e pastoral de gestação.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 111-134. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Duque, João Manuel. “Desafios contemporâneos ao Cristianismo.” In *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, editado por L. M. Figueiredo Rodrigues, 11-21. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- Fossion, André. “Catequesis y inculturación de la fe en el mundo occidental.” In *Nuevo Diccionario de Catequética. (A-I)*, editado por Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre, 347-353. Madrid: San Pablo, 1999.
- _____. “Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? *O desafio da inculturação da mensagem cristã.*” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 91-110. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- _____. “Una catequesis catecumenal.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derrotte, 111-124. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Fröhlich, Olivier. “‘Para que a nossa alegria seja completa’ (1Jo 1,4). *Propor a Boa-Nova aos jovens.*” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 191-219. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Gonçalves, Vasco da Cruz. *Catequese de Adultos: para repensar a pastoral da Igreja em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- _____. *Catequese Familiar – reflexões e propostas de trabalho*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2011.
- _____. “Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos.” In *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, editado por L. M. Figueiredo Rodrigues, 75-105. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- Guigère, Paul-André. “Trabalho autobiográfico e novo nascimento.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 221-234. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

- Guilarte, Manuel del Campo. “Iniciación cristiana, La.” In *Nuevo Diccionario de Catequética. (A-II)*, editado por Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre, 1238-1260. Madrid: San Pablo, 1999.
- Harkness Allan. “Una catequesis intergeneracional.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derroitte, 59-78. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Huebsch, Bill. *La catequesis de toda la comunidad*. Tradução de Ramón Alfonso Díez Aragón e José Luis Saborido. Santander: Editorial Sal Terrae, 2006.
- Malícia, Paulo Jorge da Costa. “A iniciação cristã das crianças em idade de catequese.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 191-196. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Malvaux, Benoît. “O acesso aos sacramentos. Praticar a abertura sem os depreciar. *Defender uma abordagem positiva da diversidade.*” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 135-158. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Matteo, Marie-Agnès, e François-Xavier Amherdt. *Abrir-se à fecundidade do Espírito. Fundamentos de uma pastoral de gestação*. Traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.
- Mendes, Hélder Fonseca. “A Catequese na fidelidade à comunidade. Que verdade anunciamos na Catequese?”. In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 47-53. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Miguel, Aura. *Conversas em Altos Voos*. Lisboa: Paulus, 2017.
- Molinario, Joël. “Una catequesis permanente.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derroitte, 90-110. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Morin, Edgar. *Sociologia*. Traduzido por Maria Gabriela de Bragança. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1984.
- Neto, Tiago Miguel Fialho. *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.
- Oliveira, Isabel Azevedo de. *Catequese Intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*. Porto: Edições Salesianas, 2007.

- Pajer, Flavio. “Una catequesis en la que la comunidade cristiana en su conjunto es a la vez catequizante y catequizada.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derroitte, 25-42. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Pinho, José Eduardo Borges de. “Catequese e Ecumenismo.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 219-228. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Policarpo, José. “Catequese num mundo em mudança.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 13-17. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Pujol, Jaime, Francisco Domingo, Anastasio Gil e Mateo Blanco. *Introducción a la Pedagogía de la fe*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2001.
- Rodrigues, Luís Miguel Figueiredo. “A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 65-72. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- _____. “A Formação de Catequistas.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 111-118. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Ruthier, Gilles. “Catequesis de Adultos.” In *Nuevos caminos para la catequesis*, editado por Henri Derroitte, 43-58. Traduzido por José Luis Saborido Cursach. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2008.
- Sáez, Jesús López. “Catecumenado e inspiração catecumenal.” In *Nuevo Diccionario de Catequética. (A-I)*, editado por Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre, 281-295. Madrid: San Pablo, 1999.
- Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Creio em Jesus Cristo. Guia do Animador Familiar*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2018.
- _____. *Jesus gosta de mim. Guia do Animador Familiar*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2012.
- _____. *Queremos Seguir Jesus, Guia do Animador Familiar*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.
- _____. *Tens Palavras de Vida Eterna. Guia do Animador Familiar*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

- Silva, Teodoro Dias da. “Catequese e Liturgia.” In *Forum de Catequese*, editado por José Cardoso de Almeida, Maria Helena Calado Pereira, Cristina de Sá Carvalho, 73-80. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2003.
- Sotomayor, Emilio Alberich. *A Família, lugar de educação na fé?*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2001.
- _____. *La catequesis en la Iglesia. Elementos de catequesis fundamental*. Madrid: Editorial CCS, 1991.
- Sotomayor, Emilio Alberich, e Ambroize Binz. *Catequesis de adultos. Elementos de metodología*. Madrid: Editorial CCS, 1991.
- Ternero, Antonio M^o. Alcedo. “Adultos, Catequesis de.” In *Nuevo Diccionario de Catequética. (A-I)*, editado por Vicente Maria Pedrosa, Maria Navarro, Ricardo Lázaro e Jesus Sastre, 120-134. Madrid: San Pablo, 1999.
- Theobald, Christoph. “Hoje é o ‘tempo favorável’.” *Para um diagnóstico teológico do tempo presente.* In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 57-90. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Tremblay, Sophie. “O diálogo pastoral revisitado.” In *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, editado por Philippe Bacq, Christoph Theobald, 159-174. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Villepelet, Denis. *Les défis de la transmission dans un monde complexe. Nouvelles problématiques dans un monde complexe*. Paris: Desclée de Brower, 2009.

ARTIGOS

- Aguilar, Fernando Sebastián. “Nueva evangelización, nueva catequesis, nuevos catequistas.” *Actualidad Catequética*, n.º 233-234 (Janeiro-Julho 2012) (1º Trimestre- 2º Trimestre 2012): 56-69.
- Alberich, Emilio. “A família, lugar privilegiado de educação religiosa.” *Pastoral Catequética*, n.º 21-22 (Setembro 2011): 129-145.
- Almeida, José Cardoso de. “A catequese da infância e adolescência em Portugal.” *Pastoral Catequética*, n.º 5 (Maio-Agosto 2006): 141-147.
- Almeida, Rui Alberto. “Catequese, entre a crise e a renovação.” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 37-41.
- Alves, José Francisco. “A pastoral da iniciação cristã – olhares sobre a realidade.” *Pastoral Catequética*, n.º 15 (Setembro-Dezembro 2009): 105-109.

- Amherdt, François-Xavier. “Pour une spiritualité de la pastorale et de la catéchèse, ou comment s’ouvrir aux surprises de l’Esprit?” *Review of philosophy and theology of Fribourg* 60 (2013): 201-215. Acedido a 15/03/2019. <https://www.e-periodica.ch/cntmng?pid=fzp-003:2013:60::526>.
- Anglada, Sebastiá Taltavull. “Iniciación cristiana y familia: la catequesis familiar.” *Actualidad Catequética*, n.º 189 (Janeiro-Março 2001): 109-121.
- Biemmi, Enzo. “A catequese, os catequistas e os desafios da secularização.” *Pastoral Catequética*, n.º 20 (Maio-Agosto 2011): 21-31.
- _____. “Crer como adultos, hoje. Desafios teológicos e catequéticos para os cristãos e as comunidades adultas na fé.” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 147-157.
- _____. “O desafio do primeiro anúncio.” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 115-125.
- Bossche, Stijn Van den. “Hacia una iniciación catecumenal en la catequesis y los sacramentos.” *Actualidad Catequética*, n.º 250 (Abril-Junho 2016): 69-96.
- Bressan, Luca. “O que é a Nova Evangelização?” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 13-26.
- Campino, Paulo José Ribeiro. “O Catequista Discípulo Acompanhante.” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 107-124.
- Carbonell, Enrique. “O despertar religioso ou do sentido de Deus. Descrição e educação.” *Pastoral Catequética*, n.º 7 (Janeiro-Abril 2007): 49-62.
- Carmo, Solange Maria. “Por uma catequese mais pneumatológica: o terceiro paradigma formulado por Denis Villepelet.” *Belo Horizonte* 44 (2016): 1398-1421. Acedido a 06/01/2019. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2016v14n44p1398>.
- Carré, Pierre-Marie. “A iniciação cristã na perspectiva da nova evangelização.” *Pastoral Catequética*, n.º 24-25 (Setembro 2012): 125-137.
- Carvalho, António Coelho de. “Catequese de adultos.” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 49-51.
- Carvalho, Cristina de Sá. “Uma leitura do mundo de hoje.” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 107-114.
- _____. “A família e o seu insubstituível papel educativo.” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 81-113.
- _____. “Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias.” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 29-45.

- Castrillón, Darío. “Presentación del Directorio General para la Catequesis. Lectura teológico pastoral del Directorio General para la catequesis.” *Actualidad Catequética*, n.º 176 (Outubro-Dezembro 1997): 17-31.
- Coll, Lluç Riera i. “Iniciación cristiana de adultos: la catequesis de adultos.” *Actualidad Catequética*, n.º 189 (Janeiro-Março 2001): 122-131.
- Costa, Manuel Queirós da. “Comunidade cristã: sujeito, ambiente e meta da catequese.” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 115-128.
- Couto, Francisco Machado. “O catecumenado: processo de iniciação e de ‘re-iniciação’ cristã.” *Pastoral Catequética*, n.º 17-18 (Maio-Dezembro 2010): 159-174.
- D’Encarnação, Milton Lopes. “Conceito de Iniciação Cristã.” *Pastoral Catequética*, n.º 2 (Maio-Agosto 2005): 13-31.
- Derroitte, Henri. “Les formes de catéchèse communautaire: fondements, balises, évaluations.” Acedido a 21/04/2019. <https://updetheux.files.wordpress.com/2015/06/les-formes-de-catec3a9chc3a8se-communautaire.pdf>.
- _____. “Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 125-146.
- Dias, Manuel Madureira. “Iniciar na fé (fazer discípulos) com a intervenção da família.” *Pastoral Catequética*, n.º 15 (Setembro-Dezembro 2009): 91-103.
- _____. “O Catecumenado e a renovação da educação cristã.” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 65-80.
- Dufour, Cristophe. “La necesidad de una comunidade cristiana en el proceso de la iniciación cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 210 (2006): 105-111.
- Duque, João Manuel. “A Família como fermento evangelizador da sociedade.” *Pastoral Catequética*, n.º 36 (Setembro-Dezembro 2016): 67-75.
- Fossion, André. “A catequese ao serviço da competência cristã.” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 171-184.
- _____. “A conversão missionária da catequese. Proposta da fé e primeiro anúncio.” *Pastoral Catequética*, n.º 13 (Janeiro-Abril 2009): 145-151.
- _____. “Anunciar o Evangelho nas categorias da cultura contemporânea.” *Pastoral Catequética*, n.º 16 (Janeiro-Abril 2010): 107-125.
- _____. “Anúncio e proposta de fé hoje.” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 49-70.
- _____. “Les défis de la catéchèse aujourd’hui. Enjeux et perspectives.” Acedido a 18/02/2019.

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwipndW8kLzIAhU5AGMBHXV_AkUQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.diocese47.fr%2Fsite%2Fim_user%2F1155_%24_defis_fossion.pdf%3Fw%3D1155.html%26wf%3Ddefis_fossion.pdf&usg=AOvVaw3peUYgje05IkXYfCa4KcTt.

_____. “Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho.” *Pastoral Catequética*, n.º 6 (Setembro-Dezembro 2006): 95-111.

_____. “Vers des communautés catéchisées et catéchisantes. Une reconstruction de la catéchèse en un temps de crise,” *Nouvelle revue théologique* 126, n.º 4 (2004): 598-613. Acedido a 22/02/2019. <https://www.cairn.info/revue-nouvelle-revue-theologique-2004-4-page-598.htm>.

Ganhão, Joaquim. “Ser Catequista hoje – As dimensões da formação.” *Pastoral Catequética*, n.º 42-43 (Setembro 2018-Abril 2019): 63-77.

García, Anastasio Gil. “Dimensión misionera de la catequesis.” *Actualidad Catequética*, n.º 192 (Outubro-Dezembro 2001): 43-62.

Gonçalves, Vasco António da Cruz. “A catequese dos adultos nas suas múltiplas relações com a catequese da infância e adolescência.” *Pastoral Catequética*, n.º 21-22 (Setembro 2011): 147-167.

Guilarte, Manel del Campo. “A família e o despertar religioso dos filhos.” *Pastoral Catequética*, n.º 7 (Janeiro-Abril 2007): 31-48.

_____. “Iniciação Cristã e transmissão da Fé.” *Pastoral Catequética*, n.º 2 (Maio-Agosto 2005): 33-59.

_____. “La Iniciación Cristiana. Perspectivas catequéticas y pastorales.” *Actualidad Catequética*, n.º 182 (Abril-Junho 1999): 63-80.

_____. “Transmisión de la fe e Iniciación Cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 199 (Julho-Setembro 2003): 41-57.

Harkness, Allan G. “Intergenerational education for an intergenerational Church?.” *Religious Education* 93, n.º 4 (1998): 431-447. Acedido a 25/09/2019. <https://doi.org/10.1080/0034408980930404>.

Kasper, Walter. “A Nova Evangelização.” *Pastoral Catequética*, n.º 24-25 (Setembro 2012): 89-106.

López, Manuel López. “Los catequistas que hoy la Iglesia necesita.” *Actualidad Catequética*, n.º 233-234 (Janeiro-Julho 2012): 122-146.

- Magro, Amadeo Rodríguez. “Identidad de la catequesis de adultos en España.” *Actualidad Catequética*, n.º 172 (Outubro-Dezembro 1996): 85-110.
- _____. “Pastoral de la Iniciación Cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 175 (Julho-Setembro 1997): 91-124.
- Malícia, Paulo Costa. “O catecumenado batismal, fonte de inspiração da catequese.” *Pastoral Catequética*, n.º 15 (Setembro-Dezembro 2009): 83-88.
- Martín, Julián López. “JesuCristo Nuestro Salvador en la iniciación cristiana y en la fe de la Iglesia.” *Actualidad Catequética*, n.º 173 (Janeiro-Março 1997): 65-105.
- Martínez, César A. Franco. “El catequista y su vida en el Espíritu. Espiritualidad del catequista.” *Actualidad Catequética*, n.º 177 (Janeiro-Março 1998): 77-96.
- Marto, António Santos. “Pós-modernidade, retorno do religioso e evangelização.” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 17-36.
- Mendes, Hélder Fonseca. “Catequese e transmissão da fé.” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 19-30.
- Morlans, Xavier. “Pedagogía del primer anuncio para una nueva evangelización. Un esquema.” *Actualidad Catequética*, n.º 235-236 (Janeiro-Julho 2012): 47-58.
- Nosiglia, Cesare. “La formación de catequistas.” *Actualidad Catequética*, n.º 171 (Julho-Setembro 1996): 39-44.
- Nunes, José. “Evangelização – Tarefa de ontem, hoje e sempre.” *Pastoral Catequética*, n.º 5 (Maio-Agosto 2006): 19-25.
- Otero, Luís. “Uma nova situação, uma nova Catequese.” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 37-61.
- Pedrosa, José Henrique. “Catequese evangelizadora.” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 31-54.
- Pelino, Manuel. “Catequese e catecumenado pós batismal.” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 7-17.
- Pinho, José Eduardo Borges de. “A alegria do amor na família é o júbilo da Igreja.” *Pastoral Catequética*, n.º 36 (Setembro-Dezembro 2016): 37-54.
- Policarpo, José da Cruz. “A catequese no contexto das prioridades pastorais da Igreja em Portugal.” *Pastoral Catequética*, n.º 20 (Maio-Agosto 2011): 13-19.
- _____. “A conversão missionária da catequese. A situação dos fiéis e os desafios da missão hoje na Europa.” *Pastoral Catequética*, n.º 13 (Janeiro-Abril 2009): 23-31.
- _____. “Reforma catequética em Portugal.” *Pastoral Catequética*, n.º 1 (Janeiro-Abril 2005): 63-71.

- Pueyo, Ángel Pérez. “Cómo ‘vocacionalizar’ la catequesis.” *Actualidad Catequética*, n.º 233-234 (Janeiro-Julho 2012): 163-187.
- Regan, Jane E. “Une catéchèse de toute la communauté pour tous les ages de la vie.” *Lumen Vitae* 63, n.º 1 (2008): 5-17.
- Rey, Dominique. “A Nova Evangelização.” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 27-48.
- Ribeiro, João de Oliveira. “Eucaristia e Iniciação Cristã.” *Pastoral Catequética*, n.º 2 (Maio-Agosto 2005): 61-78.
- _____. “Catequese e iniciação cristã.” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 43-47.
- Rodrigues, Luís Miguel. “Catequese e transmissão de fé.” *Pastoral Catequética*, n.º 3 (Setembro-Dezembro 2005): 97-100.
- _____. “Iniciação cristã, um serviço à vida.” *Pastoral Catequética*, n.º 9 (Dezembro 2007): 55-79.
- Rom, F. Xavier Morell i. “La pedagogía catequética al servicio de la Iniciación Cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 189 (Janeiro-Março 2001): 55-73.
- Sartor, Paolo. “Claves para la formación del catequista de iniciación cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 249 (Janeiro-Março 2016): 71-83.
- _____. “Objetivos, métodos y contenidos de la formación de catequistas de iniciación cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 249 (Janeiro-Março 2016): 85-99.
- Scheidler, Monika. “Para que a vida familiar resulte.” *Pastoral Catequética*, n.º 28-29 (Janeiro-Agosto 2014): 151-166.
- Sentucq, Dominique. “Adultos y educación de la fe.” *Actualidad Catequética*, n.º 192 (Outubro-Dezembro 2001): 63-80.
- Tamayo, Jonh Jairo Marín. “La formación de los catequistas en la perspectiva de la exhortación apostólica *Evangelii gaudium*: aspectos pedagógicos.” *Actualidad Catequética*, n.º 247-248 (Julho-Dezembro 2015): 219-229.
- Teixeira, Alfredo. “A instituição paroquial num contexto de ultra-urbanidade.” *Pastoral Catequética*, n.º 11-12 (Maio-Dezembro 2008): 95-106.
- Terrasa, Jordi D’Arquer i. “A conversão missionária da catequese. Uma provocação a partir do catecumenado.” *Pastoral Catequética*, n.º 13 (Janeiro-Abril 2009): 33-54.
- Trillo, Juan Ignacio Rodriguez. “A família e a iniciação sacramental das crianças.” *Pastoral Catequética*, n.º 6 (Setembro-Dezembro 2006): 115-125.

- _____ . “Exigencias pastorales para una parroquia al servicio de la iniciación cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 210 (2006): 131-139.
- Vidal, Enrique Benavent. “Actitudes del evangelizador/ catequista (II).” *Actualidad Catequética*, n.º 251 (Julho-Setembro 2016): 29-30.
- Villepelet, Denis. “Catéchèse d’adultes et maturation de la foi.” *Lumen Vitae* 63, n.º 4 (2008): 383-395.
- _____ . “Comment favoriser aujourd’hui la reconnaissance de soi et le sentiment d’appartenance à la communauté chrétienne?.” *Lumen Vitae* 56, n.º 1 (2001): 15-28.
- _____ . “L’initiation en post-modernité.” *Lumen Vitae* 66, n.º 2 (2011): 127-135.
- Viñals, Javier Salinas. “Catequistas al servicio de la iniciación cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 245-246 (Janeiro-Junho 2015): 49-52.
- _____ . “La iniciación cristiana en la dinámica de la fe. La pedagogía de iniciación en la catequesis.” *Actualidad Catequética*, n.º 235-236 (Junho-Dezembro 2012): 29-40.
- _____ . “La necesidad de la comunidad en la iniciación cristiana.” *Actualidad Catequética*, n.º 210 (2006): 95-103.

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract.....	5
Introdução	7
1. A catequese familiar no contexto da renovação da catequese em Portugal.....	11
1.1. Crise do modelo catequético tradicional.....	12
1.1.1. Um ambiente sociocultural desfavorável à transmissão da fé	15
1.1.1.1. Mudanças ocorridas na sociedade hodierna.....	16
1.1.1.2. Porém, olhar a crise como um momento de evolução	19
1.1.2. Crise do papel transmissor da família.....	20
1.1.3. Crise da função educativa da comunidade.....	24
1.2. Urgência da catequese de adultos	25
1.2.1. A opção pela evangelização.....	26
1.2.2. Catequese de adultos no contexto da opção evangelizadora	29
1.2.2.1. Iniciação à vida cristã	31
1.2.2.2. Catecumenado como protótipo e modelo de referência	33
1.2.3. Catequese de adultos centrada na comunidade cristã	36
1.2.3.1. Centrada na comunidade cristã.....	36
1.2.3.2. Vitalizada pelo ambiente litúrgico.....	40
1.3. Proposta de catequese familiar no seio da urgência da catequese de adultos....	42
1.3.1. Importância da família na transmissão de fé às novas gerações.....	43
1.3.2. Relevância da catequese familiar como uma possibilidade de catequese de adultos.....	46
1.3.2.1. A renovação catequética necessita da família.....	47
1.3.2.2. Catequese familiar por ocasião da catequese de infância.....	49

1.3.3. Proposta de catequese familiar para Portugal	52
1.3.3.1. Traços gerais do modelo proposto por Vasco Gonçalves	52
1.3.3.2. Modelo dos quatro tempos	54
1.3.3.3. Proposta que permite a renovação da catequese e da Igreja	56
1.4. Síntese	58
2. Propostas de concretização da catequese de adultos.....	61
2.1. Catequese intergeracional	61
2.1.1. Terceiro paradigma catequético de Denis Villepelet	63
2.1.1.1. Catequese pneumatológica.....	65
2.1.1.2. Igreja <i>Templo do Espírito</i>	68
2.1.2. Importância de uma catequese intergeracional	69
2.1.2.1. Pertinência de práticas catequéticas intergeracionais.....	70
2.1.2.2. Relevância da comunidade cristã	72
2.1.3. Projeto de catequese intergeracional apontado por Isabel Oliveira	74
2.1.3.1. Itinerário de catequese intergeracional.....	76
2.2. Catequese do caminho.....	77
2.2.1. Uma forma de concretização da catequese de adultos	78
2.2.1.1. Catequese situada perante novos desafios.....	78
2.2.1.2. Desafios para um novo projeto catequético	79
2.2.2. O projeto da <i>catequese do caminho</i>	80
2.2.2.1. Potencialidades desta linha de reflexão.....	82
2.2.3. Implantação deste projeto nas comunidades cristãs	83
2.3. Catequese generativa.....	86
2.3.1. Definição de pastoral generativa	87
2.3.1.1. Centralidade da releitura das Escrituras	88
2.3.1.2. Evangelização.....	89
2.3.1.3. Favorecimento do nascimento e amadurecimento da fé	91

2.3.2. Catequese generativa	94
2.3.2.1. Desafios para a catequese	95
2.3.2.2. Um conceito alargado de catequese.....	100
2.3.3. Espiritualidade generativa	101
2.3.3.1. Interioridade e abertura às surpresas do Espírito	101
2.3.3.2. Vetores para uma espiritualidade generativa	103
2.4. Síntese.....	106
3. Contributos para a proposta de catequese familiar portuguesa a partir da Carta Pastoral Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo.....	109
3.1. Sinopse dos documentos pastorais emanados pelo Magistério Português	110
3.1.1. <i>Sacramentos da Iniciação Cristã</i>	111
3.1.2. <i>Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo</i>	113
3.1.3. <i>Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos</i>	115
3.1.4. <i>Para que acreditem e tenham Vida. Orientações para a catequese actual</i>	117
3.1.5. <i>Repensar juntos a Pastoral da Igreja em Portugal – Instrumento de trabalho</i>	119
3.2. Opção pela catequese de adultos	120
3.2.1. Catequese de adultos em linha com a urgência da renovação pastoral	121
3.2.1.1. Catequese de adultos ao ritmo da nova evangelização	122
3.2.1.2. Carácter permanente	124
3.2.1.3. Adaptação à diversidade de destinatários	125
3.2.2. Catequese familiar como uma forma de catequese de adultos, em linha com a renovação da catequese de iniciação cristã das crianças	127
3.2.2.1. Catequese que parte dos filhos para alcançar os pais	128
3.2.2.2. Alguns critérios a ser observados	130
3.3. Catequese concebida como encontro pessoal com Jesus Cristo.....	133

3.3.1. Catequese de inspiração catecumenal	135
3.3.1.1. Catequese que visa a iniciação à vida cristã.....	137
3.3.1.2. Relevância da catequese mistagógica	140
3.3.2. Encontro pessoal com Cristo no seio da comunidade.....	142
3.3.2.1. Lugar por excelência da catequese.....	143
3.3.2.2. Construção e vivência da comunhão.....	146
3.4. Formação dos agentes de pastoral catequética.....	149
3.4.1. Identidade do catequista.....	153
3.4.1.1. Maturidade cristã.....	156
3.4.1.2. Maturidade humana.....	158
3.5. Síntese	161
Conclusão.....	163
Bibliografia.....	167
Índice.....	181